A. Herculano

O Monge de Cister

O MONASTICON

PÓR

A. HERCULANO

TOMO III

Typographia «Universal» — Rua do Diario de Noticias, 78, Lisboa

O Monge de Cistér

OU A EPOCHA DE D. JOÃO I

13.ª EDIÇÃO

TOMO II

Edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por

DAVID LOPES

Professor da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

PARIS
96 · Boulevard du Montparnasse · 96
(Livraria Aillaud)

LISBOA
73 — Rua Garrett — 75
(Livraria Bertrand)

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO
166 — Rua do Ouvidor — 166

S. PAULO
65 — Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE
1055 — Rua da Bahia — 1055

1918

LIBRARY
FEB 9 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
H5M7
1918
t. 2

XV

UM MINISTRO

> Bem sabedes, senhor, que os prelados de vosso regno e esso medes os poboos e os letrados e os privados todos som contra elles.
>
> CORTES DE COIMBRA DE 1398 — *Aggravam. dos Fidalgos.*

Na mesma conjunctura em que se passavam na rua de D. Mafalda os successos que anteriormente relatámos, bem perto d'alli occorriam outros não menos importantes para o desenvolvimento do drama cuja teia o leitor vai vendo desdobrar ante si.

Num quarto baixo dos paços dictos d'apar S. Martinho, da Moeda ou dos Infantes, que por todos estes nomes foram successivamente conhecidos, coava através das vidraças de uma janella, historiadas de muitas cores, um

clarão como de duas ou tres tochas. Era noite velha, noite velha daquelles tempos, nove horas quando muito, as mesmas em que nestes nossos, tão trocados em tudo, os tafues de primor e as formosuras estofadas, espartilhadas e perfumadas apenas começam a encher as salas esplendidas dos bailes ou a povoar as cadeiras e os camarotes do theatro, com o louvavel intuito de não assistirem ao espectaculo inteiro, o que sería demasiadamente plebeu. Essa janella baixa, cujas hombreiras de pedra cannelada e volta ogival ainda se vêem no muro que segue para o nascente da cadeia do Limoeiro [1], pertencia a uma quadra da habitação que entre as residencias reaes de Lisboa D. João I escolhera para viver, emquanto não acabava as grandiosas obras com que então se ennobreciam os paços da Alcaçova ou castello. Aquelle aposento demorava, como desterrado para um canto do vasto edificio na extremidade de um labyrintho d'escadas, alcovas, passagens, camaras e retretes, habitado por pagens, ovençaes do resposte, moços do monte, charamelleiros, falcoeiros, dom-

---

[1] Isto escrevia-se em 1843. Aquelle ultimo vestigio dos paços de S. Martinho já desappareceu (1859).

nas, donzellas, cuvilheiras e mais pessoas dependentes da familia real. Aqui, affastado do tumulto da corte, quando as treguas com Castella lh'o consentiam, vinha ás vezes passar o antigo mestre de Aviz largas horas de trabalho mental, ou escrevendo o seu livro de caça de altanaria, ou debatendo com os seus conselheiros e privados, pela maior parte doutores de Bolonha, de Pisa ou das outras escholas italianas, as modificações necessarias nas leis do imperio romano, que se derramavam então a esmo sobre Portugal, como hoje os nossos legisladores de agua morna nos affogam em leis francesas. Uma entrada particular, sempre patente aos juristas valídos, que iam ajudando o habil monarcha a lançar as bases do poder illimitado da coroa, facilitava a estes em qualquer momento o accesso áquella especie de sanctuario, que participava ao mesmo tempo da natureza de secretaría, de bibliotheca e de gabinete d'estudo.

É nesta sala retirada e escusa que vamos agora introduzir o leitor.

Do numeroso tropel de *letrados e sabedores,* conforme a denominação que naquella epocha se dava aos que possuiam a sciencia do direito, podia dizer-se que um principalmente se encasara no mysterioso aposento,

como o rato no seu queijo. De dia, de noite, de manhan ou de tarde, quem quer que desejasse ver esse personagem (que disputava, senão renome e esplendor, por certo influencia e poderio, ao heroe do seculo, o famoso Condestavel) tinha, nove vezes contra uma, a probabilidade de alli o encontrar, se alli o buscasse. Para não perder nenhum dos meios de ganhar predominio no animo de um principe ainda mais guerreiro que legislador, esse homem habituado ás occupações pacificas do estudo até havia despido a sotaina preta, deposto a borla, vestido o loudel e cuberto a cabeça com a capellina, para pelejar bravamente em mais de um recontro, sabe Deus com que apertos de coração, contra os castelhanos, sem que por isso cessasse, no meio do tumulto dos campos ou nas rapidas marchas e cavalgadas, de figurar como primeiro movel nos negocios do governo, que naquella epocha turbulenta não eram menos graves que os da guerra. Na conjunctura, porém, em que se passavam os successos contidos nesta narrativa, as treguas assentadas entre Portugal e Castella tinham dado ensejo ao privado intimo de D. João I para se dedicar exclusivamente ás intrigas politicas e ás outras occupações analogas, que são o recreio o

commodo, o alimento, a respiração e a vida do estadista e do cortezão. Excepto nas horas do somno, quasi que em nenhuma outra parte, durante esta calma da guerra, se podia ver o chanceller João das Regras, a quem já, sem duvida, o leitor percebeu que alludimos, senão ou no gabinete particular dos paços de S. Martinho, de que tinha as chaves, ou atravessando rapido e cabisbaixo alguma das tenebrosas ruas que retalhavam o terreno entre as igrejas de S. Martinho e de Sancta Marinha, perto da qual era, segundo parece, a residencia do celebre jurisconsulto.

O clarão que, transudando das vidraças multicores, reflectia brandamente na rua que mediava entre o palacio e o presbyterio de S. Martinho e por cima da qual corria um passadiço que ligava os dous edificios, tornando durante o dia essa rua ainda mais escura e melancholica, provinha effectivamente de uma grande lampada pendente do tecto do aposento e de duas tochas accesas postas em braços de ferro que saíam das paredes. Estas viam-se colgadas de couro lavrado e tauxiado em volta dos alizares com pregos, cujas cabeças desmesuradas formavam como um aro reluzente aos apainelados. Uma esteira grossa cubria o pavimento enxadrezado de adobes,

Cortinas de tela finissima, semelhante á moderna gaze, que íam prender-se nos arcos ponteagudos da janella e de um largo balcão que lhe ficava fronteiro, moderavam a claridade do sol durante o dia e, de noite, ajudavam os vidros córados a empanar a vista dos curiosos que, ou de S. Martinho, ou do pateo interior, para onde abria o balcão, pretendessem espreitar o que se passava lá dentro. A um pendurol que, semelhante a caprichosa stalactite, se curvava para baixo no meio do tecto de castanho almofadado, rendilhado e enegrecido pelo tempo, prendia-se uma cadeia de ferro que sustinha a lampada, cujo fulgor, dando de alto nos objectos inferiores, lhes destruia a projecção das sombras nos pontos não allumiados pela chamma avermelhada e fumosa das tochas. Algumas cadeiras de braços, que hoje pareceriam sóbradamente incommodas pelo anguloso e aprumado das suas linhas, uma grande mesa ou bufete no centro da quadra, cinco ou seis arcas, postas em fileira aos lados, e finalmente um relogio de parede, invenção que começava apenas a generalisar-se e que fora um presente do duque de Lencastre ao rei de Portugal, completavam o adorno do aposento. A tampa de uma das arcas estava erguida: dentro, a um lado, via-se

uma pilha de grandes folhas de pergaminho em branco, e ao outro uma rima de livros de diversas dimensões. Sobre a mesa avultavam abertos dous folios desconformes, e ao pé delles muitas folhas, maiores, menores e minimas, escriptas no todo ou em parte e rodeiando um alentado tinteiro comparavel a uma amphora e coroado de quatro ou cinco pennas. Alguns individuos animavam esta scena. Um, assentado em frente do vasto bufete, diante dos dous bacamartões, cuja escriptura minutissima e cheia de abbreviaturas e siglas lhes augmentava, digamos assim, a carranca rebarbativa e ouriçada, era homem de bons sessenta annos, de aspecto menineiro e sadio, o que em parte devia a ter a cara cuidadosamente rapada. Sulcavam-lhe a fronte, ampla e convexa, duas rugas longitudinaes. Eram as unicas que poderiam trahir-lhe os affectos ou os pensamentos; porque no resto das suas feições havia a gélida immobilidade que indica o sangue frio e a resolução energica. Tinha os beiços um pouco delgados e os cantos da boca profundamente vincados. Cubria-lhe a grenha revolta, cortada mui curta, segundo a moda d'então, moda que dera aos portugueses a alcunha nacional de chamorros, um barrete semelhante ao solideo clerical, e

todo o seu trajo e adornos se reduziam a uma especie de loba negra, que lhe descia até os pés, abotoada na pequena abertura do peitilho com tres botões e apertada na cinctura por uma larga facha da mesma cor. Era o chanceller interino. Defronte, encostado a uma das arcas, com a perna direita cruzada sobre a esquerda, estava outro vulto, que representava um homem de mais de trinta annos de idade, magro, estatura mediana, testa pequena, maxillas elevadas, barba comprida, olhos pequenos, mas vivos e scintillantes. O seu trajo de corte, rico e talhado á moda de Inglaterra, contrastava na viveza das cores com a singela garnacha de João das Regras. Era elrei. Com os pollegares passados por baixo da borda do bufete e o resto das mãos espalmadas pelo lado de cima, um homem velho e de longos cabellos, nos quaes o branco se misturava com o ruivo, formava no topo da banca o vertice de um triangulo cuja base sería a recta do chanceller ao rei. Como os de D. João I, os seus olhos azues estavam fitos e sem pestanejar em João das Regras. Atraz da cadeira deste, uma especie de escriba, trajando tamhem a sua garnacha, o qual pela magreza e pallidez parecia um cadaver e pelo empertigado uma estaca, tinha na mão um caderno

de pergaminho de papel e na outra um lapis, invenção não muito antiga e principalmente usada para pautar os codices de luxo, em logar do ponteiro de ferro, d'antes empregado nesse mister. Por baixo das palpebras quasi cerradas, aquelle estafermo, que era ninguem menos que o escrivão da camara real, Gonçalo Lourenço de Gomide, olhava tambem attentamente para o chanceller, astro de brilhante intelligencia, á roda do qual gyravam em espirito estes satellites de tão diversa magnitude. Emfim, juncto ao reposteiro da porta que communicava para o interior dos paços, dous pagens em pé, cada um com sua tocha apagada na mão, parecia terem acompanhado até alli D. João I e esperarem que elle quizesse retirar-se, para as accenderem de novo e precederem-no, conforme a etiqueta daquelles tempos.

O chanceller é que parecia não reparar em ninguem, correndo successivamente pela vista varios pedaços de *pulgaminho de coyro* que tinha espalhados ante si e nos quaes havia breves linhas escriptas, segundo o estylo das escholas d'Italia, em siglas, especie de tachygraphia destinada a encerrar num limitado espaço as extensas explanações dos doutores aos livros de jurisprudencia romana. Á me-

dida que os passàva pelos olhos, o chanceller fa-os amontoando á sua esquerda. Havia bastante tempo que esta scena durava, quando subitamente João das Regras exclamou:

«Ei-la aqui, emfim, a maldicta ementa. Olhae, micer Percival: vede se está certa.»

O homem da grenha ruiva arregalou ainda mais os olhos, arredondados como os de um mocho.

«Item: duas mil setecentas e vinte cinco livras a mestres Alberte, João Pires e Giraldo, armeiros, por quinze arnezes completos, solhas, loudel, capellina, camalho, et cætera.»

«Item: por tres maças dambalas mãos, um estoque á antiga com sua misericordia no punho e uma cincta nova de ferro no trom grande de fogo, dos tomados em Aljubarrota ao scismatico que se diz rei de Castella, seiscentas e quatorze livras, seis soldos e tres dinheiros.»

«Justo!» — murmurou micer Percival de Cornualhes, mercador inglês, que servira de thesoureiro ao mestre de Aviz no principio da revolução e que era uma especie de Laffite ou Rotschild daquelle tempo.

«Item: de um traslado das leis do Codigo com as intenções das glossas de Accursio e as conclusões de Bartholo, com illuminuras e

letras floreteadas de cores, em dous volumes, tirado em Bolonha dos originaes dos dictos grandes e excellentes sabedores, trezentas e seis livras.»

«Trezentas e cincoenta e seis mandei eu pagar em Genua a micer Allighieri, stationarius de Bolonha» — interrompeu o banqueiro.

«A ementa deu-m'a o veador da fazenda, micer Percival. Eu leio trezentas e seis.»

«E cincoenta e seis» — tornou o Rotschild ruivo, com uma fleuma essencialmente britannica.

«Seja assim: mas apurae vós lá a computação nos contos com o thesoureiro-mór, que para isso não tenho tempo. Quereis fazer a mercê, senhor escrivão da camara, de encommendar a Lourenço Martins que apure essa ementa com micer Percival e de advertir-lhe que taes negocios devem chegar averiguados á presença de meu senhor elrei?»

Proferindo o nome d'elrei, o chanceller alevantou-se e fez uma profunda reverencia, ao mesmo tempo que por cima do hombro passava o pergaminho a Gonçalo Lourenço de Gomide, sem olhar para traz.

O escrivão esgaratujou rapidamente duas ou tres siglas no quaderno que tinha na mão,

guardou a ementa solta e recahiu na espetada immobilidade anterior.

João das Regras, ou das Leis, por longa e intima privança, pela superioridade da sua intelligencia, por serviços, talvez, de mais valia que os do Condestavel, embora menos ruidosos, tinha adquirido absoluto predominio no animo do principe, que o sancto homem de mestre João das Leis dirigia a seu bel-prazer nas materias de governo, bem differentemente do que succedia nas de guerra, em que o mestre d'Aviz não reconhecia, e com razão, capacidade superior á sua. No gabinete particular dos paços de S. Martinho o verdadeiro rei era o doutor de Pisa, e o heroe de Aljubarrota tinha-se habituado por tal modo á sem-ceremonia do chanceller, que muitas vezes passava horas inteiras de pé, na postura em que então se achava, emquanto o celebre jurista, repotreiado na grande poltrona, annotava o codigo de Justiniano, que depois da sua morte veio a ser promulgado como lei geral do paiz, ou resolvia os negocios do estado, que, por uma destas ficções politicas tão da moda nos modernos governos mixtos, se presuppunham previamente discutidos e determinados pelo proprio monarcha.

«Agora, micer Percival,— proseguiu o chan-

celler — como vamos ácerca das duzentas mil livras, que sua real senhoria (mestre João das Leis ergueu-se de novo e repetiu a reverencia) deseja haver adiantadas sobre os pedidos que se hão-de lançar nas proximas cortes?»

«A vinte por cento estão promptas, visto serem para o pagamento das quantias aos cavalleiros e homens d'armas, e não haver real na casa dos contos. Acabo de estar com D. Cibrão de Frandes e com micer Daniel de Preamúa. Altercámos por duas horas: juraram-me que não podiam fazer este serviço a sua mercê por menos uma pogeia; e ainda assim, entram de parcería D. Issachar, o que mora adiante da Esnoga ao cabo de Villanova de Gibraltar, e o seu vizinho Samuel Ben-Tibbon, o mercador de arnezes.»

«Sancta Maria val! — exclamou o chanceller. —Vinte por cento?... Mas os pedidos estarão pagos em menos de anno... Quatro soldos por livra de vinte?! Micer Percival, isso é desbaratar as rendas da coroa!... Deus nos livre de que tal ouvisse elrei meu senhor!»

Estas ultimas palavras, proferidas com accento severo, foram acompanhadas do usual salamalec.

D. João I sorriu com um gesto de acquies-

cencia á observação do seu privado, e disse para o agiota:

«Nada, não, meu excellente amigo, micer Percival! Mais de tres soldos por livra é usura intoleravel...»

«Vede, honrado Percival—interrompeu João das Regras.—Sua mercê (novo salamalec) pensa exactamente como eu. Quer dizer-vos que mais de *dous* soldos por livra é intoleravel.»

E fitou o seu olhar d'aguia no rei. O homem ruivo olhava tambem para elle: D. João I acudiu logo ao reclamo do chanceller:

«E' isso: dous por vinte. Pois, que disse eu?»

O inglês encolheu os hombros e replicou:

«O dinheiro está demasiado caro. E' absolutamente impossivel.»

«Paciencia! Acharemos outro arbîtrio. Adeus, micer Percival. Contae em tudo com o bom animo d'elrei para comvosco e, se precisardes em alguma cousa da minha pouquidade, contae igualmente comigo.»

Ao falar em elrei, o discipulo de Bartholo tinha-se erguido, segundo o costume; mas desta vez não tornou a assentar-se. Curvado e firmando-se nos braços da poltrona, foi-se voltando para o homem ruivo, como quem o

fazia participante da inclinação de cabeça dirigida á pessoa do monarcha. Era facil de perceber que esse gesto equivalia a uma ordem de saír d'alli. Micer Percival encaminhou-se então para elrei, beijou-lhe a mão sem dizer palavra e começou a recuar pouco a pouco para a porta que communicava com a rua. Entretanto o chanceller tinha pegado rapidamente num pergaminho, dos muitos que estavam espalhados pelo bufete e dizia, dirigindo-se a D. João I:

«Eis aqui a petição do concelho de Lisboa que já mostrei a vossa alta senhoria. Pedem que se ponham em vigor as posturas d'elrei D. Affonso para que as mercadorias trazidas pelos tractantes estrangeiros não possam ser vendidas fóra da cidade, nem a retalho, senão pelos mercadores portugueses. Representam que só assim poderão reparar as minguas e lazeiras do cerco dos castelhanos e do que têem despendido para o supportamento da guerra com os scismaticos... Esqueceu-vos alguma cousa, micer Percival?»

Era que micer Percival, estacado no meio do aposento, abria desmesuradamente os grandes olhos azues e parecia escutar com toda a attenção a synopse que o chanceller fazia daquelle requerimento.

«Occorre-me neste instante — respondeu o inglês ruivo, com a hesitação de quem procura esconder um pensamento reservado que teme lhe adivinhem no gesto e nas expressões, e que por isso mesmo o tráhe mais depressa naquelle e nestas — occorre-me agora que, se podessemos embolsar dentro de dous mezes D. Cibrão e micer Daniel, não sería pretensão desesperada a das duzentas mil a dous soldos...»

«Dous mezes? — acudiu o chanceller. — É isso arremedilho, desporto e folgança que fazeis comnosco, micer Percival? D'aqui a tres, duvido que se tenham cortado pelos concelhos os pedidos, e quem sabe, até, se os procuradores virão ratinhar-nos essa miseria?»

«Não digo menos disso, — replicou o compatriota dos nevoeiros — mas aqui está Percival de Cornualhes, que poderia, talvez, saldar a conta quando expirasse o prazo, e que receberia por qualquer tardança de reembolso aquelle decente lucro que aprouvesse a sua alta senhoria.»

«Ah, então tendes vós as duzentas mil? — insistiu o chanceller. — Gracejaveis, pois, quando me jurastes que em vossos cofres bem basculhados não se acharia a decima parte de semelhante somma. *Enganei-me!* Já vejo

que é inutil o tractar com usurarios taes como D. Cibrão e micer Daniel. Falaremos d'espaço, micer Percival; falaremos d'espaço... Agora, —accrescentou, voltando-se para elrei, o qual folheiava um volume que tirara da arca aberta e parecia alheio áquelle dialogo, de que, aliás, não lhe escapara uma syllaba, porque logo comprehendera a mente do seu chanceller — agora urge, senhor, que deis despacho aos vossos bons cidadãos de Lisboa.»

«Se achaes sua petição justa...»

«Vossa senhoria pesou-a já na balança da sua infallivel justiça e, se não me engano, achou-a fundada. Posso eu pensar diversamente? Resta o remedio. *Vitia priorum censuum, editis novis professionibus, evanescunt:* diz o Digesto. Applico a sentença. Este honrado povo de Lisboa está exhausto por longos e custosos sacrificios. E' necessario introduzir-lhe sangue novo nas veias, e não vejo eu em tal remedio, senão em apertar algum tanto o collo ás sanguesugas que de fóra vem sugar neste pobre Portugal. Depois, ha os privilegios e as leis antigas que as necessidades dos tempos escaços fizeram suspender, mas que fora máu paramento da republica deixar nenhumas, vans e como abolidas.»

Durante esta breve dissertação juridico-eco-

nomica, micer Percival dera todos os signaes d'impaciencia por falar que o respeito ao rei e a fria synovia das suas articulações britannicas lhe consentiam. A pausa que o chanceller fez de proposito neste momento salvou o inglês de rebentar. Voltou-se para D. João I e exclamou, perdida a tramontana:

«Senhor, senhor, que essa petição é inspirada por um sentimento d'odio contra mim! E' obra dos vossos mercadores para me arruinarem!... Quando vos disse que pagaria as duzentas mil livras era por me fiar em oito náus que espero da Arrochela. Vem ahi empregado o melhor do meu cabedal, e elles conjuraram-se para me obrigarem a venderlhes tudo ao desbarato. Estou perdido, senhor; estou perdido, se despachaes essa petição! Bem sei d'onde parte o golpe com que querem traspassar-me.»

Não sabía tal. O leitor é que não precisa de roer as unhas até o sabugo para o adivinhar.

«Que dizeis, micer Percival? — interompeu o chanceller, com gesto de admiração e com uma verdadeira cara de caso. — Isso é grave; muitissimo grave. Que?! Sería esta petição apenas um laço armado a sua real senhoria? Duro de crer me parece; mas por outro lado

tracta-se da fortuna de um honrado mercador, embora estranho, que serviu a causa de Portugal longa e lealmente contra os perros scismaticos, quando muitos naturaes ou a abandonavam ou a trahiam. Havemos de informar-nos: oh lá que havemos! Estae certo, micer Percival, de que a vontade d'elrei é apagar odios e não satisfazê-los. Se a justiça estiver da vossa parte...»

«Mas vede — acudiu o inglês — que para pagar as duzentas mil livras...»

«Conforme... Ha-de ver-se... Deixae estar...»

Estas phrases vagas foram proferidas de tal geito, que o mercador perguntou anciosamente:

«Posso dizer, pois, a D. Cibrão e a micer Daniel que entreguem ao thesoureiro-mór....»

«Se quizerem ou podérem. Nada de constrangimento. Tenho uma scisma, micer Percival: é talvez uma superstição. Mas que quereis? Não posso vencê-la. Dinheiro extorquido á força não luz a quem assim o obtem. Por isso, não aperteis demasiado com elles, nem lhes mettaes medo com elrei. Deixo o negocio á vossa prudencia. Adeus, honrado micer Percival.»

Elrei continuava a folheiar o livro. O chan-

celler pegou noutro pergaminho e começou a lê-lo, emquanto o homem ruivo se ía escoando e desapparecia atraz do reposteiro.

D. João I fechou o livro, escutou por alguns instantes e desatou a rir.

«Na verdade, mestre João das Leis, que os ares de Bolonha e de Pisa e a agudeza de Bartholo são maravilhosos para apurar engenhos. Ninguem acha argumento mais a ponto para persuadir um avaro velhaco a abrir a bolsa. D. Cibrão e micer Daniel?! Por S. Jorge! Uns tacanhos, meros instrumentos das usuras de micer Percival. Vivaes mil annos, meu nobre chanceller! Estes cavalleiros portugueses apoquentavam-me com os soldos que não cessam de pedir. Teremos com que os contentar. Que os meus bons burgueses de Lisboa esperem mais algum tempo. Mas hão-de irritar-se, e nós devemos amansá-los. Parafusae lá, doutor: vede se achaes ahi pergaminho que valha. Ha-de custar. Não vos parece, Gomide, meu taciturno escrivão da camara real?»

Para ír conforme com o epitheto por que elrei o designava, Gonçalo Lourenço abaixou duas ou tres vezes a cabeça em signal de acquiescencia e encolheu os hombros, como quem ignorava que pilula se podia ministrar aos mercadores da Rua-nova, da Magdalena

e de Sancta Justa, para lhes acalmar o sangue ácerca da liberdade commercial. Era evidente que, apesar das fundadas pretensões dos burgueses, esta liberdade havia de continuar por mais algum tempo, se apparecessem as duzentas mil livras para o pagamento das quantias dos cavalleiros e homens d'armas, e se chegassem a porto e salvamento as oito náus da Arrochela, objectos que, parecendo absolutamente estranhos, se achavam neste caso ligados de um modo singular ao despacho favoravel ou desfavoravel da petição municipal.

João das Regras mofava, porém, interiormente da difficuldade que se antolhava ao monarcha e da perplexidade do escrivão da camara. Não era a um homem como elle que faltaria nesta conjunctura um osso para atirar ao lebréu popular.

Quando elrei volveu os olhos para o chanceller, viu-lhe erguida em alto a mão esquerda, entre cujos indice e pollegar pendia o pergaminho que começara a ler apenas despedira micer Percival. O monarcha não podia attingir ao que significava aquelle gesto.

«Eis aqui — disse emfim o valído — com que distrahir e consolar a Rua-nova, a de Sancta Justa e a da Magdalena... Que digo eu?! Toda a cidade. Tem para falar um mez, e

d'aqui a um mez estarão os pedidos votados. Que vossa real senhoria responda a esta carta como deve, e é quanto basta.»

Dicto isto, abaixou a mão e começou a ler o pergaminho. Era uma especie de consulta que os alvazis de Lisboa dirigiam a elrei sobre o modo de punir um delicto singular, delicto daquelles a que hoje chamamos crimes politicos. Um mercador da Catalunha, não podendo obter dos alvazis ou juizes municipaes de Lisboa o desaggravo que entendia ser-lhe devido por offensas recebidas de um compatricio seu, fora ao mercado e na presença de numeroso concurso pegara em varios vasos de barro e, despedaçando-os, guardara cuidadosamente as tampas ou *testos* e, mostrando-os ao povo apinhado, exclamara: — «Eis as testemunhas que levo para o meu paiz da justiça que se faz em Portugal!» Lançado nas masmorras do castello pelo alcaide pequeno, os alvazis perguntavam a elrei qual sería a pena condigna daquelle attentado.

Nos nossos costumes modernos, o acto do catalão teria sido pouco menos que indifferente. Não era assim naquelles tempos. Faltava então a imprensa, esse respiradouro das grandes coleras e das grandes affrontas. Suppria-se, — suppria-a pelo menos o povo — por actos

symbolicos, expressivos por si mesmos ou por uma especie de consenso commum. Ainda hoje restam entre o vulgo destes libellos em acção. A regateira de Lisboa bate violentamente as palmas, a do Porto descalça o sócco e põe-no ante si com a sóla virada para o ar. É a summa injuria: é a declaração de guerra: o combate de arrepellões e punhadas vai começar. Estes symbolos eram a columna de jornal, o *pamphlet,* a caricatura da idade-media. Nos fins do seculo XIV, o quebrar as panellas na praça, ou *pro rostris,* e o guardar-lhes os restos parece ter sido a mais atroz invectiva, o mais pungente epigramma atirado ás venerandas barbas dos magistrados municipaes, e os antigos monumentos conservaram-nos a memoria de mais de um severo castigo imposto pelo proprio D. João I aos individuos implicados naquelles panellicidios insolentes e revolucionarios. Era um caso destes que os alvazis e concelho da mui nobre e mui leal cidade de Lisboa submettiam á consideração de sua mercê elrei.

As mudanças no aspecto do monarcha seguiam as phases da leitura. Na sua fronte serena e ridente, como o lago adormecido do valle, encapellavam-se pouco a pouco as rugas, como as vagas no oceano ao passar do

temporal. Subia-lhe gradualmente o rubor ás faces, e os olhos pequenos e vivos encandeiavam-se de estranho fulgor. Quando o chanceller acabou de ler, D. João I murmurou com a voz tremula de ira:

«Cincoenta açoutes no villão, dados em meio da praça, e que se vá depois para roim á sua terra dar querella do torto que lhe fizeram aqui. Far-lhe-hão direito lá.»

O chanceller revirou a cabeça para sua immobilidade, o escrivão da camara, e repetiu as palavras d'elrei sem alterar uma virgula. Gonçalo Lourenço ía escrevendo com o lapis.

«Na ementa — disse o taciturno ministro quando acabou.

«Aos honrados alvazis, vereadores e homens bons do concelho desta leal cidade» — accrescentou o chanceller.

O escrivão esgaratujou aquellas palavras.

Neste momento o relogio deu dez pancadas.

João das Regras pôs-se em pé, arredou a poltrona e proseguiu, abaixando a cabeça, como se o escrivão se houvera despedido delle.

«Dez! São as horas de sua mercê...»

Gonçalo Lourenço entendeu-o. Beijou a mão a elrei e saíu.

«Pagens! — proseguiu o omnipotente valído

— Dormitaes?! São dez horas: as horas de sua mercê se retirar.»

Evidentemente o chanceller queria ficar só com o rei. Pelo menos os dous mancebos assim o interpretaram. Accenderam as tochas e saíram vagarosamente, parando a tal distancia, que não podessem chegar-lhes aos ouvidos as palavras dos dous personagens que ficavam.

O doutor de Pisa dirigiu-se á porta interior, franziu o reposteiro, e observou os pagens. D. João I, ainda colerico pela affronta feita aos magistrados da sua boa cidade, tinha-se encostado de novo á arca, falando por entre os dentes. O chanceller aproximou-se e, parando diante delle, disse:

«Respondestes como nobre rei, e a vossa sentença ha-de fazer exultar toda a Lisboa, burgueses e arraia miuda. Foi qual eu a esperava. São assim feitos. Folgarão mais com isto do que se despachasseis a petição dos mercadores. Cincoenta açoutes num estrangeiro, ao meio-dia, na praça! — proseguiu o chanceller esfregando as mãos, depois de breve pausa. — Admiravel! Como este bom povo rirá e gritará: — «alcacere por elrei D. João!»

A velha raposa animava o leão. Amargo devia ser o alimento que lhe queria fazer tragar.

«E o povo terá razão — respondeu o monarcha, lisongeiado pelos elogios do seu privado. — Quem affronta os alvazis affronta os que os elegeram; quem, não tendo appellado para mim dos meus juizes de foro, vai ladrar nos açougues que nesta terra não ha justiça, mente e calumnía o rei de Portugal. Hei-de fazer respeitar os meus concelhos e a magestade da coroa, que me deram Deus, o meu povo e a minha espada.»

«E eu» — reflectiu mentalmente o doutor, emquanto proferia em voz alta:

«Eis o que é conforme a interpretação de Bartholo á lei do Codigo *Siquis imperatori maledixerit*. Digam embora outra cousa os que seguem diverso rumo. É ao principe que tóca punir os que o menoscabam, doestam e maldizem; porque o principe é o vigario e logartenente de Deus na terra e deve sempre crer-se justo. Por isso lá diz o Digesto: *Quod principi placuit legis habet vigorem,* texto, que, na minha opinião, é a pedra angular da republica.»

«Sei isso; — interrompeu elrei — porém não vades tão alto, mestre João das Leis; não vades tão alto! Como homem, o principe é sujeito ás humanas fraquezas. O texto do Digesto póde falhar. A vossa grande sciencia dos di-

reitos m'o tem muitas vezes provado. Mas deixemos esse ponto. Agora não se tractava só do throno; tractava-se tambem do povo; do povo de Lisboa offendido nos seus alvazis, e se a grei é pelo rei, o rei deve ser pela grei. Nunca em Portugal houve principe, nem meu pobre pae — Deus se amerceie de sua alma — que tanto devesse como eu aos seus honrados burgueses. Têem-me dado tudo, sangue e ouro, vidas e fazendas. Portugal, mestre João, — accrescentou o monarcha sorrindo — é uma grande behetria, que me escolheu por senhor, e vós bem sabeis que o villão de behetria costuma dizer ao que escolheu para governar: — «se bem me fizeres contigo me irei.» — Os portugueses hão-de ir comigo sempre; porque espero administrar-lhes sempre justiça e desaggravo prompto e bom, como neste caso.»

«Vossa real senhoria fala como amoravel e gracioso senhor — acudiu o discipulo de Bartholo. — Mas... mas...»

«Mas que mas é esse, meu excellente chanceller?» — replicou D. João I.

«É que taes cousas, consinta-me vossa senhoria dizê-lo, vinham a ponto nas cortes de Coimbra, quando estava o reino vago. Lá disse eu algumas que as valiam; mas vós fostes

eleito, e sois agora rei, e isso de tirar e pôr principes pelo povo, como em behetria, são opiniões mal soantes e perigosas para a republica, havendo ahi senhor legitimo e jurado. Se vos dissessem hoje: — deponde a coroa...»

«Oh, oh! — tornou rindo elrei. — Não tenhaes medo, doutor! Nunca os meus portugueses, que são como filhos queridos, e de quem sou pae, me dirão: — «Mestre de Aviz, desce do throno a que te elevámos...»

«Por essa fico eu. Não me arreceio do povo, que sempre em Portugal teve alliança com os seus principes. É um velho pacto; de um lado contra a turbulenta insolencia dos ricos-homens e infanções; do outro contra a sua tyrannia. Cifra-se nisto toda a nossa historia. Póde o povo gritar e tumultuar, mas quando o rei diz: — «alto lá, meus bons burgueses» — acabou-se tudo. Dura... dura é a cerviz da nobreza, que, estribada nos seus privilegios, só por dinheiro quer defender a liberdade commum e que vos brada: — «sede embora rei dos concelhos; dentro dos nossos coutos e honras nós é que somos os reis.» — Virá, talvez, tempo, em que o gemido dos que lidam e pagam e obedecem e morrem se converta em rugido de ameaça; mas bem parvos ou bem máus devem ser os privados e ministros

que não saibam contentá-los. Dous affagos e um pouco alliviada a canga, está tudo feito. O perigo serio anda mais alto. É aquella historia das espigas e dos Tarquininos de Roma que vossa senhoria sabe!...»

«Parece que não, — interrompeu elrei — porque não se passa mez... que digo eu?... não se passa semana, nem talvez dia, em que não queiraes contar-m'a. É a vossa seita, mestre João das Leis: é a vossa seita! Haveis em todos os negocios de cahir por fim em invectivas contra os fidalgos. Estes fidalgos matam-vos!»

«Matam, e tambem a republica. Que precisão havia de arrancarmos essas duzentas mil livras a micer Percival, para termos de as pagar com usura depois, no meio dos gastos da guerra, que não tarda a renovar-se? Para que haviamos de suspender o despacho da petição dos mercadores, quando era tão facil contentá-los? Quem quer mugir a vacca sem lhe dar feno tira sangue e perde a vacca.»

«E os cavalleiros, e a gente d'armas e as minhas boas lanças, homem? Não posso tambem perdê-las? Direis, como costumaes: — «da massa dos burgueses se fazem.» — Assim é; mas que taes? Ahi bate o ponto. Bem sei que, se não fosse por modestia, poderieis citar

as vossas proprias façanhas em Aljubarrota, e mais ereis cavalleiro novel tirado daquella massa, e depois vir com o costumado soláu dos quinhentos archeiros ingleses, que valeram ahi mais que mil lanças. Mas eu cá me entendo. Vós, chanceller, sabeis de direitos e de regimentos e da governança e de tudo o que tange á paz e assocego do reino, porque sois um grande letrado. Porém de gente de guerra e de hostes e de arrancadas e de cavallarias e de bésteiros e de frecheiros e de azes e de trons e engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras. Bem vejo que se abusa da situação do reino; que é uma villania, uma cubiça torpe pedirem-se-me soldos avultados; pedirem-nos homens a quem tenho dado terras, padroados, alcaidarias, cargos, as melhores joias, digamos assim, da coroa. Mas tractemos do presente, e para o futuro... Oh, no futuro, meu chanceller, então ajustaremos contas!... Pensaes vós que me esquece aquelle grande alvitre vosso, da lei que ha-de cortar as unhas e encolher os braços á fidalguia e que dizeis se não deve escrever, mas conservar na minha memoria e vontade, e que por isso se ha-de chamar mental, alvitre na verdade violento, mas efficaz?...»

«Violento? Brando o acho eu e mais que conforme a direito — interrompeu o jurisconsulto, que não tolerava a menor duvida sobre a bondade absoluta da famosa Lei-mental que então forjava. — Sois senhor: podeis dar ou tirar o que é da republica; porque, sendo della, é de vossa real senhoria, que sois o seu regedor e mantedor, *formaliter et essentialiter*. Não ha injuria onde não ha direito. E depois, lá está para a explicar a quasi divina regra dos sabedores romanos: *Quod principi placuit legis habet vigorem.* Que importa que as difficuldades dos tempos não consintam reduzir a escripto este pensamento, se para ser lei e boa lei lhe basta estar na vossa mente e vontade, *placuit!* Parece, porém, senhor, quererdes accusar-me de pôr peias aos vossos desenhos pelo que tange á milicia. Sois injusto comigo. Não vistes que tractei seriamente de alcançar as duzentas mil livras adiantadas? Que prova maior de que nas materias de guerra, como em tudo, reconheço a alta e superior sciencia de vossa real senhoria? Deploro só a oppressão dos pequenos e o desbarato das rendas publicas, para se haver de saciar a cubiça dos grandes; deploro que o rei de Portugal pareça receiar a colera dos seus nobres vassallos e que não obtenha com tanta generosidade se-

não torná-los cada vez mais insolentes, conspiradores e ingratos.»

«Ingratos, isso é natural, — exclamou D. João I, carregando as sobrancelhas — mas insolentes e conspiradores?! Chanceller, taes accusações são graves.»

«Mas verdadeiras — replicou o valído. — Animados pela orgulhosa altivez de um homem que no illimitado favor do seu principe devera ter um incentivo da mais submissa obediencia e que faz saír bem caro ao rei e ao reino os seus largos serviços na guerra e uma gloria que ninguem lhe disputa; excitados pela linguagem violenta do Condestavel...»

«Doutor João das Regras, — atalhou elrei com um movimento de despeito mal comprimido — prohibi a Nunalvares que na minha presença invectivasse contra vós; a vós que aventasseis suspeitas contra o mais nobre, o mais leal, o mais valente cavalleiro que Portugal tem gerado. Não pude fazer-vos amigos: quizera ao menos que vos respeitasseis. Não sei agora o que cuide de um e de outro. Elle, soldado rude, tem-me obedecido; vós, letrado subtil, conselheiro austero, defensor da auctoridade suprema, haveis quebrado mais de uma vez o preceito. Não sería bom, meu honrado chanceller, lembrar-vos a este proposito do

texto ácerca da vontade dos principes, que tantas vezes invocaes? Ou é que o Digesto não vale para os que o estudaram?»

A estas perguntas ironicas não era facil dar resposta. Além disso, no aspecto do monarcha havia tal expressão de severidade, que o velho ministro, apesar da sua immensa preponderancia e extrema familiaridade com o rei, pregou os olhos no chão e ficou em silencio. D. João I conheceu que o tinha mortificado de mais. Chegou-se a elle e bateu-lhe brandamente no hombro.

«Vamos, homem! esqueçamo-nos disto. Assim podesseis esquecer a vossa má vontade, vós e Nunalvares; vós, as duas columnas do meu throno; vós que eu amo, não como vassallos, mas como irmãos! Não quereis: paciencia! Chanceller, alludistes vagamente a insolencias, a conspirações, e não sei a que mais. Sois assás prudente para proferir em vão taes palavras...»

João das Regras ergueu lentamente a cabeça, mas virando o rosto um pouco para o lado e fitando no rei um olhar obliquo. Fez uma pausa, e respondeu:

«É que esteve aqui ao anoitecer o abbade de Alcobaça.»

«O abbade de Alcobaça?! — interrompeu

elrei com visivel anciedade. — Rompeu, emfim, a nuvem mysteriosa em que se envolvia?»

A anciedade do principe pareceu restituir a presença d'espirito ao abatido chanceller.

«Rompeu e fez mais: trouxe uma testemunha, que revalidou e completou as suas declarações; um dos procuradores do povo. Vossa senhoria deve fazer mercê ao digno prelado...»

«Um dos procuradores do povo?! — acudiu elrei. — Como é isso?»

«Um procurador, que, illudido pelo conde de Seia, trahiu os deveres do seu cargo, revelando-lhe os artigos populares para as proximas cortes, e que arrependido veio, por conselho de D. João d'Ornellas, lançar-se-me aos pés, como se fosse eu, e não os que o escolheram por mandatario, quem houvesse de perdoar-lhe.»

«E que se passou ahi?» — perguntou o monarcha, fitando o olhar ardente no privado.

João das Regras narrou então miudamente os successos occorridos na tavolagem de Lourenço Braz e quanto alli se dissera; quantos alvitres se haviam aventado para destruir ou embaraçar os effeitos politicos da assembléa que se ía reunir. Sem alterar substancialmente os factos, o odio contra os nobres, cujo chefe era o seu rival no valimento, Nunalvares, a

humilhação que, por causa delle, pouco havia elrei lhe fizera tragar, e a sua natural astucia inspiraram-no de modo, que soube pintar com as mais negras cores um acto que a situação da nobreza e o natural instincto da propria conservação até certo ponto desculpavam. Tinha alludido vagamente por muitas vezes a revelações importantes que esperava obter por intervenção do abbade de Alcobaça; mas reservara para as vesperas do dia em que se deviam redigir as respostas aos capitulos de cortes o desenhar ante os olhos d'elrei um quadro capaz de produzir viva e duradoura impressão na sua alma. Sem que podesse em tempo algum ser taxado de ultrapassar os limites da verdade, o déstro chanceller chegou a despertar violenta irritação no animo do principe. As expressões insolentes de alguns fidalgos contra a quebra dos seus foros, os alvitres excogitados para constranger o soberano a rejeitar as supplicas dos povos, as disfarçadas ameaças, tudo foi traduzido, interpretado, envenenado e revestido de dimensões extraordinarias. Quando o privado acabou de falar, a indignação profunda, que se revelava no brilho desacostumado dos olhos e no affogueiado das faces do monarcha e que no primeiro impeto lhe tolhera a voz, ameaçava es-

tourar. O velho ministro ria interiormente, porque lera no gesto de D. João I o que se passava na sua alma.

Postoque, semelhante á de todos os individuos de vontade energica, a colera do mestre d'Aviz fosse terrivel, elle sabía soccorrer-se a essa mesma energia de vontade para a disfarçar. O escondê-la, porém, a um homem tão astuto como João das Regras, e que tanto lhe estudara a indole, não era facil. Quanto mais o principe procurava encubri-la, mais o chanceller forcejava por irritá-la. Sabía que o tiro feriria o alvo tanto mais fortemente quanto mais se retesasse o arco.

«Doutor João das Regras — disse elrei com uma vibração tremula de voz que o atraiçoava — acreditei a principio que era mais grave o negocio. A furia dos fidalgos ha-de passar!... ha-de passar!...»

E atirou violentamente com o livro que tinha na mão para dentro da arca.

«É possivel — replicou o chanceller, encolhendo os hombros. — Mudarão provavelmente de conselho. Deus ha-de allumiá-los.»

Tambem a voz do privado vibrava tremula. Era que as palavras, mansas e lentas, saíam-lhe dos labios repassadas d'ironia.

«Desaffogam em ameaças vans... — prose-

guiu elrei com gesto d'indifferença. — Não julgo que queiram recorrer a meios extremos.»

«Creio-o, — acudiu João das Regras no mesmo tom — visto que apraz a vossa alta senhoria pensá-lo assim...»

«Chanceller! — bradou o monarcha, em cujos olhos faiscou um como relampago. — Lembrae-vos de que falaes com o rei de Portugal...»

«E esqueci-me eu disso? — replicou o privado, abaixando a cabeça com ar de profunda humildade. — Esqueci-me eu disso uma só vez desde o dia em que nas cortes de Coimbra a nobreza, o clero e o povo deste reino reconheceram, emfim, que devieis succeder a elrei vosso irmão?»

«Entendo! Completae a phrase. Porque vós lh'o provastes. Devo a coroa aos vossos esforços. Não é assim? Tenho-o presente. Mas falo-vos serio, e vós gracejaes? Mereço-vos isso?» — Fez uma pausa e proseguiu em tom amargo: — «Não sois já o meu velho amigo, doutor João das Regras: não sois meu amigo!»

O privado lançou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe na mão e beijou-lh'a. Depois ergueu para elle os olhos, dos quaes desejaria nesse momento espremer duas lagrymas, que o coração frio e arido lhe recusava.

«Se eu deixasse de amar-vos, senhor, — exclamou elle — a vós que me tirastes do meu nada, sería o homem mais ingrato do mundo. Não gracejei comvosco. Ninguem melhor do que eu sabe qual veneração se deve á magestade dos principes; ninguem mais sinceramente crê que o monarcha é a imagem de Deus na terra. Se tal ousasse, não mereceria só a cruel accusação que me fazeis: mereceria a de sacrilego. Mas que querieis, senhor? Quando lia no gesto de vossa mercê os esforços que fazieis para conter o justo despeito contra a insolencia da nobreza, devia eu irritá-lo, contradizendo a vossa magnanimidade? Apontaria o ministro para a espada da justiça, quando o principe chamava do coração aos labios os impulsos da misericordia? Se nisto pequei, perdoae-me, e se não mereço perdão, puni-me. Não me digaes, porém, que o velho João das Regras não vos guarda a lealdade de bom vassallo ou póde esquecer-se um instante do mais honrado dos seus titulos, do nome de vosso amigo!»

O chanceller passara da comedia para o melodrama. Tinha a mão d'elrei segura entre as suas, e encostava a fronte sobre ella, emquanto D. João I forcejava com a esquerda para o alevantar.

«Que é isso, homem? — dizia o monarcha, visivelmente commovido. — Deixae essa postura, que nem é digna de vós, nem de mim. Conhecemo-nos ha muito para que hajamos de gastar mutuos disfarces. A fidalguia, a fidalguia! Oh, esta fidalguia martyrisa-vos... Tambem a mim. Eis ahi para que me quizeram rei; os que quizeram; porque o resto... o resto tinha corpos e almas em Castella. Os corpos vieram; mas as almas... Eu sei?... Ficaram-lhes lá. Ao menos parece-o. Não consentem que Portugal respire, este pobre Portugal! É que ainda se lembram da era de vinte e dous, quando os populares lhes cercavam e tomavam as alcaçovas para m'as darem a mim, ao mestre. Bom tempo era esse em que me chamavam o mestre! Conspiram... injuriam-nos, ferem-nos pelas costas, chanceller, porque lhes não deixamos tirar a camisa ao povo. Pois eu não lhes dou tudo quanto a coroa lhes póde dar?»

«E o que não póde» — interrompeu o valído.

«Confesso que tinheis razão — proseguiu elrei. — É necessaria a severidade. E mais, doe-me; que sou affeiçoado a alguns; e muito! Poupemos, todavia, o Condestavel: bem vedes que é estranho a estes meneios. Cuidemos em

derribar-lhes os engenhos. Nesta guerra sois vós melhor capitão do que eu. Andae, homem. Parafusae lá; e dizei o que se ha-de fazer.»

«Se esses eram os pensamentos de vossa real senhoria, para que intentastes dissimulálos? Agora sim, que falaes como um grande rei que sois. Ninguem ama a brandura mais do que eu; mas tambem considero que é mister acudir aos mesquinhos, que, roubados e opprimidos, erguem as mãos para o seu principe. É negocio para maduramente se pesar: porque os adversarios são duros. É tarde hoje. Pensarei d'espaço e com frieza. Imparcialidade sobre tudo! Nem amor, nem odio. É a minha regra. Ámanhan, ámanhan. Tudo repousa já. São horas de vos recolherdes, e eu vou retirar-me.»

O relogio tinha dado onze pancadas.

«É verdade! — disse elrei, olhando para a pendula e encaminhando-se para a porta interior. — Grande invento foi este dos horologios. Adeus, honrado chanceller — accrescentou, batendo familiarmente no hombro do legista. — Não vos sáia da memoria que Nunalvares é o braço da espada e vós a fronte da intelligencia. São duas cousas que devem andar accordes, se não podem andar unanimes. As respostas aos capitulos do povo, visto que já os

conheceis, consultae-as com os do conselho, que eu concordo desde já no que resolverdes; mas com uma limitação: respeitae o Condestavel!»

Evitando ulteriores explicações, o privado abaixou a cabeça para de novo beijar a mão a elrei. Mas no momento em que este ía a saír, exclamou:

«Ai, que me esquecia... É um negocio de riso em que me falou D. João d'Ornellas. Como soube da morte de Annequim, offerece a vossa real senhoria um gracioso jogral. Se quizerdes tomá-lo por vosso...»

«Quero, quero! Sabeis que me faz falta o bom do Annequim com suas jogralidades? Como se chama o herdeiro das suas roupas de guizos, da sua palheta e do adufe a cujo som bailava?»

«Chama-se... chama-se... Alle... Alle, sim. É o nome em que falou o abbade...»

«Mouro?»

«Mouro.»

«Não importa. Quando virdes D. João d'Ornellas, dizei-lhe que Alle é meu homem com vinte livras de assentamento e dous vestidos por anno; aljuba, aljubeta, balandráu e escapulario e um albornós ou capuz, á sua vontade.»

Dizendo isto, saíu. Os pagens da tocha, que, esperando a respeitosa distancia, cambaleiavam de somno, marcharam allumiando adiante.

O chanceller deu então volta á chave: dirigiu-se á porta exterior, franziu o reposteiro e murmurou:

«Entrae.»

XVI

O MEU ILLUSTRE AMIGO

> Ouve entre elles palavras fyngidas de tanto amor e cortesya, que parecia que huum nom estymava nem desejava mais bem que a vista do outro.
>
> RUY DE PINA — *Chron. d'Affonso V.*

Apenas o doutor João das Regras proferiu aquella simples palavra, com que rematou a serie dos seus movimentos depois da saída d'elrei, e com que nós tambem concluimos o precedente capitulo, surdiu d'entre os umbraes da porta mysteriosa um vulto alto e grosso, embrulhado num ferragoulo pardo.

«Esperastes?» — perguntou o chanceller á corpulenta personagem que entrara.

«Pouco. Cheguei agora. Abrindo devagarinho a porta, ainda ouvi as ultimas palavras d'elrei. Creio que falava ácerca de Alle.»

«Justamente. Podeis mandá-lo apresentar ao alcaide dos donzeis.»

«Beijo-vos as mãos, senhor chanceller... E' verdade: ía-me esquecendo de vos restituir a chave que me déstes para haver de aqui entrar.»

O chanceller pegou na chave, puxou uma gaveta do bufete e metteu-a dentro com varias outras que fechavam mais de uma passagem secreta ou mais de uma arca importante e, voltando-se para o abbade de Alcobaça, que por certo o leitor já reconheceu no vulto alto e grosso que entrara, perguntou vivamente:

«Percebestes o que elrei dizia? Sua mercê achou singular e estranho que fosseis vós quem lhe indicasse um successor para o defuncto Annequim.»

Ao alludir ao empenho, na verdade extravagante, do monge, o valído cravou nelle os olhos, como se tentasse ler na sua alma.

O singelo abbade era, porém, parceiro digno de jogar com o bonacheirão do doutor de Pisa. Deslisando um sorriso insignificante, respondeu:

«A um bom vassallo, a um amigo leal da monarchia e do monarcha poderia ser acaso indifferente o prazer ou o desgosto do seu

principe? Sua real senhoria lamentava-se tanto o outro dia da morte de Annequim, que não descansei sem lhe achar um jogral, e creio que em boas manhas e agudeza este ha-de levar a palma...»

«Bem, bem! não falemos mais nisso — interrompeu João das Regras. — Vamos ao essencial. Estão, emfim, accordes os procuradores?»

«Como um homem só: um só pensamento e uma só vontade.»

«Excellente!» — murmurou o privado, esfregando as mãos.

«E o camareiro-menor?» — perguntou o abbade.

«Oh meu bom amigo! — respondeu com gesto contricto o chanceller. — Porque não vos acreditei logo e não segui o vosso dictame? Por esta minha simpleza. Sou eu o primeiro a confessá-la. O hypocrita, quando perco elrei de vista, não cessa de advogar os interesses da sua parcialidade, affectando depois diante da corte uma indifferença estudada. Difficil lucta é esta; porque, em summa, sou um homem chão...»

«Isso é verdade! — acudiu D. João d'Ornellas. — Mas como é possivel que elrei se deixe embair por elle, sabendo qual foi a linguagem

traidora daquelle homem ingrato na celebre noite...»

«E'...—interrompeu João das Regras com ar de innocencia bondosa e raspando attentamente com a unha do index uns pingos de cera que tinha na manga da garnacha; — é que eu... pelo que tóca... sim, pelo que tóca ao moço escudeiro... occultei a sua real senhoria o que elle fez e disse na tavolagem...»

«Como assim? — interrompeu o monge, lançando um olhar suspeitoso ao privado. — Pois vós occultastes o que disse o camareiro-menor? Esquecestes que me tinheis promettido desaggravo, e que essa foi a condição das revelações que vos fiz, não sómente sobre o que se passou nas Portas-do-mar, mas tambem sobre as antecedencias dessa importante trama? Quereis acaso salvar o meu inimigo mortal?»

«Ai, ai, dom abbade! — replicou o chanceller, rindo e tossindo a um tempo e continuando a fazer saltar com a unha a cera da manga. —Não nego que teria feito melhor em logo o accusar a elle, carregando a mão na culpa e impedindo-o de fazer mal. Mas o erro está commettido, e o que resta é guardar de segundo...»

«De segundo! — atalhou de novo o monge, escondendo mal a irritação que lhe brilhava nos olhos. — Confesso que não vos entendo, senhor chanceller.»

«Não!? Parece impossivel, meu excellente amigo, que não alcanceis de golpe o que quero dizer; vós, que sois tão subtil. Olhae! Contar-vos-hei uma historia. Estando eu na tenda d'elrei, naquella noite depois da de Aljubarrota, falava com micer Talhaferro do grande pavor que os trons de fogo, nunca vistos em Portugal, produziram nas nossas azes dianteiras: «Se os castelhanos—disse-me então micer Talhaferro—tivessem sabido servir-se desses engenhos, não seriamos nós que estariamos senhores do campo, folgando aqui de seu mal e vergonha. Assestando-os todos sobre a bandeira d'elrei e disparando-os a um tempo, acabavam com a festa.»—Sabeis vós, dom abbade, que parafusei toda a noite naquellas palavras, e que depois me tem sido grandemente util, cá nestas cousas da governança, a lição de micer Talhaferro?»

«Mas, emfim!...»

«Mas, emfim, dom abbade, — proseguiu o chanceller, acabando de raspar a garnacha, e batendo com dous dedos no hombro do veneravel prelado — não vedes que a furia de

elrei espalhada por tantos ha-de ser como os tiros dos trons castelhanos, de grande ruído, mas de pequenos effeitos? Deixae-me; deixae-me de parte o camareiro-menor. Ajunctemos a artilharia que podérmos: carreguemo-la toda: assestemo-la contra esse ponto unico: disparemos então; e a torre virá a terra. Era o que eu devia ter feito logo. Não o fiz. Agora emendo a mão... Percebeis?»

O aspecto de D. João d'Ornellas, até ahi carregado, desanuviou-se. O monge sorriu.

«Não sois sómente um homem chão e honrado, senhor chanceller—exclamou elle.—Sois tambem um grande ministro, mandado por Deus para salvação e gloria desta nossa terra de Portugal. Que o Senhor vos guarde e mantenha, para temor dos máus e defensão dos bons: é o que peço todos os dias nas minhas pobres orações a nosso padre S. Bernardo.»

«*Gratias ago, domine reverendissime*» — respondeu modestamente o velho jurisconsulto, apertando com a mão pequenina, torneiada e sempre fria, a mão ampla e ossuda de sua reverencia.

O abbade olhou para o horologio. O ponteiro indicava que depois das onze decorrera já um arrazoado espaço.

«São horas de partir—disse elle, abaixando os olhos para o chanceller.—Os procuradores esperam-nos na pousada de Mem Bugalho, que cego de raiva...»

«Coitado! — interrompeu o valído — amansá-lo-hemos. Preciso de um escriba que me transcreva, sem errar demasiado o latim, algumas conclusões de Bartholo. Terá um bufete na Torre da Escrevaninha, mantença e salario d'elrei.»

D. João d'Ornellas sentiu uma tentação diabolica de rir, á vista do singular encargo que o chanceller destinava a um homem a quem na tavolagem do bésteiro se fizera crer na possibilidade de lhe succeder a elle.

«Voltae quanto antes, meu illustre amigo, — proseguiu João das Regras — e asseguraelhes que me parece termos obtido um triumpho decisivo. Ide, emquanto eu me dirijo a casa dos irmãos Docem e de Pedreannes Lobato, que hão-de acompanhar-me.»

Ouvindo isto, o digno prelado apertou de novo a mão do chanceller e partiu apressadamente.

João das Regras pôs-se á escuta. Apenas sentiu cerrar a porta da rua, soltou uma destas gargalhadas, agudas, chirriantes, contristadoras, attribuidas pelo povo aos me-

dos e cousas más que apparecem á meia-noite.

Depois, foi assentar-se na grande poltrona e, encostando o cotovello ao bufete e a cabeça ao punho cerrado, parecia envolto em fundo meditar agitando incessantemente os labios, dos quaes lhe escapavam por vezes phrases truncadas:

«Supprimidos os mais... a estes as respostas... Eu e o conselho... Dictá-las?.. O conselho sou eu! Dez mil livras ao mestre de Sanctiago... Lopo Dias para Tralosmontes... Cinco mil livras é muito... Cercaremos Tuy... Paio Soródea escreve-me... tambem cá temos desses villãos!... O marechal... Livremo-nos dos mais violentos... O mestre de Christus... Sete mil livras... Posso, emfim, respirar! Ah!»

Soltando estas palavras incoherentes e interrompidas por silenciosos intervallos, o privado conservou-se por algum tempo naquella postura. Por fim, ergueu-se e começou a mecher na gaveta que deixara aberta. As chaves que alli tinha tiniram umas nas outras. Pegou em duas e, tornando a metter a mão, tirou um punhal comprido e agudo, desses a que chamavam misericordias, companheiro necessario para quem devia atravessar assim a des-

horas as ruas tenebrosas e solitarias de Lisboa. Emquanto o segurava bem na banda negra que lhe cingia a garnacha, o discipulo de Bartholo resmoneiava:

«Este abbade, sancto homem, vai-se intromettendo de mais nos negocios da republica... Emfim, elrei cede, e portanto tenho nas mãos a victoria! O temporal rugirá por alguns dias em S. Domingos; mas ha-de abonançar. Depois, tenha paciencia o digno prelado, que a sua nedia mula trotará em breve pela estrada de Alcobaça. Assim podesse eu aposentar em Pombeiro o velhaco do escrivão da puridade!»

Feita esta oração mental, o bom do chanceller apagou as duas tochas. A lampada extinguia-se por si, dando d'espaço a espaço um grande clarão que logo esmorecia. A esta luz duvidosa, o privado desappareceu atraz do mesmo reposteiro que franzira para D. João d'Ornellas entrar: abriu e fechou após si a porta contigua: desceu dous ou tres degráus tacteiando com os pés: atravessou uma especie de atrio: abriu a porta exterior, que tambem fechou cuidadosamente após si: metteu as chaves na bolsa que trazia ao lado, e dirigiu-se para o terreiro dos paços do concelho, perto dos quaes habitava Pedreannes Lobato.

Pouco mais de trezentos passos adiante delle caminhava vagarosamente para o lado da Rua-nova um dos seus maiores amigos, o abbade D. João d'Ornellas, que, embuçado no pardo ferragoulo, trauteiava a meia voz um pedaço do *Exurge, domine,* ao mesmo tempo que pela cabeça lhe galgava o seguinte soliloquio:

«Mestre dos engenhos, meu doutor de Pisa, é D. João d'Ornellas! Tu que és, velho manhoso, senão um dos trons que assésto? Guarda as tuas lições de micer Talhaferro: guarda-as para ti, ridiculo velhaco!... Parvos! Cuidam que eu... eu!... sou instrumento de seus odios, ambições e designios!... Elles é que o são da minha vingança! Rei e chanceller; nobreza e procuradores; Fr. Vasco e o truão... Ah, ah, ah!»

E ria ainda de melhor vontade do que rira o doutor Joannes a Regulis, o *grande doutor,* como lhe chama o tão poetico e ao mesmo tempo tão singelo chronista de D. João I.

XVII

A PROCISSÃO DE CORPUS

> Em esta maneyra se mostra por costume antigo que hamde ir os officios da cidade na festa do corpo de Deus.
>
> LIVRO DOS PREGOS — *no Archivo Municipal de Lisboa.*

O dia tinha amanhecido sereno e puro. Uma brisa suave do norte, varrendo as cimas dos pomares entresachados de hortas ou almuinhas, que se dilatavam por Valverde e pelo valle de Andaluz, espalhava ao longe os effluvios dos rosaes e da madresilva. Era um bello dia de estio aquelle. Os campos como que sorriam, e até o interior da cidade, em cujas visceras obscuras e lodacentas penetrava a viva claridade do sol esplendido, e d'onde a aragem affugentava o cheiro repugnante de

crassa atmosphera, parecia revivescer, remoçar, desempoeirar-se, e o seu borborinho, habitualmente roufenho, cavo, triste sem melancholia, tornava-se harmonioso e accorde com o sussurro da brisa.

O dia que amanhecera fora o dezesete de junho, e o dezesete de junho era um dia-sancto, o da procissão de Corpus.

Um dia-sancto; um dia-sancto!... Assim junctas, estas duas palavras são as mais sonoras, as mais pinturescas, as mais saudosas da nossa linguá; para mim, ao menos. De todas essas memorias passadas, cujas ruinas o descrer da idade de homem me tem alastrado pelo coração, uma sei eu que vive ainda nelle fresca e viçosa e que me parece morrerá só quando eu morrer. É a lembrança dos dias-sanctos dos meus tenros annos. Um domingo de então ainda me sorri suavemente, quando deito olhos longos para o caminho tortuoso e agro por onde já derramei, sem saber como, um terço de seculo da vida. Na orla desse horisonte crepuscular do passado avultam-me a capellinha da habitação da infancia ao dia-sancto e o altar com os seus castiçaes de talha dourada e as jarras de flores, que lá se punham no sabbado á noite, e o alevantar cedo para todos, e tudo estar lavado, espane-

jado, escovado e ordenado para a missa. Sabe Deus com quanta fé e devoção a minha alma tenra se balouçava na toada monotona que murmurava o velho frade arrabido, calvo e macilento, cujo burel desapparecera debaixo das vestes variegadas do sacerdocio! Através de alta gelosia, o sol vinha, semelhante a uma columna de vidro amassado com pó de ouro tombada de seu pedestal, bater de soslaio nos degráus do altar. As luzes tremulas das vélas, cuja claridade se annullava no esplendor do dia, pareciam-me espiritos que se inclinavam esperando a presença real de Deus para o adorarem. Depois o frade, que viera de longe, do convento de Ribamar ou da Boa-viagem, almoçava e jantava. E todos estavam contentes; porque era um sancto mas jovial frade o bom do arrabido e contava historias que era um pasmar. Naquelles dias abençoados, juraria eu que a folhagem das arvores era de um verdor mais vivo, os fructos mais saborosos, o ar mais diaphano, a agua mais transparente, o céu mais azul e, até, as alfaias da casa mais novas e o caio dos muros mais alvo. Á tarde corria pela relva com os outros moços da minha idade e travava luctas e gritava e ria e suava e tripudiava nos jogos e brinquedos que são proprios daquella idade; mas, quando

o sol descia para o horisonte, ía assentar-me á sombra de uma grande nogueira, sósinho, a ouvir cahir num tanque uma pequena bica d'agua, e alli ficava muito tempo a scismar. Em que? Eu sei lá! Em nada provavelmente. Mas scismava e sentia levantar-se-me no coração um fumosinho de tranquilla melancholia, fumosinho que se condensava brevemente nos olhos em lagrymas, que não chegavam a rolar, mas que nelles bailavam. E alli se achava a noite, e buscavam-me e desfaziam-me o encanto; mas ficava-me cá a saudade... Domingos dos doze annos, em que o meu espirito infante se harmonisava com o hymno eterno da natureza, salve! A gloria litteraria, o amor da independencia, talvez, até, o orgulho de proceder honesto, todos os meus sonhos de ambição da-los-hia a troco de me sentir viver comvosco; comvosco, oh dias-sanctos; porque os outros, esses se não eram pallidos, como os de hoje, eram acres, dolorosos, inquietos. As paixões fervidas e insensatas da mocidade vinham chegando, e como que já sentia rugir a pouca distancia as tempestades que íam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida... Não tenho saudades dess'outros dias. Não tenho. Deixá-los ír. É pelos meus ricos dias-sanctos d'então que eu sempre hei-de chorar.

Ainda hoje ha um individuo que exerce singular predominio sobre mim, e ignora-o. É o sineiro da minha meio-rural, meio-urbana parochia. Na escala das reputações de sinos os da minha freguezia occupam logar modesto, e todavia, quando repicam antes da missa do dia, sinto passar em volta de mim uma como aura fugitiva dos dias-sanctos da meninice, e o sol illumina-se da luz daquelle tempo. O repique, por estes sitios, é ainda patriotico e tenaz: ainda não o perverteu a peste da civilisação. Nem as cantigas populares, nem as harmonias do theatro se atreveram a pôr pé sacrilego nos degráus do campanario. Abençoado sineiro, que me parece has-de morrer abraçado com as tradições do teu antecessor. Oxalá que, se eu te sobreviver, tenhas um herdeiro digno de ti! Mal sabes tu, quando, no teu ardor de artista, te penduras por essas cordas e as fazes vibrar, saltando de um a outro lado, banhando-te numa catadupa de sons estrugidores, que se despenham sobre ti, jorram pelas sineiras e vão ennovelados esmorecer por esses ares, mal sabes tu que, a certa distancia, no alto da montanha, alguem larga o livro, a penna, as idéas e fica abstracto e immovel a aspirar as harmonias que lhe mandas frouxas, sacrosanctas, ricas de sau-

dades da infancia! Mal sabes tu quantas cogitações profundas, quantas dores do espirito tens suspendido, com essas divinas toadas. Oh, que se me podesses restituir a capella e o velho arrabido e a sua missa e as suas historias e o murmurio que tinham outr'ora as pequenas bicas a correr nos pequenos tanques e a sombra que davam as nogueiras e a melancholia do solposto de ha vinte annos; se tal podesses!... Eu sei!? Cahindo, adorar-te-hia, fosses Deus ou Satanaz.

Ai, não pódes; não pódes! Isso tudo sumiu-se. Hoje sou cidadão, jurado, eleitor, homem de letras: podia ser commendador, conselheiro, governador civil, deputado, ministro, se navegassem por esse rumo as minhas ambições, e Deus me houvesse concedido o ser um nadinha mais parvo.

Vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangivel, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quizera ver-te jazer ante mim, para te pôr um pé sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces! Só isto me consolava das saudades dos dias-sanctos infantis e deste viver miseravelmente desbotado.

Leitor, que tens tu com isso, comigo, com o meu spleen? Prometti contar-te uma velha

historia. Boa ou má, queres ouvi-la, e não uma auto-biographia intima. Vou obedecer-te. Escusas de gritar mais: — «Ávante, narrador!»

Era, pois, o dia da procissão de Corpus.

As ruas por onde esta havia de passar estavam desde a vespera varridas e cubertas de junco e espadanas. Saíndo da cathedral e transpondo a Porta-do-ferro, aberta no muro antigo, do tempo de Affonso III, descia-se ao longo desse muro para o lado da praia pelas Fangas e, dobrando á direita, entrava-se na magnifica Rua-nova, tão celebre pelo seu commercio e pelo grandioso dos seus edificios. Na extremidade della, voltando em angulo recto á direita, prolongava-se outra rua, que, costeiando o monte de S. Francisco, vinha desembocar noutras, que se prolongavam com ella até um terreiro d'onde rompiam para o noroeste e norte os dous valles de Valverde e da Mouraria, cortados quasi de nascente a poente pela nova muralha d'elrei D. Fernando. O terreiro, que se poderia comparar ao eixo de um compasso aberto cujas pernas fossem os dous vales, chamava-se ainda Valverde, abrangendo o terreno da praça que depois se denominou o *Rocio*, quando esta palavra deixou de ser em Lisboa a designação absolutamente generica de quaesquer terrenos com-

muns ou logradouros dos concelhos. As ruas que ligavam este recinto com a extremidade occidental da Rua-nova, costeiando as alturas do Carmo e de S. Francisco, vieram a ser origem da celebre rua do Ouro. Na immediata á Rua-nova, dous annos depois da conjunctura em que sobrevieram os successos contidos nesta narrativa, começaram a ajunctar-se os artifices de metaes preciosos; porque foi então que o concelho ordenou o arruamento dos *mesteiraes,* cujos gremios constituiam os *mestéres.* Para o nascente da Rua-nova d'Elrei, nome com que esta parece foi designada, ao menos no seculo seguinte, e das outras que seguiam na mesma linha até Valverde, ficava uma inextricavel meada de ruas, travessas, viellas e becos, semelhantes ás que ainda hoje constituem o bairro da Alfama, e cuja planta fora difficil traçar depois que por cima desse labyrintho passou o suão mirrador do terremoto e o espirito perpendicular, amplo e rectangular do marquez de Pombal. Ao oriente deste macisso, que occupava o fundo do valle estendido entre a primitiva cidade mourisca e o monte dos Martyres, dilatava-se das raizes da Alcaçova até a Magdalena a rua de Sancta Justa, encostada mais ou menos ao exterior do lanço da muralha de Affonso III que cor-

ria da Porta-do-ferro para o norte. Era ao redor desse macisso que a procissão de Corpus, a grande solemnidade popular de Lisboa e de todas as cidades e villas notaveis do reino, se movia lentamente, colleiando semelhante a desconforme serpente que tentasse esmagar o arrabalde; porque, no desenvolvimento da sua complicada estructura, ainda tinha a cauda embebida na Rua-nova, quando já as fórmas singulares da fronte se adiantavam, como um sonho de pesadello ou uma scena de phantasmagoria, ao redor de Valverde, caminho da cathedral.

Para assistir a este maravilhoso espectaculo, a este drama liturgico, amontoavam-se desde o romper d'alva, não só os moradores de todos os bairros da cidade, mas tambem os das aldeias e villas que demoravam por algumas leguas em volta. Excepção da regra geral eram unicamente os judeus e mouros, cujos trajos especiaes os faziam distinguir da outra gente e lhes poderiam acarretar neste dia insultos, violencias e, até, risco de vida no meio da gentalha feroz, se ousassem aproximar-se daquelle extenso theatro, na conjunctura em que a devocão do povo subia naturalmente até o gráu de fanatismo pela ebriedade do enthusiasmo.

Nenhum sitio em todo o transito da procissão era tão adaptado para conter avultado concurso de espectadores como Valverde e a Ruanova. O primeiro, muito mais vasto que o actual Rocío, postoque irregular, só era limitado do sueste pela freguezia de Sancta Justa, da banda do norte pelo convento dos dominicanos, edificado no angulo do delta que resultava da conjuncção da Mouraria e Valverde, e da banda do occidente pelo bairro da Pedreira. No cimo do cerro que campeiava sobre o valle via-se, já meio demolido, para se edificar o convento do Carmo, o palacio da nobre familia dos almirantes Peçanhas, cujo ultimo representante fora victima da colera popular na revolução de 1384. O bairro da Pedreira ou do Almirante, coutado por pertencer aos chefes daquella celebre linhagem, era um objecto de terror e de odio para o concelho de Lisboa, por ser um covil de malfeitores, onde as justiças municipaes não podiam penetrar. Na verdade, D. Fernando descoutara esse bairro; mas D. João I, indulgente sempre com os crimes politicos, ainda daquellas familias que menos affeiçoadas lhe ficaram sendo, restituira á dos Peçanhas os antigos privilegios. Além da vastidão da praça de Valverde, patente a todos, a encosta ingreme da Pedreira offerecia

aos seus moradores uma especie de amphitheatro para gosarem mais ou menos distinctamente as scenas transitorias da procissão sem saírem de casa.

Se as dimensões da Rua-nova não eram, absolutamente falando, tão amplas como as da praça, podia-se dizer que essa rua era um theatro mais apropriado á mobilidade do espectaculo. Com outra nenhuma soffria comparação na largura, porque tinha mais de trinta palmos, largura fabulosa numa cidade onde se diriam nobres e anchas as que tivessem mais de oito ou dez. Assim, a multidão podia dilatar-se alli em duas alas singelas, mas sempre vizinhas das variadas representações, que não tardariam a passar enfileiradas umas após outras. A'quelle arrazoado espaço se ajunctava a serie de soportaes ou atrios, onde o povo, trepando ás bases dos pilares que formavam as arcarias lateraes, abraçando-se com elles, descendo e tornando a subir, se assemelhava a uma nuvem de formigas, ora acima, ora abaixo, nos troncos de um pessegueiro, e fervendo nos seus renovos. Por estas vantagens que a Rua-nova offerecia, era nella que se apinhava a força do concurso da procissão.

Em todos os gnomons de Lisboa a sombra

angular da agulha de ferro passava já o ponto do meio-dia, e ainda o movel drama não rompia da profunda portada da cathedral. Alguns vereadores e os mestéres e officiaes da camara a quem não tocara acompanhar o prestito, encostados aos balcões do paço municipal, situado á direita do terreiro da sé, *no ar* ou, como hoje diriamos, no andar superior da igreja de Sancto Antonio, sancto famoso, que, segundo a tradição, nascera no pavimento terreo da casa do concelho, pareciam disputar vivamente com dous personagens, cidadãos pelo trajo, um roliço, baixo, rosado, jovial, outro alto, cadaverico, rachitico, grave e melancholico. Eram os procuradores de Lisboa nas ultimas cortes, onde os tempestuosos debates entre a nobreza e os populares tinham cessado, havia apenas tres ou quatro dias, com as respostas definitivas d'elrei aos capitulos geraes e especiaes dos concelhos e aos que por sua parte a fidalguia apresentara.

Se os magistrados, mestéres e officiaes do concelho disputavam com os seus procuradores, não era por quaesquer bagatellas, mas por causa de materias solidas e macissas como o figurão baixo e roliço, graves e melancholicas como o esguio e cadaverico, os quaes, um ao pé do outro, podiam ter inspi-

rado a invenção do ponto e virgula. Tractava-se do resultado das ultimas cortes.

«Mestre Antão, — dizia colerico o ponto a um esparteiro, rolho e pequeno como elle, eleito almotacé nesse anno — falaes d'outiva. Isso é falar de povo. Peitas de fidalgos! Pois não se descoutaram os termos de todos os concelhos? Não ficam os alcaides obrigados ás guardas, roldas e sobreroldas dos castellos, e...»

«E quem o nega, Peraffonso Sardinha? — interrompeu mestre Antão. — Os capitulos geraes provaram-se bem contra os fidalgos, e bem os despachou elrei; mas os que deviam apresentar-se? E os especiaes? Os de Lisboa, por exemplo? Nem palavra sobre estas compras e vendas miudas dos mercantes forasteiros, sobre que se havia requerido já a sua mercê.»

«Então — acudiu a virgula com voz cavernosa e cansada — accusaes-nos a nós proprios de...»

«De nada, Lourenço Martins, de nada. O povo é que fala e se queixa...»

«Deixá-lo falar e queixar — proseguiu Lourenço Martins. — Tinham-nos promettido fazer arruído e assuada em S. Domingos, e quando viram alevantarem-se os cavalleiros e injuria-

rem e ameaçarem os procuradores dos concelhos de Portugal, não houve uma voz popular que bradasse lá do corpo da igreja e cubrisse o vozeirão do prior do Hospital ou que nos animasse contra a sanha bruta do das Galés, que escumava e parecia um diabo incarnado, e o povo, moita! Estavam lá enfiados de medo, e agora alevantam-se contra nós, porque deixamos algumas cousas para mais tarde, conforme o conselho do chanceller...»

«Ahi é que me aperta o sapato — disse do lado, em tom de oraculo, mestre Esteveannes, sapateiro o mais rico de Lisboa, e portanto membro da aristocracia burguesa, homem de ordem, circumspecto, e que não se deixava arrastar pelas paixões populares. — Para que havemos de andar d'aqui para acolá? Quem governa governa. Deixae vós lá o chanceller, que elle bem sabe o que faz e é um grande homem e amigo do povo e ha-de dar cabo destas tyrannias e oppressões dos fidalgos. Tendes razão, senhor Lourenço Martins: tendes razão! Deixem gritar a arraya miuda. Quem lhe deu direito de andar a grunhir por essas praças e bodegas que as cousas vão mal; que se não fez isto, que se não resolveu aquillo? Se nós os cidadãos estamos conten-

tes, que têem com a governança e regimento da republica esses ganhapães que mantemos em nossas officinas e que só devem cuidar em merecer o salario que lhe damos? Não fazem favor de me explicar ahi aos regatões do Pelourinho, aos atafoneiros das Fangas ou aos carniceiros do Matadouro, porque se tiram ou põem os regimentos, as leias e as posturas? Não sei o que diga, mestre Antão, quando vos ouço falar como a relé mais pifia. Não sei o que diga, nem o que pense de vós.»

O auctorisado voto do sapateiro ricaço terminou a questão. Mestre Esteveannes era uma parcella rudimental dessa classe media que se ía organisando no meio das transformações sociaes da idade-media, classe cujos caractéres appareciam já no modo de pensar do honrado mester — a má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna pôs acima della e um orgulho tyrannico para com as camadas inferiores do povo, d'entre as quaes foi surgindo; — classe egoista e oppressora como a que substituiu em influencia e riqueza, e peior do que ella na hypocrisia, tendo na boca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o desprezo do pobre e humilde, a cubiça insaciavel, a vaidade e a corrupção; classe, emfim, ácerca da qual a historia terá no porvir de

lavrar uma sentença ainda mais severa do que ess'outra que já pésa sobre a memoria dos ferozes e dissolutos barões e cavalleiros dos seculos de barbaria.

Se, porém, quanto ás doutrinas, a linguagem do mester não era excessivamente orthodoxa, era, quanto aos factos, de extrema exacção.

No meio das paixões que agitavam os espiritos nos meiados de 1380 estava, como a aranha no centro da sua teia, o sancto-homem de João das Regras, que empregava a lucta de interesses oppostos em realisar os seus planos. Para converter em proveito da coroa aquella especie de febre excitada pelas assembléas politicas da nação, era preciso que os concelhos nunca obtivessem uma victoria absoluta e que do complexo dos actos que íam ferir as classes privilegiadas resultasse o conservar-se viva e ardente a mutua malevolencia de burgueses e nobres, mas apparecendo sempre como arbitro e moderador entre uns e outros o poder do sceptro. Durante os dias que medeiaram desde as scenas descriptas no capitulo antecedente até a reunião solemne do parlamento em S. Domingos, o velho doutor de Pisa desenvolvera todos os recursos da sua destreza e actividade. Conhe-

cedor das mais secretas intrigas dos fidalgos pela delação do abbade de Alcobaça, João das Regras semeiara habilmente rivalidades entre uns, suspeitas entre outros, lisongeiara o orgulho dos audazes, aterrara os timidos, não poupara mercês para os mais ambiciosos, e ao mesmo tempo aproveitara o menor dicto, o menor gesto, que podia ter uma interpretação odiosa para irritar o animo d'elrei, que repugnava a ceder ás violentas pretensões do povo contra a nobreza, pretensões que íam ferir muitos dos seus antigos companheiros de gloria. Por outra parte, refreiando as idéas immoderadas dos procuradores, persuadia-lhes que só avançando lentamente os concelhos alcançariam, emfim, libertar-se das oppressões dos poderosos. O Condestavel, que era o adversario mais de receiar, e alguns barões demasiado turbulentos foram retidos nas provincias com diversos pretextos, que a proxima renovação da guerra proporcionava. Finalmente, as duzentas mil livras de micer Percival, applicadas ao pagamento de soldos e quantias, acalmaram até certo ponto a indignação do commum dos cavalleiros. Os esforços do velho ministro foram coroados de feliz resultado, e a tempestade que se preparava limitou-se a um vão ruído na assembléa de

S. Domingos, ás inuteis declamações e invectivas do prior do Hospital, de João Rodrigues de Sá, do conde de Seia, e de alguns outros, cuja violencia de caracter não fora possivel dobrar ou cuja previsão do futuro não era facil illudir, e que ainda tentavam salvar, postoque sem muita esperança, o edificio já vacillante da aristocracia.

A linguagem de João das Regras para com o seu illustre amigo o prelado de Alcobaça não fora sincera quanto a Fernando Affonso. Postoque cordialmente detestasse este por se haver unido ao bando dos fidalgos, e ainda mais pelo ciume vidrento de valído, ciume inexoravel ou, antes, malevolencia corrosiva e immorredoura, o parentesco de um dos mais importantes conselheiros da coroa e a protecção do arcebispo de Braga eram considerações que militavam a favor do moço escudeiro. Via, por outra parte, o perigo de faltar ás promessas feitas, talvez imprudentemente, ao chefe dos monges brancos. Actuado por sentimentos oppostos, reflectira que, ganhando tempo, poderia aproveitar quaesquer occorrencias para facilitar a vingança de D. João d'Ornellas sem compromettimento proprio, e evitara a difficuldade inculcando a sua hesitação como um calculo de prudencia. Mas, se

nisto o chanceller fizera uma reserva mental, não dissimulara a verdade na importante nova que por intervenção do abbade enviara aos impacientes procuradores. De feito, a final annuencia d'elrei a que elle redigisse as respostas aos capitulos e removesse as resistencias da nobreza como lhe aprouvesse era uma verdadeira victoria.

O triumpho, todavia, do omnipotente valído não fora só resultado da sua astucia. A lucta da nobreza para defender a propria existencia como corpo politico, lucta de que tivemos de apresentar algumas scenas aos olhos do leitor, para lhe pintar a vida intima de uma epocha só geralmente conhecida no seu aspecto guerreiro e na sua vida exterior, offerece, durante um longo decurso de annos, o espectaculo de continuos desbaratos dessa casta, que, pelas riquezas, pelo numero, pelo valor e pelas memorias do passado, parecia dever assombrar perpetuamente o throno e conservar as classes inferiores na servidão. Este phenomeno, que terminou pela ruina completa da fidalguia no reinado de D. João II, singular ao primeiro aspecto, tem explicação facil. Era uma necessidade para o progresso da civilisação; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor

o combate, defini-lo mais claramente e apressar o seu desfecho. Noutra qualquer epocha, o discipulo de Bartholo não se distinguiria, talvez, na serie dos ministros e privados que, pelo menos desde o reinado de D. Diniz, combateram a quasi independencia dos orgulhosos barões do reino e que por isso favoreceram a emancipação do povo. Eram, em grande parte, as circumstancias que punham agora em relevo o genio indubitavelmente superior do chanceller e que lhe deram na historia um alto logar entre os estadistas eminentes. Bem que pareça escusado dilatarmo-nos sobre tal assumpto, não cremos que o leitor desapprove o darmos-lhe em breves palavras uma idéa dessas circumstancias, que, aliás, têem relação com o remate e, ainda mais estreitamente, com o titulo deste livro.

Postoque aos nobres não faltassem chefes habeis, nem ousadia para sustentar os seus privilegios, nem, finalmente, esse instincto de vida que se dá nos corpos collectivos do mesmo modo que nos individuos, existiam dous factos que lhes invalidavam os meios de resistencia contra os seus terriveis adversarios, os concelhos e os juristas. Esses dous factos eram, por um lado a falta de uma opinião precisa e uniforme entre elles ácerca da ques-

tão de dynastia e de independencia nacional, e por outro a persuasão commum, estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só poderiam preponderar pelo triumpho completo do poder do rei contra as classes privilegiadas. Esta persuasão geral dera, digamos assim, uma força irresistivel á monarchia, que era, emfim, chamada a exercer uma influencia quasi exclusiva no desenvolvimento da civilisação do paiz. O papel de uma grande parte das mais nobres familias na grave questão d'independencia que a morte de D. Fernando suscitara não fora por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lealdade; e os calculos interesseiros, as ligações de linhagem tinham tomado o passo, entre essas familias, a todas as outras considerações. Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castella, porque a fortuna parecia dever-se inclinar para aquelle lado; muitos esperaram o desfecho da contenda, conservando-se numa situação dubia; muitos, emfim, ainda depois das victorias do mestre d'Aviz, ao primeiro capricho não satisfeito, á primeira pretensão desprezada, não hesitavam em desertar dos estandartes sacrosanctos da patria para virem combater contra ella á sombra dos pendões estrangeiros, e em voltarem depois, por des-

gostos com o principe castelhano, ao serviço do rei natural, que haviam abandonado. Ao lado destes homens sem pudor e sem fé apparecem na historia os animos nobres e grandiosos, que, pela devoção e lealdade ao chefe da nova dynastia e á liberdade nacional, contrastam profundamente com ess'outros caractéres repugnantes e torpes. A consequencia deste proceder contradictorio, desta fluctuação de opiniões era o enfraquecimento da força moral e, ainda, material da casta privilegiada. Por outra parte, a revolução que collocara no throno o filho bastardo de Pedro I fora essencialmente popular, e os homens dos concelhos, que, sitiando os orgulhosos alcaides dos castellos, acommettendo os solares senhoriaes, oppondo a partazana e o machado peão á lança e á espada do cavalleiro, tinham reduzido castellos, enlameiado com os pés ludrosos aposentos de paços, varrido as lanças e montantes com as chuças e almarcovas, haviam ganhado a força que resulta sempre da unidade de pensamento, do enthusiasmo ardente e da confiança gerada pelo habito do triumpho. A alliança do rei com os concelhos era antiga: começara no berço da monarchia. O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era esse o meio de se li-

bertar das tyrannias locaes: o rei interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independencia da aristocracia e fazê-la cahir despedaçada em volta do seu throno. A revolução de 1384 tornava mais intima esta alliança, ao passo que dividia os adversarios e, além disso, os enfraquecia escrevendo na frente de muitos o ferrete de desleaes.

Para acabar de destruir a preponderancia e até o equilibrio dos elementos politicos a penna do jurista, mais pesada que o montante do soldado, porque representava a intelligencia, achava-se na balança do lado do sceptro. Educados na admiração da sociedade romana na epocha do imperio, deslumbrados pela indubitavel superioridade das suas instituições civis sobre as rudes e incompletas usanças tradicionaes da idade-media, os *letrados* acolhiam com o mesmo culto supersticioso as maximas da politica despotica dos cesares. A sciencia do direito romano, á qual a sociedade civil moderna deve muito, deve talvez tudo, foi quem, para desconto, trouxe o absolutismo ás nações cuja indole politica era de origem germanica e liberal. No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida commum,

passou aninhada a tyrannia simples e culta, a tyrannia de um só substituta da de muitos, a tyrannia respeitadora do *meu e do teu,* vingadora dos crimes, grandiosa, illustrada, mas implacavel contra aquelle que dissesse «*o pensamento e a lingua do homem são livres*», e que se atrevesse a suspeitar que a realeza fosse uma delegação humana e não um symbolo da omnipotencia de Deus.

Deste modo, a alliança triplice da unidade monarchica, da sciencia e do principio de associação, cuja fórma mais bella, mais energica, mais vivaz tem sido e será sempre o municipio, era uma coalisão que se tornava em toda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada, mas que em Portugal actuava com dobrada violencia na epocha de D. João I pelas circumstancias a que já alludimos. É por isso que, apesar de tantos caractéres elevados e de tantos homens valentes e cheios de amor da patria que então surgiram das fileiras aristocraticas; apesar da indole cavalleirosa do principe, das riquezas da fidalguia e das instituições e costumes, que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens e infanções, deviam dar immensa força moral e material aos seus descendentes, a decadencia da nobreza como elemento politico era ra-

pida e decisiva, e será perceptivel para qualquer que leia a historia dos fins da idade-media. A idéa contraria a ella era a idéa progressiva. O cyclo da monarchia absoluta mandava já do oriente os seus primeiros clarões. A Providencia assim o ordenara, e o combater e o estrebuxar do privilegio, que queria viver de vida propria, eram vãos, porque não podiam chegar a uma causa final e faltava-lhes apenas um seculo para se tornarem impossiveis.

João das Regras era o nó da triplice alliança; era o homem da idéa juvenil. Nunalvares, chefe da nobreza, o homem da idéa gasta e decadente. O legista, alma rasteira, prosaica, astuta, positiva e talvez negra, levava de vencida o mais illustre homem d'armas de Portugal, alma grande, generosa, leal e poetica. Transportada a questão do complexo social para o individuo, a verdade é que o máu triumphava do bom, a velhacaria da franqueza. Quantos tolos contemporaneos perguntariam na sinceridade da sua parvoice:

«Onde está a justiça e a providencia de Deus?»

Deixava brigar dous animalculos, o condestavel e o chanceller de Portugal, e dirigia o desenvolvimento da civilisação humana, por

leis eternas e não pelas reflexões semsaboronas de meia duzia de mentecaptos, a que tómo a liberdade de dar este nome, porque já morreram ha quatrocentos annos.

Hoje creio que se chamam philosophos os que se mettem a perscrutar os segredos de cima no governo do mundo e têem lastima de Deus, porque não os consulta sobre os designios da sua eterna sabedoria, ou riem-se do povo, que espera e confia... Pois sejam philosophos!

Nunca na minha vida disputei sobre synonymos.

Mas a procissão começa, emfim, a transpôr o escuro portal da sé; os mestéres e magistrados municipaes calaram-se repotreiando-se nos balcões dos paços do concelho forrados de excellentes tecidos de Arrás. O povo, apinhado desde a cathedral, pelas Fangas da Padaria abaixo e ao longo da Rua-nova, agita-se, remoinha e vai-se enfileirando aos lados entre as paredes e as duas linhas de postes de madeira precursores dos frades de pedra que ainda em nosso tempo bordavam os passeios dos arruamentos. É que os trezentos bésteiros de conto da cidade romperam em batedores para franqueiarem o passo ás pompas variadas, ao mesmo tempo religiosas e lúdicras,

que constituem a festividade, nacional por excellencia, do corpo de Deus.

A primeira scena do espectaculo que enlevava as attenções de tantos milhares de olhos representavam-na os almuinheiros ou hortelões de Valverde, de Alvalade (hoje Campo grande), e de outros sitios ao redor de Lisboa. Doze delles conduziam sobre os hombros uma arrazoada machina de páus e bragaes pintados, que representava uma almuinha com os seus alfobres, canteiros, nora, canaviaes e hortaliça. Após elles, com insignias figurativas dos diversos mistéres que exercitavam, os vendilhões de pregão, os ganhapães e albardeiros e depois os almocreves e atafoneiros occupavam um comprido tracto da procissão. Seguiam-se os carniceiros em numero de vinte e dous, rodeiando dous graves mascaras, que representavam um imperador e um rei, cujos ademanes de gravidade e altiveza ridicula e acanhada revelavam bem que eram rei e imperador de um dia. Igual numero de tecelões se mettiam de permeio entre aquelles simulachros de realeza e os pelliteiros, cuja insignia era um gato montez, chamado o *gato paúl*. Em seguida dous diabos faziam momices e tregeitos no meio de vinte oleiros, fabricantes de telha e vidreiros, cujo logar no prestito aquelle era. Os

merceeiros, vendedores de especiarias e boticarios conduziam, logo atraz dos vidreiros, um descommunal gigante, que contrastava com um pequeno anjo, que parecia dirigi-lo. Aquella especie de Goliath excedia em altura quatro torres de madeira, duas das quaes pertenciam aos correeiros, e duas aos cortadores. A immediata representação, ordenada pelos sapateiros, mostrava mais arte e despertava, talvez mais que todas as outras, a attenção dos espectadores. Vinha a ser o dragão infernal, sarapintado de vivas cores, que vigiava dous diabos, os quaes procuravam induzir dous frades noviços a voltarem aos deleites do mundo, ao que elles mostravam resistir heroicamente, postoque, como de reserva aos dous infernaes prégadores, os tosadores acompanhassem dous diabretes espertos, promptos a soccorrer os seus discretos collegas. Se, porém, como auctores dramaticos os sapateiros levavam immensa vantagem aos mesteiraes dos officios immediatos no prestito, nem por isso vinte e quatro alfaiates deixavam de pavoneiar-se após elles ao redor da serpe tentadora da nossa mãe Eva, a que fazia sombra uma torre, solidissima na apparencia. Mas se, pela excellente pintura da sua charola, os alfaiates tinham justos motivos de orgulho, mais

justa era a vaidade com que os carpinteiros da Ribeira e os calafates, em numero de trinta e oito, arrastavam uma náu e uma galé, armadas e empavesadas de muitas cores, cujos mastros quasi que se elevavam á altura dos edificios, e cujas vergas quasi topavam com os balcões e frestas da Padaria e passavam a custo pela Porta-do-ferro. Os pulverulentos pergaminhos conservaram-nos a memoria da *representação da dama* em que figuravam tambem dous diabos, e que estava a cargo dos esparteiros. Em que consistia esta *representação* ignoramo-lo hoje; mas, se a avaliarmos pelo que sabemos da antiga procissão de Corpus em diversas partes do reino, podemos conjecturar que não sería demasiado edificativa. De todos os outros mestéres, cujos membros, em maior ou menor numero, ajudavam a tecer aquella enfiada de scenas ridiculas ou brutescas, distinguiam-se, pela singularidade das invenções que ostentavam, primeiramente os pedreiros e carpinteiros pelo seu *engenho* ou machina de guerra, servida por dous feios demonios, e os armeiros pelo seu *sagittario,* symbolo do soldado peão, e no meio destas duas corporações os tanoeiros por uma torre grandemente historiada e semelhante á dos correeiros e cortadores. Os moedeiros, corre-

tores, tabelliães e mercadores, como mestéres mais nobres, fechavam aquelle extenso sequito. Danças d'espadas, danças mouriscas, danças de péllas ou mulheres sustentadas sobre os hombros de outras, bailando e volteiando conjunctamente; tudo, emfim, quanto se possa imaginar de caricatura, de burlesco, de doudejante servia de moldura a este quadro singular, em cujo topo figuravam alguns magistrados municipaes, e sobre o qual fluctuavam dezenas de pendões, bandeiras e guiões variegados. Como contraste a estas visualidades heteroclitas, a esta especie de sonho de pesadello, seguiam-se as communidades monasticas, mancha escura no dorso daquella immensa cobra que se estirava pelas ruas de Lisboa: frades negros, frades brancos e pretos, frades crises, frades pardos, frades de todas as cores tristes; agostinhos, bentos, bernardos, dominicos, franciscanos, beguinos. Depois, um sem numero de cavalleiros de Christo, do Hospital, d'Aviz, de Sanctiago, precedidos dos respectivos mestres e commendadores e seguidos dos freires leigos e serventes d'armas. Depois, os magistrados da corte, os officiaes da coroa e o proprio monarcha rodeiavam a hostia triumphante nas mãos do bispo de Lisboa e sustentavam as varas de riquissimo pallio. O es-

plendido dos trajos cortezãos, as telas custosas das vestes sacerdotaes, as renques de tochas accesas que faziam scintillar as lhamas e brocados, os arrazes, que, forrando as paredes das ruas, serviam de decoração á scena, os tangêres e folias, que se entresachavam com os diversos grupos, o sussurro do povo, semelhante ao rugido longinquo do mar, o perfume do incenso, que se espalhava em rolos de fumo transparente, a fragancia das murtas e rosmaninhos, de que o chão estava juncado, produziam um composto de sensações capazes ainda hoje de excitar o enthusiasmo phrenetico das multidões, quanto mais numa epocha em que as crenças, tão ardentes como grosseiras e sinceras, sanctificavam as scenas mais burlescas e, até, mais indecentes, associando-as ao culto e fazendo dellas, como diria Sterne, parte instrumental da religião.

No momento em que os quinze ou vinte aprendizes de sovêla e tira-pé, encapellados até os quadris dentro do bojo do drago, especie classificavel entre os sonhos zoologicos de Aldrovando e cujas trinta ou quarenta pernas eram as da rapaziada embebida naquelle cavallo de Troia dos sapateiros; no momento, dizemos, em que esses comparsas imberbes forcejavam por fazer dobrar a desconforme

aventesma da Padaria para Rua-nova, uma grande falada, que soava da banda do terreiro da sé, começou a distrahir a attenção dos espectadores mais proximos daquelle sitio. Era contenda ou arruído popular que se travara? Que o leitor cortez nos acompanhe, e averiguaremos a causa e substancia desse tumulto no seguinte capitulo.

XVIII

A TABOLETA DO SAPO AMARELLO

> ... bevem ante hora e depois hora, em tal maneyra que lhes faz mal ás almas e aos corpos.
>
> FR. BERN. D'ALCOBAÇA — *Explicações.*

«Olé, Ruy!»

«Ouves? Olé!»

«Psio! Ruy Casco, diabo!»

«Estás mouco, maldicto?»

«Fuso!»

«Oh! excommungado!»

Eram os dous armeiros d'elrei, João Pires e o flamengo mestre Alberte, que, encarapitados no alpendre do soportal de uma nobre casa no topo da Rua-nova e fazendo com as pernas uma especie de pendulas, cantavam este dueto, acenando para o grupo dos almuinheiros, que alli acabavam de chegar e que haviam parado com a sua viçosa almuinha de pasta,

porque detraz lhe bradavam: «alto! alto!» Um mastro da galé symbolica dos calafates tinha estalado e pendido logo ao saír da sé, e a procissão não podia proseguir sem se remedeiar aquelle fracasso. Fora isto que produzira a matinada e revolta que soava do lado da cathedral.

Ruy Casco, o nosso antigo conhecido, ía casmurro e triste no meio da festa. Perdera Zilla, a qual havia desapparecido de Restello, porque a bolsa de Ruy entisicara, e a festa da Maia e as dez alnas de ypre tinham sido para ella o romper dos abcessos, o golpe mortal. Ruy andava impando, e por isso fizera orelhas de mercador; mas a palavra «excommungado» proferida, aliás, com a maior innocencia do mundo, fê-lo espirrar. Sabía bem que lh'o chamavam pelas costas, segundo o que se rugira ácerca delle e da moura Zilla, e não tinha graça nenhuma affrontarem-no com balda certa em auto de tanta devoção. Alevantou a cabeça, volveu para os dous joviaes companheiros um olhar zangado, e por unica resposta voltou-lhes as costas, curvando-se, como quem queria concertar algum desarranjo na almuinha.

Mestre Alberte e João Pires não eram homens que arreiassem.

«Anda cá, bruto. A cortezia é de quem a dá e não de quem a recebe. Escondes o focinho? Olha o salvage!

«Fóra, bebados!»—gritou Ruy Casco, sem olhar para elles.

«Uh, uh, uh!» —uivaram os dous e soltaram uma grande risada.

O hortelão revirou meio corpo, lançou-lhes um olhar de revés e estendeu para elles a mão em signal de ameaça.

«Ai, que o sandeu desconfia! — disse mestre Alberte, fincando as mãos na beira do alpendre, alçando o corpo com um solavanco sobre os braços hirtos, largando-se a prumo e fazendo no chão, pan — Vem d'ahi, João.»

João Pires imitou a evolução do seu camarada. Num relance achou-se ao pé delle, e ambos junctos aproximaram-se do hortelão.

«Para os sotãos da Alcaçova! Ha-de ir á picota, posto na gaiola á vergonha, como carniceiro que furta no peso» —disseram os dous armeiros, rindo e agarrando Ruy cada qual por seu braço.

O almuinheiro deu um empuxão e soltou-se das mãos dos agarrantes.

«Querem vocês ír para o meio do inferno? Raios me partam, se não quebro a cara a um!»

Esta pergunta e esta jura eram feitas já num

tom duvidoso entre a colera e o receio de que palavras tirassem palavras. A estructura athletica dos dous armeiros não tornava muito provavel a realisação da ameaça de Ruy Casco.

«Fazes-te parvo, homem? — disse João Pires. — Brinquem lá com um diabo destes...»

«Pois elle! — retrucou o almuinheiro. — Muito riso pouco siso. Vejam que graça! Vai um homem num auto serio, e, guar-te debaixo, entram a descompô-lo disto e daquillo, e hade...»

«Ai, o mangericão! — interrompeu mestre Alberte. — Forte pátéta! Chamavamos-te, porque vimos que a procissão parava, e ouvimos bradar, lá da banda dos Açougues velhos, que a náu ou galé se desmastreiou.»

«E que tenho eu com isso? Concertem-na, se podem.»

«Forte novidade! Mas o caso é que nem numa hora estará a cousa a caminho. Vimos-te um ar tão devoto, que nos tentou o démo a convidar-te para fazermos neste entrementes certas resas a S. Martinho na ermida de Nathanael Sapo...»

«Eu sei lá! — atalhou o hortelão com a cara meio riso, meio colera. — Podem temperar-se mais depressa as gaitas, e eu não quero que me achem menos. A multa é pesada, e a mi-

nha algibeira anda fria, que a tronchuda não deu nada este anno. Depois, vinho judengo em dia de S. Corpus não será peccado?

«Qual multa, nem qual carapuça! — exclamou mestre Alberte, agarrando de novo o braço de Ruy Casco e arrastando-o após si com doce violencia. — Anda d'ahi. Olha que é daquelle tincto que tu sabes.»

Ruy Casco sentiu a estas palavras abandoná-lo toda a força de resistencia. Era um entorpecimento delicioso, que relaxando-lhe os musculos, o punha á mercê dos dous joviaes armeiros.

«Deixem-me, deixem-me!» — murmurava o pudibundo hortelão, e era elle que, com o corpo mollemente curvado, o braço estendido, e o punho apertado entre as ossudas mãos de mestre Alberte, se deixava arrastar, emquanto João Pires o empurrava de outro lado, rindo com aquelle rir da plebe, escancarado e alvar.

Assim, vacilla aqui, corre acolá, empurra alli, os tres devotos foram rompendo por entre o povo, enfiaram pela tenebrosa rua de Gileanes e deram comsigo na bodega de Nathanael Sapo.

Era a bodega mais triste, mais escura, mais lodacenta de Lisboa; mas em compensação, Nathanael vendia o vinho que os frades de

S. Vicente colhiam nas suas famosas vinhas do Lumiar, Carnide, Palma, Charneca e Leceia (aquelle que não era destinado a amparar suas reverencias na aspera estrada da mortificação); vinho espirituoso, intellectual, e cuja origem religiosa lhe dava um certo perfume de sanctidade. O judeu da rua de Gileanes arrematava-o por juncto, fazia monopolio da venda delle, e tinha assim obtido uma reputação colossal para a sua taboleta, onde, apesar do gasto das cores, ainda se divisavam, desenhadas com tincta preta e amarella, as fórmas bojudas e repugnantes de um magnifico sapo.

«Mossem Nathanael, — gritou da porta João Pires — tres concas e um pichel de canada, bem sabeis de qual; do de tres soldos. Num pulo, que trazemos sede e pouco vagar.

«Prompto!» — respondeu o personagem a quem o armeiro se dirigia.

Era uma figura exotica. Cinco palmos de altura, grossura quasi impalpavel. O queixo inferior, ornado de uma barba ponteaguda, e o nariz adunco, vistos de perfil, assemelhavam-se a dous pontaes de enseada, em cujo reconcavo a boca desdentada e reintrante mostrava apenas a beta vermelha, quasi imperceptivel, dos sumidos labios. Dois olhos pretos encantoados debaixo das sobrancelhas espes-

sas e cerdosas, um hombro mais derreiado que outro e o dorso curvado pelo habito da humilhação completavam aquelle typo da raça abastardada d'Israel, typo ao qual só por antiphrase poderia caber a enchouriçada alcunha de Sapo. Não obstante, porém, essa apparencia debil e tenue, Nathanael, sósinho na sua bodega como a aranha na sua teia, servia os numerosos freguezes do Sapo-amarello com pasmosa actividade.

Apesar de ser o dia de Corpus, quando os tres mesteiraes entraram, a ermida da rua de Gileanes estava longe de se achar erma. As tabernas de vinho judengo eram naquella epocha o que foi depois a Hollanda, e o que é hoje Roma, a patria commum das diversas religiões. Alli não havia christãos nem judeus: havia adoradores de Baccho ou do seu successor S. Martinho. Não se disputavam materias theologicas; viravam-se concas e malgas, esgotavam-se picheis e cangirões, enxugavam-se pipas e toneis; alli todos eram irmãos; porque, como os viandantes na tenda do arabe erradio, todos tinham bebido nas mesmas taças. Fora sobretudo na bodega de Nathanael que a singeleza, a tolerancia e a alegria, para desmentirem as bucolicas descripções dos poetas, haviam estabelecido o seu throno so-

bre aquellas renques de cubas, no meio daquelle ambiente grosso e turvo, debaixo daquelle tecto affumado. Emfim, uma sede de ganho verdadeiramente judaica, na falta de vocação espontanea, fizera de Nathanael o mais fervente sacerdote das tres divindades. Para elle o infiel nazareno era tão bem vindo como o escolhido mais escolhido do sangue real de Judá. O beber bem e o pagar melhor eram as condições unicas para admissão no sanctuario.

No dia, porém, de Corpus de 1389 succedia o mesmo que sempre succedera neste dia, desde que a reputação do Sapo-amarello se diffundira pelo orbe. A crença de Moysés fazia o principal papel na rua de Gileanes, e os raros christãos que abandonavam o espectaculo da procissão para virem sacrificar naquellas aras davam uma prova estrondosa da sua fé robusta na religião da cuba. Quando, portanto, mossem Nathanael viu entrar os dous farçolas mesteiraes e o almuinheiro, custou-lhe a suster uma lagryma de terna compuncção, e num arrebatamento de enthusiasmo espichou uma pipa ainda atestada, encheu um cangirão de canada e meía e pô-lo, rodeiado de tres malgas novas de barro vermelho, diante dos freguezes recemvindos, assentados já a este tem-

po num poial de pedra que corria ao redor do aposento.

Era preciso um enthusiasmo monstruoso para Nathanael assim se enganar contra si em meia canada e na qualidade do vinho, que no tampo da pipa espichada de novo, estava cotado a quatro soldos, com a lenda gloriosa — *Charneca — Tincto.*

«O perro do judeu — disse mestre Alberte, enchendo as malgas — parece que se confessou ao rabbi. É uma restituição que nos quer fazer pela maldicta zurrapa com que mais de uma vez nos tem envenenado.

«Veremos depois as contas» — interrompeu João Pires.

«Veremos».

E em respeitoso silencio começaram a deglutir aos sorvos o balsamico nectar das vinhas canonico-regulares da abençoada Charneca.

Passara um momento desde que os tres se haviam assentado, quando, por cima do ruído das falas gutturaes e do estrupido que faziam os descendentes de Abrahão, entrando e saíndo da bodega do Sapo-amarello, vibraram duas vozes que não pareceram estranhas a Ruy Casco; uma tremula mas argentina, outra grossa mas baixa. A voz tremula dizia:

«Se eu não posso dar passo! Entra, entra, não sejas tolo. O caciz Zein-el-Din não te vê agora...»

«Vê-me o propheta» — interrompeu a voz grossa.

«Bom proveito lhe faça: mas é muito ver! E que tem isso? Tracta-se agora de comes e bebes? Não... Vinho é cousa que me não entra cá. O que quero é descansar um poucochinho e acabar de te dizer o meu caso. Vens ou não vens?»

E a tia Domingas (porque os dous interlocutores eram a tia Domingas e o mouro Alle) entrou sem ceremonia e foi assentar-se, debaixo de uma candeia que dava luz frouxa, no angulo opposto áquelle em que estavam os dous armeiros e Ruy, o qual ella não podia reconhecer á duvidosa claridade da bodega. Depois de um instante de hesitação, Alle seguiu resolutamente a sua antiga conhecida, arrastado pelo desejo de saber o resto dos successos occorridos desde que entregara Beatriz a melhor protector, successos que na maior parte a boa da velha lhe viera relatando desde a Corredoura, onde casualmente se haviam encontrado, até a rua de Gileanes, onde a tia Domingas se não esquecera do Sapo-amarello, nem de buscar um pretexto para

respirar alguns instantes a fragrancia das cubas, que tinham tornado celebre a quasi apagada taboleta.

«Vós por aqui, tia Domingas, e hoje!» — exclamou o judeu admirado.

«Pfhhh! — assoprou a beata de Restello, deitando para traz o coromen e repetindo o assopro: — Pfhhh!»

«Coitada! Muita calma? Heim?»

«É de frigir ovos! T'arrenego! Pfhhh!»

«Descanse, tia Domingas, descanse — acudiu o taberneiro — emquanto eu lhe vou buscar...»

«Buscar o que?» — interrompeu ella, volvendo de relance os olhos para Alle.

«Com que a desencalmar; um pouco do d'embarrado; do que se cria pelos castanheiros de Collares.»

«Do verde? — acudiu a velha. — Mossem Nathanael, tentaes-me! Não; vinho, e vinho dos frades, que é uma porta, não bebia eu, nem que me matassem! Perdoae-me, meu rico S. Vicente e os vossos bentos corvos. Mas verde... vá. Só para mim; porque Alle... bem sabeis... — E, abaixando a cabeça até o ouvido do taberneiro, accrescentou: — Dos taes de Mafamede, que não o bebem pelo nariz...»

«Sei, sei; que velhos conhecidos somos — atalhou o judeu, torcendo a lingua e fazendo bochecha, gesto que não escapou ao bufão. — Todavia nunca se dirá que chegou ao Sapoamarello um honrado mouro cheio de sede e calor e que não achou ahi com que refrescar-se. Temos remedio, e vou dar-lh'o.»

Depois de encher uma conca de páu do escumante e delgado verde de que falara, o activo publicano abriu um armario, tirou de um pucaro uma avultada porção de pó avermelhado, do qual manava suave cheiro de rosas, sacudiu-o numa arrazoada malga, em que lançou agua e o sumo de duas ou tres laranjas azedas, e apresentou aquella beberagem ao jogral, ao mesmo tempo que punha a conca diante da tia Domingas. Tudo isto fora obra de um momento.

Alle pôs-se a examinar a malga escrupulosamente. Nathanael parou a observá-lo.

«Que miras, homem? — disse por fim, algum tanto estimulado. — É um oximel como nunca provaste. Em vez de vinagre, laranja do pomar d'elrei em Enxobregas; em vez de mel, assucar rosado de Alexandria. Sois pechoso, mano? Pois, olhae, que dera agora o miramolim de Marrocos um aduar de mouros para o beber tão aromatico.»

Alle virou lentamente a cabeça e respondeu com uma seriedade imperturbavel, olhando de través para o bodegueiro:

«Como vos vi saracoteiar tanto, mossem Barrabás... quero dizer mossem Nathanael, ando tambem a ver se dentro da escudella vos cahiram alguns pellos da cauda.

«Patife! — rosnou o judeu, dando-lhe as costas apressado e gritando como quem acudia a um freguez que entrara: — Prompto, rabbi Nephtali... Pensei que este diabo de bufão tinha morrido... Patife! Mas não tem duvida: o oximel has-de pagá-lo.»

Entretanto Alle e a tia Domingas atavam de novo o fio á conversação encetada na Corredoura. Não escapou á boa da beata a minima circumstancia da sua vida desde o dia em que, por inculca do jogral, obtivera tão excellente commodo como o que Fr. Lourenço lhe proporcionara, lamentando-se, todavia, do fel e sangue de bugio que ás vezes lhe mettia no corpo aquella peste de Fr. Vasco. Veio, emfim, a terreiro a delicada missão de que este ultimamente a encarregara. Só o que lhe passou por alto foi a historia da bolsinha com que o cisterciense lhe removera os escrupulos de uma consciencia demasiado timorata.

«Ora já vês — concluia a digna cuvilheira — que não havia resistir ao teimoso do frade. Prometti. A difficuldade está em cumprir. Tu podias ajudar-me.»

«Eu?» — acudiu o mouro admirado.

«Tu: sim!»

E a velha começou a falar baixinho. Era que tinha havido uma interrupção na ruidosa azafama em que até ahi andara o judeu. O fluxo e refluxo dos freguezes do Sapo-amarello parara um pouco, e apenas ao canto da bodega se viam imperfeitamente os vultos dos dous armeiros e de Ruy, que bebiam e conversavam. Entre muitos dotes singulares que a tia Domingas possuia, e de que o leitor já tem sobejas provas para não attribuir os nossos gabos a cega parcialidade, tinha tambem um defeito. Crer-se-ha, talvez, que era o de falar muito? Não: era o de falar alto.

No calor do discurso, brevemente se esqueceu de que não queria ser ouvida, e pintando ao vivo o que quer que era, em que o truão devia representar seu papel, foi alteiando a voz ao ensinar-lhe o dialogo:

«Toma sentido. Has-de dizer-me: Senhora Domingas do Sacratissimo Lado, avise Zilla de que seu pae a espera hoje em Restello ao anoitecer. Eu hei-de responder-te: Vai descan-

sado que D. Alda já lhe deu licença e eu fico para a acompanhar.»

Proferidas estas palavras, um chiton! rapido soou do outro canto da taberna, e a conversação dos tres vultos, que mal se divisavam, cessou. A tia Domingas cahiu então em si e conheceu que commettera uma imprudencia. Olhou para lá e distinguiu um dos vultos que se posera em pé e ao mesmo tempo a voz chirriante e humilde do publicano que lhe perguntava:

«Quem paga?»

«Eu. Pago eu tudo. Quanto?» — acudiu ella entonada.

«Duas pogeias do verde e dez soldos do oximel» — respondeu o neto de Abrahão, curvando a cabeça e deitando os olhos de revés para o jogral.

«Dez soldos? Mossem Nathanael, isso é esfolar!

Alto lá! — acudiu Alle, fingindo querer tapar a boca á tia Domingas. — Pagae e não calumnieis mossem Barrabás. Os que adoram o bezerro d'ouro não esfolam: crucificam. É, pelo menos, o que ouvi dizer no collegio de S. Paulo.»

O bodegueiro deu de novo meia volta, correndo para um grupo de judeus africanos que entravam e gritando:

«Ahi vou, Iussef Abentarik; ahi vou num pulo!» — E estendia para traz a mão aberta em acto de receber o escote da sua digna fregueza, que, com a magnanimidade de quem ainda conservava assás repleta a bolsa, pagou sem mais disputar.

No momento em que se ía erguer, Alle reteve-a como tomado por idéa subita.

«E não me farão mal? Um mouro entre o povo... juncto da procissão! Receio...»

«Tonto! Receias o que? Não trajas as cores d'elrei? Não levas as suas armas cozidas na manga? Quem ha-de atrever-se a maltractar-te?»

Dizendo e fazendo, a boa da velha rodeiou a banca, dirigindo-se á porta. O vulto, porém, que, ao soar o nome de Zilla, se posera em pé e se conservara silencioso e quedo moveu-se rapidamente e num abrir e fechar d'olhos achou-se ao lado da beata, que não o reconhecera e que, virando a cabeça, só pôde divisar mão negra e sapuda, a qual se lhe curvava sobre o hombro, ao mesmo tempo que uma voz grossa lhe fazia retumbar nos ouvidos estas formidaveis palavras:

«Com um milhão de diabos, tia Domingas! Que é feito da sua pessoa? Ouvi-lhe ahi o nome de Zilla. Diga-me onde posso encontrá-la.»

Era Ruy Casco. Embebido em graves questões ácerca da procissão com os dous armeiros de cujos brutaes gracejos o pichel, primeira e segunda vez cheio, o fizera esquecer, não reparara na chegada de Alle e da sua collega, o que aliás era facil acontecer no meio da duvidosa claridade da bodega e da confusão que a entrada e saída de mais de duas duzias de judeus occasionava. Aquella voz, porém, e o nome de Zilla foram ferir-lhe os ouvidos, e o coração dera-lhe um pulo. Olhara, e o rosto vermelho da beata, banhado na luz da candeia, tinha-lhe avivado dolorosamente passadas recordações. A tentação era irresistivel. Impôs silencio a mestre Alberte, deixando-o engasgado com uma jura que o calor da conversação lhe trouxera á garganta, pôs-se á escuta e, quando viu a tia Domingas em acto de partir, precipitou-se como um raio para o angulo da taberna d'onde ella lhe surgia como visão esperançosa e inesperada.

Por um impulso de terror, a cuvilheira de Beatriz agachara a cabeça entre os hombros, estendendo os braços e exclamando, sem saber o que dizia:

«E eu fiz-lhe a você algum mal?»

Lembrava-se dos puxões d'orelhas no dia da festa da Maia,

«Nem eu lh'o faço a você, tia Domingas — replicou o almuinheiro, dando á voz a inflexão menos rude que sabía e encolhendo a mão. — Oh homem! Perguntar não offende ninguem. Ouvi-lhe rosnar não sei o que da Zilla de Restello e de D. Alda, cuja sergente é, pelo que você dizia. Quem diabo é D. Alda? Vive com ella Zilla? Onde mora? Vamos, diga lá, e façamos as pazes.»

Alle, sobresaltado pelo subitaneo apparecimento do seu antigo vizinho, ficara pasmado para elle.

Alguns judeus tinham-se aproximado, e detraz delles os dous armeiros, postos nos bicos dos pés, procuravam descortinar por cima dos hombros dos circumstantes a causa daquella repentina veneta de Ruy Casco. Animada com a presença de tantas testemunhas, a beata cobrou animo e, voltando-se de todo para o almuinheiro com a mão sobre o quadril, abanando a cabeça e fazendo o compasso com o pé, exclamou:

«Arrede! Não póde prégar sem bater no pulpito? Que lhe importa o que eu disse! Ora façam mercê de dizer aqui ao senhor onde mora D. Alda...»

«Tia Domingas! Tia Domingas! — interrompeu Ruy, mudando de tom e de cor, —

Falo serio: quero saber onde está Zilla; e já.»

«E eu pego-lhe? Corra por ahi fóra e, se a encontrar, não a deixe fugir.»

«Falas ou brincas comigo, bruxa do inferno?» — gritou o hortelão raivoso, sacudindo violentamente a velha por um braço.

«Vedes!? vedes!? — clamou a matrona, olhando inquieta para Alle e depois para os judeus apinhados. — Nesta terra ainda ha justiça...»

«Leva rumor!» — bradou o truão com gravidade comica.

Ruy voltou-se para elle com a pia intenção de lhe experimentar com uma punhada a força de cohesão dos dentes ás queixadas; mas o escudo das vinte cinco arruelas, bordado na manga da aljuba, e a serpe verde, tecida aqui e acolá no fundo branco do balandráu mourisco, retiveram o impeto do enraivado almuinheiro.

«É mal feito! muito mal feito!» — rosnavam já alguns dos judeus circumstantes.

«E sobretudo em minha casa, numa venda pacifica de vinho judengo» — acudiu Nathanael, que se aproximara.

O almuinheiro largou o braço da velha beata. Começava seriamente a receiar.

«Olé, Ruy! — disse uma voz grossa, atraz do circulo dos filhos de Israel. — Queres que te emprestemos algumas punhadas a estes perros?»

«Ou que os sirvamos de couces e lhes depenemos as barbas até chiarem pelo arrabi?»

Eram mestre Alberte e João Pires, que faziam estas amigaveis offertas de intervenção.

O grupo judaico deu meia volta, como se todos se houvessem combinado num movimento só. O aspecto athletico dos dous alliados indicava que a offerta não lhes custaria a realisar. As forças equilibravam-se.

Mas um pensamento fecundo, magnifico, de genio quasi, veio neste momento como um raio de luz, ao espirito perspicaz da tia Domingas. Emquanto Ruy Casco se voltava tambem, ao ouvir as generosas offertas dos armeiros, chegou-se a Alle e segredou-lhe rapidamente ao ouvido:

«O dicto por não dicto. Acompanha-me sem tugir nem mugir, e esgueira-te apenas eu te der signal.»

Depois aproximou-se de Ruy Casco e bateu-lhe no hombro. O hortelão virou-se.

«Que doudice é a vossa? Não ouvis tropeiar na rua os cavalleiros da rolda? Isto era graça. Vinde comigo, e dir-vos-hei onde está Zilla

logo que Alle nos deixe, senão irá metter tudo no bico de Muça. Olhae que são mui compadres. Crê com crê; lê com lê. Andae.»

Isto foi dicto a Ruy com o mesmo segredo e presteza com que dissera est'outro ao maninello. Depois, com um ademan de rainha, estendeu a mão para o bodegueiro:

«Adeus, mossem Nathanael. — E rompendo por entre o grupo, proseguiu: — Com licença: deixem passar.»

Ruy Casco ficou immovel por alguns instantes; mas subitamente, e sem se despedir dos armeiros, desembestou atraz da tia Domingas e do truão, que a seguira, pela rua de Gileanes abaixo.

A rua de Gileanes desembocava no Pelourinho, pouco mais ou menos na intersecção da actual rua dos Capellistas e da rua da Prata. Quando alli chegaram os tres personagens, conheceram que o Sapo-amarello os fascinara demasiado. A avaria da galé fora reparada mais promptamente do que se cuidava, e nos Açougues não se viam já senão as vagas do povo, que, semelhantes ás do Mar Vermelho após a passagem dos israelitas, se haviam unido atraz da procissão e, ou se accumulavam ao longo da Rua-nova, ou se escoavam, como rios caudaes, pela de Mata-porcos, pela

do Poço da Foteya e pelas outras que cruzavam para o lado do Rocio o solo da moderna cidade baixa.

A beata de Restello estacou subitamente e pôs-se a scismar:

«Já nós lá vamos! Viva! — rosnava ella. — Bem digo eu: onde entra o beber sáe o saber. Venho a bonitas horas! Não importa. Espreitá-lo-hei ao recolher a procissão. Quer queira, quer não queira, o asno ha-de ir á feira. Depressa se toma o rato que só sabe um buraco. Não póde escapar-me á Porta-do-ferro, e para lá é que é o caminho.»

Feitas estas philosophicas reflexões, a tia Domingas partiu pela Padaria acima, caminho da cathedral. Os dous acompanhavam-na: Alle hombro com hombro, e Ruy, a quem a esperança de descubrir a sua moura encantada varrera da memoria a procissão, a almuinha e a mulcta municipal, seguia-a a breve distancia, jurando pela pelle ao truão, se lhe servisse de obstaculo ao cumprimento das promessas com que a boa da cuvilheira o havia embalado.

XIX

FRACASSO

> e descavalgou do cavallo, e disse-lhe: cavalgae, ca tempo he que nos vaamos.
>
> FERN. LOPES — *Chron. del-rei D. Fern.*

Quando a respeitavel tia Domingas, seguida do truão e do almuinheiro, chegou toda encalmada e suada e estafada ao adro da cathedral, não se via alma viva no recincto do terreirinho; mas os sons estridentes das duas trombetas que vinham tocando á frente dos bésteiros do concelho e os gritos descompostos do jogral da béstaría, palhaço indispensavel em cada corpo de tropas municipaes bem ordenadas equivalendo, até certo ponto, aos modernos tambores-móres, já se ouvia a espaços, postoque muito ao longe, sobrelevar a zoada de um oceano de povo. O nordeste, que se alevantara

com a tarde, trazia aquelle estrepito embuzinado pela rua de Sancta Justa abaixo, e a argentina agudeza das trombetas indicava que o prestito não tardaria muito tempo a desembocar no agora solitario terreiro.

O leitor está, por certo, desejoso de saber qual era o plano da cuvilheira para desempenhar a commissão de Fr. Vasco. A difficuldade não é daquellas em que o poeta, ou seu como irmão o romancista, precisa de trazer do Olympo, para espatifar o insoluvel nó, alguma divindade. Era o plano mais simples do universo, e a conversação travada baixinho com o chocarreiro resumia-se em substancia nas palavras que, proferidas em tom audivel, escaparam á boa da velha e occasionaram a irrupção vandalica do almuinheiro. Consistia em fazer soar nos ouvidos de Fernando Affonso, sem todavia se dirigir ao moço escudeiro, o nome de Alda, nome que devia, cuidava ella, exercer na sua alma influxo magico. Attrahindo-lhe assim a attenção, um volver d'olhos, o minimo ademan bastariam para lhe dar a entender que tinha alguma cousa que lhe communicar. Depois, elle proprio buscaria aproximar-se. Transmittir-lhe-ia então o recado nos termos vagos que lhe indicara o frade. O resto era facil. «Não será culpa minha — pen-

sava a tia Domingas — se, por ouvir falar em D. Alda, tomar alhos por bugalhos. Amanse a sua sanha quem por si se engana. Não ha palavra mal dicta, se não é mal entendida. Fiz o que me mandaram: não sei de mais nada.»

Assim se compunha a devota matrona com a sua consciencia, ao passo que alliciava o chocarreiro para a ajudar naquella magnifica pelotica de restricção mental. O ataque inopinado do almuinheiro fizera-lhe modificar, por uma habil mudança estrategica, o plano inicial. Substituindo Ruy Casco ao maninello, saíra de uma situação penosa. Restava só o conduzir até o fim o negocio com o mesmo tino que naquelle repente mostrara.

Chegando defronte dos paços do concelho, a tia Domingas parou e, lançando os olhos em roda, pôs-se a examinar qual sitio sería mais accommodado aos seus designios. O vão da Porta-do-ferro era o ponto que accumulava mais vantagens. Esse vão constituia uma especie de quadra, rota de dous lados, postoque não em toda a largura, por duas portadas ogivaes, menos esguias e elegantes que as introduzidas pouco havia pelos architectos ingleses, mostrando bem por isso, serem contemporaneas da edificação da muralha, isto é, do ultimo quartel do seculo XIII. Assim, o vão do

arco offerecia quatro angulos reintrantes assás escuros, apesar de um dia esplendido, porque os grossos portões chapeiados de ferro, abrindo sobre elles, obstavam ainda mais aos raios dessa escaça luz que as duas portadas, opprimidas entre os cubellos e vizinhas de altas casarias, deixavam penetrar a custo naquella especie de quadra.

Numa das paredes que corriam lateralmente, em relação ás portadas, via-se um pequeno arco tambem ogival e cujo vivo não excederia a decima parte da área dos dous arcos maiores. Era a communicação para uma escada, que, dividindo-se em dous lanços, subia para o andaimo do muro e para a capella da Senhora da Consolação. Como a antiga muralha já não podia servir para a defesa da povoação, que trasbordara por cima e para além do seu antigo recincto, e a capella raras vezes se punha patente, uma grossa porta de castanho impedia a communicação entre a quadrella e o arco e deixava apenas no topo inferior da escada uma especie de nicho escuro, no qual a custo caberiam duas pessoas. Foi neste logar, d'onde podia ver sem ser vista, que a tia Domingas se resolveu a esperar a volta da procissão.

Vendo-a parar, os dous que a seguiam de perto pararam tambem á entrada do portal.

Passados apenas alguns instantes, Alle, sentindo um estrupido, olhou para a esquerda pela Padaria abaixo e depois para a rua da direita, d'onde soava igual estrupido. Ficou pasmado. Dous cavalleiros se aproximavam, um do lado dos Açougues, outro do de Sancta Justa. O da esquerda, cujo cavallo parecia manquejar, vinha a passo, emquanto o da direita, montado numa nedia mula, galgava a trote do lado de Sancta Justa. Num dia em que o proprio monarcha atravessava a pé as ruas da capital, o apparecimento de dous cavalleiros era, na verdade, facto singular.

Quando o mouro olhou, o da mula estava a maior distancia, mas a differença de andadura fez com que chegassem ambos ao mesmo tempo, tão perto que elle os reconheceu.

«Ei-lo ahi! ei-lo ahi!»—murmurou o jogral, correndo para a tia Domingas.

«Ei-lo ahi, quem?»—perguntou esta com um pé no chão e com o outro em cima do degráu, no acto de subir ao nicho.

«O camareiro d'elrei.»

«Fernandaffonso?»

«Em corpo e alma.»

«E quem mais?»

«O seu pagem.»

Era, de feito, o camareiro-menor o que ca-

valgava no cavallo manco. Ao atravessar o pequeno terreiro dos Açougues, o nobre animal, que corria á rédea solta, topara num desses postes que obstruiam o terreirinho, bem como a Rua-nova, e eram occasião de frequentes quédas e desvairos quando ahi se faziam justas ou torneios. Mas como acontecia que, a essas horas, Fernando, que devia achar-se no sequito do rei, na procissão e a pé, vinha assim montado, e pelo caminho opposto, para o lado da cathedral? Eis o que baralhava as idéas da tia Domingas e talvez baralhará as do leitor.

Tiremo-nos nós de duvidas. Desçamos para Valverde, e lá averiguaremos o caso.

A almuinha, o rei, o imperador, o gato montez, o gigante, o drago, a serpe, a dama, os diabos, as péllas e todos os mais personagens que constituiam a parte truanesca da procissão haviam desembocado na praça com devotas risadas e sancta pasmaceira da arraya miuda, que todos os annos achava a mesma graça e novidade naquelle espectaculo monstruoso e phantastico. A fradaria passara tambem, e os padres paramentados, e os monges-cavalleiros das ordens, e tudo o mais que se interpunha entre as farças populares da frente e a hostia triumphante. As varas do pallio, in-

clinadas para diante, e a tela preciosa das sanefas e sobrecéu, bamboleiando com o vento abafadiço que se alevantara e que ramalhava nas arvores da praça, despontavam já d'entre as casarias, ao penetrar no immenso terreiro, onde remoinhavam ondeiando uma infinidade de gestos ridentes, alváres, córados, pallidos, viçosos, encarquilhados, barbudos, imberbes e boquiabertos. Subitamente, porém, o brado de «alto! alto!», brado ominoso, nuncio d'encalhe ou fracasso, soa do couce da procissão. A palavra fatal passa de boca em boca, bem como uma hora antes passara na Rua-nova, com grande detrimento da compostura e devoção de Ruy Casco: os contos dos guiões e bandeiras fincam-se no chão: as charolas oscillam e assentam sobre a calçada: as representações e os representadores petrificam-se: as cabeças, emfim, da multidão voltam-se para um ponto unìco e alteiam-se um bom palmo, em parte pela distensão dos pescoços, em parte pelo alçamento dos calcanhares, que buscam a perpendicular sobre os bicos dos pés. Os olhos dos espectadores assestam milhares de raios visuaes sobre esse grupo esplendente que precede, ladeia e segue o pallio; mas lá não se distingue senão uma certa perturbação, o abrir de bocas que falam, o estender de braços que

se meneiam, o desapparecer e reapparecer de alguns vultos que se curvam. Depois, a agitação acalma, as filas ordenam-se, e o grito de «ávante! ávante!» põe de novo em marcha regular o macisso processional.

«Que foi? que foi?» — inquiriam os que estavam mais longe.

Ninguem sabía responder.

Era um dos fidalgos da corte, que, tomado de repentino mal, perdera os sentidos. Tinham-no tirado em braços do meio do tropel. Attribuiu-se o successo ao ardor do sol; porque mais de uma vez, em semelhantes autos, se haviam verificado factos analogos. Muitas pessoas se recordavam disso. Elrei, perto do qual elle se achava no momento em que vacillara e cahira, ordenara que o conduzissem para fóra do apertão, recommendando que lhe ministrassem todos os soccorros possiveis. Fora este o motivo da agitação que interrompera por alguns instantes o grande drama popular.

A personagem que dera azo a essa interrupção era o camareiro-menor.

Ao passo que a turbamulta se affastava para deixar franca passagem aos que o conduziam, Fernando Affonso parecia ír recobrando o alento. Como por encanto, Vivaldo,

o seu pagem valído, appareceu então juncto delle. Ao vê-lo, o nobre escudeiro, que por duas ou tres vezes volvera olhos inquietos ao redor de si, declarou positivamente que não consentiria em que abandonassem o prestito os que se haviam apressado a cumprir as determinações d'elrei, e, encostado ao hombro do pagem, desappareceu entre os edificios que formavam a orla do celebre bairro da Pedreira.

Nas faldas do monte chamado o Cerro do Almirante, ao sopé do mosteiro cujos fundamentos o Condestavel ahi começava a lançar, corria uma rua escura e triste, como quasi todas as de Lisboa: era a rua de Mestre Gonçalo. Ao entrarem nella, o escudeiro e o pagem pararam a examiná-la. Estava deserta. Vivaldo largou então o braço de seu senhor, que recobrara, como por milagre, a saude, metteu os dedos na boca e tirou um sibillo agudo. Immediatamente se abriu uma porta á esquerda, e os dous precipitaram-se numa especie de vasto sotão, cuja communicação para a rua era a porta que se abrira.

Se a entrada fora rapida, não o foi menos a saída; mas agora, tanto o escudeiro como o pagem estavam montados. Vinha o primeiro cuberto com um ferragoulo comprido e com o rosto meio occulto debaixo das largas abas

de um chapéu de feltro. Depois de observarem tudo de novo por alguns instantes, partiram a galope ambos para o mesmo lado, subindo uma rampa ingreme, em cujo cimo se estendia uma chapada raro-semeiada de algumas oliveiras e cuberta de searas maduras. Ao poente, o plano era limitado pelo alto lanço de muralha que corria desde a porta de Sancta Catharina até o postigo chamado da Torre de Alvaro Paes e, successivamente, do Condestavel e de S. Roque. Juncto deste postigo, pelo lado interior. campeiava sobre o muro o mosteiro dos Trinitarios. Ao oriente, e na borda do despenhadeiro que se pendurava sobre Valverde e sobre o antigo arrabalde da Lisboa mourisca, principiavam a alteiar-se os alicerces do mosteiro de Sancta Maria do Vencimento, edificio historico, que completava uma equação, em que D. João I era para o mosteiro de Sancta Maria da Victoria ou da Batalha, como o Condestavel para este seu monumento. Ao lado delle viam-se os paços do Almirante, já meio demolidos, e no pendor meridional do descampado descortinavam-se até meia altura os dous templos dos Martyres e de S. Francisco, quasi solitarios e parecendo, a certa distancia, encostados um ao outro. No meio deste campo, entre as searas

pallidas, os dous pararam, e, depois de trocarem breves palavras, o escudeiro dirigiu-se com a mesma pressa que trazia para a porta de Sancta Catharina, emquanto o pagem saía pelo postigo de Alvaro Paes. O primeiro desceu ao longo da carcova para o bairro de pescadores chamado Cataquefarás e, dobrando o angulo da muralha, seguiu ao longo do Téjo até a Judearia-grande, ou Villa-nova de Gibraltar, entrou pelo arco dos Barretes e atravessou o terreiro dos Açougues velhos, desde onde o accidente do cavallo o obrigou a caminhar mais a passo do que desejara. O pagem, que tinha que fazer um circuito menor, desceu pela estrada que corria ao longo da muralha do norte pela parte exterior até aquelle tracto de Valverde que ficava fóra da povoação, enfiou pela porta da Mouraria, rodeiou o bairro dos verdadeiros crentes e, partindo pela Corredoura, passou adiante da procissão, cujo centro apenas se prolongava então com a igreja de Sancta Justa, e veio encontrar seu senhor, conforme este lhe ordenara, juncto á Porta-do-ferro.

O apparecimento inesperado do camareiro-menor facilitava apparentemente a conclusão do plano da tia Domingas. Podia chegar-se a elle, falar-lhe, dizer-lhe o que quizesse livre do

borborinho e, a bem dizer, de testemunhas. Mas as apparencias são enganosas, e os calculos da prudencia humana foram neste caso desmentidos pela força d'inescrutavel destino. Apenas deu de rosto com o pagem, o cavalleiro bradou-lhe:

«Apeia-te, Vivaldo; apeia-te!»

E, saltando ligeiro do cavallo abaixo, atirou o ferragoulo para cima da sella e aproximou-se do arco.

Postoque algum tanto perturbada pela subita presença do homem que buscava, a velha cuvilheira fez um signal a Alle. O jogral foi atravessando o terreiro da sé e desappareceu na rua que conduzia ao paço.

Vendo-o subir, o hortelão, como ella antevira, aproximou-se mais e, em tom que não admittia tergiversações, perguntou:

«Tia Domingas, onde é que está Zilla?»

«A estas horas talvez em Restello ou talvez tenha voltado...»

«Mas onde vive e com quem? Preciso... quero sabê-lo...»

A velha começou a alteiar a voz.

«Em casa de mestre Bertholameu...

«Mas quem diabo é mestre Bertholameu?»

«Ai, um sancto-homem, o tabellião da rua de D. Mafalda...»

O diapasão da tia Domingas subira um tom mais alto.

«E' soldadeira delle?»

«De sua filha D. Alda — aqui a voz da cuvilheira remontou aonde podia remontar. — Oh, que anjo! que formosura! Aquillo é uma pomba, sem fel! *Lirios inter espinhos,* como dizia o anno passado Fr. Isidoro no sermão da milagrosa imagem de Sancta Maria da Escada, sanctissima irman de Nossa Senhora. Para a rua de D. Mafalda vou eu d'aqui, Ruy. Seguime e reparae na porta onde me virdes entrar...»

«Fale mais baixo, tia Domingas; fale mais baixo — interrompeu o almuinheiro. — Não vê alli aquelles vultos?... Poderei falar com Zilla?»

Foi o mesmo que se lhe dissesse que gritasse mais.

«Hoje?! É impossivel. Não me demoro, que tenho de estar á boca da noite nos cubertos dos Açougues. Amanhan ou depois, ás dez horas, passe por lá.»

«Então, venha, tia Domingas; venha ensinar-me o sitio.»

Mas com um pé sobre o nicho e o outro no solo, o corpo da cuvilheira estava como enraizado naquelle logar, emquanto a energia e o

movimento se lhe concentravam na lingua e nos olhos inquietos, que se volviam com viveza incrivel dos dous vultos parados juncto do arco para Ruy Casco e de Ruy Casco para os dous vultos.

Ao reboar na abobada do portal o nome de Alda, Fernando voltara, na verdade, a cabeça, mas tornara rapidamente a continuar o dialogo que em voz submissa corria entre elle e o seu pagem.

O objecto desse dialogo era o remedeiar o inconveniente que retardara o nobre escudeiro. Fernando precisava de chegar quanto antes aos paços dos Infantes. Para não ser conhecido, ordenara ao pagem viesse por differente caminho encontrá-lo no terreiro da cathedral, que devia estar deserto, para ir tomar-lhe o cavallo no adro de S. Martinho e desapparecer com elle ou para as Portas-da-Cruz ou para a Alcaçova, emquanto seu senhor penetrava, sem ser visto, no paço, a essas horas solitario. O accidente do fogoso corredor constrangia-o, porém, a montar na mula do pagem e abandoná-la no adro de S. Martinho. Vivaldo, cavalgando no cavallo manco, seguilo-hia de perto o mais que podesse e buscaria chegar a tempo de impedir que ella fugisse.

E os dous montaram ligeiramente. As ferra-

duras da mula deram na calçada um som fugitivo quasi metallico. O cavalleiro ferira com ambos os acicates o possante animal. Ao mesmo tempo, o pagem incitava com açoutes e esporadas a sua tropega cavalgadura.

Os nomes de D. Alda e do honrado mestre Bartholomeu, as indicações locaes e as olhaduras eloquentes da cuvilheira tinham sido como os remedios chamados heroicos e infalliveis em doença mortal. A fragil machina ideiada longamente e aperfeiçoada por um clarão de genio na bodega de Nathanael Sapo dera em terra, como quasi quatro seculos depois o terremoto deu em pantana com os gothicos edificios e terreiros e ruas e arcos e muralhas que presenciaram as diversas scenas desta gravissima historia.

A tia Domingas mediu num relance a profundidade da voragem que se lhe abrira debaixo dos pés, a colera de Fr. Vasco, o ser expulsa e, talvez, obrigada a restituir a bolsa que recebera. Fernando Affonso ía a escaparlhe! Na sua perturbação não viu o risco que corria e, saltando do nicho, precipitou-se para o cavalleiro no momento em que ía a abalar.

«Venho da rua de D. Mafalda — exclamava ella correndo: — venho da rua de D. Mafalda. Escutae-me.»

«Não conheço ninguem nessa rua — redarguiu o mancebo. — Retira-te e deixa-me passar!»

Com esta resposta, a tia Domingas perdeu a tramontana.

«É um momento. Escutae, escutae!»

E dizendo isto, sem saber o que fazia, lançou as mãos ás rédeas da mula.

O animal espantou-se e deu um salto recuando. A amplidão do ventre da cuvilheira e a frouxidão dos seus velhos musculos fizeram-lhe perder o equilibrio ao abalo violento da robusta cavalgadura. Cahiu agarrada ás rédeas. Fernando Affonso perturbado com aquella aggressão repentina, hesitara; mas a sua hesitação passou como o relampago. As trombetas dos bésteiras do conto começavam a soar mui perto, e o pagem, rompendo para diante, feria sem piedade o pobre ginete. Dous credos que se demorasse no terreiro da sé, o nobre escudeiro via-se descuberto. Que lhe importava esse vulto, essa mulher ou esse demonio que se interpunha entre elle e o alvo aonde se dirigia? Soltando uma blasphemia, cravou os acicates nos ilhaes da mula. Um grito agudo, estridente, de suprema agonia restrugiu debaixo das patas do bruto irritado, e ao cavalleiro, por entre o zumbido do ar que rompia

na carreira desenfreiada, nos rapidos intervallos do estalar das ferraduras chispando nas pedras, pareceu que ouvia ainda uma ou duas vezes gemidos de moribundo. Depois, transposto o terreiro, correndo ao longo dos bataréus septemtrionaes da cathedral, não sentiu mais nada senão o tropeiar do cavallo manco do pagem, que forcejava por segui-lo de perto, e como uma voz do coração, timida, cansada e ridicula, que tinha a pretensão de lhe bradar: — «assassino!»

E era-o. Podia-se orar por alma da tia Domingas. Esmagada debaixo dos pés da mula arquejava apenas, e o sangue rebentava-lhe em fio da boca, dos olhos e dos ouvidos.

E Ruy, que, gritando ao cavalleiro, pretendera salvá-la e não podera, recuou aterrado. O eccho das trombetas dos bésteiros já começava a reboar na abobada do arco. Podiam encontrá-lo alli, juncto desse quasi cadaver; podiam, deviam até, julgá-lo culpado. Deitou a fugir para o bairro onde mais facil lhe era pôr-se a salvo; para a Judearia.

E os bésteiros chegaram, e o som das trombetas gelou de subito, e o jogral, que volteiava e bradava, fez silencio, e tudo parou. O espectaculo que tinham ante si era tão triste como inesperado.

Em tropel, os bésteiros aproximaram-se daquelle vulto enfaixado e esfarrapado. Um dos circumstantes reconheceu-a:

«É a tia Domingas de Restello!»

«Quem? — acudiu d'alli outra voz. — Aquella que medía cincta e via por joeira?»

«É, é» — clamou outro guerreiro municipal.

«A bruxa?» — perguntou um quarto.

«Qual bruxa, homem, se era confessada de meu primo Fr. Isidoro!» — interrompeu o que primeiro a reconhecera.

«Então, se era confessada de teu primo!... — replicou o que elevara a pobre velha á categoria de feiticeira. — Pátéta!... O que se segue d'ahi? Tal confessada, tal confessor. A fortuna della foi que o diabo a affogasse, agora que morreu Gomes Lourenço, e o concelho ainda não elegeu novo juiz das feiticeiras...»

«Affogou-a o diabo, dizes tu? — acudiu o quarto bésteiro que falara. — Uhm! como sabes que foi o diabo?»

O precedente orador abaixou-se, pôs o dedo sobre a garganta da victima e disse:

«Vê lá!»

Duas linhas negras, curvas, concentricas, orlando uma serie de pontos tambem negros, indicavam com evidencia que sobre o orgão

da respiração daquelle corpo se estampara violentamente o pé ferrado de um animal.

Dez ou doze capellinas de ferro brunido, abaixando-se a um tempo ao redor do vulto ennovelado no chão, soaram umas nas outras, atroando os ouvidos das doze cabeças que guarneciam, e ao mesmo tempo tiniram doze béstas de aço, assentando no basalto que calçava o pavimento do arco.

«É uma ferradura!» — exclamaram todos a um tempo.

«Mas o diabo, — observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentia arripiarem-se-lhe os cabellos com um vago terror — tem a figura de bode.»

«Cal-te, pedaço d'asno! — insistiu o bésteiro doutrinario, que achara a explicação do caso na theoria indubitavel do poder de Satanaz. — O diabo não tem figura: apparece naquella que lhe apraz. Esganou-a com uma patada de besta. Logo vê-se que vinha na tua.»

Não obstante o salutar terror que ía tomando os animos, houve uma risada geral.

«Acabem com isso — bradou o anadel, que achara improprio da sua dignidade militar o metter-se entre a chusma. — Arredem o corpo; que ahi chega a procissão. Logo se dará parte ao corregedor da corte.»

«Ao bispo, ao bispo! O caso é bispal!» — gritou o orador que demonstrara triumphantemente as circumstancias diabolicas do successo.

Signaes estrondosos de approvação mostraram que a semente das sans doutrinas tinha cahido em terreno abençoado.

«Pois seja ao bispo — respondeu o anadel, encolhendo os hombros. — Mas vamos; franqueiem o passo.»

Com os seus balegões de couro crú, os bésteiros foram empurrando para o pé do nicho lateral o cadaver, em que nenhum delles se atreveria a pôr mão, porque nenhum quizera ficar polluido e excommungado.

Nessa tarde e nessa noite, por todas as bodegas de Lisboa, por todas as cellas de abbades, reitores, priores e guardiões de mosteiros e conventos, por todos os altos onde os velhos fam aparar no regaço os ultimos raios do sol mirando a bahia do Téjo, por todos os adros d'igrejas onde se ajunctava o beaterio a resar trindades, por todos os logares, emfim, onde tomava corpo o mais sublime, o mais respeitavel, o supremo embuste deste mundo, a opinião publica, referia-se, com as variações, commentarios e aperfeiçoamentos indispensaveis, o famoso milagre acontecido á Porta-do-

ferro, onde o cão tinhoso esganara uma feiticeira, porque se atrevera a cruzar as ruas por onde naquelle sagrado dia passava a procissão de S. Corpus.

Proximo deste sitio, o povo apupara havia dous annos um pobre truão atropelado e ferido pelo ginete de Fernando Affonso. Agora cuspia affrontas e calumnias sobre o cadaver de uma pobre velha, victima da propria imprudencia e da feroz brutalidade do moço escudeiro. Ou este era demasiado feliz, ou a Providencia lhe reservava ainda na terra algum tremendo castigo pelas negruras da sua vida, vida fatal para todos os que passavam na ecliptica desse astro destruidor.

XX

EXPLICAÇÕES

> Mexiricaram-me com ella
> que tinha outros amores.
>
> JORGE FERREIRA — *Aulegrafia.*

Não só para se comprehenderem as scenas descriptas no antecedente capitulo, mas tambem para intelligencia dos successos subsequentes é necessario que, remontando a factos anteriores, demos algumas explicações ao leitor.

Fr. Vasco tinha um segredo que não communicara a D. João d'Ornellas: D. João d'Ornellas tinha um segredo que não communicara a Fr. Vasco.

O do moço cisterciense sabemo-lo nós. Collocado entre a terrivel missão que lhe legara seu pae e os remorsos do primeiro crime, a sua imaginação enferma aventara o estranho

designio de que só pretendera fazer instrumento a cuvilheira e de que a fizera victima. Semelhante ao naufrago, que, luctando com os mares, estende as mãos á fragil alga que fluctua, á lasca do navio despedaçado e, até, ao rolo de escuma que, ao estourar das vagas, se lhe espraia sobre a cabeça, o monge acariciava esse pensamento de salvação e escondia-o com ciume a D. João d'Ornellas, cuja vingança, calculada e fria, não presuppunha modificações nem treguas. Mas, se neste ponto Fr. Vasco atraiçoava o pacto infernal que fizera com o implacavel prelado, tambem o abbade trahia as suas promessas quanto á plena confiança e commum concerto com que ambos deviam proceder contra Fernando Affonso. Em que consistia esta especie de deslealdade de D. João d'Ornellas é o que nós vamos expôr.

Como a aranha venenosa que, prendendo em diversos logares os fios da teia, a vai urdindo de modo que, collocada no centro, possa arrojar-se de salto ao insecto sem receio de errar o tiro, assim o abbade de Alcobaça ía colligindo as armas que lhe ministravam as intrigas politicas, as imprudencias do proprio inimigo, a velhacaria de João das Regras, a situação de Beatriz e o odio concentrado de Fr. Vasco, até que chegasse um dia em que,

rodeiado de todos esses auxiliares, podesse vencer as difficuldades que ao complemento do plano que traçara oppunha a viva affeição d'elrei á sua designada victima. Esse plano ía longe; mas os desejos íam além delle; íam até um pensamento de sangue. Folgaria de fazer rolar a cabeça do camareiro-menor aos pés do algoz. Não ousava, porém, esperar tanto; e consolava-se com a quasi certeza de o ver expulso do paço, reduzido á obscuridade, deshonrado, miseravel. Até ahi alcançava a sua esperança. E o sancto-homem do abbade, como lhe chamava o seu melhor amigo, o chanceller, encostado á cabeceira do catre no collegio de S. Paulo, sentia escoarem-se ligeiras as accidentaes horas de vigilia nocturna, vendo volteiar ante si as imagens risonhas do opprobrio e desventura que preparava ao seu inimigo.

Os motivos, todavia, em que estribava essas esperanças não eram só os que apontámos. O favor do monarcha podia contrastar isso tudo. Havia um mais forte, e era este o que o astuto monge occultava ao seu alliado, e occultava-o porque queria primeiramente estar bem seguro da existencia delle.

D. João d'Ornellas estivera uma vez com o

moço cisterciense na rua de D. Mafalda e ouvira da boca de Beatriz a historia do modo como fora abandonada.

Desde este dia o abbade scismara muito. — «Quem é essa mulher á qual *elle* a sacrificou? Que amores são estes que *elle* occulta com tanto ciume?» — Era uma idéa que não lhe saía do espirito. Havia nisso um mysterio e no seu coração um presentimento de que perscrutá-lo lhe não sería inutil.

Um dos axiomas de proceder do prudente prelado consistia em não desprezar nenhum ensejo de adquirir informações ácerca da historia passada de todos os individuos com quem estava em contacto. Era regra de que se não affastava. Tinha-a achado sempre util.

Alle, recebido no collegio de S. Paulo, não escapara, apesar da sua humilde condição, ás pesquisas do reverendissimo. A unica differença era que estas pesquisas não haviam sido nem largas nem difficeis.

Uma vez mais D. João d'Ornellas teve de abençoar o axioma que adoptara. Este homem fora maltractado por Fernando Affonso. Em qual occasião e com que circumstancias, é cousa de que, provavelmente, o leitor se lembra ainda.

Era um odiosinho obscuro, impotente. Não importava. O abbade abaixou-se, animou-o, ergueu-o até si. Podia servir-lhe.

Depois da partida de Fr. Lourenço, o mouro Alle, em vez de peiorar, melhorou materialmente. Com grande escandalo de Fr. Julião foi escolhido por sua mui poderosa reverencia para sergente seu particular emquanto residisse em Lisboa. Alle ganhara em duas cousas: na mais opipara ração e em ficar livre dos eloquentes sermões do Bacharel ácerca dos embustes grossos do alcorão e das verdades do christianismo.

Certo dia D. João d'Ornellas chamou-o e disse-lhe com a maior singeleza e bondade deste mundo que se preparasse para ir exercer nos paços d'elrei o cargo que deixara vago o fallecido bobo e jogral de D. Fernando e de D. João I, o celebre Annequim.

O abbade só impôs uma condição em paga do beneficio. Alle devia seguir os passos do camareiro-menor, vigiá-lo, escutar-lhe as palavras, estudar-lhe o menor gesto e dar conta de tudo ao reverendissimo. Isto foi recommendado na presença do reitor e de alguns ledores da estudaria, sem escarcéus, sem mystério, chanmente, singelamente.

Aos mistéres de gracejador, goliardo e tro-

vista satyrico Alle ajunctaria por gratidão o de espia.

«Fernando — ponderava o prelado nesse dia ao reitor de S. Paulo, diante do futuro truão regio e sorrindo bondosamente — é um rapaz trefego, um farçola: foi assim desde pequeno. Agora o meu velho amigo, o arcebispo de Braga, recommenda-me que o informe do seu proceder na corte. Pois não tem ahi o proprio irmão daquelle tresloucado?... Tudo ha-de carregar sobre estes fracos hombros. Ai, padre reitor, padre reitor, a obediencia é o mais duro dever da nossa regra! D. Lourenço abusa da amizade e da veneração que consagro ao primaz das Hespanhas, para me torcer como um vime. Paciencia! Mas custa-me; porque já ouvi rugir não sei o que ácerca de varias travessuras um pouco estranhas do camareiro-menor...»

«Travessuras?!» — interrompeu o reitor. — Dizem todos que é um perverso, um homem sem temor a Deus, um...»

«Exaggerações, padre reitor... exaggerações — acudiu D. João d'Ornellas — A mocidade é ardente, e nós os velhos faceis em condemná-la, sobretudo quando a estamenha monastica nos gastou antes de tempo o vigor das paixões. Vamos, Alle, — accrescentou,

voltando-se para o mouro — antes de escrever ao arcebispo, quero informações tuas. Curve-se, ao menos nisto, perante a loucura voluntaria o orgulho da sabedoria presumpçosa; porque, como diz S. Paulo, «*sapientia hujus mundi stultitia est apud Deum.*»

«Que humildade!» — rosnou num áparte o reitor.

«Vai, meu Alle, vai — proseguiu o abbade. — Sê feliz, e possa o Senhor das misericordias abrir-te os olhos da alma no teu ultimo dia.»

E, batendo-lhe com uma das mãos no hombro, alimpou com a outra uma lagryma furtiva.

«Que caridade!» — pensou de novo o reitor de S. Paulo, com um ronquido de compuncção.

Já ficava sabendo ou, para melhor dizer, ignorando, porque viria frequentes vezes ao collegio falar com o poderoso prelado o novo truão d'elrei. E se alguma vez elle fosse indiscreto, o bom do reitor achava-se habilitado para explicar as rectas intenções com que procedia o virtuoso chefe dos monges brancos.

Dous odios accordes são como o amor mutuo. Comprehendem-se; adivinham-se.

Os olhos de D. João d'Ornellas e os do mouro encontraram-se no momento da derradeira despedida. Tudo o que havia a dizer de parte a parte ficou dicto.

Mas para que queria o diabolico frade ter dentro dos paços de S. Martinho um espia malevolo e vigilante, que seguisse como sombra o camareiro-menor?

Isso é historia mais comprida.

A virtude severa de D. Philippa, chamada pelo povo a boa rainha, influira em grande parte no contraste que offerecia a corte do mestre d'Aviz com a de seu irmão e predecessor, onde aos terrores do veneno ou do ferro assassino, que pesavam carregados e sombrios em todas as frontes, se associavam deleites abjectos; onde a prostituição e a morte tripudiavam junctas em choréas infernaes. Postoque D. João I não fosse exempto das fraquezas humanas e que D. Philippa tivesse mais de uma vez razão de queixar-se das infidelidades de seu real esposo, é necessario confessarmos que elle soube fazer respeitar a sanctidade do tecto domestico, e que os paços onde habitava essa angelica mulher, a cujos cuidados maternos deveu, talvez, Portugal os tres mais bellos caractéres da sua historia, os tres irmãos Duarte, Pedro e Fer-

nando, foram para o chefe da dynastia de Aviz como um templo, cujos umbraes a nenhum pensamento impuro era permittido cruzar.

As antigas leis de Portugal contra o que abusava da confiança domestica e introduzia a prostituição na morada do senhor com quem vivia, de quem era *homem*, para usarmos da linguagem daquelles tempos, haviam sido escriptas com sangue. Não era preciso que o adulterio manchasse o leito conjugal para ellas pesarem inexoraveis sobre a deslealdade familiar. O cliente que travava relações menos puras com a filha, com a irman e, ainda, com a servidora do seu patrono, votava-o á execração a lei, e a culpa aggravava-se quando occorria a circumstancia de ser donzella ou viuva a cumplice do crime, que commettido na mansão do rei, augmentava de intensidade e podia classificar-se como um attentado contra a magestade do throno. O estado dos costumes, mais ou menos corrompidos, tinha dado em diversas epochas maior ou menor força ás posturas de D. Diniz e de D. Affonso IV ácerca desta materia. Mas o mestre de Aviz, mais irmão que chefe dos seus homens de armas; esse principe, ao mesmo tempo violento e folgasão, como seu pae, es-

pecie de Arthur dos romances do Sancto-Grial no meio dos seus cavalleiros da Tavola-redonda, mostrava em todas as occasiões demasiado pundonor na propria dignidade para se dever reputar pouco prudente aquelle que quizesse correr o risco de experimentar se elle considerava ou não como modificada pelos costumes a dura sancção penal contida nessas leis antigas.

E todavia, houvera alguem que se arriscara á experiencia. Para sabermos quem sería, baste dizer que nisso consistia o segredo em que ruminava ás horas mortas de vigilia o pachorrento do abbade.

Apesar do valimento d'elrei, Fernando Affonso arcara peito a peito com um empenho que podia esmagá-lo. Bastava que os seus inimigos o soubessem; e tinha dous que valiam a pena de se pensar nelles: o chanceller, em cujo edificio politico tentara aluir algumas pedras, e o prelado dos cistercienses, que desde a noitada da tavolagem o tractava, quando se viam na corte, com dobradas attenções e com affabilidade excessiva.

Desde o dia em que estivera na rua de D. Mafalda, o digno monge alcaide-mór mostrara verdadeiro genio inventivo em achar pretextos para assistir, com tal qual quebra

da regra reformada de S. Bento, aos saráus do paço, a essas festas esplendidas nas quaes a bella e pura Philippa de Lencastre apparecia rodeiada da sua corte de domnas e donzellas, em cujo numero se contavam as formosuras mais celebradas nas canções dos trovadores, as filhas e mulheres dos mais poderosos vassallos da coroa, dos cavalleiros que maior reputação haviam grangeiado na longa e tenaz lucta da independencia. Entre ellas algumas havia que, brilhando ainda com todos os encantos da mocidade, se adornavam já com as galas melancholicas de mais ou menos recente viuvez; porque a fouce da morte ceifara muitas vidas durante cinco annos de encarniçados combates com os guerreiros de Castella. Outras havia a quem sorte igual, talvez, coubesse em breve e em cujas frontes anuviadas se liam muitas inquietações secretas. Mas este fundo tristonho do quadro dava realce maior ao bando das jovens donzellas que, ignorantes de maguas, folgavam nesses festejos e se balouçavam á flor da vida, como a avesinha revoando, num bello dia de primavera, pela superficie da albufeira que esconde sob a face dormente os vagalhões da tempestade.

D. João d'Ornellas, semi-occulto nos gru-

pos de cortezãos, por essas tardes e serões de tangêres e momos e folgares, parecia pensativo. Eram os cuidados da governança da sua opulenta ordem? Assim se imaginava. Não eram tal. Observava o seu inimigo.

O que destas observações tirou não o disse elle a ninguem. Apenas, alguns dias depois da inculca do truão, o chanceller notou lá com a sua garnacha que o seu excellente amigo se ía fazendo cada vez menos visivel na corte. Scismou algum tempo no caso; mas, como não atinava a deduzir d'ahi uma illação rasoavel, não pensou mais nisso.

Todavia, o que é certo é que, apesar da apparente singeleza e quasi indifferença com que o abbade de Alcobaça baldeiara Alle da severa e triste estudaria de S. Paulo nas salas magnificas de S. Martinho, antes de se despedir delle na presença do reitor, conversara a sós mais de uma hora com o futuro maninello de sua real senhoria.

Pois deixá-lo embrulhar-se e ennovellar-se no seu manto de mysterio. Que precisão temos nós de saber o que viu, como viu e até onde viu? Cá está uma nota de algum Scaligero ou Casaubono de cogulla e cercilho, escripta em cursivo encambulhado á margem da nossa chronica vetusta e amarellenta, que

nos porá correntes com o que na verdade havia.

Fernando amava. Esta affeição tinha começado um anno antes: podia dizer-se a mais duradoura da sua vida, a mais ardente, quasi um amor verdadeiro.

No periodo da vida em que o coração da mulher se abre ás paixões ha duas epochas distinctas. A primeira é aquella em que, timida e inexperiente, ella se embriaga nesse pelago de vagas aspirações de um amor sem objecto; em que no homem que lhe sorri crê encontrar o ente predestinado, que Deus enviou á terra para servir de arrimo aos seus passos debeis e incertos, semelhante ao freixo robusto que, firme no solo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera e balouça alegre as possantes vergonteas, presas nos laços voluptuosos da fragil planta, que vive da sua seiva sem a exhaurir. É essa quadra perigosa em que a lua que passa suscita inexplicavel saudade no animo feminil, e os olhos da virgem que se vão após o astro socegado descem de lá para a terra humidos de não sentidas lagrymas; em que a donzella se mira na agua limpida do arroio, tingindo-se-lhe de rubor as faces, se percebe que a observam, e vai, correndo e rindo, colher por disfarce a

bonina da margem para a atirar á veia do regato e segui-la com a vista, que de espaço a espaço vem cruzar de relance com o olhar fito daquelle que em adoração a contempla; em adoração, porque, durante esta idade, no gesto, nos meneios, na voz, no volver d'olhos da virgem, no ambiente que a cérca, ha o que quer que seja de anjo; ha o que quer que seja do céu.

Nesses annos, é tão facil como barbaro o triumphar do pudor quasi infantil, unica defensa que a natureza deixou a um espirito ignorante e candido, se não é que para alliadas do pudor pôs na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos annos da innocencia virginal, ha no existir da mulher uma phase em que a sua alma desce das regiões ideaes da pureza para a grosseira realidade do mundo. Já então se não mira no crystal do arroio, e a lua vem e desapparece sem que ella uma vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precipita-se todo no coração que se dilata, e ás faces só vem a pallidez. Nesta quadra é a intelligencia que resiste á seducção: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontanea,

inexplicavel; é calculo, é raciocinio. Nessa idade, o amor que cede é ardente, impetuoso, tyrannico, porque a mulher mediu toda a extensão do sacrificio; porque não cedeu sem uma lucta terrivel, e essa lucta lhe fez conhecer a immensidade da paixão que a venceu, e a consciencia lhe diz que só um amor sem limites pode corresponder ao seu.

A diversidade, porém, das indoles humanas determina as diversas manifestações do amor feminil nos annos que succedem aos da primeira juventude. Muitas vezes a mulher, postoque despenhada, na realidade é ainda o anjo, anjo não radiante de gloria, não cercado de uma aureola de formosura celeste, mas passando docemente melancholico no meio do desterro da vida, semelhante ao pôr do sol de uma tarde de outono, vivendo só para o homem cuja alma uniu á sua, exemplo de abnegação sobrehumana, esquecendo as dores proprias para consolar as alheias, soffrendo a infidelidade, a ingratidão, a impaciencia brutal sem um queixume e escondendo, até, a reprehensão eloquente das lagrymas. Feliz o que encontrou tal mulher, se Deus lhe concedeu entendimento para a comprehender, coração para aspirar e conter em si um amor quasi infinito! Noutras, quando chega essa idade, as

paixões intensas, concentradas, violentas assemelham-se á cratéra do Vesuvio, cujas terriveis erupções são transitorias, mas onde constantemente arde o fogo, e tolda os ares o fumo, e as escorias se agitam sob os turbilhões da chamma inextinguivel. Noutras, finalmente, os ardores intimos são semelhantes aos fogos do Hecla; escondem-se debaixo de uma superficie de gelo. Mas a força da explosão não é por isso menos violenta.

Aquelle que chega a affastar esse manto de frieza lá vê ferver os algares, lá ouve o rugir do abysmo, lá sente o calor do incendio.

A mulher que Fernando Affonso cria amar era semelhante ao Hecla.

Acolhendo todas as demonstrações de ternura, acceitando os cultos do moço escudeiro, accendendo-lhe a imaginação com as artes subtis que a natureza parece inspirar ao sexo fragil para captivar o forte, ella soubera exaltar os instinctos grosseiros daquelle coração pervertido. Era para Fernando Affonso um sentimento novo, mas profundo e que elle proprio acreditava sincero. Formosa, postoque já houvesse passado além da primavera da vida, a amante do camareiro-menor empregara para o subjugar o meio mais poderoso de que uma mulher seductora póde lançar

mão para converter o amor nascente em paixão delirante. Fazia-o esperar tudo sem conceder cousa alguma. Quando, cego de desejos, sedento de prazer, o mancebo ousava recordar-se da sua antiga audacia, um olhar severo, um gesto imperioso, uma palavra altiva vinham subitamente adverti-lo de que, emfim, achara uma mulher incapaz de ceder aos devaneios de um momento. Despeitoso, irritado, jurava então quebrar os laços que o prendiam; porém, máu grado seu, o amor ganhava mais força com os rigores, e novas seducções geravam novas esperanças, que não tardam a ser repellidas pelo calculo que simulava virtude, para se renovarem e morrerem cem vezes.

Apesar da circumspecção com que essa mulher evitava abandonar-se á paixão impetuosa do escudeiro, ella amava-o realmente; amava-o, até, com ardor; mas tinha-lhe estudado a indole, sabía uma parte da sua historia e tremia diante da idéa de trocar um escravo submisso em senhor desdenhoso.

Ligada por interesses de familia, muito moça ainda, a illustre cavalleiro, um successo inesperado e fatal, a morte daquelle a quem se unira por calculos de ambição, viera extinguir as suas esperanças sem ao menos ter experimentado as doçuras de um amor mutuo,

e sem lhe restarem essas lagrymas de saudade, esse conversar na solidão com uma imagem querida, que são para o desgraçado um thesouro de consolações.

A situação, porém, da formosa viuva não tardara em mudar. Nobre por nascimento e ainda mais pelo nome que enlaçara com o seu, obtivera satisfazer o ardor pelo luxo e pelos triumphos da vaidade, que eram os vicios predominantes do seu caracter, entrando no brilhante circulo das damas da rainha. Fora então, fora nos saráus tão frequentes na corte de D. João I, onde o enthusiasmo guerreiro, os enredos da politica, as aspirações da devoção e o estrepito dos deleites succediam uns aos outros sem se excluirem, que os seus olhos tinham encontrado os de Fernando e uns e outros se haviam entendido. Depois, viera a palavra submissa, proferida ao perpassar, o encontro ardente das mãos no redemoinhar das danças, as cores favoritas do trajo elegante da bella copiadas no escudo do cavalleiro, nos torneios e justas da Rua-nova, a rosa cahida a descuido do seu seio ou do seu toucado e apanhada rapidamente e rapidamente beijada e escondida no peitilho da jornea do mancebo; todas essas estrophes, emfim, escriptas mais em hieroglyphicos do que em

palavras, de que se compõe a epopeia do amor, sempre a mesma e sempre nova, e que a tantos devora os annos e a energia da mocidade no meio de deliciosa embriaguez.

Não repetiremos os varios cantos daquella Odyssea, cujos protagonistas eram o camareiro-menor e a sua formosa amante. Baste recordarmos ao leitor que Beatriz fora offerecida em holocausto nas aras da sua altiva rival. Assim devia acontecer; porque Beatriz se entregara sem reserva, e ella acceitara as adorações sem admittir a idéa de recompensa. No amor a ingratidão é a filha primogenita da abnegação e da fraqueza, ao mesmo tempo que não é facil dizer se as difficuldades repellem com mais força o que tenta superá-las, do que o chamam e subjugam por mysterioso attractivo.

Na conjunctura, porém, a que se refere a nossa narrativa, o combate de Fernando Affonso para triumphar do pudor calculado da sua nova amante aproximava-se de uma crise. A victoria que ía coroá-lo devia-a a ter empregado em momento opportuno uma arma terrivel.

Habil em penetrar os mais occultos segredos do coração feminil, o moço escudeiro avaliara toda a extensão dos dous sentimentos

que dominavam a alma daquella que amava; uma affeição ardente, inquieta e ciosa e um orgulho excessivo. Conheceu que tinha nelles dous poderosos auxiliares para o ajudarem a despedaçar o manto regelado que escondia o vulcão, e os seus requebros á linda filha de mestre Bartholomeu eram o resultado do plano que concebera. Alda, que se ufanava de ser requestada por tão gentil mancebo, mal imaginava quão distante da rua de D. Mafalda elle punha a mira dos seus intimos desejos.

O ciume tem cem olhos. Sagaz deve ser aquelle que souber esconder por muito tempo a sua infidelidade á mulher que devéras o amar. Fernando não desejava occultá-la, e a formosa dama de D. Philippa não tardou a obter a certeza de que era trahida. Foi então que o incendio, como o moço escudeiro o previra, rebentou impetuoso: a lucta do orgulho ferido com o amor avivado pela offensa só serviu para revelar á consciencia aterrada da amante de Fernando que a sua paixão era invencivel. Collocada á borda de um abysmo, persuadida de que o abandono seguiria de perto a traição, viu que era necessario ceder. Fernando tinha vencido.

Nós pouparemos tambem ao leitor a scena das amargas accusações da offendida e da

frouxa defesa do offensor. Taes scenas tê-las-ha lido ou visto representar mil vezes. Feliz delle, se já em alguma foi mais do que mero espectador: feliz, porque a explosão dos zelos é como a trovoada do estio: depois do fuzilar dos relampagos, do cahir da saraiva que fustiga os arvoredos, os ares são mais diaphanos, o firmamento de um azul mais limpido. Ás lagrymas de bella mulher, quando cahem sobre a fronte que se curva arrependida, succede um momento que resume eternidades, e no olhar e no sorriso que dizem — esqueço e perdoo, — ha um extasi ineffavel. Não podem excedê-lo os do céu.

Tal fora o que passara a um dos balcões dos paços de S. Martinho, naquella noite do anno em que por toda a Lisboa, desde o palacio até a choupana, quasi ninguem dormia; na noite que precedera o dia de Corpus Christi.

Ahi Fernando jurara não tornar a ver a linda Alda. No meio dos seus transportes, os cabellos se lhe fariam brancos de terror, se podesse adivinhar como esse juramento tinha de ser cumprido.

Ahi, em voz quasi imperceptivel, uns labios tremulos haviam proferido um delicioso sim.

A farça do deliquio representada em Valverde pelo joven camareiro e a sua corrida

desde o bairro da Pedreira até a Porta-do-ferro ligavam-se intimamente com o que se passara no balcão dos paços de S. Martinho.

Eis aqui, pois, porque goraram os planos da pobre Domingas, e porque as palavras em cujo effeito magico ella confiava só produziram um brutal assassinio.

Oh previdencia, oh agudeza, oh força da concepção humana, tão semelhantes as mais das vezes á finura e capacidade da defuncta cuvilheira. Vós sois, sem questão, a cousa mais profunda e admiravelmente piegas e asnatica deste mundo!

Na minha admiração, ou antes adoração, do vosso *quid divinum,* eu vos saúdo. Salve!

XXI

O ESPIA

Aventureyme: vim aqui
Por vos ver e vos fallar.

Canc. do Colleg. dos Nobr.

Todos aquelles dos nossos leitores que conhecem a topographia actual de Lisboa sabem quão breve distancia medeia entre a sé e o Limoeiro, antigo palacio dos reis da primeira raça, convertido em sentina de crimes e em viveiro e eschola de criminosos pela monarchia absoluta, parenta proxima do liberalismo moderno no desprezo estupido e brutal dos mais venerandos monumentos dessas epochas de liberdade incompleta mas sincera, em que o monarcha era o alliado dos povos, o braço que estes estendiam para annullar a tyrannia da casta privilegiada, se ella ousava quebrar-lhes os seus foros, avexá-los ou opprimi-los.

Alle, affastando-se da tia Domingas, transposera a correr essa breve distancia que separava a cathedral dos paços dos infantes, a séde do supremo sacerdocio da séde do supremo poder, e ía a cruzar o atrio, onde apenas se via em completa immobilidade um bésteiro da guarda firmado na sua alta bésta de polé, cujo arco de aço elastico e pulido refulgia ao sol ponente, quando sentiu um tropeiar rapido. Parou, voltou-se e viu o camareiro-menor chegar ao adro de S. Martinho, olhar de roda de si, apeiar-se, atirar a rédea para cima do pescoço da mula e encaminhar-se para o portal d'onde o truão o observava. Não esperou este que elle o visse. Tomando por uma porta á esquerda do atrio, Alle parou de novo e pôs-se a espreitar. Percebendo que o escudeiro se dirigia para alli, sumiu-se ao longo de um corredor que, fazendo angulos e voltas, subindo e descendo, ía terminar noutro que o leitor já conhece e que dava communicação para o aposento onde se passaram as scenas entre micer Percival, o rei, o chanceller e D. João d'Ornellas que anteriormente tentámos descrever.

Dir-se-hia que Fernando Affonso lobrigara o truão e que diligenceiava alcançá-lo. Entrou pela mesma porta, seguiu ao longo do mesmo

corredor, deu as mesmas voltas, subiu os degráus que elle subira, desceu os que elle descera, e cada vez o truão sentia mais perto de si as passadas do moço escudeiro, que não podia ouvir igualmente as de Alle, calçado de servilhas mouriscas e caminhando nas pontas dos pés. Todavia, no meio daquelles escuros e tortuosos meandros, o camareiro hesitou, retendo a respiração e pondo-se a escutar attentamente.

Parecera-lhe ouvir um rastejar sumido, como de cobra que fosse fugindo adiante delle.

O jogral parou tambem. Chegara naquelle momento a um passadiço que conduzia da camara real ao aposento cuja chave exterior o chanceller guardava.

Esse corredor recebia alguma luz, bem que frouxa, de um frestão rasgado na parede de uma especie de claustro interior. Num relance, Alle galgou até a extremidade e, cozendo-se com a porta, ficou inteiramente cuberto com o reposteiro. Um instante que houvera hesitado, o camareiro vê-lo-hia. Quando, porém, este chegou alli, apenas uma ondulação quasi imperceptivel agitava as pregas do reposteiro, ondulação que á luz baça do corredor não permittia enxergar do topo fronteiro, por onde o mancebo assomara.

Quasi ao fim do corredor, na parede lateral, abria-se um arco. Era o patamar de uma escada em espiral que ía morrer no pavimento superior.

Fernando Affonso escutou novamente. Reinava profundo silencio; porque tudo estava deserto. A festa de Corpus transvasara, por assim dizermos, o paço na cathedral.

O escudeiro começou a subir cautelosamente. Alle, apenas o vira desapparecer no arco, saíra detraz do reposteiro. Num pulo, achou-se no primeiro degráu da escada. Caminhando de pés e mãos, como um gato, seguia de perto o camareiro-menor, que, pela fórma da escada, pela tenuissima luz que o corredor soturno lhe ministrava, pelo nenhum ruído com que o chocarreiro avançava, não podia imaginar que o seguiam.

Saíndo a uma especie de dormitorio, mal allumiado pelos raios do sol através de um espelho de vidraças brancas aberto no topo occidental da galeria, Fernando Affonso chegara, emfim, ao termo da sua mysteriosa viagem. De um e d'outro lado havia uma serie de portas fechadas. Sobre ellas cahiam reposteiros verdes e brancos, bordados com as armas de Portugal coroadas pelo dragão verde. Estes reposteiros, que rojavam no pa-

vimento, encubriam-nas inteiramente. Um delles, porém, estava corrido para o lado. Alli, como no pavimento inferior, reinava silencio sepulchral.

Esse dormitorio e essas cellas eram um logar vedado aos homens, como harem d'amir mussulmano, ou como claustro de virgens consagradas ao céu, postoque não habitassem ahi, nem escravas do oriente vendidas á sensualidade de um senhor licencioso, nem victimas de idéas exaltadas e supersticiosas ou da tyrannia domestica.

Fernando achava-se no lanço do palacio destinado para a habitação das domnas e donzellas de D. Philippa.

Inclinando successivamente a cabeça a um e a outro lado, o mancebo parou no adito do extenso dormitorio. Applicava o ouvido, ora para a direita, onde os raios do sol, já mergulhando para o occidente, se estiravam pelo acanhado espelho de vidraças brancas e convertiam em subtis piscas d'ouro o pó da atmosphera, ora para o topo opposto, aonde a luz viva, mas pouco volumosa, do oculo voltado ao poente chegava apenas como crepusculo duvidoso. Este inclinar-se, este escutar era que hesitava entre o desejo e o perigo. As arterias batiam-lhe com violencia, e pela me-

dulla dos ossos corria-lhe a espaços um calafrio.

Finalmente avançou alguns passos. Uma taboa do pavimento, rangendo sob o seu peso, causou-lhe um estremecimento de terror. Escutou de novo: a quietação era completa.

Só uma voz intima parecia dizer-lhe: — «retrocede, que ainda é tempo.» Porventura era a mesma que á Porta-do-ferro tentara chamar-lhe assassino; a voz, não inteiramente muda, da consciencia.

Como alli, desattendeu-a. Indignado da propria fraqueza, galgou ao longo dessa renque de portas, que ía contando mentalmente. Parou perto da duodecima, a do reposteiro corrido. Estava meia-aberta. De dentro, uma claridade debil, que parecia atravessar dous ou tres aposentos, prolongava-se pelo chão do corredor. Era aquelle o logar aonde o moço escudeiro devia dirigir-se. A um leve bater de palmas responderam-lhe uns sons maviosos de alaúde. Respirou: o signal fora correspondido. O coração, que o receio até ahi lhe estorcera, agitava-lh'o agora a alegria.

E, comtudo, se neste momento tivesse volvido o rosto, correndo com a vista até a aresta do arco por onde acabava de passar, talvez essa alegria se lhe convertesse em trance cruel

de angustia; talvez o seu raio visual fosse cortado por uma face ridente de ironia, por um olho vivo e negro, que o vigiava, por metade de uma fronte, que, roçando pela quina de marmore, ora apparecia, ora desapparecia. Mal pensava elle que, afóra os broncos bésteiros da guarda, alguem o tinha visto entrar nos paços de S. Martinho e que tenebrosa missão estava a cargo desse alguem que o vira e que o seguia.

Os sons do alaúde haviam cessado, e um ranger de quicios e uma pancada quasi imperceptivel de porta em batente lhes tinham succedido. O olho ironico, a face risonha e a meia fronte de Alle surdiram juncto á aresta do alisar de marmore. A luz que da porta meia-aberta se estirava pelo pavimento tinha-se eclipsado, e o mancebo desapparecera. O corpo inteiro do mouro desenhou-se então na viva claridade do espelho occidental. Aquelle vulto adiantou-se pé ante pé para o topo escuro da galeria e chegou ao reposteiro franzido. Ahi parou. Parecia meditar.

O sitio em que se achava não lhe era absolutamente desconhecido. Já uma vez, com a sua liberdade de bufão, tinha ousado penetrar naquelle recincto, com grande escandalo e gritaria de D. Cypriana, a rodeira das damas,

cujo throno, agora vazio, se ostentava no topo escuro do dormitorio. D'ahi a severa rodeira regulava a ordem e a policia entre as cuvilheiras e sergentes das altas e nobres domnas e donzellas de sua mercê a rainha; entre esse bando de aves palreiras, que, saíndo e entrando dos aposentos de suas *domnas,* se cruzavam, paravam, agrupavam-se, dispersavam-se, falando, altercando, rindo, e correndo vivas e trefegas pela extensa galeria. Ouvindo as exclamações de horror da rodeira e observando o espanto pintado no gesto de toda aquella turba de raparigas, que tinham ficado como estatuas ao ver no redil um lobo, postoque lobo velho e desdentado, Alle galgara de um pulo pela escada abaixo e fora esbarrar com elrei, que passava nesse momento para o gabinete particular. O chocarreiro agarrou-se-lhe então á falda da jornea, bradando:

«Compadre João, compadre João! Que diabo de gallinheiro tens tu lá em cima? E que peste de gallinha choca é aquella que cacareja e cuida cantar como o gallo? Ía-me tirando os olhos. Apage!»

E deitara a fugir, emquanto elrei em vez de se irritar, desatava a rir. Que importava que Alle tivesse quebrado aquella especie de clau-

sura? Um bobo não era um homem. Todavia, gritou-lhe de longe:

«Guar-te, compadre, da gallinha choca, não vá cacarejar ás orelhas do alcaide dos donzeis. Bem sabes que as pontas dos tagantes que elle traz á cincta são flexiveis e delgadas!»

Desde aquelle dia Alle passara sempre de largo pelas fronteiras dos dominios de D. Cypriana. Mas a vinda inopinada de Fernando Affonso, as recommendações terminantes de D. João d'Ornellas e o proprio impulso de uma curiosidade malevola haviam-lhe dado agora animo para affrontar o perigo. A verdade era que este não existia. A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalara para assistir ao grande drama de Corpus. Só a cadeira magistral de D. Cypriana rutilava, apesar da frouxa claridade, com a sua pregaria dourada, e ostentava os seus braços de macissa nogueira lavrados de flores e fructos, o seu espaldar rendilhado e erguido em corucheu, á maneira de portada de cathedral, e a sua solida base terminada em duas gargulas, uma imitando o corpo de um leão rapante com face humana, outra o de um homem estirado sobre o ventre com a carranca leonina, e finalmente o seu rodapé de gorgorão verde, que, pendurado em volta do assento de couro

bastido, servia de sanefa ás carantonhas das gargulas.

O truão deu mais alguns passos, chegou-se ao throno da rodeira, metteu-se atraz do espaldar e esperou o desfecho da estranha aventura que o acaso lhe deparara. Ennovelado naquelle recanto, podia ver sem ser visto. Alli a escuridão era quasi completa, e até, quem se chegasse ao pé delle difficilmente distinguiria nesse vulto, que semelhava uma trouxa, as fórmas e proporções humanas.

Apenas, porém, o mouro se aninhara, a porta mysteriosa abriu-se com violencia. Lá, no limiar, estava uma formosa mulher, cujos trajos desordenados, cuja extrema pallidez, cuja voz presa e tremula indicavam o susto.

Alle reconheceu-a: era uma das damas da rainha. Um homem procurava retê-la, segurando-lhe o braço: era Fernando Affonso.

«Enganastes-vos, senhora — dizia o mancebo. — Juro que vos enganastes! Não póde ser: não podem voltar ainda.»

«Meu Deus, meu Deus! — murmurou ella, erguendo as mãos com gesto de progressivo terror. — Parti... por amor de vós... por amor de mim!»

«Um momento só, um momento...»

«Não, Fernando. Ide-vos... fugi!»

«Oh — interrompeu o moço escudeiro, estorcendo as mãos com olhar phrenetico — deixae-me ao menos ouvir ainda outra vez desses labios que sois minha, minha só, minha para sempre: deixae-me aspirar a felicidade depois de tanto padecer; deixae-me...»

«Escutae... escutae de novo... Não foi illusão!... O perigo está sobranceiro. Agora as trombetas bem distinctamente soam. É a rainha que volta... Que será de nós, se vos encontram aqui!»

Effectivamente Alle, que, emfim, percebera a aventura e retinha a custo um frouxo de riso, distinguiu os toques estridulos das charamelas que guinchavam, segundo parecia, da banda do adro de S. Martinho. A sua situação era tambem pouco vantajosa, e ao lembrar-se de D. Cypriana perdeu a vontade de rir.

Fernando escutava.

«Tendes razão! — disse elle por fim. — Ámanhan, pois... aqui... durante o saráu... quando o sino da sé tiver tocado a completas.»

«Sim, Fernando. A galeria estará deserta como agora. A rainha dispensou-me de a acompanhar tres dias. D. Philippa é indulgente quando se tracta de actos de devoção. Foi esse o pretexto com que me encubri.»

«E o meu será entretanto o mal que hoje inventei. Elrei julga-me gravemente enfermo. Ámanhan a ventura não me fugirá como hoje... ámanhan, senhora... Oh, quanto serei feliz!»

«Insensato!... Deixae-me, deixae-me, e fugi!»

Era que o mancebo a estreitara repentinamente entre os braços e que naquella formosa fronte se imprimira um beijo longo e ardente.

Depois, Alle ouviu sussurrar um adeus submisso. Os dous vultos desappareceram, e, ao mesmo tempo que pelo dormitorio se alongavam passos de homem leves e rapidos, o reposteiro correu-se e a porta cerrou-se. Durante alguns credos fez-se alto silencio. O chocarreiro ergueu-se então, deitou a cabeça, depois o tronco, e depois saíu de todo detraz do espaldar: mirou para um lado e para outro e, com a mesma cautela com que se aproximara daquelle sitio, dirigiu-se nos bicos dos pés ao topo da escada em espiral.

E, descendo lentamente, scismava:

«Ámanhan: ao sino... Sino de que?... Ah sim, de completas... não me esqueço, nobre escudeiro, que atropelas os que te não fizeram mal; não sou esquecido... Oh, como

o abbade rirá! Bem me dizia elle: «Observa, vigia, Alle.» Atinava! Eu é que sou um parvo... Partamos para o collegio de S. Paulo.»

E através dos corredores e passadiços, subindo e descendo, ria como um perdido a pensar no caso.

No momento em que chegou ao atrio do paço, a rainha desmontava de um palafrem branco, em que viera do cadafalso ou tablado erguido no topo occidental da Rua-nova, d'onde desfructara as scenas devotas e brutescas da solemnidade. As charamellas tiravam ainda os seus ultimos sons, e os timbaleiros davam os extremos rufos, prolongando-se com a igreja de S. Martinho. A esse ruído associava-se o do pateiar de mulas de pagens e de hacaneas de domnas e donzellas e o de muitas vozes que se cruzavam.

Dez minutos depois D. Cypriana, assentada na sua poltrona, desencalmava-se com uma taça de hydromel e dizia á sergente Briolanja que lh'a trouxera:

«E a tua domna?»

«Parece que ainda está resando. Já fui escutar á porta e não ouvi nada.»

«Não ír á procissão para resar todo o sancto dia?! E' cousa singular! Tenho reparado que, desde que deixou de se confessar a

Fr. João Xira e tomou por director Fr. Isidoro, anda quasi sempre triste e a scismar. Dizem que Fr. Isidoro é, depois de Fr. João Xira, o melhor mestre de casos de S. Francisco. Será; mas eu não o quereria para meu padre espiritual, se faz andar assim a gente com o coração agastado.»

Briolanja passou então para o lado da rodeira, metteu a cara entre as mãos, encostou-se aos cotovellos no braço da cadeira e aproximou a boca do ouvido de D. Cypriana.

A rodeira inclinou a cabeça para o lado, seguindo entretanto com os olhos o bando das raparigas, que entravam e saíam sussurrando ao longo da galeria, pouco antes tão silenciosa.

«Não é isso, senhora D. Cypriana... não é isso — disse a sergente que parecia hesitar. — O que é nem eu tenho animo de lh'o referir! Jesus venha à minha alma!»

«Oh! então que é?» — acudiu a rodeira, voltando-se e arqueiando em ogiva as sobrancelhas grisalhas.

«Pois sempre quer que lh'o conte?... Eu sei!... Ainda não estou em mim...»

«Mas vamos: que foi? Fala, mulher, fala.»

«Olhe que, se vai logo dizê-lo!...»

«Não digo, não. Pódes ficar tranquilla.»

A sergente persignou-se, fazendo um gesto de horror.

«Ai, nome da benta hora! A noite passada... Oh, valei-me, sancta Senhorinha de Basto, sancta da minha terra, que não tenho animo para tal contar!...»

«Mulher, que me impacientas! — insistiu a rodeira colerica, fazendo um rufo no pavimento com os tacões das botinas. — Não sabes que eu devo saber tudo que se passa aqui, para acudir com remedio a qualquer caso extraordinario?»

«Remedio! não é caso disso... Ora pois, eu lh'o conto... E' por lhe obedecer.»

D. Cypriana refastelou-se mais a seu commodo na poltrona, emquanto Briolanja tornava a persignar-se.

«A noite passada — começou a sergente — dormia eu na almadraquexa aos pés do leito de minha domna. Acórdo estremunhada com o coração aos pulos: corria-me da testa o suor em bagas. Na sé tocava o sino depois de completas: não eram ainda nove horas. O sino calou-se, e, apenas se calou, pareceu-me ouvir um som mais perto. Era uma voz de homem á cabeceira do leito; mas voz triste, muito triste. Tambem me pareceu que minha

domna gemia, tentando articular algumas palavras...»

«Misericordia! — interrompeu a rodeira, levando as mãos á cabeça. — Um homem, aqui, e depois de noite!? Que dizes, Briolanja? Pois isso será verdade? Jesus; Sancto nome de Jesus!...»

«Qual homem!... — replicou a sergente. — Um medo, uma cousa má, uma alma em pena!... Branco, branco!... Trazia vestida uma alva até os pés. E depois, os buracos dos olhos e a testa amarella e luzidia e duas fieiras de dentes a branquejarem; que beiços não os tinha!... Estava assentado á cabeceira do leito, e com a mão de ossos descarnados, como os da caveira, posta sobre o peito da minha domna, e ella a querer falar e sem poder. O medo dizia: — Ainda mais dez annos de purgatorio, Senhor meu Deus! Ainda mais dez annos! Assim esquecem aos vivos, nos deleites do mundo, os suffragios pelos pobres finados! — E punha-se depois a gotejar lagrymas daquelles olhos que não eram olhos, e a soluçar com aquella garganta mirrada. E a minha domna tremia, e o leito tremia, e tremia eu, que mirava tudo, mas com a cabeça cuberta, por uma fisga da roupa; e a lampada espirrava, e na janella sentia-se

o vento que assobiava, e lá no telhado da igreja de S. Martinho os mochos que piavam. E isto durou, durou, durou... Eu sei lá o que durou! A cousa má carpia-se de que a assavam, de que a frigiam em azeite, de que a atenazavam, e postoque eu não visse nem lume, nem grelhas, nem certan, nem tenazes, creio que devia ser assim, pelo muito que a pobre da alma grunhia e suspirava.»

«Ai! cal-te, mulher, cal-te! — exclamou, emfim, D. Cypriana, a quem o excesso do espanto e terror paralysara por algum tempo os movimentos e a fala. — Oh sacratissima Virgem! E eu que durmo alli no reposte; mesmo paredes meias! Não: esta noite já não fico lá. Vou mandar pôr um almadraque naquelle aposento devoluto, acolá no topo do dormitorio...»

A sergente interrrompeu-a.

«E' escusado. O medo não passa pelas paredes, creio eu; porque, quando os gallos começaram a cantar, alevantou-se, marchou vagarosamente até alli á porta, que se abriu e fechou atraz delle. Senti-o parar aqui um pouco e depois encaminhar-se ao longo do corredor. Jurara, até, que lhe ouvi os passos descendo a escada.»

«Peior, peior! — acudiu a rodeira. — Áma-

nhan já esta poltrona aqui não fica. Acolá do outro topo ainda observo melhor o que se passa no dormitorio e estou mais á mão de quem vem trazer qualquer recado. Faço uma cruz a este maldicto recanto. E tua domna, que resolução tomou?»

A sergente custou-lhe a conter a alegria, ao ver o effeito que a sua historia produzira no animo de D. Cypriana, e respondeu:

«Mandou-me a S. Francisco esta manhan contar tudo a Fr. Isidoro, que ordenou certas resas para resar hoje todo o dia e nas tres noites immediatas, começando antes da hora em que appareceu o phantasma, emquanto elle não vem benzer o aposento e fazer os exorcismos. Recommendou-me, porém, segredo, porque as almas assanham-se, diz elle, contra quem põe em praça as suas miserias e necessidades.»

«Por mim — replicou a rodeira, cujo proposito de contar tudo no dia seguinte á camareira-mór D. Brites Gonçalves lhe passara no mesmo momento — póde a pobresinha da alma ficar descansada. Que entre, que esteja ou que sáia, é cousa de que não quero saber, e Deus vê o meu coração. O que hei-de, lá isso hei-de, é resar uma coroa esta noite para que Deus se amerceie della... Estou pátéta com o caso!»

Assim terminou o dialogo. E de feito, nessa mesma noite a cama de D. Cypriana passou do reposte ou vestiaria das damas para a camara devoluta, e ficou tudo prevenido para a veneranda poltrona ser transferida no dia seguinte para o topo opposto do dormitorio e collocada debaixo do espelho ou janella redonda que o allumiava.

Tambem nessa noite, Briolanja e sua ama, a sós e fechadas por dentro, conversaram em voz baixinha mais de uma hora, interrompendo ás vezes a conversação com um rir mal refreiado.

As historias de duendes e espectros e almas penadas e possessos e diabretes constituiam na idade-media um systema de doutrinas, cuja solidez se estribava em factos repetidos, irrefragaveis, testemunhados por milhares de pessoas, e em principios demonstrados a priori e a posteriori, incontroversos, axiomaticos. Duvidar da realidade do systema sería um scepticismo escandaloso ou uma loucura rematada. D. Cypriana era, porém, pessoa sisuda e que sabía como havia de pensar: por isso a mudança do almadraque e da poltrona foi, em nosso entender, de uma finura admiravel.

Se D. Cypriana vivesse hoje, havia de ser

muito lida em economia politica, e se tivesse alguns bens de fortuna mettia-os nas unhas dos agiotas, que lhe dariam vinte ou trinta por cento de lucro e em pantana com o capital.

E' que em cada seculo ha uma verdade graúda que predomina e que vai ajudando os espertos a consolarem-se dos dissabores da vida á custa do animal, alvar por excellencia, chamado cidadão ou homem civilisado, para cujo consolo vieram á terra as bruxas, a therapeutica, os fundos publicos, a ontologia, os duendes, as infusões, a esthetica, as petas e o palavreado.

E a verdade verdadeira, acocorada ha seis mil annos no fundo do seu poço, a rir, a rir, a rir, que já não póde ter as ilhargas.

Coitada da pobre verdade!

XXII

JURAMENTO CONTRA JURAMENTO

> Como foy triste acabar
> Com tanta tristeza e dor!
>
> G. DE RESENDE — *Miscell.*

Tanto o elixir de Fr. Vasco, como a bolsa com que tentara a pobre Domingas eram dadivas de D. João d'Ornellas. Mas, se a tentação em que a bolsa fizera cahir a cuvilheira fora fatal a esta, a virtude do elixir, que o abbade exaltara como especifico singular contra a languidez de Beatriz, tinha sido para a pobre enferma absolutamente inefficaz.

Nas horas mortas da terrivel noite em que Fr. Vasco exigira de sua irman o doloroso sacrificio de implorar a piedade de um homem vil e cruel, sacrificio que ella reputava não só superior ás suas forças, mas tambem inutil, Beatriz apenas saíra do lethargo em que ficara

á partida do monge para se debater em convulsões repetidas e cahir depois numa especie de insensibilidade estupida, que a tia Domingas na sua alta sabedoria traduzira em decisivas melhoras, produzidas por duas ou tres colhéres do mirifico elixir, concluindo d'ahi que lhe era licito resar as suas orações e deitar-se immediatamente a dormir, antes que entre as resas e o somno se lhe introduzisse atraiçoadamente no espirito alguma tentação de Satanaz.

Desde aquella memoranda noite, as forças de Beatriz, gastas já pelos padecimentos do corpo e do espirito, começaram a desapparecer rapidamente. As suas faces emaciadas tingiam-se de um circulo de rubor, que parecia tanto mais vivo, quanto a fronte se lhe tornava mais pallida. Era que a febre, a lenta mas incansavel gastadora da morte, lhe minava debaixo dos pés o caminho precipitado do tumulo.

Tambem durante os dias que decorreram até o da procissão de Corpus, uma tremenda lucta se passara na alma do moço cisterciense.

O juramento que, a bem dizer, fizera sobre o cadaver de seu pae, a repugnancia a commetter um novo crime, embora até certo ponto justificado pela honra, a commiseração para

com sua desgraçada irman e, finalmente, as vans esperanças que alimentava repelliam-se, travavam-se, recuavam, compenetravam-se em combate sem desfecho, sulcando-lhe cruelmente o campo dessa accesa batalha, o coração. Mais de uma vez o amor fraterno, o unico affecto em que a sua alma requeimada achava refrigerio, estivera a ponto de dar a victoria á commiseração; mas o orgulho offendido, a mais implacavel das paixões humanas, não tardava a vir equilibrar o combate.

Entretanto o dia fatal estava de continuo ante os olhos de Beatriz como um espectro, não immovel no horisonte do futuro, mas caminhando para ella a passos lentos, crescendo em dimensões e abrindo as garras para a despedaçar. Era uma scena de phantasmagoria, de que não podia affastar a vista até o momento em que essa especie de pesadello se convertesse em tremenda realidade.

Uma existencia menos debil que a sua houvera cedido a esta situação intoleravel.

No dia da procissão de Corpus, Fr. Vasco obtivera, pela omnipotente intervenção do abbade, dispensa do reitor de S. Paulo para não acompanhar a communidade. Tinha assim tempo bastante para confortar Beatriz antes da hora solemne em que, segundo elle acre-

ditava, se devia decidir o seu destino; dessa hora que esperava entre as angustias que resultam da esperança e do temor combinados. Para obter a permissão de estar ausente até realisar o seu plano, recorrera a um pretexto plausivel; a inquietação que lhe causavam as tristes novas recebidas nessa manhan ácerca do estado, cada vez mais ameaçador, em que se achava Beatriz.

Havia dous dias que o moço cisterciense, retido pelos deveres monasticos e por diversos mistéres de que o incumbira o reitor, não viera á rua de D. Mafalda.

Nestes dous dias o espectro tinha-se chegado mais para a hallucinada donzella. Escondida atraz desse vulto medonho, a morte se aproximara tambem e se assentara ao pé do leito de agonia. Alli mirava a sua presa, que lhe sorria melancholica. A idéa da morte era quem a consolava.

A febre latente, que pouco a pouco lhe ía devorando a existencia, creava estas imagens e punha-lh'as diante do espirito. Embora ninguem mais as podesse ver: existiam para ella. Eram, portanto, reaes.

Quando Fr. Vasco chegou, Domingas esperava-o inquieta. Tinha de dar algumas voltas antes de ir cumprir a missão que lhe incum-

bira. Eram para a desempenhar melhor, dizia ella.

Emquanto escutava impacientemente as observações da cuvilheira, o frade, não vendo apparecer Beatriz, renovara por duas ou tres vezes a pergunta muda a que Domingas estava habituada. Alevantou a cabeça, olhando para o lado da camara e estendendo a mandibula inferior.

«Dorme».

Era a resposta impreterivel da velha.

O cisterciense encaminhou-se para o corredor, emquanto Domingas se dirigia para a escada, recommendando-lhe que fechasse a porta á chave. Fr. Vasco respondeu que sim. Ouvira o som das palavras sem lhes ligar sentido algum. Ha na vida instantes destes, em que o espirito se divide em machina e em consciencia. A machina dirige os orgãos, e a consciencia absorve-se numa idéa.

«Dormir em tal dia, a taes horas, quando a crise se aproxima!»

Assim scismava o frade; e esta cogitação fazia-lhe correr um calafrio pela medulla dos ossos. O porque, não saberia dizê-lo.

Ao entrar na camara de sua irman, o monge viu que Domingas o enganara.

Beatriz estava encostada á cabeceira do ca-

tre; os seus cabellos soltos varriam os pés de um crucifixo de metal pendurado na parede superior. Despedindo-se ao partir para Carquere e Bouro, Fr. Lourenço lhe deixara esta memoria de si. Era, de tudo quanto possuia, o que o bom do frade mais estimava.

Os olhos da donzella, onde fulgia desusado brilho, pareciam fitos na pequena elevação que os seus pés faziam, para o lado inferior do catre, na almucella que até a cinctura a cubria. D'ahi para cima um gibão de mulher, ou vasquinha, preto e affogado na garganta, escondia debaixo das multiplicadas pregas as fórmas emmagrecidas daquelle corpo outr'ora tão esbelto e gracioso. Era no vulto da morte, visão intima, que o imaginar febril lhe convertia em entidade sensivel, que ella tinha os olhos fitos.

As passadas do monge, que chegara á borda do catre, não a tiraram daquella contemplação extatica. Vacillava-lhe nos labios sem cor um quasi imperceptivel sorriso.

O monge curvou-se um pouco e deu-lhe um beijo na face. Queimava.

Beatriz não se moveu.

«Vamos, preguiçosa — disse elle, apertando-lhe a mão fria, que tinha pendente ao longo do corpo. — Recolhida ainda, quando vai já em meio um dia tão lindo?»

O beijo dá-lo-hiam quaesquer labios: de uns sómente, porém, podia essa voz partir. No fundo daquella alma absorta na tribulação a corda da sympathia fraterna vibrou unisona e estridente. O encanto quebrou-se: os olhos de Beatriz volveram-se para o irmão; e o leve sorriso com que saudava o phantasma da morte veio saudar mais fagueiro a imagem querida que tanto tardara. Apertou tambem com a sua a mão de Fr. Vasco. O mancebo percebeu então que esta estava, não fria, mas gelada.

«O dia é bem lindo! — murmurou Beatriz. — A *noite* é que é horrenda!... Mas entre o dia e a noite está a galilé da igreja, onde dormem os mortos e onde se vai ás avemarias resar por elles. As avemarias não é noite nem dia.»

Quanta logica intima havia nestas phrases incoherentes e absurdas! Vasco mal as comprehendia. Creu que sua irman devaneiava. Experimentava terror inexplicavel. Buscou encubri-lo, e proseguiu em tom de gracejo:

«Um dia de junho é lindo! Mas não tanto como tu. Se não fosses minha irman, e se não me houvessem unido indissoluvelmente a esta aspera estamenha, havia eu de amar-te como louco: havias de ser minha mulher, porque és boa e meiga; porque és bella, Beatriz!»

Dizendo isto, o frade ria anediando-lhe as madeixas. Era dentro e a occultas que a dor lhe confrangia o coração.

«Tambem elle — murmurou de novo Beatriz — jurava que eu era boa e meiga; que eu era bella; que sería sua esposa!»

E torcendo o corpo, atirou os braços por cima dos hombros de Fr. Vasco, uniu ao rosto delle a fronte, que escaldava, e inundou-lhe de lagrymas o escapulario.

«Animo, Beatriz, animo!... Pois que é isto? Olha; eu tenho esperança; muita esperança... Quem poderia ver-te assim e não se doer de ti? O que é não sei eu; mas diz-me uma cousa cá dentro que hoje... Deixa estar: verás!»

A donzella ergueu a cabeça, fez affastar um pouco Fr. Vasco e pôs-se a contemplá-lo calada. Os seus olhos, semelhantes ao sol fulgindo, no amanhecer, através do chuveiro impellido do noroeste, brilhavam por entre as lagrymas que lhe tremiam nas palpebras.

Depois de assim o olhar fito alguns instantes, tornou a aproximar a fronte de Fr. Vasco da sua e replicou:

«Tambem o coração me fala hoje não sei que palavras de repouso e de paz.»

E sorria de novo ao proferir isto em voz submissa e tarda.

«E porque não descerá outra vez sobre ti, pobre desgraçada, um raio de luz do céu? — proseguiu fervorosamente o monge, depois de alguns instantes de silencio. — De sobejo tens pago o erro de um coração inexperto, embora a expiação do criminoso costume ser neste mundo bem longa e severa!... E depois, que vamos nós pedir a esse homem? Apenas a reparação de uma affronta, apenas que apague a inscripção vergonhosa que á falsa fé gravou no tumulo de um velho honrado. Não é pedir muito... Oh, eu que fui nobre, que fui cavalleiro; eu, que jámais commetti feito vil, que nunca nos combates voltei as costas, nem alcancei jámais como houvesse quem ajoelhasse aos pés do inimigo a pedir misericordia, ajoelharei hoje comtigo aos pés delle e implorarei, não justiça, mas compaixão. Que a tenha uma vez só, e não a invocaremos mais! Sem remorsos poderá então engolfar-se nas delicias da vida; correr soltamente á mercê das suas paixões. Não o perturbaremos. Quebrarei os laços do claustro, e iremos viver ambos, esquecidos do mundo e esquecendo-o, no decadente solar de nossos avós. Os tenues haveres que reservei para a nossa Brites e estes braços, que podem bem trabalhar, supprir-nos-hão a todos tres. Os musgos e a hera, que reves-

tem esses velhos muros, arrancá-los-hemos com as proprias mãos, e do chouso que os cérca os rosaes e a madresilva expulsarão os abrolhos que a solidão e o vento do céu lá têem plantado. Bem sei, Beatriz, por qual preço havemos hoje de pagar essa tranquilla existencia. A humilhação é uma cousa cruel quando a innocencia se curva perante o crime: para isso é necessario mais esforço que para affrontar a morte. Mas tu o terás. Inspirar-t'o-hão o meu exemplo e a sancta memoria de nosso pae...»

«Quero tê-lo, Vasco — interrompeu Beatriz, que escutava seu irmão, olhando para elle com aquelle triste e interminavel sorriso que se lhe encarnara no rosto: — quero tê-lo; porque tu o desejas. Espero, até... Mal sabes tu o que eu espero! Emquanto respirar, não posso ter outra vontade que não seja a tua. Tu és o meu anjo da guarda na terra; tu, indulgente e bom para a irman criminosa, como o havias sido quando era innocente e pura; tu, cujos labios serão os unicos que pedirão a Deus repouso e misericordia para a mulher perdida, e cujos olhos serão os unicos que chorarão por ella, quando deixar de existir. Não é assim, Vasco? Não has de chorar e resar muito por mim em eu morrendo?»

Isto era dicto com um accento de melancholia tão profundo; vinha tão devéras da alma, que o cisterciense fez um gesto de terror.

«Morreres, tu, Beatriz!? Deixares-me só na terra?... Então que fico eu cá fazendo?... Isso não póde ser. Deus não póde querer tal. Has-de viver.» — E depois de breve pausa, proseguiu: — «Oh, não digas que és mulher perdida! Não! Até a ultima gota de sangue que ha nestas veias, vertê-lo-hia para te erguer, para te purificar, anjo despenhado! Se esse miseravel...»

Na fronte do monge ondeiaram algumas rugas, e nos olhos cavos reluziu-lhe um desses relampagos que faziam estremecer sua irman.

«Não me entendeste, Vasco — interrompeu ella, tentando, mas debalde, compôr um gesto tranquillo. Eu hei de viver, talvez, muito; muito. Mas tu disseste-me, ha tempo, que tinhas uma idéa fixa: eu tambem tenho a minha. Isto das idéas fixas, dizia nosso pae, lembras-te? que é uma especie de doudice. Depois, sabes lá? A morte, manda-a ás vezes Deus sem ser esperada. Suppõe que ainda hoje eu morria... Estou louca: não é assim? Mas suppõe-no. Consola-me o ouvir-te dizer que has-de

resar muito por mim. Promette-m'o. Que te custa isto?»

«Pois sim; pois sim! — acudiu o monge.— Que mais queres que te diga? Resarei e chorarei muito, já que folgas nessas idéas tristes. Nem as lagrymas me são estranhas, nem o longo e afflicto orar. Mas, olha: eu sou interesseiro. Dizem que nós os frades somos todos assim; e é verdade. O sol começa a declinar. E' preciso que te alevantes d'ahi; que me adornes esses cabellos com aquellas rosas que alli pûs sobre o bufete; que esses olhos tão lindos se enxuguem e sorriam, que vistas aquelles trajos modestos, mas elegantes, que te enviei ha dias. Ficarão bem ao teu rosto pallido, ás tuas fórmas aereas, minha feiticeira!... Sei que dizes lá comtigo: meu irmão o monge, meu irmão o penitente ainda não esqueceu as vaidades do mundo, as bagatellas que tanto lhe importavam quando era nobre senhor e namorado cavalleiro. Enganas-te. Os habitos perdi-os; mas ficou-me a memoria; ficou-me a experiencia. Os encantos da mulher que implora são o som do psalterio harmonisando com as vibrações melodiosas da voz humana. Os sentidos enleiados guiam ao centro do mais duro coração o gemido da desventura e abrem caminho ás lagrymas que tentam amollecê-lo

Oh! Quero que sejas hoje bella; que affugentes essa melancholia; que sorrias de outro modo... Quero-o; quero-o!»

Dizendo isto, ria com um rir nervoso, que gerava tristeza. Ao dar, porém, a primeira passada para saír da camara, Beatriz travou-lhe com ancia do escapulario.

«Ainda não, Vasco; ainda não! E' outra cousa só que tenho a pedir-te. Nunca mais esta boca se abrirá para te importunar: nunca mais... E' pela salvação de nossa mãe que t'o peço.»

O cisterciense creu descubrir no gesto e na linguagem de sua irman os signaes de um espirito alienado. A impaciencia ou a contradicção, irritando-a, podiam apressar uma crise que destruisse o fructo de um plano que suppunha não só exequivel, mas excellentemente calculado. Assim, apertando-lhe entre as suas as mãos regeladas, que erguera supplicante para elle, respondeu:

«Que pódes tu pedir-me em nome de nossa mãe, que eu te não faça, Beatriz?»

«Eu sei!... Queres tu jurar-m'o?»

A esta pergunta, o frade cravou nella os olhos. Hesitava.

Houve um momento de silencio.

«Jura-m'o, jura-m'o!»

Esta exclamação, flente e frouxa, dir-se-hia

a de um espirito que ao abandonar as prisões do corpo, envia ao mundo o adeus suspiroso da despedida.

«Pois jurarei, minha irman. Mas emfim...»

Beatriz soltou as mãos d'entre as de Fr. Vasco e, pondo o dedo na boca, desprendeu da cabeceira o crucifixo de Fr. Lonrenço. Depois, como reanimada por subita energia, apertou a dextra de seu irmão e, puxando-a para si, fez-lh'a pôr sobre a imagem.

«Estás satisfeita?»—disse o monge, que cedera sem resistencia.

«Juras?»—perguntou de novo Beatriz.

«Juro. Mas o que juro eu?»

«Oh, Vasco, Vasco!—dizia ella, cubrindo de beijos e de lagrymas a mão que o cisterciense tinha sobre a cruz.—Mal sabes que bem me fizeste!»

«Não te entendo... Que juramento foi este que exigiste de mim?»

«O esquecimento de uma grande injuria... O perdão desse que tanto amei... E' o que te pedi em nome de nossa mãe; de nossa mãe que me chama do céu.»

«Não me digas isso que me enlouqueces!—bradou o frade, esquecendo no impeto do horror e da colera o estado da infeliz, e affastando a mão de cima da imagem.—Se a morte viesse,

que não ha-de vir, cortar em flor a minha derradeira esperança, nunca eu perdoaria a esse homem, que fora o teu assassino. Não me peças tal, Beatriz; porque não sabes o que pedes!»

«Sei—replicou a donzella, com uma serenidade e firmeza que contrastavam com o anterior abatimento. — Debalde retiras a mão de cima da imagem sacrosancta do Salvador. Elle recebeu o juramento que fizeste; elle que nos ensinou o perdão...»

«E o legado de meu pae? E a minha esperança querida, alimentada com a substancia mais intima desta alma, enredada nas fibras deste coração, sonhada nas dolorosas vigilias de noites e noites; o pensamento que devorou todos os outros, que me abrangeu a existencia para a nutrir do seu fel? Sacrifico-o á honra; sacrifico-o ao teu futuro repouso; mas só por esse preço o vendo. Aliás... oh, bem vês que é preciso sangue; mais que isso, até!... Sei o que são os remorsos do assassino; sei-o, Beatriz; mas acceitá-los-hei sem recuar...»

«E os do perjuro tambem, Vasco? Fez-te o odio esquecer de que linhagem vens? Absolveu-te esse habito da lealdade de cavalleiro, do sancto temor de christão? Sobre a cruz juraste a uma pobre mulher executar a sua pretensão derradeira. Fora impio e vil enganá-la...»

O frade comprimiu a fronte com uma das mãos, como buscando conter o tumulto das paixões que o agitavam e estendeu a outra para sua irman com gesto solemne:

«Basta! Não serei impio nem vil... Mas tu viverás, e ai delle se a sua alma ignora o que é o arrependimento...»

«Meu Deus, meu Deus!—murmurou Beatriz. —A tua misericordia é infinita. Salvei-o... salvei meu irmão... Agora posso morrer!»

E tentava beijar o crucifixo; mas naquelle extremo esforço exhauria todo o alento que lhe ministrava uma exaltação generosa. A cabeça pendeu-lhe mortal, as palpebras cerraram-se-lhe lentamente, e cahiu num dos longos espasmos em que só o bater das arterias indicava a presença da vida.

Doloroso espectaculo era o dessa mulher desfallecida e desse erecto e alto vulto monastico, cujo rosto, firmado entre o pollegar e o indice da mão esquerda, se inclinava para a terra; cujos olhos cavos e scintillantes se cravaram naquellas faces pallidas; cujos dedos, emfim, inquiriam, com mentida placidez, nas pulsações do coração da desgraçada os vestigios da vida.

Em deliquios iguaes a este havia Fr. Vasco visto mais de uma vez Beatríz submersa, e depois reanimar-se, como se no meio de taes cri-

ses a natureza cobrasse novas forças para resistir. Apesar de a ter achado excessivamente abatida pela febre que a roía, o monge confiava no vigor juvenil de sua irman. Inquietava-o, porém, vivamente uma idéa. Esta situação podia prolongar-se, e chegar o momento fatal em que punha as derradeiras esperanças, antes de Beatriz tornar a si. Nesse presupposto, como saír da situação difficultosa que elle proprio creara?

Assim ficou embrenhado nas suas cogitações. Os instantes, os minutos, as horas passavam. Não o sabía.

E a tarde era longa; mas o dia escoava-se como o fio d'agua que goteja, goteja, goteja na fenda da rocha, e perdia-se na immensidade do que foi, o nada a que chamam passado.

O sol começava, emfim, a mergulhar-se na orla dourada no horisonte. O monge, cujo corpo, cujo olhar, cujo gesto pareciam de estatua, creu sentir bater com mais força o coração de Beatriz, e que o sangue, refluindo ás faces, lh'as tingia de rubor.

Tingia-lh'as um raio derradeiro do sol, que vinha pelos vidros rubros da janella brincar ridente no rosto da moribunda.

Mas o frade não se enganara inteiramente nas suas suspeitas. Beatriz, entreabrindo os olhos, parecia voltar a si. Um raio de alegria,

semelhante ao do sol que brincava tremulo, passou tambem subitamente na alma de Vasco.

Mas o raio do sol não tardou a alongar-se fugitivo daquellas faces pallidas. Bem como elle, o da alegria vacillou, esmoreceu e apagou-se na alma tenebrosa e cansada do cisterciense.

Em logar delles, ficou só a luz de uma lampadasinha, que ardia diante da imagem de Nossa Senhora, sobre o bufete onde o monge posera as rosas destinadas a Beatriz.

Na claridade duvidosa do crepusculo essa lampada produzia o effeito que produziria pendente na abobada de um carneiro, onde por algumas fisgas do pavimento penetrasse frouxo o tenue dia que em si consente uma igreja gothica.

«Vasco!—murmurou de novo Beatriz.—Porque apagaste a lampada de Nossa Senhora? Para onde foste? Porque fugiste da tua pobre irman?»

«A lampada?! Não vês como arde?! Eu?! Eu não estou aqui?»

«Oh, fazes bem; não te vás... Mas está tão escuro tudo! Não te vejo, nem o reluzir da lampada, nem o clarão da janella...»

«Da janella! Como has de ver a claridade,

se é quasi noite fechada? Vamos; estás melhor. Não é assim? Isto passou...»

Mas os olhos de Beatriz desmesuradamente abertos revolviam-se-lhe nas orbitas. Não o deixou acabar. Um desses gemidos em que se concentram todas as angustias; um desses gemidos d'alma que dá o primeiro arranco para abandonar o corpo; um desses gemidos que vem cahir-nos sobre o coração e esmagà-lo rompera do seio de sua irman.

«Ah! A noite; a noite! Não tarda; *elle* não tarda ahi!»

Estas phrases incompletas explicavam esse gemido.

Os designios insensatos do monge haviam acabado de devorar a existencia de Beatriz. Sentia-se fenecer. Um esforço sublime de amor fraterno a fizera viver, falar, sorrir no meio dos trances mortaes, até obter delle o juramento do perdão. Exhausta já, o gemido que arrancara fora a expressão da idéa fatal que as palavras do cisterciense lhe avivavam barbaramente no espirito. Como as da besta-féra no circo romano, as garras dessa idéa-tigre affogavam, emfim, os ultimos alentos no coração da martyr.

O moço frade fitou os olhos espavoridos naquelles olhos que já não o viam. O turvo

delles revelava-lhe finalmente em toda a nudez a horrivel verdade. Quiz falar e não pôde. Tambem Beatriz já não podia. Tinha os labios cerrados, e pelos cantos da boca borbulhava-lhe escuma sanguinolenta.

Em que lingua haveria phrases para descrever os cahos de dor, de remorsos, de blasphemia, de terror, de desesperação que nesse instante remoinhou, como num sorvedouro, na alma attribulada do monge? O furacão que devasta, o raio que fulmina, não ha pinceis nem cores que possam estampá-los na tela.

O primeiro impeto de Vasco fora voar a pedir soccorro. Mas como abandonar sua irman expirante? E de que serviriam soccorros humanos? Tinha visto muitas vezes nos campos de batalha o aspecto da morte, para bem a conhecer. Aquêlle gesto transtornado bastava a dar em terra com a mais robusta esperança.

Alçou então os olhos, como buscando o céu. Só um milagre poderia, de feito, salvá-la.

Este instincto piedoso trouxe á alma do monge o unico refrigerio que resta a uma afflicção mais profunda que a energia do soffrimento humano. Apesar dos seus desvarios, Vasco nunca deixara inteiramente de crer na misericordia de Deus.

Das mãos de Beatriz tombara o crucifixo; esse memento do unico amigo que elle tivera no mundo; do seu segundo pae, cujo vulto sereno e sancto lhe surgia agora no espirito cercado de saudades.

As trevas tinham-se de todo cerrado; mas a lampada da Virgem illuminava o aposento.

Da imagem intima de Fr. Lourenço o moço cisterciense volveu a attenção para o crucifixo e para a effigie da Mãe de Deus. No cimo do Golgotha houvera uma dor mais profunda que a sua. E' maior o amor de mãe que o de irmão, e o patibulo é um leito bem duro para morrer!

O pobre frade cahiu de joelhos com a fronte encostada á mão pendente e insensivel de sua irman — e desatou a chorar.

E a procella que se lhe erguera no coração ía pouco a pouco declinando, e como que adormecia num pelago de tristeza.

Então pôde esquecer tudo, para só se lembrar de que alli havia um sacerdote ao pé de uma mulher na agonia.

Curvado sobre o leito e proferindo em meia voz as palavras solemnes de consolo e de esperança que a igreja consagrou para suavisar a hora tremenda do passamento, Fr. Vasco

encostara aos labios brancos da moribunda o symbolo da salvação.

«Oh minha irman, minha irman!—bradou elle, aproximando mais o rosto da face já livida da agonisante, apenas acabou os ritos do seu ministerio.—O Salvador abre-te os braços: lança-te confiada nelles!»

Semelhante á luz que, no momento de apagar-se, despede um clarão e se extingue, Beatriz, que pareceu ouvi-lo, abriu os olhos, fitou-os successivamente em Fr. Vasco e no crucifixo e, fazendo um derradeiro e inutil esforço para solevantar a fronte, murmurou com voz truncada:

«O perdão... o juramento!»

E os braços, que alçara naquelle impulso final, cahiram-lhe mortaes sobre a cruz. Os labios agitaram-se-lhe por alguns momentos sem que podessem articular som algum. Depois ficou tranquilla. Havia expirado.

As palavras que Beatriz proferira no ultimo arranco zumbiram por largo espaço nos ouvidos do monge, que, immovel, tinha pregados no cadaver os olhos, d'onde manavam as lagrymas em fio.

Mas, no tumulto de sentimentos que se lhe revolviam lá dentro, a intelligencia fez de subito ao coração uma terrivel pergunta. Era o

facho que se atirava ás trevas de uma caverna.

«Quem a matou?»

«*Elle* e eu!»

As lagrymas seccaram-se-lhe. Á amargura de affectuosa saudade succedera o fel acre e corrosivo do odio e do remorso.

O monge atirou-se ao chão como doudo e rolou-se pelo pavimento, rugindo e arrancando punhados de cabellos.

Depois calou-se: pôs-se em pé taciturno e começou a andar ao redor do aposento. Havia naquella figura monastica, naquelle gesto, naquelle movimento circular o que quer que era monstruoso, phantastico, impossivel.

Quando passava pelo cadaver e pelo crucifixo, que tombara outra vez para o lado disso que fora Beatriz, ou pela imagem da Virgem, o frade cerrava as palpebras involuntariamente.

Eram tres refutações incontrastaveis dos pensamentos sinistros que lhe golfavam na alma. Não queria; não podia escutá-las.

A claridade da lampada batia, porém, de soslaio na porta do aposento, e no corredor immediato reinava escuridão completa. Ouviam-se as passadas ligeiras e incertas do monge no meio do profundo silencio.

De repente Fr. Vasco parou e pôs-se a olhar espantado, cerrando os punhos, curvando os braços e encolhendo a cabeça entre os hombros, como o adibe no sarçal d'Africa ao descubrir inesperada presa. Era que no limiar da porta estava um vulto embrulhado num ferragoulo escuro.

«Vem, assassino! — gritou o cisterciense, cuja imaginação enferma não via a impossibilidade de Fernando Affonso chegar assim desacompanhado da cuvilheira. — Vem sem susto! Prende-me o braço aquella cruz e aquelle cadaver. Enganou-me a esperança de uma reparação; a ti a de deleites infames... Ambos enganados! Vê-la alli? Era ella! Está morta... morta... morta!»

E, lançando-se ao vulto, buscava-lhe a mão debaixo das pregas do manto. Apenas pôde travar della, arrastou-o para o pé do catre com força sobrehumana.

Mas o vulto, que o seguira sem resistencia, desembuçou-se, e Vasco, affirmando-se-lhe no rosto, largou essa mão que apertava e recuou attonito.

Era D. João d'Ornellas.

XXIII

O ANJO MÁU

D'outro cabo,
Vemos que faz o diabo
Suas cousas muyto bem.

A. R. Chiado — *Cart.*

O abbade de Alcobaça não pareceu dar ás palavras de Vasco a interpretação natural. Dir-se-hia que o prelado tomara o impeto do monge apenas como indicio de uma situação dolorosa e extraordinaria. Parado por alguns instantes á entrada do aposento, antes de apparecer ao seu confrade, experimentara um arrepío passageiro, percebendo num relanceiar d'olhos qual era o inesperado e triste espectaculo que viera presenceiar. Tinha-se depois deixado conduzir sem opposição até ao pé do cadaver de Beatriz, não só porque no estado de demencia em que suppunha e, até certo ponto, estava Fr. Vasco, a resistencia

sómente serviria de lhe excitar as furias, mas tambem porque o bom do prelado trazia o espirito tão arrobado de doçura e placidez que, se o porteiro Fr. Julião ou outro subdito seu, ainda mais somenos, quizesse alevantar-lhe a grimpa, elle o teria tolerado com inteira equanimidade philosophica, ou antes com perfeita abnegação evangelica. O motivo deste desaffogo d'animo do sancto homem de Deus póde o leitor suspeitar qual sería, e se não o suspeita em breve discurso lh'o exporemos aqui.

Apenas a procissão de Corpus se recolhera á sé, D. João d'Ornellas, a quem o exercicio e o suor, que largamente desprendera através da atoucinhada pelle, tinham despertado com extrema energia a habitual appetencia, marchara para a estudaria a passo accelerado á frente dos seus frades, com grande incommodo do reitor, cujo não menos sancto affecto á solida pitança era combatido pelas dores agudissimas de inveterada podagra. Além das apertadas exigencias do proprio estomago, o reverendo capitão-mór de Alcobaça lembrava-se de que havia convidado a jantar o prior dos dominicos e o guardião dos franciscanos e de que a hora aprasada não tardaria a bater. Por isso deixara o pobre do reitor a

morder os beiços e bufar a cada topada que dava nos seixos das malgradadas ruas, e só moderara o impeto locomotivo quando vira abrir de par em par a porta do collegio de S. Paulo, juncto da qual e perfilado com ella, o porteiro Fr. Julião ía fazendo gradualmente eclipsar na penumbra da grenha revolta o seu rosto rechonchudo e arrebolado, na descensão da fronte pela ecliptica de uma profunda reverencia.

Depois da volta á estudaria passara apenas meia hora, que o chefe dos monges brancos aproveitara em commentar com os reverendos prior dominico e guardião franciscano o caso da tia Domingas, caso que fizera grande ruído e em que por toda a parte se falava, quando fora advertido de que a mesa abbacial estava servida e de que o reitor o esperava e aos seus respeitaveis hospedes para fazer as honras da casa, depois de haver devorado á pressa com os ledores, estudantes e mais fradaria do collegio a simples mas reforçada pitança monachal no refeitorio commum. A fragrancia do verdadeiro jardim monastico, de um bufete vergando sob o peso de substanciosas e picantes iguarias, que acirrava ainda mais o espicaçado appetite de sua reverendissima e que o arrebatara numa especie de

extasi interior, não lhe impedira o valer-se daquelle ensejo para inculcar as suas doutrinas de severa austeridade. O estomachal cozido, o succulento assado, as irritantes conservas, os pastelões indigestos, tudo lhe ministrava themas de profundas reflexões ácerca da vaidade e do transitorio das delicias mundanas, transitorio cuja demonstração practica eram o mastigar e deglutir vertiginoso dos tres reverendos, Ao abrir uma empada, que, puxando-a sofregamente para si, comparara ao sepulchro dealbado do evangelho, tinha-se espraiado em recordações saudosas dos bons tempos nos quaes, companheiro do reitor no noviciado, podia livremente ceder ás suas propensões para a sobriedade. Cada copa de vinho que virara fora seguida de uma ou outra allusão aos antigos padres do ermo, que, alimentando-se de hervas e raizes e saciando-se no arroio do valle, tinham chegado, não só ao apice da sanctidade, mas tambem a velhice robusta e dilatada. Os doces, ou confeitos, como então lhes chamavam, servidos ao pospasto, haviam dado materia ás zelosas invectivas do apostolico varão contra a desenfreiada cubiça de venezianos e genoveses, que abarrotavam a Europa de assucar, transportado de Suez a Alexandria e d'alli, nos navios

daquellas opulentas republicas, aos mercados do occidente, sem temor das censuras canonicas contra o commercio com os infiéis. Nesta parte do assucar o abbade fora um monstro de eloquencia, e houvera um momento em que pelo tortuoso e estreito espiraculo que as trouxas d'ovos deixavam nas fauces dos seus dous commensaes (perfeitamente accordes com elle em opiniões austeras), os applausos tinham prorompido impetuosos. O lauto jantar terminara, emfim, por uma peroração apologetica, em que D. João d'Ornellas demonstrara, a bem dizer mathematicamente, que, se o vão esplendor, os apparatos mundanaes, as papazanas e comezainas alastravam d'espinhos a carreira da sua vida mystica, era ao cumprimento de um dever, ao desempenho das rigorosas obrigações que lhe impunha o seu caracter de alcaidemór, fronteiro, e rico-homem de Portugal, que elle sacrificava as inclinações á humildade, á singeleza e á abstinencia que constituiam o amago da sua indole. O veneravel prelado concluira com uma especie de parenese aos circumstantes sobre os perigos que corriam as pessoas religiosas em acceitarem cargos ecclesiasticos ou civis das mãos dos principes, como lhe succedera a elle, antigo esmo-

ler d'elrei D. Fernando, o que mais tarde ou mais cedo não podia deixar de acarretar graves tropeços ao progresso da perfeição espiritual.

Assim, o abbade, ao passo que constrangera ao silencio as clamorosas exigencias do proprio estomago, edificara os seus hospedes e sobretudo o reitor, o qual escutava com as lagrymas nos olhos as piedosas reminiscencias da juventude que evocara o reverendo prelado.

Satanaz, que tambem tem uma providencia a seu modo, não tardara a remunerar D. João d'Ornellas da longa ironia em que aspergira com a agua lustral da mortificação as delicias da sensualidade.

Pede o rigor da historia que digamos aqui uma grande verdade. Os commensaes do chefe cisterciense abundavam absolutamente nas suas doutrinas, e por isso haviam mostrado resignação heroica, ajudando-o a aguentar a cruz de martyrio que sobre elle pesava. Repletos como a giboia que devorou o novilho dos pampas americanos, tinham depois seguido á risca o exemplo do seu amphytrião, refastelando-se nas respectivas poltronas, quando os esophagos, ameaçados de bestial invasão, lhes começavam já a clamar

— basta! — e as linguas lhes tartamudeiavam, e as palpebras lhes vendavam e desvendavam successivamente o iris, e os estomagos prominentes lhes arfavam com um movimento peristaltico demasiado sensivel. Esse repouso mystico durara, porém, breves instantes. O abbade fora subitamente despertado da deliciosa somnolencia do chylo pela chegada de Fr. Julião, annunciando a presença na estudaria do antigo sergente della, o truão d'elrei, que pretendia logo falar com sua reverendissima. A esta nova o bom do monge dera involuntariamente um pulo e, com venia dos hospedes, correra para o sumptuoso aposento a que modestamente chamava a sua cella, e ahi se fechara com Alle por largo espaço. Depois o mouro, sem se demorar, sem attender Fr. Julião, que, rebentando de curiosidade, procurava retê-lo, saíra pela portaria fóra e, em vez de descer para S. Martinho, se dirigira para o lado de Sanctiago e d'alli, pela rua de S. Thomé, á igreja de Sancta Marinha, parando só perto della, juncto a uma casa de decente apparencia, para examinar, antes de bater á porta, se lhe teria saltado da manga uma carta que o abbade escrevera á pressa e lhe dera com a recommendação de a entregar sem demora.

Voltando ao refeitorio abbacial, onde o reitor, não sabemos como, travara com o prior dos dominicos uma assanhada questão ácerca do nominalismo e do realismo de S. Thomás e de Scoto, em que os *atquis* e os *ergos* se cruzavam, topavam, refrangiam e encambulhavam nos ares, como tiros espessos de acceso combate, D. João d'Ornellas parecia meditabundo e, despedindo-se dos hospedes, com pretexto de ter de occupar-se naquella mesma noite de graves negocios da sua ordem, saíra ao anoitecer, sósinho e embrulhado no ferragoulo escuro, em busca de Fr. Vasco. Tinha a certeza de o encontrar na rua de D. Mafalda. Chegado alli, dirigira-se á escada de mestre Bartholomeu e, subindo dous ou tres lanços, fora achar aberta a porta da morada de Beatriz. Ficara admirado; mas, entrando pé ante pé, enxergara quasi imperceptivel claridade através do corredor que dizia para a camara e, enfiando por elle, dera com o melancholico espectaculo que essa camara offerecia. Depois de observar e reflectir por algum tempo, resolvera-se, emfim, a apparecer ao moço cisterciense. Os motivos que alli o traziam eram assás graves para não retroceder ante uma scena de morte.

Vasco recuara attonito ao descubrir quem

era a personagem que viera testemunhar a sua agonia. A' exaltação momentanea succedera o espanto, e ao espanto a reacção do desalento. Por alguns instantes os dous monges ficaram calados, olhando fito um para o outro. Sentimentos contrarios assaltavam ao mesmo tempo o coração do moço cisterciense. A saudade, o remorso, a promessa que sua irman lhe arrancara, o receio de que Fernando Affonso chegasse, o que o constrangeria a patenteiar o segredo dos seus malfadados designios, o impensado apparecimento de D. João d'Ornellas; tudo lhe formava no seio dilacerado pela dor um cahos medonho. O abbade, esse pensava só em como lançaria no meio daquella scena triste e solemne a idéa ferozmente risonha de que estava possuido. Assim, ambos, com a hesitação pintada no rosto, se conservaram mudos. Foi Fr. Vasco o primeiro que quebrou o silencio.

«Dom abbade — disse o monge, procurando assumir apparencias de tranquillidade: — desculpae a violencia de um insensato!... Como poderia eu esperar-vos neste momento? O que vedes vos diz que o ultimo clarão de esperança se apagou nesta alma. Deus amaldiçoou-me, porque lhe voltei as costas correndo atraz da vingança. O raio que espera-

vamos fazer cahir sobre um perfido fulminou-me só a mim. Elle ficará illeso... Paciencia! Resta-me pedir-vos um ultimo favor... os meios de dar este cadaver á terra.»

A voz affogada do cisterciense apenas murmurara as derradeiras palavras. D. João d'Ornellas pegou-lhe na mão affectuosamente.

«Vasco, o espectaculo que tenho ante mim é inesperado e tremendo, e a magua que elle me causa sincera e profunda. Comprehendo essa dor pausada e tranquilla das almas fortes. Não irei amargurar-te mais o coração repetindo as consolações impertinentes que a estupidez applica ás desgraças irreparaveis, como o physico as prescripções da sua van sciencia ao enfermo que bem sabe não póde viver. Não! Nem a resignação nem o consolo são possiveis para ti neste momento. Padece! E se o gemer e o chorar te refrigeram, chora e geme sem receio diante de uma testemunha indulgente... Mas a desesperação, Vasco?! Isto é que não é de homem. Não digas que o raio cahiu só sobre ti. Deve cahir tambem sobre elle, irresistivel, destruidor. Temos a vingar agora, além das nossas injurias, a morte da desgraçada.»

«Oh! — exclamou o mancebo — não me faleis nisso diante destes restos queridos!...

De hoje ávante a vingança é para mim impossivel.»

«Inevitavel, queres dizer — interrompeu D. João d'Ornellas, deslisando imperceptivel sorriso.— É justamente esse cadaver que te brada por ella... Bem sei que a tua alma tem vacillado e descrido, e o teu odio esfriado. Ha muito que t'o leio nas expressões e no gesto. Porque, Vasco? Tardei? Antes a tardança, que o vibrar em vão o golpe. Mas agora asseguro-te que não descerá debalde. Amanhan...»

«Enganaes-vos, reverendo domno! Nem vacillei, nem descri. O meu odio é ainda acerbo e vivaz. Desejos e esperanças é que me deixaram. Sacrifiquei-os á piedade fraterna, em juramento solemne...»

«Que dizes, monge?! — bradou o prelado, enrugando a testa.— Quem poderia constranger-te a esse absurdo juramento?»

«Minha irman... minha pobre irman... Dei-o sobre aquelle crucifixo. Não soube, talvez, o que fiz; mas o que está feito está feito. Não posso dizer-vos mais nada... Não me entenderieis!»

Vasco tremia de que o segredo fatal lhe escapasse. No meio da sua amargura, repugnava-lhe a humilhante idéa de se confessar desleal ao pacto celebrado entre ambos. Mas ou

o abbade sabía mais do que o mancebo suppunha, ou, attento só a combater aquella estranha resolução, que empecia os seus designios, não curava de lhe indagar os verdadeiros motivos. Fosse o que fosse, D. João d'Ornellas proseguiu:

«E as nossas mutuas promessas? Queres illudir as tuas no momento em que as minhas vão ser cumpridas? Sabe que para t'o dizer vim aqui: sabe que esse homem que te roubou pae e irman está na borda de um abysmo; sabe que para esmagarmos a vibora basta-nos erguer a planta!... Triumphámos! E é neste momento que recuas, porque, ainda na ultima hora, uma desgraçada não pôde esquecer vergonhosos amores...»

Apontando para o leito, Fr. Vasco interrompeu-o. Pintavam-se-lhe no olhar desvairado a indignação, e ao mesmo tempo uma especie de terror.

«Domno de Alcobaça!... Ao menos respeitae um cadaver!»

«Sim, respeitemos os mortos! Tens razão. Passei alem da méta... Não indagarei porque tão facilmente admittiste essa idéa insensata. Quero tambem acreditar que um sentimento generoso e puro a impelliu a exigir tal juramento. Mas deves tu cumpri-lo? O protesto de

punir o que lançou teu pae no tumulo e de apagar a mancha do teu nome não foi mais solemne? Não são mais antigas as promessas que me fizeste a mim? A noite em que me dizias — alma e corpo, dou-vos tudo — foi, se bem me recordo, um pouco anterior a esta... Renega-se assim do passado, Vasco? Ou é que a retribuição do que tenho practicado por amor de ti deve ser a ingratidão e a covardia?

«Não sou ingrato nem covarde — interrompeu de novo o mancebo: — mas as ultimas palavras de minha irman estamparam-se aqui, no coração! Lá no céu, aonde ella subiu, e onde nosso pae acolheu no seio a sua infeliz filha, não existem odios... Que importam aos bemaventurados as vinganças da terra?».

«Importam-me a mim — bradou o violento sacerdote, em cujo animo, irritado pela teimosa resistencia do mancebo, rebentara, emfim, impetuosa a colera: — importam-te a ti, que, sem vingança, ficarás deshonrado no mundo; deshonrado, se eu disser... e porque não o direi? — «este homem, que podia desaggravar-se de uma dessas affrontas que só com sangue se lavam, preferiu negociar não sei o que, ao pé do cadaver de sua irman, com o que a infamara...»

«Que dizeis, domno de Alcobaça?!» — interrompeu Fr. Vasco, enfiado e tremulo.

«Desleal! Sei tudo — replicou o prelado.— Trahias-me; mas Deus ou o demonio torceu-te os designios. Ha mais um cadaver a dar á terra, o da tua mensageira.»

«Oh meu Deus — exclamou o moço cisterciense, cujo terror chegara ao ultimo auge.— Domingas...»

«E' morta; morta violentamente á Porta-do-ferro. Por quem? Dizem que era feiticeira, e que a affogou Satanaz... Ignorantes! As pisaduras indicavam os pés de um cavallo... Atropelou-a o malvado. Adivinha-o o meu odio!... Era que elle corria; corria á rédea solta, não para vir receber o teu ridiculo perdão, mas para ir fazer dos paços do seu rei e senhor um torpe prostibulo...»

O frade, cujos olhos chammejavam com ardor furibundo, foi interrompido pelo mancebo, que, aterrado, lhe cahira aos pés. A situação de Fr. Vasco era daquellas que não se descrevem. Esmagava-o. Como o corpo, a sua alma dera em terra, e os seus labios só poderam murmurar:

«Piedade!»

A postura e o gesto do malaventurado tiveram a virtude de acalmar a furia do prelado.

Era dó? Não. Tinham-lhe simplesmente avivado na imaginativa o quadro de um villão dos seus coutos que, mezes antes, mandara enforcar, e que assim de joelhos lhe pedia a vida. Aquelle aspecto flente e transtornado nunca lhe vinha á lembrança, que não lhe provocasse um sentimento que mata a colera—a vontade de sorrir...

Reprimiu, todavia, esta, curvando-se para erguer o moço cisterciense e dizendo-lhe com apparente doçura:

«Vamos, Vasco! Posso esquecer um momento de fraqueza: a injuria é o que nunca esqueço. Não te perguntei com que intuito buscavas attrahir aqui o nosso commum inimigo. Mas é forçoso que te fale uma linguagem severa. Se invoquei o pacto que nos liga, não foi como um direito proprio; invoquei-o em nome do teu dever contra o teu coração. Semelhante ao perdulario, queres desbaratar em generosidade equivoca o cabedal que pertence a antigos credores? Isso não é honesto. Queres ser máu filho, máu amigo, deixares uma nodoa d'infamia na tua linhagem, só porque em um momento de dor e delirio proferiste, dizes tu, não sei que juramento insensato, que phrase sem significação, como as palavras incoherentes do somnambulo ou do febricitante? Isso não é virtude. Lembra-te, monge, de que foste cavalleiro

e de que a irman do cavalleiro foi prostituida e abandonada, como a filha do peão mais vil. Lembra-te de Vasqueanes, vagando pelo solar solitario, onde a desolação se assentara, e bradando pouco antes de expirar — «vinga-me, Vasco; vinga-me!» — Lembra-te da noite em que só te foi dado beijar a face livida de teu pae encerrado entre as quatro taboas de uma tumba. O quadro que me fizeste dessa noite bem presente o tenho. Esquecê-lo-hias?... Vasco, tu não pódes perdoar.»

O moço cisterciense, que, em pé, com a cabeça inclinada sobre o escapulario, os braços pendentes e as mãos cruzadas uma por cima da outra, parecia vergar sobre o peso da afflicção, ergueu neste momento a fronte. Os seus olhos despediram um brilho furtivo e tornaram a abaixar-se. O abbade riu então interiormente; porque nesse clarão passageiro vira, emfim, surgir a idéa vingativa e negra, que travava lucta com a idéa generosa e pia.

E a victoria da paixão má era certa. O prelado, que não ignorava uma unica circumstancia da existencia passada do monge, fa ser mais sincero do que elle e revelar-lhe tambem o segredo que guardara; revelação terrivel, que devia avivar-lhe a sede de sangue, torná-lo implacavel e anniquilar de golpe as intenções ge-

nerosas que pareciam dominá-lo. Como habil general, D. João d'Ornellas, constrangido a inesperado combate, reservara para o momento opportuno o ataque decisivo.

Fitando a vista no mancebo e semelhante ao animal felino, que, ao recuar e agachar-se para colher a presa de salto, parece comprazer-se de antemão com o prospecto de lhe palpitarem em breve as carnes semivivas nas garras e nas presas, o abbade ficou por alguns instantes quedo e mudo. As rugas da testa ora se lhe dilatavam, ora se lhe contrahiam, e nos labios adejava-lhe vago sorriso. Finalmente pôs a larga mão sobre o braço do monge e disse, apertando-lh'o com força:

«Escuta, Vasco! Se eu, só por mim, podesse fazer cahir sobre a cabeça do máu o peso da sua iniquidade, não sería tão barbaro que quizesse accrescentar afflicção ao afflicto; que, nesta hora de dor e saudade, viesse incitar paixões acalmadas...»

D. João d'Ornellas fez uma pausa e, pondo a esquerda sobre a fronte, proseguiu:

«Mas sería impossivel dizer-te agora tudo o que está aqui dentro... Paixões?! Menti, monge de Cistér: menti! E' ao sentimento do dever, da justiça, da piedade filial que o teu prelado, o teu amigo te revoca. Oh Vasco!... Receias

acaso que te accuse a consciencia quando a tua voz, funebre como o dobrar por finado, for inesperada recordar ao impio as negruras da sua vida e annunciar-lhe a punição? — quando, dos braços de mulher sem pudor, o teu brado o arrastar indefeso, cuberto de opprobrio e de antemão condemnado, aos pés do seu bemfeitor, do seu rei, cujos paços prostituiu? Repara bem! Aquelle cadaver que alli jaz, o que é? E' o que resta de uma existencia que elle esmagou. E para que? Para ir gravar noutra fronte a deshonra. O infame converteu em suppedaneo do vicio o corpo de tua pobre irman, e por cima delle passou sem misericordia, como para a arrastar á abjecção, passou por cima do corpo de teu pae, affastando-o com o pé para o tumulo. E terás tu misericordia, tu mancebo, tu a quem sorriam mil esperanças, a quem eram licitas as grandes ambições e que vieste por causa delle sepultar-te numa clausura?...»

«Não, abbade d'Alcobaça — interrompeu o cisterciense, a quem a derradeira phrase do tentador, phrase cujo effeito este calculara, tinha ido fazer vibrar uma corda que até então estivera mudada naquelle concerto de agonias. — Foi uma vingança implacavel, como essa a que me arrastaes: foi o remorso que

me vestiu a estamenha: foi o crime de um amor desesperado, e que oxalá Deus apagasse nesta alma, onde sobra o padecer... Oh, o remorso, o remorso! Não sabeis o que isso é!»

Por um inveterado habito de hypocrisia, D. João d'Ornellas volveu os olhos para o tecto, ergueu as mãos postas e murmurou:

«Nem nosso padre S. Bernardo tal permitta!»

«E' — proseguiu o moço frade com exaltação dolorosa e sem reparar na visagem do abbade: — é o ferro que nos rasga as entranhas sem tirar logo a vida; é o olhar de Jesus ao receber o osculo de Judas; é a voz no Josaphat que ha-de dizer: — ide, precítos.»

«Deve ser horroroso — acudiu o prelado no mesmo tom beato. — Tens razão: confundia agora os factos que outr'ora me referiste. A idade vai-me fazendo esquecido. Mas não vês, Vasco, a infinita differença do que foi ao que é? Se a justiça divina te condemnou á dura expiação do remorso, é porque commetteste um crime não provocado. Assassinaste Lopo Mendes por te ser preferido e porque não quiz acceitar um duello a todo o trance com um desconhecido. Não era, porém, livre a que amavas, ou fora illudida, deshonrada, trahida, como tua pobre irman? Não estava a união de Lopo Mendes sanctificada perante os alta-

res? Licitamente conduzira elle Leonor, esse formoso anjo que tu adoravas, do seu leito modesto de virgem ao leito voluptuoso do noivado. Sem quebra das leis da terra ou do céu, podia devorar com os olhos aquellas fórmas nuas, tão suaves e puras, cubri-las de beijos ardentes...»

D. João d'Ornellas, que observava o effeito das suas palavras, coadas uma a uma pelos labios, parou subitamente. Á frouxa luz da lampada viam-se oscilar rapidas as veias frontaes do desgraçado mancebo: os braços, que pouco a pouco fora estendendo para o abbade, tinha-os hirtos, e os punhos cerrados: as idéas, ruindo a formular-se em vozes, não cabiam nestas. Apenas, por entre o ranger dos dentes, lhe foi dado proferir:

«Oh!... Podesse eu assassiná-lo outra vez!»

Era quasi um falar de ventríloquo.

O prelado recuou alguns passos e, cruzando de chofre os braços sobre o peito, inclinou para traz a cabeça. Dir-se-hia que esse alto vulto se havia solevantado do pavimento. Pintava-se-lhe no rosto toda a energia da sua alma. Com voz profunda e agitada, bradou:

«Insensato! Perdoavas ao que te offendeu mortalmente, ao destruidor da tua familia, e

és implacavel contra o teu rival, o rival de um frade, um pouco de pó... É a mortalha a odiar a morte!... E porque? Porque esse pó, que tu atiraste para o tumulo, te havia roubado uma affeição de mulher!... Oh consciencia timorata, que não ousa quebrar o juramento vão e que me diz — respeitae os mortos!... — Pois bem, Vasco: se um absurdo ciume é quanto te resta dos sentimentos de homem, incite-te elle ao desaggravo, já que os sanctos affectos de familia e o pundonor de cavalleiro tão alto silencio guardam no teu espirito. Esse resentimento inutil contra um punhado de cinza tem melhor emprego na terra... A filha de Mem Viegas trahe o morto, como trahiu o vivo.» — E, abaixando a voz, semelhante á da feiticeira que evoca os espiritos do abysmo, accrescentou: — «Leonor é hoje a amante de Fernando Affonso; e o seu amor criminoso é que ha de vingar-nos!»

A dama de D. Philippa com quem se passara a scena observada por Alle era de feito Leonor. Com atroz pontualidade, D. João d'Ornellas narrou então quanto a este respeito sabía: o que ele proprio por tanto tempo suspeitara e de que, poucas horas antes, fora certificado pela narrativa do truão. As cir-

cumstancias obscuras desta intriga amorosa investigou-as e illustrou-as com o admiravel talento de que o odio o dotava. Era terrivel a exegese do implacavel commentador.

Quando acabou, o mancebo, que o escutara sem pestanejar, ficou apparentemente impassivel. Era que a lucta cessara. Estendendo o braço para o prelado, apertou-lhe a mão e, com um sorrir tal, que D. João d'Ornellas sentiu arrepiarem-se-lhes as carnes, apenas lhe disse:

«É singular! E agora que ordenaes que eu faça?»

Velando a face com as asas radiosas, o anjo da guarda do moço cisterciense fugia espavorido. Uma longa exhalação pareceu desatar-se do céu. Era uma lagryma que o seraphim derramara.

Sem despregar a vista do gesto de Fr. Vasco, onde haviam deixado de repercutir as dolorosas phases da eternidade infernal que para elle passara dentro de poucas horas, D. João d'Ornellas respondeu:

«Agora o que te ordeno é o repouso. Careces delle: e muito. O dia de ámanhan será o mais memoravel da tua vida. É um dia de batalha... Entretanto tomarei a meu cargo os deveres que a natureza e a religião te impõem

para com aquella que alli jaz. Beatriz será conduzida ao carneiro de S. Paulo, com todas as pompas funebres. Vou enviar quem vele esta noite juncto do corpo de tua desgraçada irman. Volta então ao collegio, e busca, se é possivel, tranquillisar-te. Apenas raiar a aurora, eu serei comtigo: temos muito que falar. Saberás como D. João d'Ornellas quer pagar a sua divida a *ti* e a *elle*... Confia em mim, Vasco. Para sarar as chagas cancerosas do teu coração ainda ha na terra balsamo!»

Dizendo isto, apertou ao peito o mancebo, que, estacado no meio do aposento, continuou a olhar fito para elle, sem lhe responder palavra ou fazer o menor gesto, emquanto o prelado se adiantava para o corredor escuro e desapparecia nas trevas.

Passados alguns instantes, Vasco foi-se voltando vagarosamente, como se despertasse de somno profundo. A claridade da lampada bateu-lhe de chapa na fronte, onde scintillaram alguns reflexos de luz. Era o suor frio que lhe corria em bagas.

Quando, naquelle voltar lento, deu com a vista no cadaver de sua irman, encaminhou-se para lá e, curvando-se, como quem dizia um segredo, murmurou:

«A taça encheu-se... O fel golfa por terra...

É fel e sangue!... Não póde ser, Beatriz; não póde; não póde!...»

Fosse acaso ou mysterio, neste momento o braço direito da finada descahiu de cima do corpo e assentou sobre o crucifixo, tombado ainda na mesma posição sobre a cama.

Fr. Vasco estendeu devagarinho a mão, pegou no pé da cruz e, gyrando com ella em volta, como o fundibulario com a funda de que vai despedir a pedra, arremessou-a para longe. Os fragmentos da lampada voaram em rachas com multiplicado tinir, a imagem da Virgem rolou em pedaços do seu pedestal, e o crucifixo bateu na parede com um som embaçado.

O frade creu ouvir estalar no aposento uma risada descomposta. O luar fugira do céu, e a escuridão era profunda.

Semelhante ao cedro do despenhadeiro, que, estalado pelo furacão, vacilla e pende, até se encostar ao penasco sobranceiro, o corpo hirto do cisterciense foi bater na parede juncto da cabeceira do catre.

Pela visão interna passavam-lhe imagens incoherentes, monstruosas, fugitivas. O cerebro tinha-se-lhe convertido num kaleidoscopo infernal. A alma embotada via, não cogitava. O craneo, parecia-lhe que ora se lhe comprimia, ora se lhe dilatava.

Nesta especie de extasi horrivel passou algum tempo. Uma viva claridade que despontou do corredor escuro, e varias vozes, que tambem d'alli soavam, vieram de subito revocá-lo á vida exterior. Deu-lhe um pulo o coração. Postoque exhausto, arredou-se instinctivamente do leito e foi encostar-se ao bufete, onde algumas rosas murchas, a lampada esmigalhada e as imagens feitas pedaços harmonisavam tristemente com essas duas ruinas humanas que jaziam proximas — um corpo morto e um espirito extincto para a esperança e para o céu.

O vulto arredondado e rubicundo de Fr. Abril, o sacristão-mór do collegio de S. Paulo, foi o primeiro a surdir do corredor, que quatro ceroferarios illuminavam com a luz de outras tantas tochas. Seguia-se Fr. Julião, suando atracado com uma trouxa descommunal de lhamas e panos negros, a qual tendia debalde a sustentar contra o reverendo porteiro a lei da gravidade. Alguns sergentes da estudaria. conduzindo as taboas de uma eça, e duas ou tres beguinas, que vinham trajar Beatriz para o noivado do sepulchro, com a sua presença annunciavam ao monge que era tempo de dizer áquelles restos o derradeiro adeus. Com passos vagarosos, mas firmes, o frade passou

então por meio da turba, chegou-se a sua irman, e com os beiços tão lividos como os della deu-lhe um beijo na face. Sem uma lagryma, sem um suspiro, atravessou de novo o aposento, chegou-se ao bufete, pegou nas rosas murchas, metteu-as debaixo do escapulario e saíu. Fr. Abril, Fr. Julião, beguinas e sergentes, todos olhavam para elle com estranha sensação de terror. Havia naquelle vulto, naquelle andar uma inflexibilidade de machina ou de phantasma.

As passadas lentas do cisterciense já não se ouviam, e ainda durava essa especie de fascinação magnetica. Fr. Julião foi quem quebrou o encanto com as seguintes palavras, dictas em meia voz a um sergente que lhe ficava ao lado:

«Que tal está a minha vista!... Pois não juraria agora que Fr. Vasco tinha a cabeça cheia de brancas!... Elle que tem o cabello tão preto como esta abovilla de quinze soldos a alna!»

Fr. Julião calumniava-se a si proprio. Depois do paladar, o sentido que tinha mais apurado era a vista.

Ha situações em que o espirito, envelhecendo uns poucos d'annos, dentro de alguns momentos exhaure a seiva do viver material e converte em velhice prematura a mocidade.

E o perspicacissimo leitor acreditará seguramente na nossa sinceridade, se lhe dissermos que D. João d'Ornellas, ao chegar á estudaria, não se posera a referir pachorrentamente a Fr. Julião o que se acabava de passar na rua de D. Mafalda. Dera as suas ordens, tanto a Fr. Abril como a elle, e fora encerrar-se na sua cella, onde por mais de uma hora o sentiram passeiar.

D'aqui o assombro do reverendo leigo.

Ainda a observação do porteiro vibrava no espaço, e já a voz aguda de Fr. Abril chirriava:

«Então? Ficam pasmados? Vamos a isto, rapazes.»

XXIV

LATET ANGUIS

> Bem sabees o trelado que nós tomámos por que os feitos de nossos regnos fossem desembargados por huum termo soo, o qual foi outorizado pela força das leis do Codigo decraradas e outorizadas pelas enteenções finaes das grossas de sua final enteençom d'arccursio... e esto quissemos que as conclussões de bartallo que de sobrellas leix do Codigo ffez que estas sejam autenticadas.
>
> D. João I — *Carta ao Concelho de Lisboa.*

Dir-se-hia que a noite em que occorreram na rua de D. Mafalda as scenas descriptas nos dous capitulos antecedentes se composera a exemplo desses tragicos successos. O sol, despenhando-se para o oceano, parecia descer reclinado em coxim immenso de nuvens ne-

gras, que se dilatavam no horisonte orladas de fimbria d'ouro arroxeiado. A lua, erguendo-se entretanto para as alturas do céu, ía velando o fulgor de milhares d'estrellas com o pallido cendal de luz frouxa e melancholica. A rainha da noite subia ao seu throno para d'alli assoberbar a terra; mas a procella, semelhante ao povo indocil, rugia cá em baixo nos mares. Trepando torvas umas por cima das outras e seguidas de novos grupos que surgiam das ondas, as nuvens assenhoreiavam-se pouco a pouco do espaço, e a sua vanguarda, rareiada pelo luar, tornava logo a cerrar-se. Entretanto, alguns frocos brancos, elevando-se tenues do oriente, tomavam gradualmente vulto e espessura e vinham topar pelo norte e pelo meio-dia com os bulcões occidentaes. Na sua ascenção continua, os dous exercitos embebiam debaixo de si o chão allumiado do firmamento. A atmosphera estava tepida e pesada, e os relampagos começavam a fuzilar nos horisontes e substituiam, passageiros mas frequentes, por subitos clarões os raios debeis que o astro, luctando debalde com a escuridão, mandava furtivamente á terra. Os trovões, a principio longinquos, duvidosos como um ruído subterrandeo, começavam a ecchoar nos montes, a reboar no rio e, emfim, a estalar em volta da

cidade, de cujas alturas se descortinava para os lados oppostos do quadrante o serpeiar dos coriscos. Era uma daquellas trovoadas do estio que arrebatam com a sua solemne terribilidade quem as contempla. Fr. Vasco, porém, atravessara por baixo dessa abobada negra, respirando esse ambiente crasso e suffocador, á luz deslumbrante das descargas electricas, sem reparar em nada. Depois, por simples habito ou instincto, tinha-se atirado para cima da enxerga monastica, e ahi, nos braços de um torpor que simulava o somno, jazera insensivel, até que vieram revocá-lo ás dores pungentes da existencia os arreboes da madrugada.

Esta surgira formosa. Um grosso chuveiro dissipara a trovoada, e o ar escaçamente movido impregnava-se de vagos e tenues perfumes. As plantas revivesciam com viço novo, aspirando por todos os poros a humidade da atmosphera e balouçando com movimento apenas perceptivel as folhas, em cujos vertices tremiam, semelhantes a perolas soltas, as derradeiras gotinhas de chuva. Era um immenso concerto de sorrisos que soltava a natureza; era uma estrophe magnifica do hymno interminavel entoado pela terra ao Creador, que a povoou de harmonias. Quem observasse as

montanhas azuladas ao longe, os campos virentes ao perto e, no meio, o rio adormecido não poderia deixar de sentir essa incerta saudade que parece não ter objecto e que não é mais do que a saudade de Deus.

Ha muitos malaventurados incapazes de comprehenderem a sancta poesia que derrama em nossa alma o espectaculo da natureza, quando ella se ostenta em todo o primor das suas galas: ha outros a quem os interesses e as paixões do mundo paralysam pouco e pouco o senso intimo, destinado a aspirar as voluptuosas emanações que nos vem della. Estes são mil vezes mais desgraçados; porque se recordam de que para elles houve já esplendores e harmonias e podem medir o vacuo tedioso e desconsolado das trevas e do silencio em que vivem.

Aos primeiros pertencia D. João d'Ornellas, aos segundos Fr. Vasco. Ambos, despertos por cuidados acerbos, tinham-se erguido com o dia; mas o refulgir do sol haviam-no visto só nas faixas de luz que se íam estirando pelo pavimento das suas cellas. Os olhos, esses seguiam-lhes as almas, que não pensavam, de certo, em elevar-se ao céu, acurvadas sob o peso dos mais ruins affectos.

O abbade, medindo o aposento a passos

largos, falando, meneiando os braços, cerrando os punhos e agitando-os, como o luctador que se amestra para o pugilato da arena, parava de quando em quando e desatava a rir, esfregando as mãos com grande rapidez, antigo habito, que indicava nelle feroz contentamento. Depois, apenas ouviu o sino que chamava ao coro os monges, ledores e collegiaes de S. Paulo, saíu, esperou o reitor na passagem, pediu-lhe ou, para melhor dizer, ordenou-lhe que dispensasse naquelle dia Fr. Vasco das obrigações monasticas e dirigiu-se á cella deste.

O monge estava assentado num dos poiaes de pedra que ladeiavam o vão de uma janella, d'onde, por cima da casaria inferior da cidade e do arrabalde, se descortinava o magnificente panorama do Téjo, por cuja superficie espelhada deslisavam as vélas triangulares dos barcos, e em cuja margem opposta se alevantava o fumo das povoações ainda indistinctas na penumbra dos montes. Com o cotovello encostado ao peitoril e a face firmada na mão aberta, parecia embebido no respirar delicioso da fresquidão matutina e em contemplar o quadro tranquillo e grandioso que tinha ante si. O mesteiral, que, passando pela vizinhança, distinguisse o infeliz mancebo

naquella postura repousada, emquanto elle ía começar mais um dos seus dias uniformes de trabalho e privações, exclamaria, por certo, com amargura: — «Oh, estes frades! estes frades!... Para elles o céu na vida e na morte: para nós o inferno na terra e talvez debaixo della!»

E', ao menos, assim que o homem costuma julgar a Providencia.

Apenas viu o abbade, Fr. Vasco ergueu-se. Reparou então o prelado, como Fr. Julião reparara na vespera, que os cabellos do monge se haviam tornado grisalhos. Parecia, comtudo, perfeitamente tranquillo.

Fr. Vasco fez a genuflexão do estylo e, sem dizer palavra, ficou de pé e com a cabeça baixa perante D. João d'Ornellas.

Silencioso como elle, este apertou-lhe o braço e obrigou-o a assentar-se de novo, emquanto tambem se assentava defronte, no outro poial.

Assim ficaram por algum tempo. Dir-se-hia que, á vista da scena solemne e socegada que d'alli se descubria, ambos elles se tinham engolfado numa especie de extasi mystico. Mas quem os observasse largo espaço depois, ver-lhes-hia as frontes quasi junctas, as faces incendidas, o mover rapido dos beiços, o dia-

bolico sorrir. Era um quadro simples, mas terrivel, como o da primeira noite em que tinham conversado sósinhos. A luz do quadro é que era diversa: lá a das tochas; cá a do sol. As trevas dos seus corações eram, porém, identicas.

A manhan ía passando. Quando a sineta da estudaria tocou a refeitorio, ainda os dous frades se conservavam na mesma postura. Eram onze horas. Tinham passado cinco ou seis sem que dessem tino disso.

O abbade pôs-se a escutar e falou por mais alguns instantes com o seu interlocutor. Depois, alevantaram-se ambos, saíram da cella, apertaram a mão um do outro e disseram quasi a uma voz:

«Até lá!»

«Até lá!»

E cada qual tomou por seu dormitorio.

Na casa de *De profundis* o moço cisterciense enfileirou-se no prestito da communidade e, entrando com ella no refeitorio, foi assentar-se no seu logar. Todos fitaram nelle os olhos. As cans que lhe salpicavam em grande numero o cercilho geravam aquella pasmaceira da fradaria. Sabía-se já que Fr. Vasco perdera sua irman, e á vista de uma dor que taes mudanças causava, endoudecê-lo-hiam

com impertinentes consolações, se não fosse o silencio respeitoso que os sanctos preceitos da ordem impunham durante as horas da comida á plebe monastica.

O reitor estava abysmado. Tinha lido varios casos em que a intensidade do terror produzira semelhantes effeitos; mas que a amargura e a saudade podessem tanto, eis o que nunca nem lera nem pensara.

A compaixão por Fr. Vasco era sincera e geral.

O triste do frade não provou bocado. Para o reitor e para os padres graves isto ainda foi mais monstruoso. Deixar de comer por causa de paixões humanas, embora legitimas, era uma cousa que solinhava pelos fundamentos as austeras tradições de Cistér. E a resignação na vontade de Deus? E o desapego das affeições terrenas? Evidentemente Fr. Vasco fazia vacillar o sancto instituto na sua base. Naquellas venerandas cabeças começaram então a dispôr-se os logares communs de uma practica sobre o texto de S. Matheus: «*Quem ama pae e mãe mais do que a mim não é digno de mim.*» Haviam de falar-lhe severamente no primeiro ensejo opportuno. Com a magua misturava-se-lhes no espirito uma pia indignação, vendo saír do refeito-

rio acogulada e intacta a pitança de Fr. Vasco.

Entretanto o prelado de Alcobaça descera á igreja, onde se acabava de celebrar missa solemne pela alma de Beatriz. O templo estava adornado com a pompa que elle ordenara. O cadaver, encerrado em custoso ataúde, só á noite devia descer á terra. Depois de ter deixado varias instrucções para Fr. Abril, D. João d'Ornellas saíra, apenas acompanhado por um irmão leigo. Não tardou este a voltar. Subindo sem detença á cella do reitor, entregou-lhe um bilhete de sua reverendissima. Tinha-lh'o dado juncto de Sancta Marinha, ao entrar para casa do chanceller e valído d'elrei, o doutor João das Regras. Nesse bilhete annunciava o venerando abbade que não voltaria ao collegio antes da noite, porque o reteriam no paço graves negocios da ordem.

Nesse mesmo dia, pela volta da tarde, passava-se, pouco longe d'alli, alguma cousa não absolutamente estranha aos successos desta narrativa.

Era no gabinete particular d'elrei, onde já certa noite introduzimos o leitor. Á luz escaça do sol ponente, que, reflexa em angulo obtuso na caiada parede de S. Martinho, coava decomposta pelos vidros córados da janella,

via-se assentado ao bufete do meio do aposento um figurão exotico. O dorso, que a prominencia do ventre lhe não permittia dobrar, era largo e espadaúdo, e a cabeça cuberta de grenha hirsuta e alourada, suscitava a ideia de uma pyramide conica truncada, tal era a altura das camadas de formação terciaria que se lhe haviam agglomerado nas faces e ao longo do queixo inferior. Um dos robustos folios que tinham provocado o debate entre micer Percival e João das Regras estava aberto diante do nedio personagem, que ora corria com os olhos o livro aberto, ora escrevia, riscava, tornava a escrever, para apagar de novo e de novo reescrever o que quer que era, num papel já quasi inteiramente cuberto de minutissimo cursivo. Tão engolfado parecia naquelle mister, que só deu tino de si quando, sentindo pesar uma cousa sobre o hombro, volveu a cabeça e viu os dedos de mão pequenina e enrugada, que se lhe arqueiava sobre elle, e ouviu uma voz aflautada que lhe dizia com interrupções de tosse cachetica:

«*Usque ad occasum*... tux, tux, tux... *solis laborabat*... eh, eh, eh... *ut erueret eum.*»

«*Invenit gratiam servus tuus coram te*» — regougou o vulto barrigudo, forcejando por

erguer-se, ao que o outro obstava, carregando-lhe fortemente no hombro.

«Deixae-vos estar, Mem Bugalho: deixae-vos estar e continuae.»

Era o chanceller, que abrira devagarinho a porta exterior e entrara sem ser presentido. O outro já o leitor sabe quem é; um nosso conhecido velho.

João das Regras desempenhara a promessa feita ao seu melhor amigo, o abbade, ácerca do procurador de Celorico.

A patria, para nos exprimirmos constitucionalmente, reclamara os valiosos serviços de Mem Bugalho. Em rigor, bem sabemos que a patria não sonha jámais nesses negocios. Mas reclamara. Nós que o dizemos, é que temos razões para isso.

O licenciado Mater Galla não tinha occultado, no dia da sua colera, o minimo item do que lhe havia sido revelado ácerca das esperanças e designios da fidalguia. Quando mais não fosse, esse facto bastaria para fundamentar os reclamos da patria.

Tinha feito um serviço immenso ao seu paiz.

Nos bons governos, o recompensar é um principio tão vital como o punir. João das Regras era inflexivel em ir punindo mansamen-

te, occultamente, os seus adversarios e em recompensar francamente os seus amigos.

Subentende-se que os amigos de um grande ministro *ipso facto* o são da republica. Ora, todo o ministro emquanto não cahe é grande. Ao menos, estamos persuadidos disso.

Era, portanto, axiomatica a justiça com que o valído dera um tamborete na Torre da Escrivaninha ao honrado Asinipes, com boa quantia e assentamento na casa d'elrei.

Pela sua parte, o procurador mostrara abnegação heroica, sacrificando-se ao bem commum. Acceitara um cargo laborioso, abandonando os seus mais caros interesses em Celorico: uns torrões cubertos de centeio chocho no verão e de caramello magnifico durante o inverno; a terra da sua infancia, o lar domestico, o campanario da sua freguezia.

O chanceller, que o empregara a principio na transcripção de varias passagens das Pandectas para seu uso particular, viu-se em breve constrangido a reconhecer que fizera a acquisição de um horroroso latino.

Então associou-o á grande empreza da versão do codigo de Justiniano. Dentro em pouco, Mem Bugalho pulou em valimento; pulou até chegar a assentar-se juncto ao celebre bufete dos paços de S. Martinho.

Conhecia-se-lhe apenas um séstro: era distrahido, abstracto, esquecido.

Assim, quando trasladava do latim em linguagem alguma lei intrincada do codigo imperial, de modo tão corrente e limpido que os barbas-grisalhas do conselho d'elrei se não cansavam de louvar o primor da versão, jurava e tresjurava que não fora elle, mas João das Regras quem fizera aquella obra excellente. Era escusado demonstrar-lhe o contrario: teimava para diante: teimava com o proprio chanceller. O bom do velho doutor de Pisa ria a perder com estas hallucinações do decretalista.

Havia, porém, um jogo notavel do acaso. Por tres ou quatro vezes, depois de grandes teimas destas, sua mercê elrei houvera por bem augmentar algumas dezenas de livras na quantia do licenciado Asinipes.

Apesar das suas distracções, Mem Bugalho era homem impagavel. Afóra não vulgar talento, possuia grandes dotes politicos. Sabía a proposito humilhar-se, arrastar-se. Tomara por divisa o sagrado texto: *Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles.* Não era nenhum soberbão: por força havia de subir.

Tinha-se curado de certas fogagens de altiveza de animo e d'independencia desde a se-

vera lição que recebera na tavolagem das Portas-do-mar. Agora limitava os seus affectos e ambições a que o deixassem comer. E deixavam; e elle comia, comia, comia.

João das Regras estimava-o muito e desprezava-o profundamente. Implica em termos? Pois deixem implicar. Arranjem isso como poderem. Esta é a verdade; verdade eterna em relação aos Regras e aos Bugalhos de qualquer epocha e de qualquer paiz.

Todo o Regras tem um Bugalho: alguns têem dous; outros têem trinta.

É conforme.

Nessa manhan recebera uma chave do gabinete particular com ordem precisa de se encerrar alli, para verter o titulo decimo tercio do livro noveno do codigo do mui excellente e de muitas virtudes imperador Justiniano. O chanceller advertia-o de que pela volta da tarde viria ajudá-lo a concluir aquella ardua tarefa, terminando todavia a carta pelo pleonasmo — *no caso de não estar já concluida.*

«É celebre! — pensava o decretalista, sem mecher sequer os beiços. — Para que saltar do seteno ao noveno? Me mellem, se entendo o doutor!»

Entendia-se elle a si.

A ardua tarefa tocara, porém, o seu termo

quando o chanceller entrou. Ao ouvir-lhe dizer que continuasse, Mem Bugalho respeitosamente o informou do jubilo inexplicavel, do nobre orgulho que sentia, em poder assegurar-lhe que as suas ordens haviam sido religiosamente cumpridas e que a lei *Raptores* estava trasladada até a ultima linha.

João das Regras pegou no papel e pôs-se a corrê-lo devagar pelos olhos, que de quando em quando volvia para a porta do reposteiro.

A espaços aproximava o nariz do folio aberto, um dos dous magnificos volumes comprados a micer Allighieri, stationarius ou livreiro, como hoje diriamos, de Bolonha. Por duas ou tres vezes o omnipotente legista cravou a unha na margem do papel esgaratujado e rabiscado, e de todas ellas Mem Bugalho sentiu o ar, impellido com força pelas fossas nasaes do chanceller, sibillar-lhe nos ouvidos: «hm, hm!»

O erudito Asinipes, a quem não podiam passar por alto esses movimentos oratorios de desapprovação, conscio da propria força em materia de latinidades, embora fossem crespas como as do divino imperador, preparou-se logo para em tudo e por tudo... ser da opinião do doutor de Pisa.

Este ía a começar as suas observações, e já o licenciado, de pé e com as mãos cruzadas

sobre o ventre, dobrava as vertebras do pescoço, inclinando a fronte para escutar o oraculo, quando o reposteiro da entrada particular do rei oscillou, e as pregas arrebanhadas ao lado deixaram ver um novo personagem, que vinha interromper, no brotar, o arroio da sabedoria.

Era D. João I.

«Segundo vejo, — disse este, entrando com ar festivo — tractaes graves negocios. Nem tanto lidar, meu doutor; nem tanto lidar! Agora, justamente, vinha eu lembrar-vos a promessa que me fizestes de assistirdes com D. Leonor da Cunha, a vossa joven esposa, ao saráu desta noite. Não querereis, por certo, que entre as formosuras da corte falte uma das mais bellas...»

«Oh senhor, que lisonjeiro que estaes! — interrompeu João das Regras, curvando-se profundamente. — Permitti, porém, que rectifique as vossas reaes palavras. Eu declarei apenas que para mim eram leis immutaveis os menores desejos do meu principe.»

«Sabeis vós, chanceller? — continuou elrei, seguindo o curso das idéas que naquelle momento o senhoreiavam. — Ordenei momos, danças, tangêres e folias, cousa acabada e mirifica. Vós mesmo haveis de alisar essa fronte

sempre enrugada e sombria. Não quero dizer-vos nada. Vereis!»

«Para afugentar cuidados, — replicou o valído, beijando-lhe a mão — as indulgentes e amoraveis palavras de vossa real senhoria valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi. Estou velho...»

«Obrigado, doutor, obrigado! — acudiu o monarcha. — Mas não tendes razão! A vida, e sobretudo a vida daquelles em cujos hombros repousa o regimento da republica, é tão inquieta e triste! Porque, pois, não aproveitaremos alguns curtos instantes de paz e remanso em innocentes passatempos? Tambem eu vou sendo velho, dado que os annos não sejam muitos. Debaixo da coroa ainda estes cabellos negrejam; mas a alma sinto-a encanecer. E, todavia, é o meu enlevo ver a mocidade que folga e ri e tripudía em volta de mim, esquecendo-se de que estão diante do seu rei. E fazem bem; que até eu me esqueço disso, e parece-me que tórno aos bons dias em que era o mestre d'Aviz, ou aos, ainda melhores em que os cavalleiros pousados do meu avô D. Affonso me chamavam o pequeno D. João Pires, quando cifrava todas as minhas ambições em vir a pôr sobre os hombros uma capa, a cingir uma espadá, e a di-

zerem de mim as damas: — que gentil escudeiro!»

«Mas, — replicou o valído, assumindo ar grave — é na atmosphera ardente dos saráus, no meio da ebriedade dos sentidos e concorrencia familiar da mocidade que nascem e vigoram paixões criminosas, que vão perturbar a paz domestica e produzir muitos desses horrendos attentados contra os quaes os imperadores fulminaram terriveis penas, comminadas na lei *Raptores* do Codigo, lei que, por acaso, temos neste momento entre mãos. Não o digo pelas vossas reaes festas. Quem imaginou jámais que nellas ousasse penetrar um pensamento impuro? Mas lembrae-vos, senhor, dos festins nocturnos nestes paços em tempo de vosso irmão, quando D. Leonor Telles era quem os dirigia! Minha mulher é moça...»

«Ai, meu chanceller, valha-vos Deus por cioso! Não o negueis; que bem o entendo. Mas, ao menos, fazeis-me justiça. A falar a verdade — accrescentou com gesto pensativo — é que ainda me não passou pela cabeça a idéa de taes perigos!... Oh, que se os imperadores romanos foram severos ácerca das mulheres, os reis meus avós não o foram menos, e eu sei fazer respeitar as suas ordenações!

Mas, a proposito: que dizem as leis imperiaes sobre isso?»

«E' demasiado extenso — respondeu o discipulo de Bartholo, atirando com desdem para cima do bufete o papel esgaratujado por Mem Bugalho. — Dóe-me a consciencia de estar agora importunando com estas materias abstrusas a vossa real senhoria.»

«Lede lá, lede» — acudiu elrei, excitado pela contradicção, como o chanceller interiormente previra.

Com um leve ademan de tedio e má vontade, João das Regras tornou a pegar no papel e começou a ler, bocejando e esbarrando d'espaço a espaço, como quem ás vezes não percebia bem o sentido.

«Nunca o vi tão bronco — pensava o licenciado, que, encolhido respeitosamente atraz do valído, sentia indignações de lhe ir á mão pelo modo desengraçado e confuso com que lia uma das cousas que, sem amor proprio, elle melhor traduzira em toda a sua vida.

Aquelles a quem não são estranhas as instituições civis do imperio romano sabem que, na epocha da decadencia, os legisladores procuravam obstar á devassidão dos costumes, sempre crescente, com penas severas, severas até a ferocidade. As leis de Constantino, Cons-

tancio e Joviano sobre este grave assumpto foram refundidas no codigo de Justiniano, ficando abolidas nessa parte a lei Julia e todas as correlativas, incomparavelmente mais brandas. O confisco e a morte ameaçavam os raptores de virgens ou viuvas, os adulteros e os seductores. O perdão das victimas ou o de seus paes e tutores era inutil para os réus de semelhantes delictos. A mesma reparação pelo consorcio era interdicta, e o criminoso colhido em flagrante podia ser assassinado pelos parentes da mulher violada ou ainda da illudida, porque a cumplicidade desta não diminuia a imputação. Finalmente, o individuo de condição servil que se achava incurso em crime dessa especie, quer como actor principal, quer como secundario, era irremissivelmente condemnado ao supplicio do fogo.

A isto se reduzia em substancia o longo artigo do codigo, que, trasladado do latim em vulgar, o chanceller deletreiava á sua real senhoria.

Mem Bugalho, que com paternal affecto seguia a leitura da sua versão, quando o chanceller ía chegando ás ultimas linhas observou que elle substituia as palavras *pessoas de condição servil* pela violenta paraphrase de *homens que servem a qualquer senhor*. Ao

ouvir isto, não pôde ter-se que não murmurasse:

«*Servilis conditionis! servilis condit...!*»

Estacou. Um joelho se dobrara imperceptivelmente debaixo da garnacha de João das Regras e um calcanhar viera ao de leve applicar-se á tibia escanifrada do grande homem de Celorico.

«Que dizeis, Mem?» — perguntou elrei.

«Que a trasladação está demasiadamente servil ou *ad litteram* — respondeu o chanceller, deitando de revés os olhos para o pobre escriba, que balbuciava, fazendo-se de mil cores. — Pois de que outro modo havia de ser, homem? — accrescentou, virando-se para traz. — Depois exporei a sua mercê o que resam a glosa de Accursio e as intenções de Bartholo. Então elle resolverá o que se deve declarar, explanar, supprimir...»

«Nada, nada! — acudiu D. João I. — E' excellente; é perfeita. Não a valem as posturas antigas. Será tambem lei do reino... Mas, por S. Jorge! — exclamou, alevantando os olhos para o mostrador do relogio. — Deixemos por hoje estas aborridas materias. D'aqui a duas horas os momos e danças estarão no paço. Até logo, chanceller. Não falteis. Adeus.»

João das Regras fez uma humillissima genuflexão.

Elrei saíu, assobiando um estribilho de caça. O doutor de Pisa seguiu-o com os olhos e, sentindo-o alongar, murmurou, encolhendo os hombros de modo que lhe topava nas orelhas a gola da garnacha:

«Creança!»

Depois voltou-se para Mem Bugalho, tossindo muito. Quando acabou de tossir, disse-lhe, entre duas daquellas risadinhas chirriantes que faziam arripiar quem as ouvia:

«Eh, eh! Tem-me esquecido contar-vos que, antes de ser discipulo de Bartholo, eu tinha estudado o Trivio e o Quatrivio, e que no Trivio se aprende muito bem latim. Eh, eh!»

O decretalista não replicou palavra. Estava enfiado, e parecia-lhe a casa andar á roda. Era uma illusão exquisita!

XXV

O SARÁU

> ... em monte e caça, de que era mui querençoso, e em danças e festas, segundo aquel tempo, em que tomava grande sabor.
>
> FERN. LOPES — *Chron. d'elr. D. P.*

Se ha cousa neste mundo sublunar para que sirva o perpetuo *distinguo* dos theologos, é para traçar a historia da civilisação comparada, da cultura social de nossos avós e do nosso tempo. Grande e esplendida esta ultima, vista a certa luz, triumphará facilmente da primeira; mas, visto a outra luz, o passado vencerá sem duvida o presente. Estas graves e profundissimas reflexões, como o são quasi todas as deste livro (o leitor fará a devida justiça á nossa modestia), foram-nos inspiradas pelo espectaculo do saráu para que vimos D. João I

convidar com tanto affinco aquelle bom velho do doutor de Pisa. A nossa pobre imaginação, que se atrevera a transpôr os regios umbraes dos paços d'apar S. Martinho, teve de retroceder e de vir abrigar-se por algum tempo á mortiça claridade de moderna sala de baile. Os olhos d'alma, offuscados pela magnificencia e brilho do illuminado palacio dos Infantes, vieram repousar um pouco em aposentos menos esplendidos, onde as colgaduras de cor indecisa, os trajos negros ou desbotados modifiquem a pouca luz que, passando por vidros embaciados, ainda se amortece na pallidez dos adereços e trajos de hoje, como no areial infertil da Africa se embebem as aguas de trovoada passageira, que não podem saciá-lo. Até nisto, até na dubia claridade, os saráus modernos são tacanhos e tristes! Depois, as pragmaticas, as minucias de cortezania escholastica, as vaidades inquietas de todas as supremacias e eminencias politicas, litterarias, agiotas, artisticas, da impertinente aristocracia burguesa, que no meio delles perpassam, vigiando-se, mirando-se, escarnecendo-se, detestando-se, affiguram-se-nos um *quid* comparavel a ouriço cacheiro, que se róla ao longo dos aposentos, tomba, ora para um, ora para outro lado, e incommóda e espicaça as

pobres obscuridades e nullidades — o maximo numero — que, na simpleza do seu coração, correram ao baile pomposamente annunciado, crendo que essa grande benção de Deus na terra, a franca e intima alegria, podia penetrar no recincto consagrado ao egoismo das pequeninas vanglorias, ás pontualidades parvoas e á semsaboria de convencional contentamento.

Não assim o saráu da idade-media. Elevemo-nos até elle. Volvamos lá; volvamos ás salas antigas. Ahi, a luctuosa negrura dos trajos do homem ou as cores cansadas das roupas feminis não dão o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos: ahi não se vêem danças dormentes como o acalentar do infante, ou desgrenhadas, vertiginosas como o furor das bacchantes, contraste absurdo ligado pelo laço commum da insipidez; ahi uma delicadeza assucarada e hirta, como a deste seculo de myope hypocrisia, não exige admirações e applausos tanto para o chirriar discorde, como para a voz que desprende melodiosas harmonias; ahi o cavalleiro não vai, como o gasto peralvilho, curvar a fronte inquieta sobre um panno verde para pôr nas mãos do acaso talvez o seu futuro, ou o futuro de sua esposa e de seus filhos. Eram jogos de força e de destreza; eram jogos de homem — os ta-

volados, as justas, os torneios — que se associavam ás festas de outros tempos. Então, as horas consagradas ao culto da mulher ou ao goso de espectaculos grandiosos não se íam entristecer com luctas mesquinhas; porque o jogo ou era, como o xadrez, o recreio da solidão dos homens graves ou um vicio abjecto, como o dos dados, que imperava só no meio da devassidão dos arraiaes ou se escondia nas tavolagens e prostibulos das grandes povoações. A altiva nobreza de nossos avós perdemo-la até nos passatempos.

O saráu que naquella noite se dava nos paços de S. Martinho fora ordenado por elrei semanas antes para servir como de complemento á procissão de Corpus. Era uma galantaria feita á rainha, á bella filha de João de Ghaunt, habituada aos festejos que em Londres costumavam seguir-se áquella celebre solemnidade. O mestre d'Aviz, se não adoptara o systema faceto de seu pae, o grande rei, grande algoz e grande jogral, D. Pedro I, que usava folgar com os villãos, correndo as ruas de Lisboa no meio das guinolas e folias com que era costume receber os reis, quando, depois de mais dilatada ausencia, voltavam á sua boa cidade, herdara, todavia, delle bastante humor jovial para não perder um ensejo de

lisonjeiar sua mulher e de esquecer no meio das festas — conforme dizia ao chanceller — o pesado encargo da coroa, adoçando ao mesmo tempo, pela especie de mutua benevolencia que inspira a communidade de sensações, quer de prazer, quer de dor, os odios que ardiam solapados na corte pelos resentimentos nascidos das contendas politicas que nalguns dos anteriores capitulos tentámos descrever.

Ao cahir do dia, as janellas do paço estavam illuminadas interior e exteriormente. Centenares de tochas, que, prolongando-se ao correr das paredes, se prendiam nellas por braços de metal pulido, e grandes lampadarios, que desciam por cadeias de ferro dourado das abobadas artezoadas, convertiam em dia claro as trevas da noite pelos atrios, escadas, galerias e aposentos, cubertos de alto a baixo de arrazes, onde se viam trasladados pela agulha e pela lançadeira os mais celebres personagens da antiguidade, cuja existencia e aventuras a pobre erudição dos artifices extravagantemente baralhara. Priamo, Alexandre, Aristoteles, Moysés, Arão e muitos outros, amarrados a essas extensas telas, se nos letreiros que lhes faziam saír das bocas proferiam os maiores absurdos historicos, protestavam tam-

bem mudamente contra a anachronica violencia com que os passeiavam através dos seculos, e contra os aleives que lhes assacavam. Não era difficultoso, ao subir uma escada, ou ao transpôr uma galeria, encontrar o grão magico Aristoteles, armado de cervilheira, cota e braçaes, com sua bésta nas mãos, prestes a disparar o virote ao peito de algum centauro; o guerreiro macedonio, de cruz vermelha nos peitos e hombros e cavalgando em cavallo acubertado, no acto de brandir o montante contra um aduar de mourisma ás portas de Jerusalem; Priamo atarefado com seus filhos Ajax e Achilles em construir as muralhas de Constantinopola; ou finalmente Arão, paramentado e de mitra e bago, á porta de cathedral gothica. Tudo isto e muito mais representavam aquellas variadas colgaduras, sem falar dos monstros e arabescos, que a fertil e enferma imaginação dos artifices daquellas eras estampava por toda a parte, desde a portada do templo até as pinturas das telas e dos codices, ou até os bestiães e lavores das taças e agomias de prata.

Se, porém, os disparates d'invenção e as incorrecções de desenho dos historiados arrazes arrancariam hoje apenas um sorriso de lastima insultuosa ao artista mais humilde, a palheta

moderna teria talvez d'envergonhar-se das suas mais vivas cores, comparadas ás desses quadros immensos, que se dilatavam por todas as paredes e que harmonisavam com as abobadas artezoadas, cubertas de ouro nos pendoroes e bocetes sobre o chão pallido ou escuro do marmore ou do lenho, e com as laçarias das almofadas, epopeias de esculptura escriptas a cinzel e a buril nas lageas e nos madeiros rendilhados dos tectos esguios. De lá, os gryphos, os dragões, as alimarias com face humana, os reptis mais extravagantes, os rostos mais doudos, transfigurados e impossiveis, pareciam mirar o que se passava cá em baixo. Era um mundo estranho, mysterioso, brilhante que se pendurava para enxergar o homem, para se rir delle, para o apupar, para lhe fazer visagens e negaças, como essas figuras gravadas nas impostas do portal da sé de Lisboa que tem podido escapar ao dente voraz dos seculos, ao boião canonical e aos acanthos, repolhos e caramujos da arte grécopátéta.

E debaixo destes tectos, e no meio destes pannos, por entre as catadupas de luz directa e reflexa, que em ondas se entornava de centenares de tochas e lampadarios ou se refrangia nas vividas colgaduras e nos relevos dou-

rados, passavam bandos de cavalleiros, acotovelavam-se os momos, ruíam as danças mouriscas e judaicas, e as choréas de nymphas, porque até a existencia das nymphas chegava a erudição vulgar desses tempos. Aqui, dous gordos anões d'elrei trajando roupas phantasticas, rolavam-se por entre as pernas de um cavalleiro velho, que parara em passagem estreita para explicar a alguns escudeiros menos letrados um D. Absalão, pendurado de arvore ramosa pelos cabellos e traspassado por tres ascumas despedidas pelo marechal do sancto rei David, D. Joab, cavalleiro de bom corpo, que na tela escripturistica representava ter duas alturas da arvore fatal. Acolá, varios pagens travessos riam ás gargalhadas, impedindo o passo a tres fadas que forcejavam por entrar no principal aposento, onde tinham de representar um papel importante nos momos que íam começar. No meio do tumulto ouvia-se o tinir argentino dos cascaveis de tres ou quatro maninellos, que rompiam apressados por entre a turba e que eram um reforço procurado, com permissão d'elrei, por Alle, cuja voz em falsete restrugia lá dentro por cima dos sons dos instrumentos que buscavam affinar-se. Ás vezes a voz do truão sumia-se no estrondo das risadas.

A sala principal, ou da corte, era um vasto parallelogrammo, que duas series de pilares polystylos dividiam em tres naves. Sobre os listetos das cornijas dos pedestaes, amplamente resaltados ou, antes, dos stylobates communs dos columnellos enfeixados que constituiam os pilares, pousavam armaduras completas, que simulavam dezenas de homens d'armas observando o tropel ondeiante que lhes remoinhava em volta. Nos topos das columnas e das misulas que nas paredes lateraes lhes correspondiam, collocadas em cima dos abacos e presas aos saimeis das voltas ponteagudas, viam-se, nuns cabeças mirradas de cervos com galhos desconformes ou trombas de javalis, cujos colmilhos pulidos e alvejando faziam singular effeito, noutros mumias de gerifaltes e de nebris, com as pernas mettidas nos piozes e tão naturaes que pareciam vivos, bem como figuras de galgos e lebréus no acto de remetter. Em baixo, as imagens da guerra, e em cima as da caça symbolisavam a bem dizer a existencia inteira de um principe, barão ou rico-homem daquelle e dos antecedentes seculos, sobretudo a do mestre de Aviz, de cuja indole militar e de cuja paixão pela montaria e altanaria nos restam não equivocos documentos. Os lampadarios e tochas,

ainda mais profusamente espalhados pela immensa quadra do que pelos aposentos contiguos e pelas escadas e galerias que para alli conduziam, tornavam perfeitamente distinctas as bellas linhas perpendiculares dos feixes de columnellos, as estrias dos ribetes, as subtis laçarias e bestiães do tecto de castanho almofadado, as tinctas mais vivas aqui, se era possivel, e os desenhos mais correctos das tapeçarias, que, descendo d'entre as misulas, forravam as quatro faces daquella magnifica sala.

Mas o que, mais que tudo, deslumbraria olhos só affeitos á monotona e mesquinha singeleza dos trajos modernos serfam as roupas variegadas dos cavalleiros que nessa noite circulavam pelos paços d'apar S. Martinho. Era mais que todos os matizes do prado na primavera; era um iris immenso, retalhado em pequenos fragmentos que remoinhasse sobre chão d'estrellas. As capas de desvairadas cores, orladas de lhama d'ouro ou de prata; as jorneas decotadas, deixando entrever as gollas e peitilhos bordados dos gibanetes, divididas em duas cores, que o rigor da moda exigia contrastassem as das capas; as calças ou meias justas, que, repetindo as cores da jornea, mas trocadas, desenhavam, como estas, que se apertavam com cinctos de ouropel ou

de argempel, as fórmas athleticas e elegantes dos moços escudeiros e cavalleiros, formavam um todo cambiante e phantastico, de que difficultosamente alcançam dar uma semelhança incompleta e pallida as faculdades inventivas, ás vezes bem pouco historicas, dos adereçadores do theatro ou as mascaras mais delicadas do carnaval, unica especie não absolutamente semsaborona e triste das nossas festas actuaes.

O saráu antigo reunia em si essas duas fórmas de espectaculo. Então, o segundo era mais variado e grandioso, postoque o primeiro fosse desengenhoso e barbaro. Os momos, todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quasi o carro de Thespis. De ordinario, consistiam em allegorias, que, proxima ou remotamente, se ligavam com successos recentes e notaveis. As visualidades constituiam a parte essencial dessas scenas informes, onde apenas algum monologo extemporaneo se misturava com os tregeitos e visagens de uma pantomima extravagante e exaggerada, a qual fizera attribuir aos actores de semelhantes representações o epitheto de *tregeitadores*. As bufonerias dos chocarreiros que ahi figuravam eram as delicias dos principes e senhores, e os dicterios e allusões, muitas vezes grosseiros, offensivos e indecentes, parece que não se es-

tranhavam, nem sequer na presença das damas, e corriam como boa moeda. Assim, o truão, bobo ou bufão era uma casta de animal indispensavel nos alcaceres regios e senhoriaes; um contraveneno do tedio, prompto sempre para encher o vacuo das horas d'enfadamento; e é por isso que nos documentos, nas leis e nas chronicas dos diversos reinos das Hespanhas, se encontram não raras memorias desses domesticos representadores dos *momos, arremedilhos* e *escarneos.*

Acima do bobo ou maninello, mas confundido ás vezes com elle, estava o jogral. O jogral era conjunctamente instrumentista, bailarino, cantor e, até, improvisador. Em velhos manuscriptos de trovas e cantigas, muitas das quaes eram composições de illustres cavalleiros, de ricos-homens e, até, de monarchas, encontram-se ainda signaes que indicavam o tonilho que devia acompanhar os rithmos dos trovadores repetidos pelo jogral. Dos instrumentos de que usavam esses cantores professos, ora serios ora jocosos, restam-nos ainda desenhadas as fórmas, mais ou menos confusamente, nas illuminuras contemporaneas. Alli se vêem os adufes, pouco differentes dos modernos, e as castanhetas, cuja fórma de pequenos parallelogrammos as distingue das hoje

usadas. O som destes instrumentos semi-barbaros, segundo o que se póde colligir daquellas illuminuras, marcava o compasso ás danças dos jograes e das péllas ou jogralezas, de que tambem ha memoria. Outros, como o laúde, a guitarra, a harpa, a ayabeba, a rebeca, o anafil, as charamelas, o orgam compunham as orchestras, aproximando-se, mais ou menos, no feitio aos que ainda subsistem e contribuindo com as suas vozes melodiosas ou estrugidoras para os desenfados e folgares dos festins e saráus.

Com estes elementos, a imaginação do leitor reduzirá facilmente a um quadro que não se affastará demasiado da verdade a agitação e o estrepito que iria nos paços de S. Martinho depois do anoitecer. Havia, porém, uma circumstancia que precedera isso tudo e que elle não póde adivinhar, porque nascera de certa usança hoje esquecida. O comerem em publico os principes era uma especie, ora de prologo, ora d'entremeio nas festas reaes, e a D. João I occorrera naturalmente a idéa de tomar na sala do saráu a leve collação chamada *merenda,* costumeira gastronomica essencialmente portuguesa e que remonta sem duvida áquella epocha e com probabilidade ás anteriores. Dous estrados, distinctos pela di-

versa elevação, occupavam um dos topos do espaçoso aposento. A mesa d'elrei e de sua mulher estava no plano mais alto, e no inferior a dos officiaes da coroa, dos barões e alcaides-móres que accidentalmente se achavam na corte e que, collocados de um lado pela ordem das categorias, ficavam fronteiros ás damas de D. Philippa, as quaes na mesma ordem occupavam o outro lado. A hora para começar a merenda publica, introito ao saráu, fora designada para antes do solposto, e por isso D. João I partira tanto ex-abrupto do gabinete particular.

Era noite fechada. A collação acabara justamente no instante em que o sino de completas principiava a despedir da torre da cathedral as suas badaladas lentas e uniformes. A um signal do mestre-sala, Luiz Alvares Pires, que em pé atraz da cadeira d'elrei recebia as ordens do monarcha, os cavalleiros e damas ergueram-se. Alevantando-se após elles, D. João I deu a mão á rainha e dirigiu-se para uma tribuna rasa, d'onde melhor se podia gosar o espectaculo dos momos, para os quaes fora reservada a nave central, onde os menestreis, charameleiros e jograes instrumentistas preludiavam já com varios tonilhos e retornellos de guerra e de caça.

No topo fronteiro ao dos estrados era o adito principal do aposento, que se abrira de par em par. Em frente dilatava-se galeria magnifica, terminada numa especie de portico ou atrio circular, d'onde partiam varios corredores que ligavam os diversos lanços do palacio. Alguns cavalleiros que ainda conversavam em grupos nesta galeria e neste portico, logo que elrei se ergueu e se fez signal de que os momos íam começar, entraram precipitadamente na sala.

Mas D. João I parara de subito. Lançando por acaso os olhos para o atrio, vira atravessá-lo um vulto que, apesar da rapidez com que passara, elle crera reconhecer. Vendo-o immovel e attento para aquelle lado, todos os olhos para lá se volveram. Debalde. O vulto desapparecera como relampago, e tanto a galeria como o portico estavam absolutamente desertos.

A unica pessoa que parecera não reparar em nada fora D. João d'Ornellas, o qual, como esmoler d' elrei e alcaide-mór de Alcobaça, assistira á collação. Era que tinha descortinado o chanceller, que rompia por entre a turba, aproximando-se para aquelle lado.

Como se houvera recebido uma punhada invisivel na fronte, o abbade inclinou de golpe

a cabeça para traz: como se recebesse outra na nuca, o doutor de Pisa inclinou-a para diante, ainda com maior rapidez. Era uma pergunta feita, e uma resposta dada.

Com a mesma presteza, o chanceller fez um angulo obtuso, mudando de direcção, e o prelado voltou-lhe as costas, mettendo-se no grupo dos fidalgos que conversavam em voz submissa.

Entretanto as attenções tinham-se dirigido exclusivamente para a nave central, onde as folias, as danças de judeus e mouros, as nymphas, as péllas, os jograes, os menestreis, os chocarreiros tomavam já os seus postos, á espera de que fosse mercê de sua real senhoria dar ordem ao mestre-sala para começarem os mui de folgar e mui espantaveis momos com que rompia o saráu.

A expectação e as esperanças communs foram, porém, illudidas por estranho e inesperado successo.

XXVI

JUSTIÇA DE SUA SENHORIA

> A milhor das vertudes porque o mundo se sostem, rege-se hy aquello por que cada hũu á o seu, e porque a cada hũu he aguardada sa onra, he mantehudo no seu estado, e esta vertude he a justiça.
>
> LIV. DAS LEIS E POST.—*Lei de D. Affonso IV.*

Os momos, dissemos, eram o embrião do drama; mas do drama de Eschylo, do drama de Calderon e de Shakspeare; do drama imaginoso e livre, variado como a natureza e a sociedade seu typo, vibrando as cordas de todas as paixões e affectos, successivamente lachrymoso e risonho, solemne e ridiculo, como as vicissitudes da vida: eram o embrião do drama inspirado e não do drama rachitico, mutilado, convencional, medido pelas bitolas

dos criticos mestres-d'obras, numerado, catalogado, fundido em gitos e moldes de barro com pretensões de bronze e desfeitos em pó ao sopro do primeiro *porque?* Elles reuniam em si, como tambem advertimos, a mascarada carnavalesca e as pompas da scena, vindo assim a ser tanto mais variados quanto mais escaceiava nelles o que hoje constitue a essencia do espectaculo theatral, o dialogo scenico.

Os inventores e delineadores dos momos e folias punham, por isso, toda a diligencia em supprir com as mais estranhas visualidades, com as mimicas mais singulares ou desvairadas, a falta do drama falado. Quando se lê a descripção das festas que em occasiões solemnes se fizeram em Lisboa durante o reinado de Affonso V, vê-se que estas festas brilhantes tinham chegado a um gráu de perfeição relativa, difficil de ultrapassar e que nellas consistia principalmente a magnificencia da corte portuguesa, magnificencia que assombrava os embaixadores do imperador da Allemanha, e que fazia com que o cavalleiro andante Jorge von Ehingen, depois de haver visitado as mais celebres capitaes da Europa, viesse encontrar um ideal do esplendor e do luxo nos jogos guerreiros da Rua-nova e nos folgares e saráus dos paços dos nossos reis.

Entre as diversas figuras, trajadas mais ou menos phantastica e extravagantemente, que, durante o crepusculo do dia 18 de junho de 1389, vinham chegando aos paços de S. Martinho, haviam notado os porteiros-menores um vulto embrulhado numa especie de farricoco ou ollandilha que de todo lhe occultava o rosto. Era, provavelmente, um dos tregeitadores chamados para o espectaculo. Mas, não só a tristeza daquella vestidura, tão diversa dos trajos garridos dos outros jograes, gerara estranheza, como tambem o socego mysterioso do recem-vindo despertara suspeitas. Tinham, por isso, os delegados ou ovençaes do porteiro-mór mostrado repugnancia em facultarem a entrada. Alle, porém, aproximando-se immediatamente delles, lhes declarara ser aquelle um personagem indispensavel do mui gracioso arremedilho que ideiara para mostrar a sua capacidade truanesca, arremedilho em que tambem tinham parte tres maninellos que de perto seguiam o desconhecido. Á vista das declarações do bufão regio, todas as duvidas haviam desapparecido, e o *aforrado* entrara sem mais embaraço.

D'ahi a pouco, entre o bando de jograes e tregeitadores, ou para melhor dizer, á frente delles, no fim da nave do meio e perto da

teia que cingia o espaço reservado para elrei, estava o truão e ao lado delle os tres maninellos e o ollandilha.

Antes disso, emquanto a collação durara, Alle nem um instante estivera tranquillo: entrara, saíra, voltara, fizera rir uns, irritara outros com dictos e allusões insolentes e, em summa, parecera mais que nunca azougado por aquella especie de loucura convencional que era inherente ao ministerio que exercia. Notaram alguns que o ollandilha jámais se affastava delle e que, nos momentos em que o mouro se ausentava, tambem o incognito desapparecia.

Emfim, ouviu-se a voz do mestre-sala, que bradava:

«Sus, menestreis, jograes, tregeitadores, bufões! Começae vossos momos, que assim o ordena sua alta e mui graciosa senhoria.»

Todas as vistas se dirigiram para a nave do meio. O remoinhar dos diversos grupos cessou, e o borborinho que sussurrava pela ampla quadra, semelhante ao murmurio das ondas quando escaceia o vento, começou a descahir, até se transformar em profundo silencio.

Tão profundo, que se ouvia o sino da sé chamando os conegos a completas.

Os olhos, porém, que se haviam pregado no grupo dos tregeitadores abriram-se desmesuradamente, os braços estenderam-se, os indices apontaram para a vanguarda daquelle tropel festivo, como tocados de vara magica.

Era que o incognito, deixando cahir a especie de mortalha em que vinha envolto, subira ousadamente ao estrado contiguo. Com assombro, os espectadores divisaram nelle o habito de Cistér e, ainda com mais espanto, que se dirigia para a teia que cercava o logar reservado para elrei e para D. Philippa.

Era um frade verdadeiro ou um farcista? Esta pergunta, que cada qual fazia a si mesmo, conservava os circumstantes em muda hesitação.

Desenganaram-se em breve. O frade cahira de joelhos diante d'elrei, exclamando:

«Justiça!»

O tom em que esta ultima palavra fora proferida affastava a menor sombra de duvida. Esse tom não se fingia.

«É o frade sandeu!—murmuraram diversas vozes, saídas do grupo dos senhores e officiaes da coroa—É o vosso monge, D. João d'Ornellas.»

Diziam-no alguns dos que tinham estado na tavolagem de Lourenço Braz e que haviam

reconhecido Fr. Vasco, o que, por certo, já aconteceu tambem ao leitor.

«Justiça, rei de Portugal!»

Este clamor intenso e solemne que o cisterciense tornara a soltar desfizera o encanto da obstupefacção, e um borborinho indistincto rumorejava de novo pelas naves do aposento.

«Que homem é este? Que pretende? Que significa isto?»—gritou elrei, pondo-se em pé.

Todos olharam para D. João d'Ornellas. O frade era um membro da sua ordem. Só elle podia, talvez, responder a essas perguntas.

De feito, o prelado, abrindo caminho por entre o grupo de fidalgos, com gesto incendido em colera, travou do braço de Fr. Vasco e, sacudindo-o violentamente, bradou-lhe, ao passo que o obrigava a erguer-se:

«Insensato! Como ousaste desobedecer-me? Como saíste de S. Paulo? Como entraste aqui?»—«Senhor:—accrescentou, voltando-se para elrei—ordenae que dous ovençaes, dous homens d'armas, quem quer que seja, conduzam este malaventurado ao collegio de S. Paulo, onde talvez a solidão e os jejuns num carcere lhe ensinem a obediencia.»—«Veremos, rebelde—proseguiu, dirigindo-se de novo ao frade com aspecto cada vez mais severo—se

tornas a achar ensejo para vir perturbar os passatempos de sua real senhoria...»

«Não, não!—interrompeu elrei, movido por generoso impulso.—Ao homem que pede justiça nunca, emquanto eu viver, se responderá constrangendo-o a amaldiçoar-me em silencio. Quem é este monge? Devo e hei-de ouvi-lo.»

«É inutil, senhor—atalhou D. João d'Ornellas, visivelmente perturbado.—Ha largo tempo que enlouqueceu. Muitos destes cavalleiros o sabem...»

«É verdade, é verdade!»—murmuravam d'entre o grupo dos cortezãos.

A voz, porém, de Fr. Vasco, firme e estridente, fez resoar ainda outra vez pelas abobadas do aposento:

«Justiça!»

«Tende paciencia, meu reverendo esmoler—continuou D. João I, a quem não escapara a perturbação do abbade.—O vosso monge não parece resolvido a saír: nem eu o expulsarei. Se o seu espirito está offuscado, vós talvez possaes dizer-me o que elle pretende. Por certo, não é contra vós que elle invoca a minha justiça.»

No gesto e nos modos do principe lia-se claramente que suspeitava o contrario.

Dir-se-hia, com effeito, que o prelado receiava as revelações do seu monge. Volvera olhos supplicantes para um personagem que pouco e pouco se acercara.

Era o chanceller.

«Se vossa mercê m'o consente — disse o doutor de Pisa, com uma reverencia capaz de disputar primazias ás de Fr. Julião — atrever-me-hei a observar que não é neste aposento e a taes deshoras que loucos ou sisudos devem demandar justiça, mas sim perante os juizes de vossa corte e em vosso desembargo.»

Emquanto o doutor Joannes a Regulis fazia estas observações num tom que contrastava com a humildade do seu porte, no proximo grupo dos fidalgos dous cavalleiros conversavam um com outro á puridade. Eram João Rodrigues de Sá e o velho prior do Hospital.

«Não querem que elrei o attenda — dizia o prior. — Anda aqui velhacada...»

«Pois erram o tiro — replicou o das Galés, — Irritam-no e não fazem nada.»

De feito, D. João I, carregando as sobrancelhas, interrompera o privado:

«E se o meu sabio chanceller m'o consente, eu rei de Portugal atrever-me-hei a perguntar de novo a este frade louco ou sisudo: — «Que

pretendes?...» Por S. Jorge! Para que sou eu rei, senão para acudir sem tardança aos meus subditos quando bradam por mim?»

Abrindo então a teia com violencia, chegou-se a Fr. Vasco e bateu-lhe brandamente no hombro:

«Vamos, monge de Alcobaça! Fala sem receio. Se com razão pedes justiça, sabe que a obterás.»

«Sabía-o, senhor rei — replicou Fr. Vasco, tornando a ajoelhar aos pés do monarcha e pegando-lhe na mão para a beijar. — Se perdi o siso, como pretendem, não perdi a memoria de que sempre fostes justo e generoso, justo e generoso até no furor das batalhas, onde vos vi pelejar e vencer, punir e recompensar...»

«Que?! — atalhou elrei. — Foste, acaso, homem d'armas?»

«Fui um dos cavalleiros da ala de Mem Rodrigues.»

«Cavalleiro da ala dos namorados?... Conheci-os todos. Não havia um que não fosse valente lança!... O teu nome? o teu nome?!... Não és tu?...

«Vasco da Silva: hoje o irmão Fr. Vasco» — respondeu o monge, curvando a cabeça e cruzando as mãos sobre o escapulario.

«Ah! Recordo-me agora... É isso! Contaram-me que te metteras frade... Abandonaste a gloria; desprezaste as recompensas para te enterrares num claustro. Foi mais uma façanha, meu cavalleiro, em que ninguem te imitou... Mas que é isto, Vasco da Silva?! Tu de joelhos? Dous soldados de Aljubarrota não devem conversar assim. Dize-me outra cousa: enganam-se os que affirmam que estás sem teu siso. Não é verdade? Fala, pois, tu. Que pretendes de mim?»

E alevantando-o pelo braço, contemplava-o com a affectuosa complacencia de amigo ao encontrar o amigo que volta depois de separação dilatada.

«Como te havia eu de reconhecer, Vasco da Silva? Estás velho! Essa estamenha, já vejo que devora mais do que o sol dos combates. — E virando-se para D. João d'Ornellas, accrescentou com certo tremor de voz que nelle era de máu agouro: — Deus me livre de que a justiça implorada por este humilde frade seja contra o seu mui veneravel prelado!»

«Não temaes por mim, senhor! — respondeu com altivez o abbade. — Se tenho por muito tempo obstado a que Fr. Vasco viesse affligir-vos com os seus queixumes, — e é tudo o que póde contra mim dizer — era que sabía quanto

estes deviam ferir antigas e radicadas affeições de vossa real senhoria...»

«Quando se tracta do officio de rei,— atalhou D. João I, em cujo rosto transluzia mal refreiada colera — não tenho affeições... E a vós, dom abbade, quem vos deu direito para impedir que um antigo cavalleiro de Aljubarrota viesse falar comigo?

«Nunca para isso empreguei senão a persuasão. Nunca invoquei senão o jus que me dá uma instituição de Cistér, o preceito da plena obediencia. E para que o fiz eu? Para cohibir a paixão insensata e anti-christan da vingança. Padecer e calar é o que nos manda o evangelho e a sancta regra. Esse cavalleiro que dizeis é hoje sacerdote e monge; é uma das ovelhas confiadas á minha vigilancia. Espero que não queiraes attentar contra as liberdades ecclesiasticas...»

«Mas posso defender um antigo companheiro de perigos e gloria. Creio que devo livrar de occultas tyrannias aquelles que me ajudaram a salvar das garras de Castella esta nobre terra de Portugal. O sancto padre de Roma, cuja causa defendo contra os scismaticos, tem chaves que abrem clausuras...»

«Não é isso; não é isso, meu rei! — acudiu Fr. Vasco, agitado.— A estamenha monastica

não a despirei mais, nem na vida, nem na morte. Na terra não ha uma unica flor de esperança que estas mãos possam colher. Que iria, pois, ahi buscar? Perdi tudo; e é contra quem m'o roubou que venho demandar justiça... Senhor, senhor! — proseguiu o monge com exaltação dolorosa.— Tinha pae, amava-o muito e mataram-m'o: tinha irman, era um anjo de candura, e deshonraram-m'a. Sabeis quando me fizeram isto? Quando na hoste do Condestavel pelejava em defensão da vossa coroa, do vosso reino, do lar domestico, da vida de meu pae, do pudor de minha irman. A meu pae não o tornei a ver. Minto! Vi-lhe o cadaver. Minha irman, essa sim. Encontrei-a. Como? Prostituida, abandonada, miseravel. Ao menos ella morreu-me nos braços!... Tambem, que importava? — accrescentou com rir medonho que terminou num grito terrivel. — Era um gracejo feito por nobre escudeiro, por um dos vossos acostados a um frade Bernardo. Realmente era uma bagatella... Ah!... Senhor rei, senhor rei! Se não podeis restituir-me a ultima bençam de meu pae e a honra de minha irman, podeis ao menos vingar-me! Vingae-me!»

«Hei-de vingar-te!...— bradou o principe, com olhos scintillantes.— Cuberto d'opprobrio

por um dos meus acostados um dos cavalleiros de Mem Rodrigues?!... — Fez uma pausa e, olhando em roda, proseguiu: — Gil Eannes, corregedor de minha corte! Gil Eannes, vinde cá!... A face do rei de Portugal recebeu uma bofetada...»

E buscava descubrir o corregedor, que não viera ao saráu. Emquanto dous ou tres pagens saíam a procurar o doutor Gil Eannes. apenas se ouvia pelo espaçoso aposento o respirar oppresso dos circumstantes, esperando assombrados o desfecho daquelle estranho drama, que, em vez do arremedilho de Alle, servia d'introito aos momos e folgares.

Quando se desenganou de que o corregedor não estava alli, elrei voltou se para o frade:

«Mas o nome?! O nome delle?!»

«Foi o vosso camareiro predilecto: foi Fernando Affonso» — respondeu Fr. Vasco. Prendia-se-lhe a voz na garganta ao preferir este nome abominavel.

Mudando de cor, D. João I deu alguns passos para traz, como se aos pés se lhe abrisse uma voragem, e exclamou:

«Fernando?!»

Não pôde dizer mais nada. Lia-se-lhe no gesto o effeito que haviam produzido aquellas palavras.

«Eis ahi, senhor, — disse o abbade esmolermór, encaminhando-se para o monarcha — porque obstei tanto tempo a que Fr. Vasco viesse fazer-vos esta revelação odiosa. É o que não teria acontecido, se eu tivesse podido adivinhar que elle acharia ensejo e meios para chegar aqui...»

«Monge, — interrompeu elrei, dirigindo-se ao moço cisterciense com aspecto sombrio, e sem fazer caso das palavras do abbade — fosse irmão, fosse filho meu, que tão cruelmente te houvesse offendido, obterias pleno desaggravo. Mas — accrescentou, abraçando-se com a unica esperança que lhe restava de salvar Fernando Affonso — é necessario que proves teu dicto. As leis de meus avós são neste caso assás severas para eu não proceder de leve em applicá-las.»

«Cáiam sobre mim as penas que as leis lhe impõem, — respondeu com firmeza Fr. Vasco — se *elle* ousar desmentir a accusação que lhe faço.»

«Camareiro-mór, — bradou elrei, dirigindo-se a João Rodrigues de Sá — Fernando que venha aqui immediatamente. Quero falar-lhe.»

«Eu proprio irei procurá-lo» — respondeu o das Galés, encaminhando-se para uma portinha lateral. O seu intuito era avisar o mance-

bo para que evitasse, fugindo, a indignação d'elrei. Depois se excogitariam os meios de espalhar a tempestade.

D. João d'Ornellas, que lançara de relance os olhos para o camareiro-mór, adivinhou-lhe o pensamento. Deu-lhe vontade de rir.

Apenas o das Galés saíu, elrei pôs-se a passeiar agitado.

«Enganaram-me os olhos, por certo! — pensava elle. — Não podia ser Fernando o que ha pouco vi atravessar o atrio... Não são horas de partir... Depois da meia-noite, disse-lhe eu... Estava ainda tão tremulo e pallido!... Se Vasco da Silva fosse de feito louco! Póde ser verdade... A accusação é tremenda... Triste mister de rei! Mas posso eu recusar a justiça?»

Todos tinham os olhos fitos no principe, que, neste inaudivel soliloquio, medía o estrado a passos largos.

Emquanto João Rodrigues de Sá não volta, e elrei guarda carrancudo silencio, aproveitemos o tempo que voa em informar o leitor de factos que lhe explicarão as mysteriosas cogitações do monarcha.

Affeito aos habitos de soldado, D. João I naquele dia, como sempre, tinha-se erguido com o sol. Depois de trabalhar algum tempo

no seu livro sobre a caça de altanaria, livro em que satisfazia a sua vaidade de auctor, como João das Regras o seu orgulho de letrado na *trasladação* e commentarios do codigo romano, o rei de Portugal, inquieto pelo estado em que vira na vespera o seu camareiro valído, saíra do celebre gabinete particular e, atravessando varios corredores, ainda quasi desertos, entrara inopinadamente na camara de Fernando Affonso.

Agitado por deliciosas imagens, o mancebo mal cerrara os olhos durante a noite. Havia-lhe parecido eterna. Apenas amanhecera, tinha-se erguido e, abrindo uma janella, ahi se encostara a contemplar o Téjo. Nunca respirara em tão fragrante atmosphera; nunca vira alvorada tão linda. Carregada e feia que estivesse, achar-lhe-hia a mesma formosura. A sua imaginação revestia de ridente aspecto quanto se lhe antolhava.

Fora á mesma hora que Fr. Vasco se assentara no poial de pedra da sua cella. Esse via tudo por bem diverso prisma!

Ao voltar-se e ao dar com os olhos em el-rei, Fernando empallideceu e balbuciou algumas palavras. O seu plano, estribado na supposta enfermidade, considerou-o como perdido.

Enganava-se. A pallidez de que o susto lhe tingira as faces e o tremulo da voz dariam plausibilidade á continuação da farça que representara na vespera.

Mas tinha bastante dissimulação para recobrar promptamente a presença d'espirito. Occorrera-lhe de subito um expediente sagaz para saír daquella situação difficil. Essa idéa, numa epocha profundamente credula, produzira viva impressão no animo do monarcha.

Havia alguns annos, asseverava o mancebo, que, opprimido de perigosa doença, fizera voto de ír em romagem ao celebre templo da Virgem de Guadalupe. Crera, porém, nessa noite ver em sonhos a Mãe de Deus, que asperamente o reprehendia por não aproveitar o ensejo das treguas com Castella para cumprir o seu voto. O que lhe succedera em Valverde e o subsequente sonho eram, quanto a elle, avisos do céu irritado. Sentia-se, talvez por novo milagre, restituido ao antigo vigor, e portanto estava resolvido a desempenhar o piedoso dever que contrahira, se para isso obtivesse de sua mercê a permissão que instantemente pedia.

Religioso por educação e por indole, D. João I não ousaria oppôr-se a um acto de devoção, ordenado com tão evidentes signaes do céu.

Limitou-se a recommendar ao moço valído ainda demudado no gesto, que só caminhasse de noite e com jornadas curtas, não começando a viagem antes da meia-noite seguinte.

«Passarei alguns dias occulto nos aposentos de Leonor» — pensava o camareiro-menor; e ria interiormente do alvitre com que tão facilmente obtivera illudir o seu bemfeitor, o seu rei, o seu amigo.

Brincava com o leão. Era um jogo terrivel. Fazia mal em não reflectir nisso.

Á noite, quando os cavalleiros se precipitavam para a sala, e os momos íam começar, D. João I crera divisar Fernando Affonso no vulto que se esquivava através do atrio, centro commum dos corredores e galerias que conduziam aos diversos lanços do edificio.

Podia ter-se enganado: era até o mais provavel; mas aquella suspeita ficou-lhe involuntariamente no espirito, até que a scena inesperada que viera interromper o saráu o distrahiu de cogitar nessa visão duvidosa. Depois, todavia, da extraordinaria accusação do frade, ella lhe voltava naturalmente á memoria, associada com a lembrança do que passara com o mancebo nesse mesmo dia.

Eis os factos que tornarão comprehensivel para o leitor o soliloquio do mestre d'Aviz.

Emfim o camareiro-mór voltou. Todas as diligencias feitas para encontrar o moço Fernando tinham sido inuteis. Nem sequer se achara o seu pagem. Ninguem sabía dizer quando, de que modo ou para onde tinham um e outro partido.

«Marechal, — disse elrei ao prior Alvaro Gonçalves quando recebeu tal nova — enviae ordem á alcaçova para que as roldas do muro e os vigias das torres sobre as portas conduzam aqui seja quem for que queira saír da cidade esta noite, ainda com permissão minha. — E dirigindo-se a Fr. Vasco: — Monge! Palavra de rei não torna atraz. Se foste aggravado, hoje mesmo obterás justiça.»

Falou então em voz baixa com o das Galés. Emquanto este desapparecia novamente pela portinha lateral, elrei tornava a assentar-se, depois de haver dicto o que quer que fosse ao mestre-sala, o qual, chegando-se á borda do estrado, repetiu:

«Sus, menestreis, jograes, tregeitadores, bufões! Começae vossos momos, que assim o ordena sua alta e mui graciosa senhoria.»

Fr. Vasco descera entretanto lentamente para uma das naves e fora collocar-se no meio da turba.

XXVII

A PROPHECIA DE MESTRE GUEDELHA

> As costulações do ceo se mudam mui toste segundo o corimento do ceo das pranetas, e as booas ventuiras e as maas destas costulações nacem pelo poderio que lhis deus ordinhou.
>
> ANTIGO NOBILIARIO.

Soberania de poderoso monarcha, soberania de altivo oligarcha, soberania de povo que sabe ler são tres grandes soberanias, postoque sejam tres cousas muito pequeninas diante da omnipotencia de Deus.

Ora o monarcha, o oligarcha e o povo que sabe ler (e muito melhor o que não sabe) podem fazer chorar quem está alegre; mas todas as soberanias do mundo seríam impotentes para fazer rir quem está triste.

E' que o choro pertence a este mundo e ao inferno, e verdadeiramente só ao céu a alegria.

A procella impensada que viera estourar na grande sala dos paços de S. Martinho, ao principiarem os regosijos do saráu, trouxe uma situação que demonstra *a posteriori* o substancial e sólido destas nossas philosophias.

Dir-se-hia que uma especie de modorra invadira geralmente os animos ou que os musculos de todas as faces estavam atrophiados, tal era a fria immobilidade que substituira o vivo ardor com que tudo até ali se agitara. A repetição da ordem d'elrei para começarem os momos produzira effeito mui diverso daquelle que tinha produzido da primeira vez. Na verdade, os espectadores fizeram silencio; mas era um silencio triste e preoccupado.

Bem pouca vontade de rir tinha o proprio D. João I.

Juncto ao pilar a que se encostara, com os braços cruzados debaixo do escapulario e a cabeça pendida sobre o peito, o monge de Cistér nenhuma attenção parecia dar ao que se passava em volta delle e só esperar a justiça que lhe fora assegurada por sua real senhoria.

E sua real senhoria estava pensativo. João Rodrigues de Sá por duas vezes saíra depois de falar com elrei; tambem por duas vezes o prior marechal recebera aviso de que ás portas da cidade não tinha apparecido alma viva.

Os escarneos dos truões, os momos dos jograes haviam passado sem desenrugar os semblantes. As risadas que escapavam com largos intervallos a alguns cavalleiros e escudeiros, ou mais folgasões ou menos prudentes, tinham ficado sem eccho e esmorecido e gelado naquelle ambiente em que parecia revoar o demonio da turbação e da melancholia.

Com os arremedilhos e farças, as danças judaicas e mouriscas, os cantos das jogralezas, as choréas das nymphas agitaram-se, remoinharam e passaram tambem no meio de gestos carregados e constrangidos. Depois, na nave central gradualmente abandonada pelos tregeitadores ao passo que concluiam seus tregeitos e folias, ouvia-se apenas a musica dos menestreis languida e esmorecida.

Durante mais de uma hora em que tantas visualidades haviam succedido umas ás outras, os olhos dos espectadores não tinham cessado de volver-se d'instante a instante, ora para o rosto sombrio de D. João I, ora para o vulto do frade, que naquella postura era como o foco d'onde tristeza invencivel repercutia no semblante do rei e deste se irradiava para os de todos os circumstantes.

A monotonia desta scena foi, comtudo, in-

terrompida por um facto ainda mais extraordinario que o do ollandilha.

Quando acabaram os momos e antes de romperem as danças, Alle desapparecera. No momento, porém, em que da nave central quasi deserta, e d'entre o grupo dos menestreis apenas as violas e os psalterios murmuravam tenues e frouxas melodias, ouviu-se da banda do atrio, e depois ao longo da galeria, o tinir dos guizos ou cascaveis que adornavam a palheta do bufão, o sceptro da voluntaria loucura. O vulto de Alle, com as suas roupas variegadas e adornos farfalheiros, assomou então no limiar da porta. Contra o seu costume, o maninello atravessou cabisbaixo a sala e, subindo ao estrado, dirigiu-se para elrei a quem principiou a falar com grande intimativa, posto que em tom submisso. O mestre d'Aviz parecia distrahido a principio; mas, pouco a pouco, a attenção, logo a curiosidade, depois o interesse, o espanto, a agitação pintaram-se-lhe successivamente no gesto. Por fim, ergueu-se exclamando:

«Estás doudo! Isso é impossivel!...»

«A doudice é o meu officio, compadre João! — respondeu o chocarreiro, alevantando tambem a voz. — Mas tu — accrescentou rindo — a quem digo «vem e vê» e que gritas que é

impossivel, levas-me agora a palma. És digno de que te ceda o sceptro. Faço-te meu bufão.»

E ajoelhando, estendia para elle a palheta, como resignando-lhe nas mãos o symbolo da loucura.

«Senhores meus — proseguiu elrei, voltando-se para os cortezãos, sem fazer caso da truanice demasiado insolente do bobo. — O meu chocarreiro denuncia-me que um desconhecido acaba de introduzir-se no lanço destes paços onde residem as damas de minha mulher e que elle, seguindo-o cautelosamente, o viu sumir-se numa porta que se abriu. É o aviso de um louco, e o successo extraordinario e incrivel. Não sería, comtudo, o primeiro que esta noite occorresse... Examinaremos a verdade. Segui-me.»

Postoque affectasse extrema placidez, a sua inquietação era visivel. A causa della não saberia plenamente explicá-la; mas sentia-a. Disse o que quer que foi a D. Philippa, que tambem se erguera e que tornou immediatamente a assentar-se. Depois, desceu para a nave do meio, e saíu.

Um sussurro confuso ondeiara pela sala. Os pagens tinham lançado mão de algumas tochas. Precedido por elles e acompanhado dos

principaes fidalgos, o monarcha atravessou a galeria. Ouvia-se o borborinho dos cavalleiros que se precipitavam após elle. Os sons dos instrumentos haviam cessado.

Apenas D. João I proferiu as primeiras pavras, debil ai de terror sussurrara detraz das rejas de uma tribuna de adufas que dava sobre a grande sala e d'onde, sem serem vistas, as sergentes e cuvilheiras presenceiavam o espectaculo. Saíra dos labios de Briolanja, que durante os momos se não affastara do lado de D. Cypriana e que, ao ouvir o singular dialogo do rei e do chocarreiro, partira como corça ferida, emquanto a rodeira lhe bradava debalde:

«Espera, estavanada; espera! Dá-me cá a mão para me erguer. Jesus, sancto nome de Jesus! È certamente a alma penada!»

Mas a sergente não podia ouvi-la. Talvez neste momento galgava já, arrebatada pelo terror, a escada do dormitorio vedado.

Entretanto elrei, transposta a galeria, parara no atrio que servia como de aorta ás complicadas arterias dos paços de S. Martinho, e ahi mandara postar em todas as avenidas homens d'armas e bésteiros, a que recommendara a maior vigilancia para que ninguem podesse evadir-se. Então, atravessando varios

aposentos, brevemente se achou no corredor que conduzia ao celebre gabinete particular. D'alli, pela escada espiral, subiu ao tranquillo dormitorio onde já uma vez o leitor assistiu comnosco a mysteriosa scena. Ao vivo clarão das tochas, que substituira a luz frouxa e voluptuosa de duas lampadas pendentes do tecto, alvejaram de subito as renques de reposteiros brancos, onde sobre as armas de Portugal campeiava o dragão verde. Elrei parou, olhando successivamente para um e para outro lado. Guardava silencio, e entre o tropel que o seguia ouvia-se apenas o som monotono das passadas.

Alle, que marchava adiante, tambem parara. Parecia mirar o quer que era na extremidade menos illuminada do dormitorio. Depois, voltando a cabeça para D. João I, estendeu o braço e apontou para uma das portas, onde o reposteiro corrido de pouco ainda se meneiava.

«Alli?»—perguntou elrei a meia voz.

Não teve tempo de ouvir a resposta do bufão. A tela agitou-se violentamente, e detraz della surdiu um homem, que se precipitava em fuga desesperada. Era tarde! Rei, cortezãos, pagens, homens d'armas atulhavam a passagem, e ainda o sequito se estendia como extensa cauda pela escada espiral.

O vulto tentou retroceder. Um daquelles gritos que o mestre d'Aviz arrancava no revolver das batalhas, restrugindo pelo dormitorio como rugido de leão, fez recuar todos, ao mesmo tempo que, por assim nos exprimirmos, chumbava no pavimento os pés do fugitivo. Fazia horror ver este. Com os vestidos em desalinho, os cabellos hirtos, as faces lividas, o olhar errante, os braços curvos e erguidos até a altura da fronte quasi enterrada entre os hombros, arfava-lhe violentamente o peito, ao passo que a voz lhe expirara nos labios.

A um tempo, elrei, os cavalleiros, os pagens reconheceram-no.

D. João I empallideceu como elle. Num momento percebera tudo. O vulto que vira escoar-se através do atrio veio-lhe á memoria como sinistro clarão. Uma das damas da rainha faltara ao saráu, e a sua camara era aquella d'onde esse homem saíra...

«Oh, sois vós, dom camareiro!—disse o truão num tom singular, em que a ironia se misturava com azedume.—O reposte de sua mercê é lá em baixo. Ide; mas passae com tento... *Vede não me atropelleis!*»

E cozia-se com uma das paredes, arremedando a postura de Fernando Affonso.

O que havia de odio nesta burla atroz só plenamente o comprehendia um individuo dos que alli estavam. Era o abbade de Alcobaça, o qual, collocado atraz do grupo dos cortezãos, depois de dizer o quer que foi ao ouvido do chanceller, punha os olhos no tecto, erguia as mãos, persignava-se, deixava pender resignadamente a cabeça e suspirava possuido de entranhavel magua, murmurando:

«Desgraçado mancebo!»

A elrei sentiam-se-lhe ranger os dentes convulsamente, nos cantos da boca alvejava-lhe a escuma, e nos olhos pequenos e vivos lampejavam-lhe aquellas chispas brilhantes, que, a dizer a verdade inteira, faziam estremecer o proprio João das Regras.

Pôde, emfim, falar. O metal da voz era ainda mais temeroso nelle que o transfigurado do gesto.

«Gil Eannes!»

O corregedor da corte aproximou-se. Chegara ao paço no momento em que o sequito atravessava o atrio. Tinha-se dirigido ao chanceller para saber o que elrei queria. O doutor Joannes a Regulis encolheu os hombros, pôs o dedo na boca e fez-lhe signal para que o seguisse.

«Mandae levar este homem aos sotãos da

alcaçova. Depois, um poste sobre uma pilha de lenha no rocío de Valverde prompto ao romper d'alva. Perecerá pelo fogo o servo infame que affrontou seu senhor...»

Ao soarem estas horriveis palavras, um gemido de intraduzivel agonia rompeu da camara d'onde Fernando saíra. Depois, sentiu-se como um corpo que batia no pavimento.

O moço escudeiro nem pestanejava. Era um cadaver hirto.

«Senhor, vede o que ides fazer!»—gritou o chanceller, rompendo por entre os cortezãos.

«Ser uma vez rei em punir, como o tenho sido mil em recompensar. As leis de meus avós são escriptas com sangue; as dos imperadores com fogo. Prefiro estas. Os paços de S. Martinho creio que não foram feitos para servir de bairro de mancebía.»

«O vosso feito, rei de Portugal, será um daquelles a que os gregos na sua fala chamaram *tyrannis*. Fernando é de sangue de cavalleiros, e na vossa corte ha juizes.»

«Calae-vos, chanceller; que o primeiro delles está aqui! *É lei a vontade do principe.*»

Se não fosse a necessidade de levar ao fim o seu papel, o doutor de Pisa, num accesso de ternura, teria cahido aos pés do monarcha. Havia mais de uma vez desesperado da

educação politica do mestre d'Aviz. Era injustiça.

Uma voz grossa soou então do outro lado:

«Em nome da religião de Jesus-Christo, que nos ensina o esquecimento e o perdão das injurias; em virtude do meu ministerio sagrado, protesto, senhor, contra um acto inaudito...»

Era o veneravel chefe dos monges brancos, que tambem atirava o seu facho ao incendio.

«Calluda, frade!»—rugiu elrei, cuja colera tocava as raias da demencia. Depois, apontando para Fernando Affonso:

«Tirae-m'o de diante! Arrastae-o d'aqui!»—proseguiu, batendo o pé como insensato.

A um aceno de Gil Eannes, dous homens d'armas ladeiaram o camareiro-menor, que não resistia e nem sequer supplicava.

O espanto acabrunhara todos os espiritos. Era preciso que fosse bem robusto o animo desses dous homens, que, em tal conjunctura, não tinham hesitado em combater a violenta resolução do seu principe, em nome da equidade um, em nome da mansidão evangelica o outro.

O que é certo é que o mundo, mais tarde ou mais cedo, faz á virtude a devida justiça.

Ao menos, assim se diz.

Seguido da sua aterrada comitiva, elrei desceu ao atrio, d'onde despediu os bésteiros e homens d'armas, que ahi collocara e, encaminhando-se ao longo da galeria, parou no limiar da porta da grande sala gothica, exclamando:

«Vasco da Silva!... Cavalleiro da ala dos namorados! Palavra de rei não torna atraz. Seja qual for a extensão do teu aggravo, amanhan confessarás que ainda alcança mais longe a minha justiça!»

Juncto, porém, da columna a que Vasco se encostara não estava ninguem. O monge desapparecera. D. João d'Ornellas olhou ao redor de si e viu que o chocarreiro tambem se havia sumido. Então disse lá comsigo:

«Bom.»

Crer-se-hia que o olhar de D. João I, semelhante ao da serpente, tinha fascinado o moço escudeiro. Apenas o principe voltara costas, Fernando, como desperto de afflictivo pesadello, dera um grito e quizera arrojar-se após elle. Os homens d'armas tolheram-lhe, porém, os passos. O furor da desesperação e as supplicas e promessas foram igualmente inuteis. A ultima divindade que abandona o homem, a esperança, lhe aconselhou, finalmente, a re-

signação. Dizia-lhe a consciencia que o seu proceder traiçoeiro e ingrato era infame, immensa e justa a colera do monarcha. Mas tambem era impossivel que tão longa e indulgente amizade houvesse num momento expirado. E por outra parte, abandoná-lo-hia seu irmão? Abandoná-lo-hiam os cavalleiros de Portugal? Estas cogitações, postoque vagas, tumultuosas, indistinctas, restituiram-lhe, senão a paz interior, ao menos bastante energia para reassumir tranquillidade apparente, seguindo em silencio e sem renovar vans tentativas os dous homens d'armas que o conduziam.

Esquecera-se de uma cousa: de que semeiara odios na terra e de que o fructo ainda não o havia colhido.

O camareiro-menor e os seus guardadores tinham descido ao portal do paço. Estava tudo atulhado. Com admiravel rapidez se espalhara a noticia do que se passava. Movidos de barbara curiosidade, cavalleiros, escudeiros, pagens, ovençaes, sergentes haviam-se apinhado nas escadarias, no portico e até na rua. Lamentavam-no uns: condemnavam-no outros. Falavam, disputavam, remoinhavam; ninguem se entendia naquelle immenso sussurro. Com difficuldade os dous

homens d'armas abriam caminho por meio da turba.

Ao transpôr o portal, onde o apertão era maior, por entre as trevas que pousavam na estreita rua de S. Martinho, Fernando Affonso viu reluzir as béstas e as capellinas de um troço de bésteiros e ouviu o anadel que pedia deixassem passar o preso. Ao mesmo tempo sentiu atraz de si uma voz apenas perceptivel, que lhe murmurava aos ouvidos:

«Lembrae-vos da prophecia de mestre Guedelha!... A porta da igreja de S. Paulo está aberta... A igreja é inviolavel asylo.»

Dando um estremeção, voltou involuntariamente a cabeça. Os dous homens d'armas, que por entre o borborinho tinham imaginado ouvir algumas palavras indistinctas proferidas demasiado perto, voltaram-se tambem. A' escaça luz que dos lampadarios das escadas se estirava até o portal, o escudeiro ainda creu divisar uma especie de farricoco forcejando por sumir-se no meio da turba. Os homens d'armas esses nada descubriram.

Ao recordarem-lhe a prophecia de mestre Guedelha, Fernando viu passar diante dos olhos uma fita de lume, os joelhos curvaram-se-lhe, batendo um contra o outro: da fronte rompia-lhe em bagas o suor frio.

Uma hora depois, a vasta mole dos paços de S. Martinho poderia comparar-se a um cenotaphio desconforme rodeiado de escuridão e silencio. Apenas a debil claridade de alguma lampada que esquecera accesa transudava pelos vidros córados do gabinete particular de sua real senhoria.

XXVIII

A BORDA DO SEPULCHRO

Tal está morta a pallida donzella

CAMÕES — *Lusiadas.*

Emquanto os extraordinarios successos referidos no capitulo antecedente occorriam nos paços de S. Martinho, na igreja de S. Paulo e S. Eloi, dependencia do collegio fundado pelo bispo Jardo, representava-se uma scena das mais triviaes no mundo e, todavia, das mais tristes. No cruzeiro do acanhado templo via-se um caixão descuberto ou esquife, assentado sobre a alcatifa negra, em cujas orlas seis tocheiros, tres de cada lado, sustentavam outros tantos brandões accesos. Dentro do esquife jazia um vulto de mulher vestida de roupas brancas e com as mãos unidas sobre o peito em acto de orar. Descansava-lhe a cabeça sobre uma almofada tão alva como as roupas, e uma grinalda de rosas murchas cingia-lhe os

cabellos, que depois vinham, como dourada moldura, acompanhando o rosto e o collo, esparzir-se-lhe sobre os hombros e sobre o seio. A sua pallidez, e os olhos, que tinha cerrados, mal serviriam para indicar se naquelle semblante pousava o somno da vida ou o da morte. O logar, a hora e os objectos e personagens circumstantes diziam, porém, que era o ultimo.

O cadaver de Beatriz ía descer á terra, terra que nunca humedeceria uma lagryma. As que Fr. Vasco lhe promettera, havia-as a desesperação para sempre estancado.

Duas fileiras de monges bernardos ladeiavam o féretro, psalmeiando as preces e os canticos consagrados aos mortos. Para o fundo da igreja estava levantado um alçapão, deixando ver os primeiros degráus de uma escada de pedra. Esta escada ía dar ao carneiro ou crypta de S. Paulo. Revestido d'estola e pluvial pretos, Fr. Amaro, o enfermeiro-mór da estudaria, collocado aos pés da tumba, com o rosto virado para ella e as costas para o altar, parecia inquieto, fazendo signaes interrogativos a Fr. Julião, que, postado á cabeceira, servia de cruciferario. Fr. Julião tambem não estava tranquillo. Ora deitava de relance os olhos para a porta exterior apenas cerrada, ora para a da

sacristia, emquanto o cantor-mór, Fr. Sueiro, entoava, e os córos garganteiavam detidamente as antiphonas e os psalmos proprios daquella solemnidade, ácerca da qual o reitor, para satisfazer ao imperativo petitorio de D. João d'Ornellas recommendara com grandes encarecimentos a Fr. Abril se não faltasse ao minimo item do ritual cisterciense.

Mas havia outra recommendação directa do abbade que era a que amofinava Fr. Amaro e fazia torcer os olhos ao reverendo porteiro, ora para o portal, ora para a sacristia. O cadaver não devia ser conduzido á sepultura antes de Fr. Vasco descer á igreja. Desde esse momento, seguir-se-hia em tudo o que elle ordenasse. Taes eram, pelo menos, os desejos de sua reverendissima.

O afflicto monge, porém, apenas acabara o refeitorio, fora dispensado pelo reitor das ulteriores obrigações monasticas daquelle dia e, tendo-se recolhido á sua cella, ninguem mais o vira. Na verdade, o leigo que substituira Fr. Julião (atarefado nessa tarde com as exequias de Beatriz) no mister de porteiro e que, assentado num banco da portaria, cabeceiava padre-nossos, crera enxergar um vulto que passava por elle e que pelo trajo informe se lhe figurou uma especie de farricoco ou be-

guino. A ultima pessoa de quem o somnolento leigo se poderia nessa conjunctura lembrar era o moço cisterciense. E todavia nós, que assistimos ás diversas scenas representadas pouco depois nos paços de S. Martinho, sabemos perfeitamente o que havemos de pensar ácerca do supposto ollandilha ou beguino.

O que não tinha duvida era que o officio celebrado na igreja de S. Paulo se aproximava do seu termo e que o moço frade não apparecia.

D'aqui se originara a inquietação de suas reverencias. Fr. Amaro perguntava a si mesmo como sairia da difficuldade; como poderia chegar a tempo á segunda mesa do refeitorio, d'onde a imagem da ceia vinha fazer-lhe negaças como saudade longinqua.

Das vagas e tristes cogitações em que se abysmara o tirou, porém, o vozeirão retumbante de Fr. Sueiro, entoando a antiphona: «*Ego sum resurrectio et vita.*»

Neste momento as portas da igreja meio cerradas abriram-se de golpe, e um homem, em cujo semblante se pintava profundo terror, entrou precipitadamente. Fr. Sueiro parou, e, no meio silencioso que se fez, ouviu-se ainda um ruído indistincto de vozes e o tinir de ferros que se cruzavam. Após o que primeiro

entrara e que se dirigira ao altar-mór, viram-se apparecer um anadel e alguns bésteiros da guarda real.

Tudo isto fora obra de um instante. Ao mesmo tempo da porta da sacristia saía um monge com passos serenos e solemnes. Fr. Sueiro, Fr. Amaro, frades do coro, Fr. Julião, todos, emfim, reconheceram immediatamente Fr. Vasco.

Com a mesma serenidade apparente, com o mesmo porte solemne, o cisterciense encaminhou-se para o corpo da igreja e, dirigindo-se aos bésteiros, apontou-lhes para o portal:

«Retirae-vos — bradou com firmeza. — Este logar é sancto; este logar é um asylo. Asylo para os vivos; repouso e paz para os mortos!»

O tom em que estas palavras foram dictas, o espectaculo da pompa funebre, aquella hora nocturna, em que o templo se havia revestido de todos os seus mysterios e terrores, o carneiro aberto, como as fauces de um abysmo, e, sobretudo, a doutrina geralmente recebida, de que ainda o maior criminoso era inviolavel se podia acolher-se á immunidade dos altares, fizeram recuar o anadel e os seus sequazes. Murmurando, como o rafeiro constrangido a largar a presa, os rudes bésteiros titubeiaram, deram volta e saíram. O cruzar de vozes e o tinir dos ferros já a este tempo haviam acabado.

No adro, porém, e livre do religioso temor com que a sanctidade do logar, os modos imperiosos do monge e a vista de um cadaver o haviam subjugado, o anadel começou a protestar, entresachando as suas manifestações officiaes com um chuveiro de pragas e ameaças, que debalde tentariam fazer evadir o preso; que ao romper da manhan elrei sería informado do procedimento attentatorio que se acabava de ter para com um anadel de sua real senhoria no desempenho das suas funcções e que, finalmente, os aforrados que assim d'improviso haviam posto mãos violentas em homens da guarda real teriam de arrepender-se da sua insolencia. De feito, logo que exhalou toda a bilis em inuteis imprecações, que de novo repercutiam dentro da igreja, ouviram-se-lhe as ordens que dava, a uns para se conservarem naquelle posto com as garruchas mettidas nas béstas, promptos a disparar contra quem quer que tentasse d'alli saír, a outros para se dividirem em roldas e vigiarem o edificio, de modo que ninguem podesse escapar. Depois, sentiram-se tinir algumas béstas assentando nas lageas do adro, ouviram-se passos lentos que se íam alongando para um e para outro lado, e, pouco a pouco, tudo recahiu no silencio e na immobilidade.

Se este livro fosse uma dessas invenções destinadas unicamente para abbreviar o mais cruel martyrio do ocioso, a maldicção da sua existencia, pediria a arte que deixassemos o leitor parafusar á solta ácerca do passageiro arruído que se travara no adro. Não o consente, porém, a ordem da narrativa que nos serve de texto. O auctor da encarquilhada e veneravel chronica monastica ou ignorava ou desprezava as destrezas que dão vida e relevo ás vans ficções de novelleiros e que a verdade, por si mesmo bella, rejeita com abominação. Contou as cousas como ellas foram, direitamente, singelamente, sem refolhos, sem armadilhas. Seguindo-o passo a passo, a nossa narrativa é como a delle inartificiosa e simples.

Escusado sería dizer o nome do preso que os bésteiros reaes conduziam. O leitor já o adivinhou. Apenas Fernando fora entregue aos guardas que deviam aferrolhá-lo nos sotãos da alcaçova, D. João d'Ornellas pôs-se a observar os diversos grupos que no atrio falavam sobre os extraordinarios acontecimentos daquella noite. Depois d'escutar, mirar e remirar por uma e outra parte, chegou-se a um desses grupos, introduzindo-se na conversação. Era o de alguns mancebos que sabía serem consocios e affeiçoados do camareiro-menor. Come-

çou por lisonjeiá-los. Quanto a elle, os sentimentos de magua e despeito que não curavam de encubrir eram indicio de animos generosos e leaes á amizade. Achava, como elles, absurdo o rigor d'elrei, rigor que sería uma nodoa no seu glorioso nome e que elle como bom vassallo não cessaria de deplorar. O illustre prelado estava, porém, profundamente convencido de que, se o nobre escudeiro, com quem, apesar de antigos desgostos, vivamente sympathisava, podesse escapar aos seus guardadores e acolher-se a qualquer templo (sobre cujas immunidades fez, neste ponto do discurso, uma larga dissertação canonica), daria tempo a seu irmão, pessoa que singularmente reverenciava, ao chanceller, e a elle proprio, indigno ministro do Deus das Misericordias, para amansarem a sanha do monarcha, salvando o pobre moço de uma pena atroz, desproporcionada ao delicto e imposta no primeiro impeto de colera irreflexiva. Sentia, finalmente, não ter podido preveni-lo de que a porta da igreja de S. Paulo e Santo Eloi, por juncto da qual tinha de ser levado no seu transito para a alcaçova, estava casualmente aberta, e de que, ao perpassar, lhe sería, talvez, possivel fugir e acolher-se a sagrado. — «Dêem-me dous dias; dous dias só — concluia o venera-

vel chefe dos monges brancos, bailando-lhe as lagrymas nos olhos — e dar-vo-lo-hei salvo... Não ha uma desgraça como esta... não ha!...»

Depois, apenas viu principiar a romper a idéa do attentado que indirectamente aconselhava, foi-se retrahindo pouco a pouco e desappareceu. A magnanimidade daquella nobre alma tinha enchido de assombro os que não ignoravam os motivos de odio que havia entre elle e esse homem cujo destino lhe arrancava mal reprimido pranto.

Alguns minutos depois, dez ou doze embuçados salteiavam a escolta dos bésteiros no momento em que transpunham o adro da estudaria. No meio da revolta e tumulto de tão repentino ataque, Fernando, para quem a recordação mysteriosa da prophecia de mestre Guedelha fora um tremendo clarão, se precipitara na igreja, e os embuçados haviam desapparecido cada qual para seu lado.

O sobresalto produzira uma interrupção inevitavel na solemnidade funebre. O desaccordo pintado no gesto e meneios do fugitivo, a soldadesca irritada que o seguia, a linguagem de Fr. Vasco explicavam até certo ponto o successo. Não faltavam exemplos de crimino-

sos virem buscar o asylo ecclesiastico. Era um caso desses. Mas porque chegara o cisterciense naquelle momento, e porque tanto ardor em salvar o réu? Eis o que nem Fr. Amaro, nem Fr. Sueiro, nem o meditativo Fr. Julião comprehendiam.

O refugiado passara como relampago pela tumba, em que parecera não reparar, O moço cisterciense, apenas vira saír os bésteiros, tinha-se dirigido para esse vulto, que se abraçara com o altar.

Qunando chegou ao pé delle, parou e pôs-se a contemplá-lo de braços cruzados, sorrindo de modo singular.

Esteve assim muito tempo. A um seu aceno os córos haviam renovado a funebre psalmodia, e o cantochão de Fr. Sueiro corria á desfilada. O refeitorio era a barreira do estadio que o reverendo cantor-mór mentalmente enxergara no horisonte das antiphonas, kiries, orações e psalmos.

Os olhos do escudeiro, onde se reflectia todo o horror da sua situação, cravaram-se insensivelmente nos de Fr. Vasco. Reconhecera o frade idiota da tavolagem. Essa figura taciturna tinha o que quer que era ominoso para elle e gerava na sua alma aterrada uma duplicação de terror. Avivava-lhe, não sabía como, a lem-

brança da prophecia de mestre Guedelha e os seus impios commentarios.

E, apesar disso, não podia affastar os olhos do monge. Os raios visuaes dos dous mancebos tinham-se fundido um no outro. Sobre o cahos tremendo de sentimentos e de idéas que se revolviam no coração do asylado pousava, como espectro de pesadello, a imagem desse frade macilento, com o seu olhar fito, com o seu amargo sorrir, semelhante á hera verdenegra que se estira por cima do tronco derribado e carcomido, ou ao crepe que no patibulo se lança sobre os restos do justiçado,

Sería porque a aversão possue talvez magnetismo occulto tão irresistivel como o do amor? A alma de Fr. Vasco estreitava a de Fernando Affonso, que estonteiada remoinhava num vortice de susto e de afflicção; estreitava-a com a ferocidade da hyena, balouçando-se voluptuosamente nos seus trances de agonia, refrigerando-se na sua amargura; cingia-a, palpava-a, sentia-a torcer-se, latejar, ennovelar-se. Dizia-o aquelle riso que lhe banhava as faces.

Quando se fartou desse prazer ineffavel, chegou-se ao mancebo, lançou-lhe a mão ao braço, fê-lo descer do suppedaneo do altar e conduziu-o ao cruzeiro, onde se cantavam os ultimos kiries.

Fernando, subjugado por aquella especie de fascinação, seguia-o sem resistir. Tambem a opposição houvera sido inutil. A mão ardente do frade apertava-lhe o pulso como anel de ferro. A energia dos affectos que o senhoreiavam dava-lhe forças sobrehumanas.

Fr. Vasco fez signal aos monges para que se arredassem. Eram mui positivas as recommendações de D. João d'Ornellas para não hesitarem em obedecer-lhe.

Então, chegando com o escudeiro ao pé da tumba, apontou-lhe para o cadaver. Um grito indizivel d'espanto e de pavor partiu dos labios de Fernando Affonso. Naquelle rosto, retincto na pallidez da morte, reconhecera Beatriz.

O mais efficaz, o mais eloquente missionario do arrrependimento é o estado de cansaço moral, de desesperança, em que o espirito do perverso, ao bater para elle a hora da desdita, verga desfallecido sob o peso do passado. O remorso espreita esse instante para se embeber no seio do máu, d'onde, nos dias de ventura, fora duramente repellido, e a dor que elle plantou na terra, inclinando-se-lhe sobre o coração, ahi esparge as sementes da amargura, que, germinando rapidas, lh'o intumecem e dilaceram. A situação do camareiro-menor era justamente essa. A especie de torpor em que

a desordem dos affectos e idéas o havia lançado desapparecera á luz da conscieneia, que lhe punha diante uma accusação terrivel.

«Morta! — murmurava elle, forcejando por soltar-se da mão do monge. — Oh Beatriz, Beatriz!

«Morta, sim — replicou o frade com accento soturno, mas tranquillo. — Era o que lhe restava depois de prostituida, depois de abandonada, depois de largos dias de solidão, face a face com o espectro da propria infamia, depois d'expiar na terra o erro de uma alma candida dilacerada nas garras do demonio da devassidão...»

Proferindo estas palavras, o monge que ía atraz dos seus tetricos pensamentos, affrouxara a contracção tenaz com que retinha o braço do escudeiro. Por subito e ultimo esforço este pôde desembaraçar-se. Cahiu então de joelhos encostado ao esquife e exclamou, erguendo as mãos:

«Perdão! Perdão, Beatriz!»

«Perdão?! — acudiu o monge, que tornara a cruzar os braços, como a principio. — Foi mais generosa! Exigiu de mim o juramento de tambem te perdoar... E eu dei-o; eu insensato!...»

«Mas quem sois vós? — bradou Fernando

Affonso, pondo-se de pé e recuando ao ouvir a estranha linguagem do frade idiota da tavalagem, que assim falava de siso. — Quem sois vós, para haverdes de perdoar-me...?»

«Meu pae chamava-se Vasqueannes: minha irman chamava-se Beatriz.»

Cubrindo o rosto com as mãos tremulas, o camareiro-menor encostou-se a uma columna da nave e, com voz affogada, murmurou:

«Seu irmão! seu irmão!... Oh, que, se o sois, estou perdido!»

«Perdido?! — redarguiu o frade, sem alterar a voz, ao passo que de novo se lhe espraiava no gesto fugitivo sorriso. — Não é este logar um asylo inviolavel? Não dei eu um juramento? Não viste, até, como comecei a cumpri-lo? Onde estão os guardas que te perseguiam?»

«Oh, bem sei, Vasco! Tendes razão de verter sobre esta cabeça criminosa e condemnada o fel da ironia! Tendes razão de me odiar mortalmente. Ella podia perdoar-me; porém vós?... E' impossivel!...»

«E todavia, por mais monstruoso que isso pareça, fi-lo. Com a mão sobre a cruz de Christo, juncto do leito de Beatriz expirante, protestei solemnemente esquecer a lenta agonia de um velho, a seducção de uma innocente, a

ruina e a deshonra da minha familia. Tómo o céu por testemunha de que falo verdade! Foi um sacrificio immenso... Não creias, porém, que fosse gratuito. Resalvei uma dura condição. Se queres que lance um véu sobre o passado, é necessario que te submettas a ella.»

Exprimindo-se assim, Fr. Vasco assumira um ar de severa singeleza que imprimia na sua linguagem o caracter da veracidade e da candura. Um raio d'esperança scintillou na alma do moço escudeiro. O frade leu-lh'o no semblante e proseguiu:

«O logar onde estamos é inviolavel: repito-o. A'quem daquelle portal não passa a justiça dos homens, porque esta é a morada do Deus das Misericordias. As grandes coleras dos principes expiram tambem alli, porque debaixo destas abobadas reina a paz do Senhor. Que pódes, pois, temer de mim ou de outrem? Se quizesse hoje vingar-me, a minha voz não teria feito recuar os que te guardavam ou este braço, que te arrastou até aqui, ter-te-hia arrojado, como os publicanos do evangelho, do recincto do templo. Não! A' sombra do sanctuario pódes contrastar a tempestade que ameaçou submergir-te. Alguns dias que passem, e o furor d'elrei cederá ás supplicas dos teus poderosos protectores e ás

recordações de uma affeição antiga. Teu irmão e o primaz das Hespanhas não te deixarão perecer de morte affrontosa e cruel. Depois, a minha voz não surgirá do silencio do claustro para te accusar, se a condição que te imponho for acceita e cumprida...»

«A mais aspera que imaginasseis — interrompeu vivamente Fernando, cujo coração começava a dilatar-se reanimado pelo halito da esperança.— Tudo, tudo, homem generoso, que me obrigas a crer, emfim, na virtude humana; que me fazes experimentar quanto o remorso tem de pungente e acerbo, mas tambem quanto o arrependimento tem de consolações; que rasgas o véu medonho do meu futuro e me ensinas a descubrir em nebuloso horisonte a luz da salvação. Que devo eu fazer para te contentar, para remir o meu crime...?»

«Confessá-lo: confessar as negras insidias com que precipitaste aquelle anjo que alli dorme o longo somno da morte no teu charco de luxuria; a ingratidão covarde com que pagaste a hospitalidade de um ancião venerando e o puro amor de uma virgem; a vilania com que ennodoaste o nome de um soldado como tu, de um soldado de D. João I, de um soldado desta terra, que a ambos nos vira nascer e que, hoje ou ámanhan, num ou noutro

recontro, podia unir-nos indissoluvelmente na mesma valla, sob a mesma cruz dos mortos; de um soldado que a vergonha e a desesperação sepultou na clausura! A deshonra não pertence áquelle cadaver, nem ao tumulo de meu pae, nem a esta estamenha! Pertence-te a ti... Ahi a tens: acceita-a; e que esses monges, que esperam o momento em que eu lhes diga — «escondei este cadaver na terra» — possam testificar que não abençoaram os restos de vil prostituta e que o habito de S. Bernardo, lançado sobre estes hombros, serviu para velar aos olhos do mundo, não um ferrete d'infamia, mas sómente honesto rubor.»

«Monges de Cistér! — bradou o escudeiro, com uma especie de exaltação produzida pelas palavras de Fr. Vasco. — Ignoro o destino que Deus e os homens me reservam; mas seja qual for, cumpre que. perante vós, faça uma grande reparação. Devo-a a esse cadaver que ides sepultar e a este vosso irmão. Escutae-me e tremei! Vede em mim um monstro de peversidade.»

Os frades, que, havendo-se arredado bastante, apenas tinham percebido algumas frases soltas do vivo dialogo que passava entre os dous, aproximaram-se do féretro, não

ao chamamento de Fernando, mas a um novo aceno de Fr. Vasco.

Cercado de todas aquellas graves figuras monasticas, o camareiro-menor referiu a historia dos seus amores com Beatriz, o rapto e abandono da desgraçada. Inspirava-o o ardor febril que nelle excitara a fascinação diabolica do frade. Foi verdadeiro e, por isso, pintoresco e terrivel. Pelas faces abeatadas e estupidas da fradaria mais de uma lagryma deslisou não sentida. Apenas concluiu, o escudeiro arrojou-se aos pés de Fr. Vasco, immovel, impassivel, silencioso, abraçando-o pelos joelhos e murmurando:

«Perdão, perdão!»

O monge, forcejando por erguê-lo, lançou-lhe um olhar obliquo, ao passo que pelo rosto lhe serpeiava ainda outra vez indefinido sorriso. Depois, perguntou-lhe com brandura:

«Acabaste?»

Era uma pergunta bem simples, e todavia fez estremecer aquelle a quem se dirigia.

Referindo de que modo havia abandonado Beatriz, Fernando não tivera animo para confessar que a paixão por Leonor acabara o que a saciedade tinha começado. Sobre esta, sobre a propria indole lançara todo o odioso do seu proceder. Esse amor fatal que o perdera

estava no auge do ardor, e Fernando tremia de se ver constrangido a misturá-lo com as negruras de uma historia infame. E comtudo, no terrivel successo que o conduzira áquella singular situação, o escandalo fora publico. Mais evidente que a de Beatriz, a fraqueza de Leonor não podia ser já um segredo confiado ao silencio da sepultura. Elrei talvez se apiedasse delle: seu irmão, seus amigos, o proprio arcebispo, D. Lourenço, logo que soubessem da sorte que o ameaçava, buscariam mitigar a furiosa indignação do monarcha, emquanto elle se conservasse asylado á sombra protectora do altar. Fr. Vasco tinha razão. Mas apagar a ignominia da fronte de Leonor era o que se tornara impossivel.

E apesar disso, se a sua salvação dependesse de fazer soar o nome da viuva de Lopo Mendes perante aquella turba que ouvira a vergonhosa narrativa da seducção de Beatriz, elle teria preferido o caminhar para o cadafalso a essa especie de profanação do amor.

E' assim feito o coração humano. Nós é que nem sempre sabemos explicá-lo.

Vendo que não respondia, o cisterciense perguntou outra vez:

«Acabaste?»

Havia na sua voz um tremor quasi imper-

ceptivel. Que pretendia ouvir ainda? Acaso os seus pensamentos sinistros precisavam de alimentar-se de mais fel?

O escudeiro abaixou os olhos e fez um leve movimento affirmativo.

Os circumstantes contemplavam commovidos aquella scena. O proprio Fr. Sueiro tinha esquecido as sanctas reminiscencias do refeitorio.

O monge, cubrindo a fronte com uma das mãos, chegou-se ao féretro e disse para o cadaver, como se este podesse ouvi-lo:

«Não viveste assás para te ser restituida a honra. Depois de morta, eu só te podia reivindicar a innocencia... Anjo que alimentavas o meu ultimo affecto, adeus!... E' um adeus bem longo... longo como a eternidade; porque entre o céu e o inferno está a immensidade... e tu subiste ao céu...»

Estas palavras, lentas e submissas, ainda se perceberam. Depois, ouviram-se-lhe uns sons gutturaes: depois, viu-se-lhe apenas o remecher dos beiços. Os dedos encurvavam-se-lhe á raiz do cabello, como se fizesse violento esforço para esconder a testa. Dir-se-hia receiar que os restos inanimados de sua irman podessem ver alguma cousa que ahi estava ou gravada ou escripta.

Era que desde o momento em que arrojara de si com mão sacrilega o crucifixo de Fr. Lourenço e despedaçara, impiamente desesperado, a estatua da Virgem, Vasco tivera mais de um accesso de delirio, durante o qual lhe parecia sentir mão invisivel escrevendo-lhe na fronte, com letras de fogo, a palavra — PRECITO.

Curvado naquella Gethsemani d'agonia, o frade conservou-se assim alguns instantes, instantes para os outros, annos para elle.

O novo Saul saíu, emfim, do seu paroxismo. A energia de vontade robusta não lhe bastara para subjugar o impeto da dor naquelle trance da ultima despedida.

Lançando ainda uma vez longo e tristissimo olhar para a tumba e fazendo um signal imperioso ao escudeiro para que saísse d'alli, murmurou ao passar por entre Fr. Amaro e o cantor-mór:

«Que a paz de Deus desça sobre o cadaver de minha irman! Levae-o á eterna jazida...»

Depois foi encostar-se a uma columna cubrindo a cabeça com o escapulario. Parado ao pé delle, Fernando olhava como absorto para esse vulto que parecia representar alli a imagem da amargura.

O officio fora interrompido no momento em que ía a findar. Em virtude dos preceitos de D. João d'Ornellas, Fr. Amaro, apenas ouviu as derradeiras palavras do cisterciense, tomou o hyssope das mãos do acolytho, rodeiou o féretro, aspergiu-o, pegou depois no thuribulo, incensou o cadaver e disse:

«*Et ne nos inducas in tentationem.*»

Sobrelevando o acompanhamento do coro, o vozeirão de Fr. Sueiro redarguiu apressado e retumbante:

«*Sed libera nos a malo.*»

Cruzaram-se mais algumas phrases biblicas, e Fr. Amaro alevantou o ultimo *oremus*. Concluido este, o cruciferario Fr. Julião alçou a cruz e os ceroferarios os cereaes. Quatro sergentes haviam pegado no esquife, e a communidade encaminhou-se em duas alas para os degráus do carneiro, fechando o prestito Fr. Amaro. Cantavam, em córos alternos, a antiphona:

«*In paradisum deducant te angeli.*»

O monge soluçava. Os seis brandões do cruzeiro reflectiam a sua luz sanguinea nas lageas do pavimento, listrado pelas sombras que os pilares das naves estiravam por cima delle. O cantar do coro ía-se alongando e sussurrava na crypta, como os sons sentidos de

harpa eolia, ou antes, como o carpir de gnomos aferrolhados debaixo da terra.

Dentro de poucos minutos, a communidade surgiu do carneiro e atravessou a igreja, psalmeiando até desapparecer na sacristia. A grande pedra que fechava o adito do subterraneo cahiu no seu leito, os tocheiros apagaram-se, e os sergentes desappareceram após o sacristão-mór Fr. Abril. A área do templo ficou apenas allumiada pelas lampadas que ardiam ante os altares e submergida na solidão. Dir-se-hia que essas paredes e abobadas, por onde pareciam mover-se de vez em quando figuras phantasticas, suavam terror por todos os poros.

Quando o ruído indistincto das passadas que se alongavam pelo claustro cessou, Fr. Vasco pareceu saír daquelle torpor em que ficara embrenhado. Deixando descahir o escapulario, pôs-se á escuta, como receioso de que algum murmurio exterior interrompesse a quietação do recincto do templo. O silencio, porém, era absoluto, mortal. Então, deu dous passos e, do mesmo modo que fizera juncto do altar, cruzou os braços e ficou erecto e immovel contemplando o escudeiro. Á claridade duvidosa da igreja, os olhos fulgiam-lhe debaixo das cavas sobrancelhas com estranho

brilho. Nas faces macilentas, que a frouxa luz das lampadas ainda lhe tornava mais pallidas, esparzia-se-lhe de novo triste sorrir. Era, porém, o mais singular que, naquelle ambiente humido e frio, lhe rebentavam da fronte de quando em quando grossas bagas de suor. Levando rapidamente á testa a mão ardente, enxugava-as com ella e voltava logo á anterior postura contemplativa e extatica.

A concepção humana recuaria aterrada, se podesse observar nesse momento a alma tenebrosa do monge, revendo-se com acre e phrenetico deleite nas sensações de um odio encanecido, emfim satisfeito, satisfeito além de tudo o que esperava. As imagens de seu velho pae chamando por elle como louco; de sua irman envilecida, erradia sob as azas de tempestade nocturna, involta em farrapos sobre a enxerga do truão e debatendo-se nas vascas da morte; de Leonor, enleiada nos braços desse homem, pagando com ardor os seus beijos voluptuosos; tudo isso, confundido inextricavelmente, cahos horrendo de angustia que nenhuma lingua poderia exprimir, era um chão negro, semelhante á profundeza insondavel do céu estrellado, onde a vingança se lhe desenhava mais radiosa, mais bella, mais arrobada de infernal prazer. Por isso, nas

faces, no sorrir, no olhar, nos meneios de Fr. Vasco havia o que quer que fosse incomprehensivel, sobrehumano; alguma cousa que faria lembrar um desses archanjos maldictos, expulsos do céu quando ainda não existiam nem o espaço nem o tempo.

Fernando não o adivinhava. O curso das idéas do mancebo tinha-se dirigido por bem diverso rumo. Vivamente commovido pelos successos dos paços de S. Martinho e, talvez, ainda mais pela recordação inesperada da prophecia do astrologo judeu, que tão bem quadrava á sua situação, vacillara por mais de uma hora, como alheio a si mesmo, entre os terrores da morte e os instinctos da salvação. No meio de um grande perigo, á vista do cadaver da sua victima, diante de uma dor tão profunda e legitima qual a do monge, Fernando esquecera a altiveza e o esforço brutal de que mais de uma vez dera não equivocas provas. Semelhante ao lobo colhido no fojo, que parece despojado da ferocidade nativa, havia tremido, havia-se humilhado. Animando-o com esperanças lisonjeiras, para depois lhe tornar mais amargo o desengano, o cisterciense contribuira, todavia, para lhe asserenar até certo ponto o espirito. Sem se illudir sobre risco da sua situação; sem poder subju-

gar de todo o pavor supersticioso que lhe infundia o logar onde se asylara, Fernando entrara em si, e a propria confissão feita juncto ao cadaver de Beatriz a que o terrivel frade o constrangera lhe adoçara o fel do remorso. Mais tranquillo, avaliava melhor a possibilidade de evitar a sorte que o ameaçava e gradualmente ía recobrando a habitual audacia, que só naquella tremenda noite não fora igual ao perigo.

Tal era a situação intima de cada um dos dous mancebos, que, sósinhos e calados, olhavam um para o outro.

O monge foi o primeiro que quebrou o silencio. Com serenidade, com o singular sorriso que se lhe espalhara no gesto, estranho contraste do brilho que despediam as suas cavas pupillas, disse:

«Fernando Affonso, ouve-me! Esqueceste uma circumstancia importante nessa narrativa que fizeste. Não foi só a tua indole mudavel e a corrupção da tua alma que te levaram a uma grande infamia. Houve tambem outra causa; causa mais poderosa que todas e que está revelada neste papel escripto por ti.»

E, tirando do seio a derradeira carta do mancebo para Beatriz, estendeu-a aberta para elle e proseguiu:

«É o teu ultimo adeus á mulher que tanto

te amara, e sobre cujo cadaver pousou ha pouco a pedra da sepultura. Como se chama ess'outra a quem sacrificaste minha irman?»

«Monge, monge! — exclamou, ao reconhecer a carta, o escudeiro balbuciante. — Que importa...?»

«Importa que tambem eu tenho revelações que te fazer, e o nome dessa mulher suspeito que não é inteiramente alheio aos successos que vais ouvir. Como se chama ella?»

Fernando pôs os olhos no chão e ficou silencioso.

«Não te lembra?! — continuou em tom pausado o cisterciense, cada vez mais risonho. — Não admira. Passam por nós momentos de idiotismo em que a nossa alma parece dormitar. Ha pouco mais de um mez que eu padecia disso. Via como se não visse; ouvia como se não ouvisse... Absolutamente idiota! Era então o companheiro do abbade de Alcobaça, que gostava do frade desmemoriado e nescio. Não achas que era uma predilecção exquisita?!»

E desatou a rir.

O moço escudeiro recuou. Fr. Vasco proseguiu.

«Fui nescio; fui idiota... Já o não sou. Agora lembra-me tudo... tudo... o passado,

como se fosse presente!... Lembra-me, até, esse nome que tu numa hora esqueceste... o nome daquella cujo amor acaba de te despenhar do valimento de um rei na beira de um patibulo...»

Ao rir descomposto succedera no aspecto do monge sombria gravidade. Como tentando embargar-lhe o discurso, o escudeiro estendia para elle as mãos, exclamando:

«Calae-vos! calae-vos!»

«Vê se pódes impor silencio aos que foram testemunhas da injuria que fizeste ao teu rei e da deshonra dessa mulher; não a mim, que preciso, que hei-de repetir-te o seu nome, para entenderes a historia com que devo entreter-te estas lentas horas da noite...»

«Oh, não profaneis a desventura! Que mal vos fez ella?...»

«Ella quem?—redarguiu o fero cisterciense, encandeiando-se-lhe cada vez mais os olhos. —A bella filha de Mem Viegas? A bella viuva de Lopo Mendes? A bella dama de D. Philippa? A *tua* Leonor?! Nenhum! Oh, nenhum!...»

A voz do frade tremia, mas era sonora como o zoar do sino, depois de cada badalada, em dobrar por morto.

Depois tornou ao seu rir d'insensato.

«Monge—replicou o mancebo, a quem o

despeito começava a agitar o animo.—Devia-vos uma reparação. Dei-a, completa, sem reserva, sem hypocrisia. Humilhei-me ante vós: curvei-me arrependido aos pés de um cadaver. Deus sabe se fui sincero. Não posso fazer mais: véda-o a sepultura. A morte de Beatriz libertou-me de uma divida que eu pagaria sem hesitar, se ella existisse. Agora não vos pertence penetrar no intimo dos meus affectos.»

Ao ouvir estas palavras, Fr. Vasco dir-se-hia que tentava reter o coração, apertando anciosamente o peito com uma das mãos, emquanto estendia a outra para o adito do carneiro sem proferir palavra.

«Bem sei; bem sei que esse coração verte sangue! — proseguiu o camareiro, como respondendo á muda linguagem daquelle gesto.— Mas se entre o criminoso e o crime se interpôs o perdão, porque ser implacavel contra *ella,* que ignorava o meu erro; contra *ella* innocente?

«Perdão!? Innocencia?!—rugiu o cisterciense, dando emfim largas ao turbilhão de odio fundo que por tanto tempo de si proprio tirara forças para se reprimir.— Quem ousa falar aqui de innocencia? Quem ousa falar de perdão? Perdoar-te eu, malvado!? Porque? Porque dei um juramento? Que importa isso?

Quantos tens tu dado e trahido? Foste uma vez enganado, embaidor professo! Quiz que a ti proprio te condemnasses diante de testemunhas irrecusaveis. Immolei a besta-féra á sombra ensanguentada da sua victima: nada mais... Ah, não sabías que eu, maldicto de Deus, que eu, condemnado, vivia só para te deshonrar, para te perder, para na tua ultima agonia me interpôr entre ti e a contricção e para te enviar ao inferno como precursor do frade desesperado e sacrilego?! Não sabías, não... Ah, ah!... É que apesar da minha memoria tenaz, tinha-me esquecido dizer-t'o. És ridiculo, muito ridiculo! Nessa alma calejada, nessa consciencia, dormente como charco de aguas corruptas, ha ainda uma cousa pura: é a credulidade infantil. Oh, deixa-me fartar de rir!»

E ria, ria, convulsamente. Essa hilaridade diabolica cessou, porém, de repente. O cisterciense correu a mão pela testa, como affastando os cabellos, e proseguiu:

«Olha bem para mim; para esta fronte. Não vês nada nella? O dedo do Senhor escreveu aqui uma palavra fatal... Sinto-a queimar-me. É de fogo; deve brilhar. Soletra-a, e dize-me depois se o *precito* póde ter commiseração de quem o despenhou no abysmo? Foste o meu destino máu; foste maldicção perpetua enre-

dada na teia da minha vida. Preciso de te derribar, de esmagar-te, para ao menos ter uma hora de paz antes de topar com o sepulchro... E pensavas que eu pretendia salvar-te?! Oh, como és insensato!»

«Se quereis que vos entenda,—interrompeu Fernando Affonso, vacillante entre o horror e a colera—deixae esses mysterios; essas ameaças... Em que mais vos fiz eu mal, ou que tem com isso uma desgraçada mulher?»

«É o que eu te ía explicar—redargiu Fr. Vasco.—A mulher que tu amas, amei-a eu primeiro; amei-a eu como perdido. Trahiu-me por cubiça; trahiu-me por vaidade. Vingueime: oh, vinguei-me bem! Mas a sua imagem estava demasiado funda nesta alma: não podia apagar-se tão facilmente. Pedi a Deus que m'a desvanecesse della; macerei o corpo, embruteci o espirito: tudo debalde. Continuei a amá-la amaldicçoando-a, amaldicçoando a propria fraqueza. Tenho ainda ciume, ciume de ti, destruidor da minha ventura domestica, eu, um frade! E' monstruoso; é absurdo. Não é assim? Podia encubrir-t'o. Sobejava-me, sem isso, com que justificar o meu odio. Não quero; não vale a pena de ser, como tu, hypocrita. Detesto-te pelas tuas infamias: parece-me que ainda mais pelo teu amor. Não o sei ao

certo... Mas deixa me continuar a divertir-te com a minha historia... Vendida a Lopo Mendes ao menos era uma união, embora sacrilega, contrahida perante o altar. Acaso por tal motivo, ainda depois se me affigurava pura, innocente, sancta, como quando de sob as palpebras virginaes deixava cahir sobre mim olhar inenarravel; como quando, vendo-a passar ao pôr do sol na orla da devesa que rodeiava os paços de Mem Viegas ou, á noite, encostada no balcão a contemplar a lua reflectida no lago, me vinham á mente suspeitas de que ella fosse um anjo transviado do céu, e, ajoelhando sem ser visto atraz da balsa fechada ou da arvore corpulenta, a adorava de longe em delicioso extasi. Lopo Mendes era um demonio que polluia o meu anjo: devia expulsá-lo da terra. Expulsei-o... Foste seu amigo, e ainda hoje ignoravas, como todos, o mysterio que encubria a ultima pagina da sua vida. Agora não te parece claro?»

Fez uma breve pausa. O escudeiro, attonito e horrorisado, nem pestanejava. Fr. Vasco proseguiu com feroz ironia:

«Dizem que aos que vão morrer illumina de subito comprehensão sobrehumana... Se assim é, has-de comprehender o que te digo!... Depois curti remorsos. Mas, ao me-

nos, sabía que o viuvo leito de Leonor, como o do anjo de outr'ora, era solitario. Consola-me com esse engano... Sim, engano; porque era illusão e mentira!... Virgem, havia quebrado sua fé, mercadejando com a formosura: domna, prostituia-se a ti, a outros, eu sei lá a quantos?!... Prostituia-se como as concubinas de Babylonia ao primeiro que passava...»

Aqui, um grito que partira dos labios de Fernando o interrompeu. A injuria pungente vibrada contra Leonor varrera num momento da memoria do mancebo todas as difficuldades da sua situação. Aquelle ciume odiento, encanecido nas trevas, que se lhe punha diante, nú, ironico, inexoravel, accendia nelle outro não menos impetuoso. Ferida num sentimento vivo e profundo, o amor, a sua alma erguia-se irritada pelos impulsos da indignação e acceitava o combate.

«Mentes, frade! — bradou o escudeiro. E balbuciava, como buscando affronta mais brutal com que trocasse golpe por golpe. — Mentes!... Alguem se entregou sem pejo ao que passava; mas não foi Leonor!... Uma concubina tive eu já; mas era de raça tão vil, que os lupanares exigiram de mim a herança que lhes pertencia. Larguei-lh'a. Que te parece? Fiz mal?»

Era impio este coar do insulto através do sudario que envolvia um cadaver. Os dentes de Fr. Vasco bateram uns nos outros, como se frio intenso o houvesse traspassado. Por outra parte, quem naquelle momento observasse Fernando Affonso distinguiria facilmente, apesar da frouxa luz que mal allumiava a igreja, o tremor que lhe agitava os membros e a extrema pallidez que lhe tingia o gesto transtornado. Immoveis, mediram-se com a vista por largo espaço. Sería impossivel dizer quanto rancor havia nesse olhar. Depois, inflexiveis como duas estatuas arrastadas sobre os seus pedestaes, aproximaram-se, levando machinalmente a mão á cincta. Estavam desarmados. Ao som de rugido unisono, que repercutiu pelas naves, atiraram-se aos braços um do outro. Por alguns minutos, não se ouviu mais nada senão o seu respirar afadigado e, de quando em quando, um pé que escorregava nas lageas do pavimento. Naquelle logar, áquella hora, sobre as cinzas tranquillas dos mortos, era repugnante e sacrilega essa lucta de selvagens. Um baque soturno soou finalmente. Fernando cahira. Opprimia-lhe o peito um joelho do monge, cujas mãos encurvadas e hirtas lhe cingiam a garganta como aro de ferro. Os olhos do vencido, saíndo-lhe das or-

bitas, injectavam-se de sangue e o sangue começava tambem a tingir os frocos d'escuma que lhe bufavam nos cantos da boca semiaberta. Dir-se-hia o tigre estendido sob as garras do leão após combate desesperado.

Como a lava golfando da cratéra fervente, phrases abruptas e vertiginosas romperam então do seio de Fr. Vasco. Parecia ter esquecido de repente o desgraçado objecto do seu odio quasi infinito e dirigir-se a alguem que elle só via. Era uma larva, filha da sua imaginação enferma? Era realidade? Fosse o que fosse, o cisterciense murmurava:

«A que vens aqui?... Os remorsos? E que importam os remorsos?... Matei-te; é verdade! Matei-te como um cão, sem sacramentos, sem um instante para implorares a misericordia de Deus... E que tem isso?... Porque a devoravas com beijos? Porque a apertavas entre os braços?... Vai-te! Vai-te! Se essa foi a tua sorte, qual será a delle quando eu podér vingar-me?»

«A mesma, assassino!... A mesma, infame frade!...»

Estas vozes roucas, proferidas a custo por Fernando Affonso, despertaram o monge daquella especie de pesadello. Com a volubilidade de idéas de um louco, replicou, afrou-

xando gradualmente as mãos em volta do pescoço do escudeiro:

«A mesma?!... Que sabor tinha isso? Matar-te? Affogar-te, assim singelamente? Não!... Hei-de lançar-te deste asylo, como uma cousa torpe e immunda. Hei-de entregar-te aos que te espreitam, semelhantes aos monteiros que aguardam o javali na clareira das brenhas. Hei-de acompanhar-te ao cadafalso, offerecendo-te em voz alta as consolações da religião e insultando-te em voz baixa. Com a mordaça na boca, amarrado ao poste, quando o fogo se te enredar nas roupas, quando as carnes se te despegarem dos ossos, e os ossos te estalarem como um toro incendido, ouvir-me-has amaldiçoar-te... Moribundo, desesperado, ao estorceres-te na derradeira agonia, soltando a suprema blasphemia, ajudar-te-hei com as minhas malicções a dar a alma aos demonios Não te parece isto mais grandioso do que o assassinio de Lopo Mendes? Não sou mais liberal comtigo?»

Queria rir ainda uma vez, e apenas soltou um gemido semelhante a pio melancholico de noitibó. Fernando queria tambem, porventura, vibrar-lhe alguma injuria nova; mas só pôde arrancar do peito sons inarticulados. A igreja dançava-lhe em roda, como estonteiada: o si-

lencio zumbia-lhe nos ouvidos, como enxame que volteia inquieto ao redor do cortiço. Por fim perdeu os sentidos.

O frade largou-o então, ergueu-se e pôs-lhe o pé sobre a fronte. Depois, recuou um pouco, e cuspiu-lhe nas faces.

O miseravel escudeiro não dava tino de nada.

Fr. Vasco pôs-se a passeiar. Parava de quando em quando, ora a escutar os passos lentos da sentinella que guardava a porta da igreja, ora a mirar o céu pelos esguios frestões, através dos quaes apenas coava indeciso o raio tenue de alguma estrella, perdido na escuridão do espaço.

Que esperava o cisterciense? Esperava pelo dia, pelo sol, gloriosa imagem de Deus que nos ensinou o perdão, para arrastar o asylado até o portico do templo e entregá-lo aos bésteiros da guarda.

Com o chanceller, a quem pertencia ordenar tudo o que tocava ao triste espectaculo dos supplicios, tinha ajustado D. João d'Ornellas fazerem com que um monge de S. Paulo acompanhasse Fernando Affonso a Valverde, no caso de sua senhoria não revogar a sentença que fulminara. Por mil razões theologicas, o bom do abbade lhe demonstrara que não haveria quebra do *sigillum confessionis,*

se por tal meio se podessem obter do criminoso alguns esclarecimentos, uteis á paz e socego da republica, sobre as machinações politicas dos fidalgos.

Era uma consideração a que não havia resistir. Nas revelações do condemnado podia apparecer alguma circumstancia que, até, compromettesse Nun'alvares. O ministro de D. João I folgava todas as vezes que, sem quebra da sua melindrosa consciencia, se lhe offerecia ensejo de concordar com um intimo amigo, servindo ao mesmo tempo a patria.

O digno prelado tambem exposera ao doutor de Pisa a sua idéa de proporcionar ao escudeiro os meios de fuga, para assim acirrar a sanha real, e a todas as objecções de João das Regras respondera com uma unica phrase. Compromettia-se a fazer, sem bulha, sem escandalo, que a immunidade da igreja de nada aproveitasse ao asylado.

Contava com o cisterciense. Por isso este esperava o dia com feroz tranquillidade.

Quando o escudeiro, exhausto da lucta, recobrou os sentidos, a energia moral que o amor e o ciume lhe emprestaram tinha-se desvanecido. Fora a derradeira mordedura do reptil que se esmaga. Dominavam-no de novo

o terror e a angustia. Instinctivamente, porque a faculdade de reflectir estava nelle paralysada, foi-se arredando pouco e pouco, até que se assentou desfallecido no suppedaneo do altar-mór. Como se não o visse nem sentisse, o monge continuava a passeiar.

XXXIX

CONCLUSÃO

> E levaromno atá o rocio, hu estava hum esteyo posto, e muita lenha pera o queimar. . e deromlhe o fogo: e assi morreo.
>
> FERN. LOPES. — *Chron. de D. João I.*

O chanceller de Portugal e o abbade de Alcobaça eram, cada qual por seu feitio, dous homens d'estado, dous homens admiraveis.

Na serie dos complicados successos que deram assumpto á presente narrativa, no meio de tantas paixões más agitadas, de tanto minar subterraneo, o chefe dos monges brancos mostrara não sómente mais energia e actividade, mas tambem mais invenção e agudeza. Todavia, bem como de dous lenhadores igualmente robustos e déstros, muitas vezes o golpe vibrado pelo mais remisso é o que faz tombar a arvore já vacillante, do mesmo modo ao bo-

nacheirão do doutor de Pisa foi quem coube a honra de fazer escorregar o commum inimigo da aresta do abysmo onde se balouçava.

Sem ser arrastado por um rancor tão profundo como o do veneravel prelado, o discipulo de Bartholo não podia relevar a Fernando Affonso o haver-se lançado como tropeço nos seus caminhos, ligando-se tão estreitamente com a parcialidade da fidalguia, alcateia de brutos ignorantes *(quasi asini illiterati* era a expressão do erudito ministro quando alludia aos seus adversarios), só comparavel a furacão que de continuo açoutasse a arvore mimosa do absolutismo, educada por elle com paternal carinho. Depois, parecia-lhe cousa intoleravel que uma creança, um nonada politico, tivesse a petulancia infantil de quinhoar a privança do principe, privança de que Nun'alvares lhe usurpava já tão avultada parcella. Entendia que todo e qualquer ascendente no espirito de D. João I que não fosse subordinado ao seu era cousa absurda e, além de absurda, altamente damnosa ao bem commum, unico alvo das fadigas e cuidados do velho ministro; porque, bem como todos os ministros velhos e novos (sabemo-lo por experiencia quotidiana), o doutor João das Regras ardia em sancto amor da patria.

Á vista de tão macissos fundamentos, ainda a mais candida alma poderá ajuizar quão boa vontade o austero jurisconsulto teria ao camareiro-menor. Fernando estava, porém, ligado por laços de sangue com um homem resoluto fautor do mesmo *schema* social que elle se proposera, e cujas opiniões eram profundamente acatadas no conclave dos barbas grisalhas. Escudava-o, além disso, a benevolencia do primeiro prelado de Portugal, o arcebispo D. Lourenço. cujo baculo mais de uma vez se transformara em hastea de lança, e o pluvial em couraça; personagem querido igualmente do rei e do povo, e com quem sería imprudente combater face a face. Como anteriormente vimos, essas considerações tinham-no feito acceder aos designios de D. João d'Ornellas com mais circumspecção do que o digno prelado desejara. Quando, porém, este, seguro de que não vibraria em vão o golpe, lhe revelou por quão escorregadia ladeira o proprio Fernando Affonso se precipitara, João das Regras associou-se á execução dos planos do monge com toda a lealdade que a indole lhe consentia, predispondo, todavia, as cousas de modo que nem João Affonso nem o arcebispo viessem nunca a suspeitar que elle e o illustre chefe dos monges brancos ti-

nham estado agachados no fundo do precipicio e collocado ahi a pedra em que o mancebo devia esmagar a fronte quando se despenhasse.

Assim, de commum accordo se ordenara entre os dous o drama que viera enxerir-se no saráu dos paços de S. Martinho, e cujo ultimo acto tinha de representar-se nas taboas do cadafalso. O leitor assistiu á maior parte das scenas da terrivel farça. Das restantes apenas podemos dar-lhe a rapida e, talvez, incompleta descripção que nos ministra o nosso manuscripto, resumido mais do justo nesta parte. Convenientemente vestidas, as fugitivas memorias do antigo chronista encheriam muitas paginas; mas, demasiado meticulosos e proluxos em não perder a reputação de veracidade, sería para nós impossivel o não conservar puro e intacto o veneravel monumento de melhores eras. Por isso, abstendo-nos de invenções embusteiras, limitamo-nos a trasladar na depravada linguagem de hoje o texto immaculadamente garrafal e classicamente inintelligivel do velho codice monastico.

Eis os factos:

A luz que nos paços silenciosos de S. Martinho fulgia unica, depois dos acontecimentos ahi occorridos, e que suspeitavamos proce-

desse de lampada esquecida por somnolento moço de reposte, continuou a ver-se até alta noite. Vinha de varios brandões que ahi se haviam collocado; porque, depois da prisão do joven valído, elrei, em vez de se recolher á sua camara, tinha ido encerrar-se no gabinete particular, onde os pagens da tocha, que esperavam no corredor contiguo, o sentiam passeiar agitado.

Entretanto o chanceller, que lhe observara os passos, havendo falado poucas palavras com o abbade, que immediatamente voltara á estudaria, abalara para a pousada de João Affonso de Santarem. Descrevendo ao attonito magistrado a arriscada situação em que por criminosa imprudencia o camareiro-menor acabava de collocar-se, o velho ministro mostrava-se vivamente irritado do modo como as suas sollicitações e conselhos haviam sido repellidos. Entendia que ao seu honrado amigo não era licito demorar-se um instante em empregar todo o peso que davam ás suas supplicas a sciencia, a virtude e os largos serviços para salvar um irmão, cujo proceder para com aquelle que tanto devera amar e respeitar não tinha, na verdade, sido jámais ajustado pelas regras da honestidade. Na sua humilde opinião, não era este o momento de taes cou-

sas se recordarem. Não lhe faltavam a elle proprio razões de queixa contra Fernando — o seu digno collega não o ignorava — e todavia fora o primeiro em esquecê-las, quando se tractava de uma questão de vida ou de morte. Entendia, em summa, que devia acompanhá-lo a S. Martinho, onde ambos junctos mitigariam o animo d'elrei até o ponto de obter, senão o pleno perdão do culpado, ao menos o minorar-lhe uma pena cruel e desproporcionada ao delicto.

O chanceller falava com tal vehemencia; pareciam vir tanto da alma aquellas palavras, que João Affonso, concordando em segui-lo, acreditou inteiramente na sua sinceridade. Tambem era isso o que elle queria.

Foi, porém, na presença d'elrei que o talento dramatico do grande ministro se revelou em toda a sua sublimidade. Na apparencia, apenas se diria um eccho das supplicas do afflicto jurisconsulto. Só quem alcançasse penetrar no abysmo daquella alma tenebrosa comprehenderia até onde póde chegar a dissimulação humana. Por entre as expressões mais humildes e conciliadoras escapava-lhe ora uma palavra, ora um gesto, ora uma phrase, a qual, no momento em que o monarcha vacillava entre a severidade e a misericordia, fa

vibrar-lhe uma corda aspera; ía pungi-lo num sentimento que, durante cinco annos, as doutrinas dos seus letrados, e em especial a do chanceller, lhe haviam encasado profundamente no espirito. Este sentimento era o do seu poder illimitado. Embora affectasse não esquecer jámais que a eleição popular o elevara ao throno, a idéa, demasiado romana, que concebera da omnipotencia real tornava-lhe o coração, naturalmente humano e generoso, duro e até cruel quando alguem ousava oppôr á sua auctoridade suprema os foros, direitos ou liberdades nacionaes. Habilmente aproveitada, esta contradicção entre os instinctos de consciencia do rei popular e as tradições do despotismo imperial fora um meio poderoso que o chanceller achara para o converter, em conjuncturas taes como esta, num instrumento dos seus designios, ao passo que cria obedecer aos impulsos da propria vontade.

Assim, emquanto parecia sustentar as supplicas do seu collega com um zelo que só peccava por excessivo, João das Regras dava tempo a que se verificasse um lance que devia pôr cimo e remate ao plano que elle ajudara a aperfeiçoar, mas que nascera na mente do illustre prelado de Alcobaça — do seu melhor amigo.

Furioso pela violencia com que se facilitara a fuga do camareiro-menor, o anadel dos bésteiros, depois de distribuir a sua gente de modo que a ninguem fosse possivel evadir-se, dirigira-se pressuroso aos paços de S. Martinho. Era o seu intuito esperar o dia e, logo que podesse falar a elrei, dar-lhe conta do extraordinario successo que occorrera. Não tardou, porém, a saber que D. João I estava no gabinete particular. Alguem affirmava, até, que, passando pelo corredor contiguo, ahi vira os pagens da tocha e ouvira lá dentro a voz chirriante do chanceller, a d'elrei e a de uma terceira pessoa, que pareciam vivamente disputar.

Então o irritado anadel positivamente declarou que era impossivel deixar de nessa mesma noite falar a sua senhoria. Não houve, portanto, remedio senão ir interromper os mysterios do sanctuario, porque, como sabemos, o celebre gabinete de S. Martinho era um sanctuario de difficil accesso para o vulgo profano. O coração do chanceller dilatou-se. Era por este incidente que esperava.

Apenas, de feito, elrei soubera o que o capitão dos seus reaes bésteiros pretendia, ordenara que immediatamente entrasse.

O leitor, que, por certo, não esqueceu qual

fosse o caracter do bastardo de D. Pedro I, caracter herdado deste principe impetuoso, conceberá facilmente o effeito da narrativa do anadel no seu espirito, onde com arte diabolica o privado não deixara esmorecer o sentimento da indignação. O olhar que fitou nos dous *sabedores* equivalia a um preceito de absoluto silencio. Elle tambem o guardava, terrivel como a calma que presagia o estourar da procella. Pegando arrebatadamente na chave da communicação exterior, que o chanceller deixara em cima da grande mesa, sobre a qual ainda se viam os dous folios comprados a micer Allighieri, D. João I abriu com violencia a porta, fez signal ao anadel para que o seguisse e sumiu-se no escuro patamar que dava para a rua de S. Martinho.

Que ía fazer assim a deshoras o rei de Portugal?

Cego de furor, dirigia-se á igreja de S. Paulo. Fora um impulso irresistivel de colera a que cedera. Galgava a passos largos a ingreme calçada que, passando pelo adro da estudaria, terminava á porta da Alfofa, aberta na cerca romana ou visigothica da primitiva Lisboa. Tão embrenhado ía nos seus negros pensamentos que não deu tino de um vulto, o qual passou por elle correndo na mesma di-

recção. O anadel tinha-o visto, mas deixou-o correr, porque o reconhecera logo. Era uma pessoa indifferente; era Alle, o maninello de sua real senhoria.

Como os bésteiros haviam recebido ordem para impedir, não a entrada, mas a saída do collegio, o mouro penetrou ahi sem obstaculo, do mesmo modo que, obra de duas horas antes penetrara D. João d'Ornellas, isto é, pela portaria, debaixo de cuja alpendrada, roncando e assobiando, esperava ainda, por ordem do abbade, o barbato que naquelle dia substituira Fr. Julião.

Postoque com bem poucas esperanças de mitigar a ira d'elrei, o grave conselheiro da coroa, tão ingenuamente mystificado pelo seu digno collega, quizera partir após o monarcha. Dissuadiu-o, porém, dessa idéa o chanceller, ponderando-lhe quanto os primeiros impetos d'elrei eram arrebatados, e que por isso qualquer tentativa para o abrandar sería por então inutil; que o mais prudente era mandar sem detença um mensageiro a Nun'alvares e outro ao arcebispo D. Lourenço, e fazer com que toda a fidalguia que se achava na corte viesse pela manhan ao paço implorar a misericordia do principe offendido; que, ainda quando este ousasse quebrar o asylo ecclesiastico, —

do que duvidava — nem por isso deixaria de haver tempo de se tentarem todos os meios d'impedir o caso lastimoso que se temia, com mais probabilidade de bom resultado.

Apenas João Affonso, a quem não passava pelo espirito a menor duvida ácerca da sinceridade do valído, saíu para pôr por obra aquelles arbitrios, o chanceller deixou-se cahir na grande poltrona e desandou uma das suas chirriantes gargalhadas. Depois de ter dado largas á hilaridade que o acommettera e que terminou por um daquelles frouxos de tosse a que se habituara, para fazer acreditar aos seus emulos que poucos annos — talvez apenas mezes — lhe restavam de vida, João das Regras ergueu-se, abriu a porta interior do aposento, disse o que quer que foi aos pagens da tocha, tornou a fechar-se por dentro, refastelou-se na poltrona e de novo desatou a rir e a tossir cacheticamente. O bom do velho era de si folgasão.

Em menos de um credo, por todo o paço constava que sua real senhoria se abalara para as bandas da alcaçova, a pé, e sem que os pagens da tocha podessem segui-lo. Não acabavam naquella noite os casos extraordinarios, e este não era um dos menos singulares. Cingindo apenas as espadas, ou inteiramente de-

sarmados, os cavalleiros e escudeiros de serviço topavam uns nos outros, correndo confusamente para o atrio, por onde já alguns monteiros com suas ascumas, os pagens com tochas, e os sergentes com fogaréus e fachos se precipitavam para a rua. Adiante, porém, de todos o maninello tinha transposto o portal e correra a tomar a dianteira d'elrei, em virtude de certas recommendações do abbade.

As occorrencias que temos referido coincidiam com as scenas da igreja de S. Paulo, que no antecedente capitulo tentámos descrever. A ordem da narrativa da nossa chronica obriga-nos agora a pedir ao cortez leitor que de novo nos acompanhe ao collegio do bispo Jardo.

Passara algum tempo desde que o aterrado escudeiro fora cahir exhausto juncto do altar-mór, quando a porta da sacristia se abriu de subito, e o vulto de corpulento frade appareceu no limiar. No seu ír e vir d'insensato, ou antes de tigre enjaulado, Fr. Vasco foi topar com esse vulto que se dirigia para elle. Era o abbade que parecia inquieto. Pararam ao mesmo tempo. Em tom submisso, unidas quasi as frontes, os dous monges falaram alguns instantes. No gesto de Fr. Vasco pintava-se a hesitação; no do abbade a impaciencia. — «Não

te escapará, não!... — dizia este alteiando a voz.—Teu até o cadafalso!... Prometti: hei-de cumprir. Mas agora importa que sáias d'aqui... Ei-lo que vem, elrei! Seguem-no... Ouves?» — Calou-se e escutou. De feito, um sussurro confuso, que ao longe quebrava o silencio da noite, e alguns vagos clarões, que de vez em quando vinham repintar desbotadas as cores das vidraças pelos fustes dos pilares e pelos lanços das paredes, pareciam mover-se, vacillar, crescer do lado de S. Martinho. Depois de breve intervallo, ao brado de um dos bésteiros respondeu a voz do seu chefe, e logo após ella os dous frades perceberam distinctamente a d'elrei. Sentiu-se então o estrupido das sentinellas, que corriam em tropel para o atrio da igreja, e os contos das béstas bateram a um tempo nas lageas do adro. Entretanto o clarão tremulo dos fachos reverberava cada vez mais forte através dos frestões ogivaes, e pelas abobadas do templo reboava, já bem distincto, o fragor do tumulto que se acercava do lado de S. Martinho. Lançando a mão ao braço de Fr. Vasco, ainda indeciso em abandonar a sua presa, D. João d'Ornellas arrastou-o após si e desappareceu com elle na passagem escura da sacristia.

Ainda os passos dos dous monges soavam

nas trevas, quando as portas da igreja gemeram oscillando. Os hombros dos mais alentados bésteiros se haviam encostado a ellas, como outros tantos vaivens. Baldados os primeiros esforços, tres vezes se repetiram. Emfim, os aneis do ferrolho, que Fr. Abril correra ao retirar-se, estalaram, e elrei, seguido da sua guarda pean, precipitou-se para o cruzeiro. Quasi ao mesmo tempo, a turbamulta de cavalleiros e escudeiros, de pagens e sergentes, vinda do lado de S. Martinho, invadia o portico. O fulgor vermelho das tochas e fogaréus, o tinir dos ferros, o ruído dos pés e o agitar de tantos vultos enchiam de momento e de vida o melancholico recincto, onde havia um instante reinava quietação sepulchral.

Abysmado num pelago de terrores e incertezas, de desesperação e de raiva impotente, o desgraçado escudeiro, para cuja ruina tudo parecia conspirar, não dera tino nem da vinda de D. João d'Ornellas, nem da partida dos dous frades. O estourar, porém, das portas, o estrondo dos passos, a luz viva que tudo illuminara de subito, o scintillar de muitas espadas que se haviam desembainhado, o murmurio dos que seguiam o rei, sem saberem ao certo que tenções eram as suas, despertaram no mancebo, com a idéa vaga de imminente pe-

rigo, os instinctos da salvação. Trepando machinalmente ao altar, foi abraçar-se a uma imagem da Virgem ahi collocada. Com um accento de indizivel agonia, bradava: — «Asylo! asylo!» — Debalde. A figura d'elrei, daquelle que tanto o amara, pallido, transfigurado, com as roupas em desalinho, via-a ante si, em pé sobre o suppedaneo, e fitando nelle esse olhar irresistivel que esmagava a audacia dos mais esforçados. Era uma visão diabolica de pesadello? Era realidade? Fechou os olhos: mas apenas os cerrara, sentiu mãos que lhe apertavam o pulso como aro de ferro; sentiu o halito ardente do rei, que lhe batia nas faces banhadas em suor frio. Precipitado por cima do altar, veio bater de bruços na borda do suppedaneo, e a imagem da Mãe de Deus baqueiou d'envolta com elle. A um signal de D. João I, os bésteiros conduziram ou antes arrastaram para fóra da igreja o malaventurado, que, reduzido a uma especie de paralysia moral, perdera, até, a consciencia do seu tremendo destino.

As ameaças de Fr. Vasco realisavam-se em grande parte mais cedo do que elle dissera, e Fernando era arrastado ao supplicio por braço mais robusto que o seu.

No restante, porém, só o monge as podia

cumprir, e havia um homem que lhe promettera esse prazer infernal.

A attenção d'elrei foi neste momento distrahida por estranho espectaculo. Ao lado do reitor, e á frente da communidade rojando as amplas cogullas cistercienses, D. João d'Ornelas saía da sacristia revestido com as insignias abbaciaes. Vinha protestar solemnemente contra a quebra das immunidades da igreja, contra a profanação do sanctuario e, ainda mais uma vez, contra a execução da cruel sentença que condemnava um infeliz ao ultimo supplicio, sem as consolações da religião, sem estar preparado para apparecer ante o supremo juiz.

D. João I escutou silencioso a longa arenga do veneravel prelado. Quando este acabou respondeu-lhe seccamente que, pela quebra das immunidades da igreja, daria conta de si ao sancto padre, e pelo rigor da sua justiça a Deus; que não era a sua intenção impedir o arrependimento do criminoso, punindo além da morte; que, finalmente, ao digno e religioso prelado deixava liberdade inteira de tornar menos amargas as derradeiras horas desse desventurado com os consolos da fé.

Emquanto o abbade falara, o monarcha tivera tempo de reflexionar que era, emfim,

tempo de reprimir o impeto da paixão e de retomar o porte e a dignidade de rei. O tremor da sua voz e o seu olhar irritado revelavam, porém, quão pouco o espirito estava accorde com aquella linguagem placida e moderada. Tendo assim repellido a ousadia do seu esmoler-mór, o principe virou-lhe as costas, atravessou pela nave central abaixo e, seguido dos seus cavalleiros e escudeiros e precedido dos pagens da tocha, desappareceu no atrio.

O abbade acompanhou-o com a vista até o portal. Depois ergueu os olhos ao céu, cruzou as mãos sobre o peito, curvou a cabeça e murmurou:

«*Fiat voluntas tua, domine!*»

As lagrymas escorregavam-lhe pelas faces a quatro e quatro. Era uma cousa em que levava as lampas ao seu melhor amigo, o doutor de Pisa. Sabía chorar.

Feita aquella pia visagem, voltou-se para a communidade, mirando as duas alas da fradaria, e chamou:

«Irmão Fr. Vasco!»

O monge aproximou-se.

«Este homem que vai morrer offendeu-vos outr'ora profundamente, meu irmão. Por meio delle vos visitou o senhor com todo o fel de

amargura que o coração humano póde soffrer sem estalar. A historia de vossa irman deixou de ser um mysterio para esta sancta communidade. Pois bem. Dae-lhe um grande exemplo. Sede vós quem abra os thesouros da misericordia divina ao que vos fez desgraçado, desgraçado digo, por me servir da van linguagem do mundo. Sede vós quem lhe aponte a estrada que conduz ao céu.—Quem me quizer seguir abnegue de si e tome a sua cruz —disse Christo; e tambem—amae os inimigos e bemfazei aos que vos odiaram.—Filho de S. Bernardo, animo! Tomae vossa cruz e, cumprindo o preceito divino, ganhae uma alma para Deus.»

Fr. Vasco abaixou resignadamente a cabeça. Obedecia sem murmurar.

Os circumstantes estavam commovidos e edificados.

Dentro de meia hora ninguem diria que na igreja de S. Paulo e no seu adro se haviam passado pouco antes as scenas de terror, de odio, de violencia e de hypocrisia descriptas nas precedentes paginas. A aurora que vinha rompendo encontrava ahi tudo calado e deserto. Apenas a bafagem da madrugada, engolfando-se nas sineiras da torre, sussurrava um hymno de paz.

*

Quando pela manhan os ricos-homens de Portugal, os officiaes da coroa e os mais illustres prelados que se achavam na corte, entre os quaes avultava moral e materialmente o abbade de Alcobaça, vieram lançar-se aos pés de sua real mercê a implorar o perdão de D. Fernando Affonso, sua real mercê dormia profundamente. Debalde o afflicto João Affonso de Santarem rogou, ponderou, ameaçou para que o accordassem. As ordens em contrario eram explicitas e positivas. Depois de voltar de S. Paulo, D. João I ainda fóra muito tempo retido pelo chanceller, que não abandonara o seu posto no gabinete particular. O doutor de Pisa tinha-lhe provado com um chuveiro de textos e de argumentos que a fatal sentença não podia ser executada. O monarcha ouviu-o com a mesma constrangida placidez com que ouvira o sermão do abbade. No fim refutou-o com tres palavras:

«*Era sua vontade.*»

Só, portanto, restava — para o camareiro o morrer, e para sua senhoria o ír deitar-se.

Foi o que succedeu.

Havendo esperado boa parte do dia, os prelados e cavalleiros foram saíndo do paço tris-

tonhos e cabisbaixos. De boca em boca passara uma terrivel nova: — Tudo estava consummado!

*

Na taberna israelitica da rua de Gileanes, abancados em frente de um pichel, conversavam ao anoitecer o armeiro João Pires e o almuinheiro Ruy Casco. O objecto da conversação era o mesmo que a essa hora dava assumpto em toda a cidade a mil ponderações, disputas, averiguações e commentarios.

João Pires tinha assistido ao supplicio do seductor de Beatriz. Na alma rude do armeiro o atroz espectaculo deixara a impressão indelevel de horror, postoque nem elle nem ninguem, d'entre as turbas de povo que uma curiosidade brutal attrahira a Valverde, suspeitasse quaes agonias a vingança enfeixara em volta da agonia da morte; que tractos invisiveis, inappreciaveis, quasi infinitos, o odio encanecido dos dous cistercienses tinha ajunctado á punição mais cruel das epochas de barbaridade.

A predicção de mestre Guedelha, ou mais exactamente a de mestre Zacuto, havia-se cumprido á risca. A opa de rei, a garnacha de doutor e o habito de frade estavam no hori-

sonte do cadafalso; lá estava tambem tres vezes escripto o nome de João. Mas a prophecia dos astrologos fora, apesar disso, incompleta. Havia mais uma estamenha de monge, que, semelhante á camisa de Nesso, se acingira á victima do fatal horoscopo — e era justamente essa a que não tinham descortinado no céu.

O espectaculo dado em Valverde pelo mestre d'Aviz aos seus bons burgueses enchera Lisboa de assombro, tanto pelo imprevisto, como pelas circumstancias que o acompanhavam. Aproximando-o dos açoutes do catalão revolucionario, era como o inverso do moderno espectaculo theatral. A farça precedera a tragedia. Os boatos que corriam ácerca dos motivos de tão extraordinario successo eram desvairados e contradictorios. O mais exacto que o armeiro tinha podido apurar, aquillo em que todas as pessoas sisudas acreditavam, desprezando fabulas e encarecimentos, era que o escudeiro, havendo brutalmente violado tres filhas de um cavalleiro pousado d'elrei D. Fernando, coroara a sua obra infame assassinando o pobre velho. Lançado no caminho da perdição, por artes de certa bruxa chamada Domingas, celebrara um pacto com o diabo, e por conselho e favor do espirito das trevas entrara muitas noites através das paredes

(outros diziam pelas fechaduras; a opinião publica discordava neste ponto, e ambas as versões eram igualmente plausiveis) nos aposentos das damas do paço, abusando da innocencia de varias donzellas por meio de feitiços. Avisado de todas estas gentilezas, na vespera á noite, por um franciscano chamado Fr. Isidoro, a quem a bruxa arrependida as tinha manifestado á hora da morte, elrei ordenara que o criminoso escudeiro fosse conduzido ao rocío de Valverde e ahi sem detença queimado.

Ruy Casco teve tentações de lhe dizer que a opinião publica mentia desaforadamente pelo que tocava á bruxa Domingas; mas contevese, porque podia tractar-se de outra Domingas. Depois, o almuinheiro era assás prudente para não ír de encontro á tradição e crença communs, que, como todos sabem, são as mais seguras fiadoras da verdade e as mais solidas bases da historia. Além disso, que necessidade havia de mexericar o desastre que presenceiara á Porta-do-ferro? Pela lingua morre o peixe, e elle não tinha vocação para martyr. Contentou-se, portanto, com mostrar certa incredulidade ácerca do pacto celebrado entre o escudeiro e o diabo.

«És um parvo, homem! — redarguiu esti-

mulado o armeiro. — Não falarias assim, se visses o que eu vi em Valverde. Um frade bernardo acompanhava o padecente — frade de lei me pareceu — fazendo prantos e prégação em voz alta, e arrazoando com elle em voz baixa. Devoto e sancto devia ser seu razoar; porque o demonio, que entrara no corpo do miseravel, assanhava-se com ouvi-lo, e o escudeiro que ía... como iria elle?... tornava a si de seu desmaio e escumava e praguejava e doestava o pobre padre, segundo se rogia entre o povo. O que eu sei é que vi cá de longe pôrem-lhe os meirinhos e algozes mordaça, para que o diabo não podesse arrevesar mais sandices. Os uivos que depois dava ouviam-se em toda a praça. Fazia arripiar! E o frade, sempre animoso, teimava em querer reduzi-lo. Subiu com elle ao cadafalso, viu-o amarrar ao poste, e quando a fumarada negra já rompia por entre as taboas do estrado, foi preciso tirá-lo á força d'ao pé do padecente. E no fim? No fim de contas não fez nada: que o escudeiro, voltando a cara ao crucifixo, morreu impenitente e derramado. Quando o monge chegou a descer, já o povo clamava, voz em grita — deixe-o, padre, deixe-o! — Dize agora que não andava ahi o diabo. Nada, não!... Jesus, sancto nome de Jesus! Parece-

me que ainda o tenho diante dos olhos. Nunca eu fora ver tal!»

João Pires persignou-se devotamente. Ruy Casco não tinha que responder. A conclusão do armeiro era rigorosa, e as premissas della factos indubitaveis, presenceiados por centenares de pessoas. Quando as cousas chegam a tal evidencia é facil atinar com a verdade.

«Rua! — gritou mossem Nathanael apenas João Pires acabou de benzer-se. Não ouvem o sino de colhença? Rua! que o almotacé traz-me de olho, e a mulctá é soffrivelmente pesada.»

Se era medo do almotacé, se era zanga por ver o armeiro fazer o signal da cruz, é o que não parece tão facil de demonstrar como a possessão diabolica de Fernando Affonso e a caridade do monge que o acompanhara ao patibulo.

Os dous saíram resmungando, e o judeu fechou a porta. Fazia escuro. João Pires tomou para a rua de D. Mafalda, onde morava mestre Alberte, e o almuinheiro desceu para os Açougues-velhos e seguiu pelos cubertos da Rua-nova para a banda da porta da Oura, caminho de Restello.

XXX

ADDENDA

Numa folha deixada em branco no fim do codice pergaminaceo que nos conservou esta historia havia varios paragraphos de letra mais moderna, contendo noticias de algumas das personagens que figuraram nos acontecimentos até aqui relatados, personagens cujo ulterior destino o chronista antigo deixara de *pôr em escriptura.* A letra parecia dos ultimos annos do seculo XVI, quando os adeptos da eschola de Brito e Lousada tomavam por seu desaffogo o povoar de patranhas as solidões do passado. O moderno dos caractéres e a epocha embusteira em que essas addições haviam sido accrescentadas tornavam assás duvidosa a sua authenticidade. Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar á exacção historica, hesitavamos perplexos, como o asno de Buridan entre as duas taleigas de cevada. Emfim, resolvemo-nos a

publicar em substancia o conteúdo dos suspeitos paragraphos, com o protesto de que não respondemos pela sua veracidade.

Eis, em summa, o que nelles encontrámos:

No dia immediato ao do supplicio do escudeiro, elrei mandou chamar ao paço o antigo cavalleiro da ala dos namorados. Desejava saber se estava satisfeito com a sua real justiça.

Mas o antigo cavalleiro não appareceu. Fr. Julião não o vira entrar essa noite. O reitor ignorava o seu paradouro: ignorava-o o proprio D. João d'Ornellas. Fizeram-se mil diligencias. Foi tudo perdido trabalho.

Tinha-se acaso suicidado? O abbade, que, melhor que ninguem, sabía qual era o abysmo de desesperação cavado naquella alma, desconfiava disso. Convinha-lhe, todavia calar-se.

A sorte de Fr. Vasco tornou-se, portanto, um mysterio que ninguem podia descortinar.

Leonor, logo que soube ter-se cumprido a horrivel sentença, que ella propria ouvira proferir contra o seu amante, mandou perguntar a elrei se devia tambem dispôr-se para morrer. O monarcha respondeu que não; que della, tão illustre por sangue e estado, era vingança sobeja o haver sido barregan de um obscuro escudeiro. Expulsa do paço, a formosa viuva retirou-se para Castella, levando escri-

pto na fronte um nome envilecido e deshonrado.

O reitor da estudaria adormeceu na paz eterna do tumulo com uma indigestão de toucinho-do-céu, mimo de certa beguina sua confessada. A devota matrona era um ente fatal para a ordem de nosso padre S. Bernardo. Poucos mezes depois, Fr. Julião, tendo estado, numa tarde de ventaneira, a bisbilhotar na portaria com a serva de Deus, encatarrhou-se. E catarrheira foi ella, que, apesar de todos os esforços da medicina, o reverendo leigo teve de ír fazer companhia ao reitor no carneiro de S. Paulo. Os apontamentos que temos ante nós occultaram, como a nuvem occulta o astro esplendente, o nome do *physico* que o curou; lacuna deploravel na historia da medicina portuguesa.

A ordem das jerarchias pedia que falassemos primeiro do illustre chefe dos monges brancos. Antes, porém, tarde que nunca. Sua reverendissima, que immediatamente partira para Alcobaça, viveu muitos annos de perfeita saúde, comendo muito e bem, governando os seus frades, desbaratando as rendas da ordem e opprimindo os povos dos coutos. De vez em quando, punha a mão numa intriga politica, mas simplesmente por diversão—como *dilet-*

tante. Morreu descansado na sua cama, de uma apoplexia, a mais pacifica morte deste mundo: — documento tremendo da profunda philosophia com que foi engenhada uma incontestavel maxima de certos moralistas, maxima que, transformando o inferno num caldeirão inutil, nos ensina que o proprio crime acarreta na terra a punição do criminoso.

Por isso é para nós artigo de fé a certeza e a sublimidade da philosophia.

E o doutor Johannes a Regulis? O doutor Johannes a Regulis, apesar da sua tosse cachetica, viveu ainda, como o abbade, por bastantes annos, modesta e resignadamente abraçado com a cruz do supremo poder, deixando por seu monumento assentados até a flor da terra os alicerces do absolutismo, edificio magestoso a que, um seculo depois, D. João II punha os telhados. Os destinos fizeram uma das suas, mettendo brutalmente cem annos de distancia entre essas duas almas candidas, que tinham nascido para se comprehenderem e amarem.

Agora, da seguinte narrativa o leitor pio e discreto deduzirá as conjecturas que mais plausiveis lhe parecerem ácerca da sorte ulterior de Fr. Vasco.

Era pelo fim da tarde de um dos primeiros

dias de julho de 1389. Os derradeiros raios do sol, resvalando por cima dos tectos colmados da aldeia de ***, íam dourar as paredes musgosas e já bastantemente arruinadas de uns paços antigos que assoberbavam a povoação numa encosta para o nascente. Havia mais de meia hora que, á porta da igreja do rustico presbyterio, o *mózinho* ou sacristão da aldeia olhava attento para aquellas quasi ruinas, evidentemente deshabitadas. Observava uma especie de romeiro, que, depois de haver rodeiado algumas vezes o edificio, parando de espaço a espaço a contemplá-lo, viera assentar-se em um poial juncto ao portico, e depois de se conservar alli alguns minutos com os cotovellos fincados sobre os joelhos e a cabeça entre os punhos, se erguera como sobresaltado e, descendo a encosta, se dirigia para o presbyterio com passos vagarosos e incertos, como de homem embriagado. Ao aproximar-se, porém, do sacristão, este pôde conhecer facilmente que não era a embriaguez quem lhe tornava tardo e vacillante o andar. O romeiro não parecia excessivamente idoso; comtudo, havia nelle mais de um indicio de decrepidez. Tremulo, curvado sobre o bordão nodoso, parecia arrastar a custo os membros, excessivamente magros. Nas suas faces cavadas duas

nodoas de vivo carmim sobresaíam em chão de pallidez mortal. Apenas o fogo da vida se lhe revelava no brilho febril dos olhos orlados de olheiras lividas. Quando chegou ao adro, volveu a cabeça para os paços solitarios: depois tornou a voltá-la, e cravou a vista no presbyterio sem proferir uma palavra.

O mózinho não tinha o mesmo genio taciturno. Saudando-o, perguntou-lhe se buscava alguem naquelles paços ou na aldeia, porque elle poderia ministrar-lhe as informações de que necessitasse.

A resposta a esta pergunta foi outra pergunta, que o sacristão entendeu com difficuldade, tão debil e cansada era a voz do romeiro. Desejava saber se ainda vivia uma velha cuvilheira chamada Brites, a quem aquelles paços haviam sido legados pelo ultimo representante da antiga linhagem que outr'ora os habitara.

O mózinho disse-lhe então — que, depois de ter vivido algum tempo num estado de alienação mental, inquieta e loquaz, a boa da velha cahira por fim em estupido idiotismo, ao que apenas sobrevivera poucos mezes. Havia tres a quatro semanas que fallecera numa albergaria proxima, onde o abbade da parochia, curador da pobre sandia, a recolhera para ser

cuidadosamente tractada. Lisonjeiado pela religiosa attenção que lhe dera o peregrino, o falador mózinho ía continuar, referindo-lhe como Brites herdara aquelles paços e as terras delles dependentes, cujas rendas agora desfructava a albergaria que lhe servira de ultimo asylo. O romeiro, porém, interrompeu-o. — Essa historia não lhe era absolutamente estranha. Depois encostou a fronte sobre as mãos cruzadas no topo do bordão em que se firmava e murmurou duas vezes:

«Ninguem!... Ninguem!»

Fazia dó. O sacristão sentiu apertarem-se-lhe as entranhas ao ouvir aquelle desconsolado murmurio. Era claro que o peregrino não contava com encontrar assim erma a velha mansão da encosta e que nella esperava obter gasalhado. Com expressões affectuosas, offereceu-lhe então o seu modesto alvergue para passar a noite, e ainda por mais tempo, se não podesse no dia seguinte proseguir a sua jornada, Assegurava-lhe tambem que o caridoso parocho lhe proporcionaria os demais soccorros a que não chegava a sua pouquidade. O pastor daquella aldeia era um sancto homem: não havia como elle quatro.

Sem acceitar nem recusar positivamente, o peregrino agradeceu a offerta. Entretanto, pe-

diu que o deixasse orar na igreja. No repouso da oração faria por um pouco treguas aos membros fatigados.

De boamente o sacristão accedeu á devota rogativa. Abriu a porta do templosinho rural e, indicando ao romeiro a propria morada, quasi contigua, advertiu-lhe que em querendo saír o chamasse.

Pouco tardou a noite a subir do oriente, forrando com o seu manto crivado d'estrellas a abobada celeste. O romeiro continuava a orar.

Depois de prover na ceia frugal, o mózinho encostou-se a uma das hombreiras do seu casebre. Parecia-lhe já que o peregrino resava de mais.

Tinha razão. Passou uma hora; passaram duas, e elle começava a impacientar-se. Resolveu-se, emfim, a chamá-lo. Foi-se aproximando passo a passo. Ao transpôr o portal, immediatamente percebeu a causa da estranha demora. Recuou assustado. Tinha ante si um lugubre espectaculo.

O desconhecido estava deitado de bruços no pavimento juncto de uma campa. O bordão tinha lhe cahido para um lado, e para o outro a escarcela aberta, que parecia haver desatado da cincta. A lampada do sacramento, cuja luz batia de chapa sobre a lagea branca e poída

da sepultura, aclarava dous objectos pouco volumosos depostos ou cahidos sobre a lousa, um á cabeceira, outro aos pés della. Tomando animo, o sacristão acercou-se do romeiro, que arquejava fadigosamente, e tentou erguê-lo. Debalde. Não dava accordo de si. Abaixou-se então para ver que objectos eram aquelles collocados sobre a campa. O que estava á cabeceira parecia um ramo de rosas mirradas; o dos pés era um craneo humano, cujas bordas negras dir-se-hia haverem sido queimadas.

Dividia-os uma inscripção esculpida na pedra, cujos caractéres, profundamente impressos, o perpassar dos fiéis ainda não tinha obliterado.

Era uma inscripção simples e modesta. Continha apenas as seguintes palavras:

«*Aqui jaz Vasqueanes, cavalleiro. Padre nosso, Ave Maria.*»

Horrorisado, o agreste ostiario saíu correndo para a residencia do abbade, a quem referiu a estranha aventura. O velho sacerdote dirigiu-se á igreja apressadamente. Á sua chegada, já o romeiro buscava erguer-se, firmando-se nos joelhos e numa das mãos e tacteiando com a outra o pavimento. O abbade correu a elle exclamando:

«Que é isto, meu filho? Que é isto?»

O desconhecido alevantou a cabeça, forcejou por fitar no sacerdote a vista incerta, e com esforço violento proferiu algumas phrases entrecortadas pelas garras suffocadoras da morte.

«Que este homem se vá d'aqui... Tenho que dizer-vos... Depressa: oh, depressa! Sinto-a... Não tarda!»

O parocho fez signal ao sacristão para que saísse.

Teria passado uma hora quando tornou a chamá-lo. O peregrino cessara de existir. Os objectos depostos sobre a lousa já ahi se não viam, e a escarcella fora de novo mettida na corda de esparto que cingia o romeiro. O sacerdote ordenou então ao mózinho que o ajudasse a transferir para fóra do templo aquelle cadaver. Feito isto, voltou para dentro, abriu o sacrario, e com uma hostia nas mãos exigiu do attonito testemunha o juramento de jámais revelar o que vira e o que ainda ía presenceiar. Proferida por elle a solemne promessa que o abbade exigia, este lhe declarou que os restos do peregrino não podiam repousar em terra sagrada, e que era forçoso írem elles proprios sepultá-lo escusamente num sitio solitario. O pateo interior dos paços arruinados, cujas chaves se guardavam no presbyterio, era um lo-

gar vedado aos olhos dos habitantes da aldeia, e elle resolvera conduzir para lá o corpo do defuncto romeiro.

E de feito, ajudando-se mutuamente, porque, postoque idosos, eram ambos robustos, collocaram o cadaver num esquife e transposeram, não sem fadiga, a curta distancia da povoação ás ruinas. Chegados ao cimo da encosta, a porta exterior rodou nos seus gonzos ferrugentos, e a tumba entrou. Era uma scena melancholica, esta posse eterna tomada por um morto da habitação quasi desmoronada de uma familia extincta; mas ainda era mais triste a ausencia de todos os ritos da igreja neste acto solemne. O sacerdote ajudou a abrir a cova, a descer o corpo e a recalcar-lhe a terra, sem que jámais lhe surgisse dos labios uma oração, uma palavra sequer.

Os dous voltaram em silencio ao presbyterio. Ao abbade pendia-lhe a cabeça sobre o peito, e o seu companheiro parecia uma cousa estonteiada. Ao despedi-lo, o sacerdote disse-lhe que apenas rompesse a manhan lhe procurasse um *mandadeiro,* o qual, por seu salario, devia levar a Lisboa uma carta que nessa mesma noite ficaria escripta e sellada. Quando na antemanhan o mózinho saíu para ír ao campanario tocar as avemarias, ainda a luz do

candeio nocturno se irradiava pelas fisgas da janella do parocho.

E o caminheiro partiu, de feito, nesse dia. Os ociosos da aldeia perguntavam ao sacristão que casta de carta era aquella que o abbade escrevera para a corte. Encolhendo os hombros, elle respondia que apenas vira o sobrescripto, o qual resava de um certo mestre de theologia chamado Fr. Lourenço Bacharel. Na sua opinião — accrescentava o mózinho — aquillo não passava de consulta sobre caso de consciencia intrincado que o reverendo abbade não sabía desatar.

Uma voz que pouco depois começou a correr pela aldeia chamou a attenção para outro objecto. Dizia-se que em dous sabbados consecutivos, por volta da meia-noite, se tinham visto desfechar do céu em cima dos paços solitarios da encosta duas estrellas cadentes, após o que, dous gritos fugitivos, mas terrivelmente agudos, soavam da banda do pateo, e sentia-se em seguida o tropeiar de passos frequentes, como em dança doudejante ou em lucta desesperada. Suspeitava-se de que era a alma da velha Brites que andava por alli penada.

Porventura não era mais do que uma invenção do parocho ou do mózinho para arre-

dar dos camponezes as tentações de entrarem, pelo portão quasi podre e meio arrombado, naquelles pardieiros, que occultavam o mysterio da morte do peregrino.

Dous mezes depois, Fr. Lourenço voltara da sua correição nos mosteiros cistercienses do norte, onde posera cobro em mais de uma tropelia fradesca. Deram-lhe então uma carta vinda da aldeia de ... havia algum tempo. A letra do sobrescripto era desconhecida.

Foi á noite depois de ceia que o monge recebeu a carta. Quando se retirou para a sua cella, abriu-a e leu-a. O que continha nunca elle o disse a ninguem. Sentiram-no acordado toda a noite, e quando pela manhan appareceu á communidade estava excessivamente pallido. As suas palpebras vermelhas e entumecidas indicavam que por ahi passara a lava ardente das lagrymas.

Uma cousa notavel foi que Fr. Lourenço não tornou a rir em dias de sua vida. Quando, ao chegar á estudaria, tinha recebido a noticia do singular desapparecimento de Fr. Vasco, o mestre de theologia protestara que elle saberia descubrir se o moço frade era morto ou onde parava. Vãos protestos! Nunca mais em tal falou; nunca mais, até, proferiu o nome do pobre monge; e se alludiam a elle, mudava

de conversação, ou retirava-se. Fosse effeito da idade, fosse por estar gasto de longos trabalhos mentaes, o espirito do Bacharel decahiu rapidamente. Consummia horas e dias a passeiar sósinho na crasta, e a sua mania era repetir muitas vezes a sentença do evangelho:

«*Se não perdoardes, tambem Deus vos não perdoará.*»

NOTA

A bagatella litteraria que hoje [1] offerecemos ao publico, escripta ha oito ou nove annos, tinha ficado incompleta e esquecida quando, em 1840, circumstancias que não importa narrar aqui baldeiaram o auctor no charco da vida publica.

A Providencia, que provavelmente não o achou assás corrompido para fazer delle um homem d'estado, deu-lhe uma hora de contricção, em que podesse desempégar-se, escorrido o lodo dos vestidos, lavar o rosto e voltar ao gremio do mundo moral.

Entre parenthese: o auctor dispensa os jesuitas e os seus contrarios de disputarem, a este proposito, se o deveu á graça efficaz ou ao livre arbitrio. Não se incommodem por amor delle, que tem tanta lastima e quasi nojo dos netos de Loyola, enfezada prole de raça gigante, como horror a esse liberalismo absurdo e covarde que os persegue e martyrisa; liberalismo, que crê em tudo, menos nos

[1] 1848.

foros da consciencia, na magna charta do pensamento; em tudo, menos na liberdade da intelligencia humana.

Apesar de não ter sido culpa da vontade, mas do entendimento, o extravio politico do auctor deste livro, a divina justiça condemnou-o a remir o bestial peccado que commettera, pondo-lhe ás costas uma cruz, e mandando-o caminhar por agro e escabroso sarçal. A cruz que o Senhor lhe impôs foi a monomania de escrever a historia desta terra com lealdade e consciencia. Para isso, entendeu elle que era necessario estudar e meditar muito, e durante mais de tres annos, entregue á realisação desse pensamento, guardou um silencio litterario raras vezes interrompido. Quando suppôs que era tempo de provocar o julgamento dos esforços que fizera, disse ao seu paiz: — «Eis aqui um modesto *specimen* do methodo que eu creio dever seguir-se ao escrever a tua historia.»

Foi, porém, então que os seus hombros tiveram de vergar sob o peso da cruz que tomara. Voz em grita, a sciencia infusa começou a bradar — escandalo! — blasphemia! — attentado! — Chiava, grasnava, piava, vociferava. O pobre cruciferario parou, e pôs-se a escutar aquella matinada e revolta. Accusavam-no, calumniavam-no sanctamente, chamavam-lhe manicheu, iconoclasta, lutherano; proclamavam-no traidor á patria. Os mais zelosos (e, cumpre confessá-lo, os mais cortezes e honestos) pegaram na penna e provaram-lhe até a evidencia que a arte historica não consistia no que elle pensava; consistia em cirzir algumas lendas de velhas com as narrativas semsaboronas de meia duzia de *in-folios*,

rabiscados por quatro frades milagreiros, tolos ou velhacos. Fizeram-lhe ver, claro como a luz do meio-dia, que o primeiro mister do verdadeiro historiador português era demonstrar por um sem numero de cruas batalhas (as quaes, na hypothese de não passarem de brigas de saloios, se podiam magnificar, melhor que nunca, depois da bella invenção dos telescopios de Herschell), que a expressão do valor nacional se resumia com admiravel exacção na seguinte formula de patriotismo:

Português 1 igual a Gallegos 4
Dito..... 1 = Castelhanos 3
Dito..... 1 = Franceses ou ingleses 2
Dito..... 1 = Flamengos 2,91
Dito..... 1 = Allemães e mais caiçalha do norte 2 1/2
Dito..... 1 = Mouros 527
Dito..... 1 = Turcos, abexins, parsios e rumes 73
Dito..... 1 = Chins e lilliputianos 1:293
Dito..... 1 = Patagões 1 3/4

que isto é que era dizer a verdade, ter amor de patria e escrever historia; e que o mais era historia.

Arrasaram-no, anniquilaram-no.

O diabo, que impava vendo o auctor das precedentes paginas safar-se-lhe da redada politica, imaginou aproveitar esse ensejo para o arpoar de outro modo. No meio, pois, daquella algazarra assopravalhe ao ouvido que désse um geito aos hombros e deixasse tombar o pesado madeiro da cruz sobre as protuberancias callosas dos reverendos eruditos, que piamente açulavam contra elle as paixões da

ignorancia e do fanatismo. Dizia-lhe, rindo, que veria o que era saltar, e bufar, e carateiar. O espirito maligno dourava, além disso, a tentação com o exemplo de Christo expulsando os publicanos do templo de Jerusalem.

Mas o auctor do *Monge de Cistér* não era tão hospede na erudição dos seus reverendos arrasadores, que ignorasse as devotas tretas do pae da mentira para ferir a descuido, quando não póde acommetter de frente; não ignorava quantas vezes o bulrão infernal tem sido pilhado com as unhas encolhidinhas dentro da manga do burel, e a escamosa cauda occulta sob a estamenha e atada á correia do cilicio. Occorreu-lhe logo um facto bem sabido (certo e provado como a assembléa de Almacave ou a divina apparição de Ourique), e que vinha a pello para fazer ao diabo um dos mais comprobativos e agudos argumentos, o argumento *ad odium,* contra a applicação sacrilega que dera ao exemplo de Christo.

O facto era o seguinte:

Observando o anjo das trevas, num dos seus passeios terraqueos, que em certa parochia rural ninguem perdia missa depois que se quebrara o sino, porque, na incerteza da hora, todos se antecipavam, o velhaquete pôs-se a andar, mirando por todas as lojas de fundidores, até que descubriu um sino muito novo, muito amarellinho.

Tinha ficado com olhos longos nos de mais de vinte campanarios por onde passara. Mas eram sinos bentos. e, se quizesse furtá-los, queimar-lhe-hiam as unhas e não faria nada. Lembrava-se ainda de um logro analogo que lhe pregara o mavioso Domingos de Gusmão.

O diabo era um diabo honrado. Comprou o sino, carregou com elle e foi offerecê-lo por esmola ao cura da aldeia, orphan de badaladas e repiques e dobres.

Não punha senão uma condição. Todos os domingos se havia de tocar tres vezes á missa.

O cura era um desses homens tementes a Deus, capazes de farejarem Satanaz a vinte leguas. Deitou-lhe de socapa o rabo do olho e logo enxergou a pata caprina.

«Bonito!» — disse o cura lá comsigo.

E num relance atirou-lhe a estola ao pescoço, como o gaucho dos Pampas atira o laço certeiro ao pescoço do touro bravio.

Satanaz agachou-se e ficou a tremer. O cura era bonacheirão e não queria fazer-lhe mal. Só exigiu delle que lhe dissesse d'onde lhe viera aquella estrambotica idéa do sino.

O espirito immundo estava-lhe debaixo do anno do nascimento, e o cura podia assentar-lhe a mão e a boa vontade. O diabo ainda tentou fazer de beato; mas, por fim, teve de descubrir o jogo. Tinha a certeza de que, em restituindo ao campanario a sua voz de bronze para chamar os fiéis á missa, metade dos habitantes da aldeia haviam de chegar tarde e ficar sem ella. Cuberto com o manto da religião, o anjo das trevas queria empalmar aos freguezes do padre cura o seu inicial *introibo*.

Illuminado por estes e outros memoraveis exemplos, o auctor do presente livro cerrou as orelhas ás suggestões diabolicas estribadas nas reminiscencias biblicas, ajoelhou com a sua cruz e exclamou: — *confiteor!*

Depois ergueu-se e proseguiu ávante resignado. Todavia, ao longo da agra senda que conduz ao seu calvario (porque o calvario já era ha dezoito seculos a recompensa dos que falam verdade), ía ruminando como remiria o escandalo que dera ao proximo. Tanto ruminou, que lhe veio uma idéa bemdicta.

«O *Monge* — scismava elle — está alli, áquelle canto, cuberto de poeira, mal acepilhado e incompleto; verdadeiro frade sapudo, crasso, informe, sem desbaste, sem elegancia; mas, no fim de contas, nesse rude esboço de uma obra litteraria ha o *substractum* de historia guapa; de historia tirada de um manuscripto que só eu vi, o que lhe dá certo perfume de sancto mysterio; de historia de casos singulares e de maravilhosos incidentes. E demais, o protagonista é um frade de figados, um português da gemma. Da massa do Monge de Cistér é que se fazem historias como suas reverencias dizem que devem ser. Upa! vamos! que eu posso com algum tempo de pachorrento trabalho accommodar esta gritaria, e até — quem sabe? — não só chegar a obter de suas reverencias o *absolvo-te*, mas tambem a igualar em legitima gloría o padre mestre Fr. Bernardo de Brito.»

Falou; e a estas ponderações, que lhe arrancavam das entranhas o arrependimento e uma ambiciosa piedade, accrescia outra de diversa ordem, que as roborava. O *Monge* fora sacrificado ao que o pobre homem imaginava ser um grave e severo estudo, um serviço á terra natal, daquelles que se não pagam com titulos e condecorações, preço abjecto de infamias e da corrupção politica. No prologo do *Eu-*

rico — do deleterio e anti-social *Eurico* — elle contrahira com o seu publico — um publico pervertido, sem temor de Deus, sem portuguesismo, sem nada — a obrigação de *poer em lettera de fforma* o monge de Cistér. E todavia, o *Monge* fora deixado de parte e esquecido, como traste velho e inutil. Reflectia, portanto, que tirando aqui, pondo acolá, aplainando-o, lixando-o, e imprimindo-o, desempenharia a plavra que dera aos seus leitores, offerecendo-lhes modestamente uma novella, onde, na falta de outro merito de que a reconhece falha, se achasse, ao menos, o quadro da lucta social, que caracterisa a epocha de D. João I, e dos costumes e crenças dessa epocha, ao passo que aproveitaria este ensejo para provar a suas reverencias que, se os inescrutaveis decretos de cima o arrastam pelo caminho do Golgotha e o constrangem a não desamparar a obra fatal que encetou, tem docilidade bastante para acceitar e seguir nos seus actos espontaneos, nas composições onde póde usar do livre alvedrio, as sans doutrinas, e para confessar ingenuamente que as tradições do vulgo, as pias fraudes, as illusões da superstição, os preconceitos nacionaes e os contos de velhas são as fontes legitimas e os fundamentos inabalaveis da historia.

E o *Monge* foi concluido, debastado e lixado. Os contornos ficaram incorrectos por partes — por outras frouxos os musculos — confusos alguns lineamentos — rugosa a espaços a epiderme. O auctor reconhece-o. No meio, porém, de estudos tediosos e positivos, é impossivel que o imaginar não descore, que o estylo não ganhe asperezas. O seu implacavel destino chama-o de continuo para as phrases bar-

baras dos pergaminhos amarellados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre! Ah, que, se acaso suas reverencias suspeitassem, ao menos, que bichos roedores da existencia são um volume de inquirições, um foral, uns costumes, uma postura, uma pancarta, uma bulla, um cartulario, haviam de ter dó da lazeira physica e espiritual a que tem chegado o auctor.

Nil idcircó habeo, praeter super ossa pelhancras
Nec jam sum plusquam parva migalha mei.

Perder a paciencia e a vista sobre os gastos e difficeis caractéres dos documentos; devorar paginas insulsas, e não raro inuteis, de bacamartões pesados; aforoar chronicas; ter de apurar muitas vezes de centenares de sucessos contradictorios, e na apparencia indifferentes, os successos capitaes da historia (da historia impia, lutherana, antipatriotica) e a indole da sociedade nascente; envelhecer antes de tempo pela contensão do espirito em comparar, conjecturar, deduzir;—e tudo isto para ser uma especie de Antichristo; para enxergar com terror no horisonte da vida e forrando-lhe o guardavento da eternidade as gravuras a prego do *Desengano de Peccadores,* dessa epopeia de infernaes tormentos — é uma situação de tal modo abominavel, tão sem nome, que antes devera excitar a piedade do que a indignação de suas reverencias.

Non poterat mundo unquam maior praga venire:
Nec dare peiorem in sestrum, asneiram-ve cahire
Maiorem quit homo.....

A pró, comtudo, do criminoso e reincidente auctor do *Monasticon* ficará no mundo quem erga um brado perante o tribunal da posteridade. Falarão por elle as paginas do *Monge de Cistér*, que, se merecer a approvação dos reverendos censores, se imprimirá em folha para ser enquadernado com a chronica bernarda do padre mestre Brito.

O auctor havia colligido um avultado numero de notas, destinadas a mostrar os fundamentos em que se estribara para attribuir taes e taes crenças e usanças á epocha em que collocou a sua narrativa. Nellas se deduziam e illustravam tambem os caractéres historicos trazidos á scena, e se verificava a exacção das descripções topographicas da antiga Lisboa. Estas notas foram supprimidas por duas razões, uma composta, outra simples; uma pia, outra economica; uma accorde com os axiomas da critica reverenda, outra revolucionaria e materialista; uma offerecida aos sanctos cogumellos da tradição e das lendas, outra aos profanos compradores deste livro.

Primò: — Uma das regras capitaes da verdadeira arte historica é que as testemunhas irrecusaveis de qualquer successo vem a ser aquellas que vivem tres ou quatro seculos *post factum*. Ora o auctor dista da epocha de D. João I quatrocentos annos bem medidos. Logo, na hypothese do *Monge*, é de per si auctoridade sufficientissima. — *Secundò:* a precedente narração foi tirada, a bem dizer textualmente, de um manuscripto que estava no mosteiro de • • • da comarca de • • • da provincia de • • • e que só o auctor teve a fortuna de ver. Para que serviriam, pois, citações, notas, emburilhadas? A cousa é de uma authenticidade irreprehensivel.

Vamos agora á razão revolucionaria e materialista.

As condemnadas notas fundiam quasi um volume. Se fossem impressas, o leitor, pensando que comprava uma novella em tres tomos para espairecer alguns momentos d'ocio, no meio dos trabalhos da vida, achar-se-hia defraudado em 33 1/3 por cento e em risco de apanhar uma camada de erudição, molestia incuravel e atrocissima.

Antes umas terçans, de que Deus nosso senhor por sua infinita misericordia o livre.

Foi acabada esta glossa e declaração quasi-proheminal no reguengo d'Algés e cimalhas do Monsancto numa quarta feyra XVII dias andados de maio da era de Cesar de MDCCCLXXXVI, dia de S. Paschoal Baylão, a hora de sexta, estando o céu cris. A Deus graças.

Qui scripsit scribat; semper cum Domino vivat.

Nota da edição definitiva

Esta décima-terceira edição, definitiva, do *Monge de Cister* foi feita segundo a terceira, do ano de 1869, a última da vida do autor; e nos casos duvidosos segundo as duas anteriores. O critério que adoptámos para ela foi o mesmo que seguimos nas outras obras de Herculano, já reimpressas debaixo da nossa direcção *(Eurico, História de Portugal* e *Lendas e Narrativas).*

As discordâncias ortográficas entre esta e elas, em pequeno número, são devidas à data em que apareceu a dita terceira edição, anterior à das edições que serviram de base àquelas outras; e, por isso, uma vez ou outra divergem no modo de escrever, mas que era o que o autor tinha nesse tempo. Como exemplos, citaremos os seguintes: *cahir,* que é constante, a par de *sair,* mas noutras obras *caír; receiar, etc.*, que são gerais, e nas outras são *recear, etc.; bolsa,* que é geral, a par de *bolça,* que é mais freqùente naquelas outras.

O sinal do apóstrofo é bastante usado nas combi-

nações da preposição *de* e dos pronomes e advérbios, a par de formas sem ele, isto é, *disso etc.* e *d'isso etc.* Suprimimo-lo nos casos gerais, é claro. Herculano escreveu sempre *n'um* e *n'uma,* mas emendá-mo-lo, por ser erro grosseiro e por analogia com as outras formas. Num outro caso, como êste, fomos igualmente radical. Herculano escreveu sempre *cansar* e *descançar,* e nós alterámos a ortografia dêste vocábulo para a pôr de acôrdo com aquela. Não fomos, porêm, tão rigoroso no uso inexacto do acento agudo, em vez do grave, em vogal aberta átona, e assim mantivemos formas como *pátéta,* por *pàtéta,* também escrita pelo autor *páteta* e *pateta; bèstaria* por *bèstaria; córado* por *còrado.* Já na *História de Portugal* eucontrámos *sétias.* Na acentuação, efectivamente, Herculano é muito irregular e freqùentes vezes difere neste respeito e, até, na ortografia de obra para obra para a mesma palavra. Não é, pois, inadvertência nossa que apareça umas vezes *nu* e outras *nú, mau* e *máu, redea* e *rédea,* etc.; ou *Dinis* e *Diniz, cortès* e *cortez, atrás* e *atraz,* etc.

Das modificações feitas no texto nas edições anteriores a esta e posteriores à terceira só referiremos uma: nelas se passou a imprimir *Cister* e isso deu origem à pronúncia errada *Císter* por *Cistér.* Foram pouco numerosas essas alterações, a não ser na modernização da ortografia, que não é sistemática.

INDICE DO 2.º VOLUME

		Pag.
XV	— Um ministro	5
XVI	— O meu illustre amigo	47
XVII	— A procissão de Corpus	57
XVIII	— A taboleta do sapo amarello	89
XIX	— Fracasso	111
XX	— Explicações	132
XXI	— O espia	154
XXII	— Juramento contra juramento	174
XXIII	— O anjo máu	198
XXIV	— Latet anguis	225
XXV	— O saráu	247
XXVI	— Justiça de sua senhoria	263
XXVII	— A prophecia de mestre Guedelha	282
XXVIII	— Á borda do sepulchro	297
XXIX	— Conclusão	336
XXX	— Addenda	360
Nota		375
Nota da edição definitiva		385

Concluiu a impressão em Dezembro de 1918.

PQ
9261
H5M7
1918
t.2

Herculano de Carvalho e
Araujo, Alexandre
O Monge de Cistér

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY